

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Tatiana de Freitas Munia Barbosa**

**Terapia familiar em grupo com familiares de dependentes de  
drogas**

**SÃO PAULO  
2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Tatiana de Freitas Munia Barbosa**

**Terapia familiar em grupo com familiares de dependentes de  
drogas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica sob orientação da Profa. Doutora Rosa Maria Stefanini de Macedo.

**SÃO PAULO**

**2012**

**Banca Examinadora**

---

---

---

*Desligamento não significa desligar-nos da pessoa que amamos, mas da agonia do envolvimento.*

*(membro do Al-lanon)*

## *DEDICATÓRIA*

*A Deus, que “se não fosse por sua ajuda” e minha entrega, não teria  
chegado até aqui.*

*À minha amiga Renata, por estar sempre ao meu lado, auxiliando-me  
emocional e profissionalmente.*

*Aos meus pais: José Antônio, pelo exemplo de profissional, e Ângela,  
pelo apoio e motivação para realizar meus sonhos.*

*A meu filho Davi, pelo seu amor puro e incondicional.*

*Em especial ao meu marido, amigo e cúmplice, Rodrigo, obrigada por  
aguentar minhas instabilidades emocionais e ausência como esposa,  
por sempre me incentivar e vibrar comigo em todas as minhas  
conquistas.*

*Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a  
realização deste sonho!*

## *AGRADECIMENTOS*

*À Professora Dra. Rosa Maria Stefanini Macedo, modelo de profissional que me subsidiou com seu vasto conhecimento e afeto e a quem muito admiro.*

*À Professora Eroy Silva, por sua boa vontade e experiência.*

*À Professora Ida Kublikowski, pela ajuda na concretização deste estudo.*

*À Professora Mariane Ramos Feijó, pela amizade e oportunidades proporcionadas.*

*À Professora Ceneide Cervenky por sua ajuda constante;*

*A Teresa pela amizade e ajuda na hora do “sufoco”;*

*A Marina minha irmã, que mesmo distante me ajudou;*

*À equipe do ambulatório da Comunidade Terapêutica Sol, em especial ao Sr. Domingos(in memoriam), que me abriu as portas para efetivar este estudo.*

*Aos familiares dos dependentes, por consentirem sua participação neste estudo, permitindo aprimorarmos cada vez mais a prática clínica com dependentes de drogas.*

MUNIA, TPF. Terapia familiar em grupo com familiares de dependentes de drogas. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

## RESUMO

A dependência de drogas na atualidade é um fenômeno amplamente divulgado e discutido, visto que o consumo de drogas cresceu assustadoramente a partir do século XX. Portanto, fica evidenciada a necessidade da construção de estudos científicos nesta área, para a compreensão e direcionamento de ações preventivas e de tratamento. Esta pesquisa teve como objetivo estudar como a terapia familiar em grupo com os familiares dos dependentes – ao gerar uma compreensão mais ampla do problema, então deslocado do membro dependente para o grupo familiar –, colabora para o progresso do tratamento desse membro, em termos de maior adesão e melhores resultados do tratamento. Pelo fato de priorizarmos a importância da família, este tema será abordado sob o prisma do pensamento sistêmico. Assim, efetuamos uma pesquisa qualitativa de caráter multimetodológico: terapia familiar em grupo, genograma e entrevistas semiestruturadas, utilizando como base as narrativas dos participantes, pois compreendemos que os significados são construídos socialmente. O estudo foi desenvolvido em uma comunidade terapêutica na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo. Participaram do estudo nove famílias e foram realizadas oito sessões em grupo com os familiares. Os resultados mostram como os participantes da pesquisa foram, por meio das narrativas, ressignificando seus comportamentos e suas mudanças nos grupos terapêuticos. Ficou evidenciado que a terapia em grupo é muito produtiva, porquanto os indivíduos enfrentam as mesmas dificuldades, se apoiam, compartilham as experiências vividas e com isto se fortalecem, e também que o familiar deve ser considerado e tratado como uma das “peças-chave” no processo de recuperação da dependência de drogas, contribuindo para a melhoria das relações familiares e ampliando a possibilidade de o dependente motivar-se e manter-se em tratamento.

**Palavras-chave:** Família; dependência de drogas; terapia familiar em grupo; abordagem sistêmica; tratamento.

MUNIA, TPF. Group therapy with family members of drug dependent. Dissertation of Master Degree in Clinic Psychology – Catholic University of São Paulo, São Paulo, Brazil, 2012.

## ABSTRACT

Nowadays, drug abuse is a subject that is heavily divulgated and discussed. The drug abuse have increased drastically since the sec. XX. Therefore, it's sure that there is a necessity for scientific study in this area, so we will have the knowledge and direction needed for treatments and preventions of drug dependence. This study aim to verify how therapy in group, with the family members of the drug dependence-while getting a deeper comprehension of this issue transferring the problem from the dependent to the family group- collaborates with the progress of the individual, in terms of more adhesion, as we consider the situation as a whole, and so we can get better results for the treatment. Realizing the importance of the family, this theme will be adopted by the view of systemic approach. This is a qualitative study with a mixed methodology character: family therapy, genograms and semi-structured interviews, using as a base the narratives of the members, because we understand that the meanings are built socially. The study was done in a therapeutic community in São Jose do Rio Preto, state of São Paulo. Nine families participated of the study, and was realized eight sections in group. The results, showed how the members of the family was re-mean their narratives and their behavior throughout the sections. It became clear that the group therapy is very productive, because they pass through the same difficulties, seek for help in each other, talk through the experiences they have being through, and so they get stronger. Plus, the family member has to be seen and treated as the "key-word" in the treatment process of drug dependence, contributing to the improvement of the familiar relationship, increasing the possibility of the dependent motivated himself and keep in treatment.

**Keywords:** Family; drug dependence; group therapy with family members; systemic approach; treatment.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
Objetivos.....	15
<b>Capítulo 1- Dependência de Drogas.....</b>	<b>16</b>
1.1. Breve histórico sobre o uso de drogas.....	16
1.2. A importância do diagnóstico da dependência de drogas.....	20
1.2.1. Abuso X Uso Nocivo e outras definições de consumo.....	20
1.2.2. Diagnóstico da dependência de substâncias.....	21
1.2.3. Diagnóstico de acordo com o paradigma pós-moderno.....	24
1.3. Recursos disponíveis para o tratamento dos dependentes de drogas.	25
<b>Capítulo 2 – Terapia Familiar Sistêmica.....</b>	<b>32</b>
2.1. A família do ponto de vista sistêmico.....	32
2.2. A família com o dependente de drogas.....	36
2.3. Tratamento de famílias sob o ponto de vista da abordagem sistêmica.....	44
2.4. Técnicas de Terapia Familiar Sistêmica aplicadas à dependência de drogas.....	47
2.4.1 Abordagem narrativa.....	51
<b>Capítulo 3 – Método.....</b>	<b>53</b>
3.1 A pesquisa qualitativa no estudo da dependência de drogas.....	53
3.2 Caracterização do estudo.....	55
3.3 Definição da amostragem.....	55
3.4 Caracterização do grupo de pesquisa.....	56
3.5 Delineamento da pesquisa – Instrumentos.....	56
a. Terapia Familiar em Grupo.....	56
3.6 Definição das sessões.....	58
b. Genograma.....	59
c. Entrevistas semi-estruturada.....	60
3.7 Procedimentos.....	60

3.8 Análise das sessões.....	61
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	63
<b>Capítulo 4 – Análise e Discussão.....</b>	<b>65</b>
<b>Capitulo 5 - Considerações Finais.....</b>	<b>89</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>92</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>99</b>
Anexo 1 - Transcrição das sessões em grupo:.....	99
1 sessão – 05/09/2011.....	99
2 sessão – 19/09/2011.....	115
3 sessão – 03/10/2011.....	147
4 sessão- 17/10/2011.....	171
5 sessao – 31/10/2011.....	192
6 sessao – 14/11/2011.....	210
7 sessao- 28/11/2011.....	231
8 sessao – 13/12/2011.....	257
Anexo 2 – Orientação sobre dependência de drogas.....	284
Anexo 3 - Motivação para Mudança.....	287
Anexo 4 - Entrevistas semiestruturadas.....	288
Anexo 5 - Genogramas.....	304

## INTRODUÇÃO

O abuso de drogas e suas consequências na vida do indivíduo e da sociedade é considerado um problema de saúde pública. A dependência de drogas na atualidade corresponde a um fenômeno amplamente divulgado e discutido. A situação vem se tornando cada vez mais preocupante por gerar um grande impacto social, reivindicando maior atenção dos profissionais da saúde (MATOS, PINTO, JORGE, 2008).

O consumo de substâncias psicoativas cresceu assustadoramente a partir da segunda metade do século XX, configurando-se nas últimas décadas desse século como um fenômeno de massa (PRATTA e SANTOS, 2009). Portanto, fica evidenciada a necessidade da construção de estudos científicos nesta área, para a compreensão e direcionamento de ações preventivas e de tratamento.

Pelo fato de que a visão da dependência de drogas vem se modificando ao longo da história, pois deixou de ser vista como um desvio de caráter e passou a ser encarada como doença, conseqüentemente o tratamento concedido aos dependentes de drogas e seus familiares foi influenciado pela compreensão deste fenômeno (BRASIL, 2004).

Segundo a Organização Mundial de Saúde e a Associação Psiquiátrica Americana (MARQUES, 2001), o uso de drogas é uma doença e o uso, abuso e dependência de drogas envolvem múltiplas dimensões, tais como biológicas, psicológicas, sociais, entre outras.

As concepções de abuso e de dependência não surgiram exatamente nas formas como se conhecem hoje, e sofreram e ainda sofrem um processo de evolução, ou seja, um amadurecimento gradativo decorrente dos avanços científicos (MATOS, PINTO, JORGE 2008).

Podemos perceber, através das pesquisas, que existem diferentes visões para compreender a dependência de drogas, sendo que a visão da dependência como uma doença implica uma abordagem objetiva dos fenômenos, uma visão linear, de acordo com o paradigma científico da modernidade, no qual o sistema médico (biológico) é o mais utilizado dentro da nossa cultura.

Neste estudo serão abordadas essas diferentes visões, porém por ser um fenômeno complexo, acreditamos que o importante é entender o dependente como

um indivíduo no qual os modelos biológico, psicológico e social devem ser complementares.

Diante disto, a idéia deste estudo surgiu devido à demanda de dependentes de drogas e suas famílias que procuram tratamento atualmente, e também pela necessidade de uma forma de tratá-los que vá além da informação e da mudança de comportamento, mas que, de fato, os envolva no trabalho psicoterapêutico, para que possam compreender que fazem parte do problema, sem estigmatizar o dependente e deixar a responsabilidade somente para ele, o qual pode ser visto muitas vezes em locais de tratamento para dependentes de drogas, devido aos aspectos culturais nos quais estamos inseridos.

Os dependentes chegam ao consultório na maioria das vezes por meio de um terceiro: seja familiar, instituição ou outros, e isto dificulta o tratamento. A ausência de um pedido pessoal para lidar com suas questões com a droga mostra uma negação da problemática, considerada um dos maiores problemas da dependência de drogas. A família e o dependente desenvolvem um rígido sistema de negação na tentativa de evitar o reconhecimento do problema e da crescente falta de controle que ocorre nos níveis emocionais e funcionais (KRESTAN e BEPKO, 1995). Isto pode gerar uma resistência ao tratamento caracterizada pela falta de adesão, ocasionando o abandono ou prolongamento do tratamento.

Estudos mostram que a família pode ser frequentemente a chave de entrada para fazer o paciente parar de negar a dependência e começar a lidar com o problema. Uma revisão bibliográfica feita por Stanton (2004) reforçou que 60% a 80% dos dependentes de drogas vivem com seus pais ou estão em contato regular com suas famílias de origem, e concluíram, então, que a maior parte dos dependentes está muito próxima de seus pais ou das pessoas que os criaram, o que significa que os pais podem ser as pessoas adequadas para ajudá-los.

Entretanto, dentro do campo das dependências existe um grande mito de que os dependentes de drogas deterioram suas famílias e são cortados destas no seu processo de recuperação. Podemos observar, através das pesquisas, que os dependentes de drogas mantêm contato mais frequente com suas famílias do que qualquer outra pessoa de sua rede social (LANDAU e GARRET, 2006).

Estamos comprometidos com o estudo com dependentes de drogas há alguns anos e trabalhamos em um ambulatório, fazendo atendimentos em grupos com os familiares dos dependentes e de prevenção e recaída aos dependentes de

drogas. Os familiares que participam destes grupos possuem algum parente internado em uma comunidade terapêutica ou em outras instituições no interior do Estado de São Paulo. São raros os familiares que continuam em tratamento após o familiar ter saído da internação (por ter tido alta ou por desistência).

Percebemos a grande dificuldade que os familiares têm de participar do tratamento. Não querem olhar para si mesmos e ver o problema, pois têm que entrar em contato com seus sentimentos, e isto acarreta em terem que mudar tanto na forma de agir como de se comportar, e além disso, eles percebem que terão que tomar decisões a respeito do assunto, portanto, muitos resistem em se tratar.

Devido a esta resistência encontrada por nós e comprovada nos estudos (Cottencin, Doutrelugne, Goudemand, Consoli, 2009; Landau e Garret, 2006; Munia, 2006; Brasil, 2005; Stanton, 2004; Silva, 2001; Sudbrack, 2000), a proposta desta pesquisa é de estudar como a terapia familiar em grupo com os familiares dos dependentes – ao gerar uma compreensão mais ampla do problema, então deslocado do membro dependente para o grupo familiar –, colabora para o progresso do tratamento daquele membro, em termos de maior adesão e melhores resultados do tratamento.

A inclusão da família no tratamento de dependentes de drogas tem sido bastante estudada e vários estudos na literatura (Payá, 2011, in Diehl, Cordeiro, Laranjeiras e col.; Fleury, 2010; Cook, 2007; Silva, Macedo, Derntl, Bergami, 2007; Dickerson, Crase, 2005; Brasil, 2005; Schenker & Minayo, 2004; Silva, 2001; Carter & McGoldirick, 1995) têm abordado a dependência como um fenômeno que afeta não somente o dependente, mas também seu sistema familiar, enfatizando assim a importância do estudo do funcionamento relacional dessas famílias.

Cada vez mais os tratamentos levam em consideração o funcionamento retroalimentar no sistema familiar dos dependentes de drogas, isto é, o dependente é apenas uma parte do “problema”, sendo preciso considerar os padrões de relacionamentos que influenciam e são influenciados pela dependência. A família pode ser tanto um agente colaborativo para o desenvolvimento da dependência de drogas quanto para a recuperação do dependente, transformando o sistema como um todo. Por conseguinte, hoje não se pode falar em tratamento da dependência de drogas sem considerar o envolvimento dos sistemas em torno do problema: isto envolve a família, a escola, o trabalho e a rede social como um todo. Porém, como na nossa prática clínica a ênfase está no trabalho com o sistema familiar, este

estudo abordará este tema sob o prisma do pensamento sistêmico que propõe uma nova forma de pensar, ao introduzir o “conceito de causalidade circular, em que os fatores se retroalimentam, num ciclo recursivo de condutas e padrões inter-relacionais que se articulam e se influenciam mutuamente” (Silva, 2001, p.13).

Por intermédio de Terapia Familiar Sistêmica e de uma revisão da literatura, além da prática clínica, este estudo poderá compreender a relevância do papel da família como um fator facilitador do aumento de desfechos clínicos positivos no tratamento dos dependentes de drogas. Tal procedimento se faz necessário, como se tem constatado na literatura, sobretudo porque a dependência foi considerada um problema estritamente individual durante muito tempo, sendo culturalmente vista como um problema do dependente de drogas, porém, de acordo com o pensamento sistêmico, o fenômeno da dependência reverbera em todo o sistema, como atestam os inúmeros estudos dos autores citados, o que confirma a relevância desta pesquisa.

Um tratamento eficaz implica ações integradas de vários profissionais da saúde, com a finalidade individual, grupal ou familiar de auxiliar as pessoas na transformação da relação com a droga.

A Terapia Familiar em Grupo é pouco utilizada no Brasil, porém alguns estudos evidenciam a sua aplicabilidade (Fleury, 2010; Matos, Pinto, Jorge, 2008; Guanaes, Japur, 2008; Munia, 2006; Dickerson, Crase, 2005; Gilbert, Bleider, 2002). Segundo eles, a partir de uma Terapia Familiar em Grupo, com uma visão interativa focada nos relacionamentos entre os membros da família, nos padrões de comunicação, nas hierarquias, nas fronteiras, nos limites, nas regras, nos subsistemas familiares, na expressão dos afetos, e contextualizando-a em seu ciclo vital é possível construir com os familiares uma melhor compreensão de suas inter-relações com os membros dependentes de modo a ampliar as possibilidades de mudança entre essas relações, que certamente contribuirão para mais adesão e progresso no tratamento de tais membros.

Neste estudo pretendemos tratar a dependência de drogas além da visão que a compreende como uma doença, sendo também um fenômeno multifatorial que engloba a cultura, a sociedade, a família, enfim, o contexto onde o indivíduo está inserido. E que para tratá-la é necessário um trabalho multidisciplinar com os profissionais de diferentes áreas se unindo em uma mesma finalidade, com base na

crença de que se a família é parte do problema, ela é também parte da solução (Barreto, 2005).

No primeiro capítulo será abordada a dependência de drogas: o histórico do uso de drogas, os diferentes padrões de consumo de uso de drogas, a importância de um diagnóstico de dependência, e os recursos disponíveis para o tratamento dos dependentes.

No segundo capítulo será detalhada a terapia familiar sistêmica: família do ponto de vista sistêmico, famílias com dependentes de drogas, o tratamento de famílias sob o ponto de vista sistêmico e as técnicas da terapia familiar sistêmica aplicadas à dependência de drogas.

No terceiro capítulo será descrito o método do estudo, e no quarto capítulo serão analisados e discutidos os dados coletados durante a participação dos membros familiares em cada reunião, com uma discussão geral dos dados da pesquisa. A partir destes dados serão feitas as considerações finais.

## **Objetivo Geral**

O objetivo da presente pesquisa é investigar se e como o envolvimento e a adesão de familiares de dependentes de drogas em uma terapia familiar em grupo influenciam a maior adesão do dependente ao tratamento, apresentando em decorrência melhores resultados a ele.

## **Objetivos Específicos**

Como objetivo específico, o propósito deste estudo é compreender:

- se a adesão da família propicia um deslocamento do problema da pessoa do dependente para as relações familiares;
- se a adesão da família promove maior adesão do dependente e melhores resultados ao tratamento;
- como a família reage nas relações com o dependente a partir da participação no grupo terapêutico.

## CAPÍTULO 1

### DEPENDENCIA DE DROGAS

#### 1.1 Breve Histórico sobre o uso de Drogas

Sempre estiveram presentes ao longo da história da humanidade temas como: saúde, doença e drogas, embora cada período apresentasse uma maneira peculiar de encarar e lidar com este fenômeno, de acordo com os conhecimentos e interesses de cada época (Pratta, Santos, 2009).

Desde a pré-história, os indivíduos das diferentes culturas têm sabido utilizar plantas e substâncias de origem animal para provocar alterações de consciência com fins espirituais, religiosos, medicamentosos, recreativos, terapêuticos, ritualísticos, “para aumentar a energia” ou “para esquecer sofrimentos” (Toscano Jr., 2000). A relação do homem com as substâncias psicoativas é bastante antiga, ou melhor dizendo, ancestral.

Segundo Nunes e Jolluskin (2007), as drogas têm acompanhado a história da humanidade, sendo consumidas em diversos contextos, de variadas formas e com objetivos díspares. Do mesmo modo, também a visão das drogas foi assumindo diferentes contornos, sendo alvo de diversas interpretações.

As drogas foram percebidas com seus efeitos positivos ou negativos de acordo com a época, com a cultura em que estavam inseridas e também pelos motivos pelos quais estavam sendo utilizadas: a dosagem, a maneira de usá-las e o padrão de consumo (Nunes e Jolluskin, 2007).

Com o cristianismo evidenciaram-se as maiores restrições quanto ao uso dessas substâncias, e as drogas passaram a ser estigmatizadas não só por sua associação a cultos mágicos e religiosos, mas por seus usos terapêuticos para aliviar o sofrimento, já que a dor e a mortificação da carne eram concebidas pelos cristãos como uma forma de aproximação a Deus (MacRae, 2000).

O consumo de drogas era um privilégio de poucos, por volta dos séculos XVII e XVIII, quando houve um preocupante crescimento do número de consumidores de álcool. A excentricidade, aliada ao luxo e à busca de diferenciação por parte das

elites mais cultas e preparadas, cativou escritores e intelectuais como Dumas, Balzac, Gautier (Poiares, 1999).

A partir do século XIX, a moderna medicina científica passou a apresentar um grande avanço, que teve início com os grandes progressos efetuados na biologia. Dentre estes, podemos mencionar o rápido desenvolvimento na compreensão dos processos fisiológicos, levando médicos e biólogos a se preocuparem com entidades cada vez menores como, por exemplo, aquelas de interesse da biologia celular e da teoria microbiana da doença (Capra, 1982).

Nessa mesma época os cientistas conseguiram isolar os princípios ativos de várias plantas, produzindo fármacos como a morfina, codeína, cafeína, cocaína, atropina, heroína, mescalina e os barbitúricos. Nos EUA, o uso maciço destas substâncias, com suas implicações para a saúde, economia e política, começou a ser concebido como questão de importância social e racial (MacRae, 2000).

Nesse mesmo país as drogas eram grandes fontes de renda, o que gerou uma série de disputas entre diferentes categorias profissionais voltadas para a saúde, com vistas a uma demarcação de territórios de atuação. Um dos grandes pontos de discórdia referia-se à questão de quem poderia prescrever e produzir as drogas. A atual maneira de regulamentar a divisão de tarefas entre os profissionais de saúde só veio a se consolidar no início deste século (MacRae, 2000).

Esse desenvolvimento tecnológico e científico, embasado no modo de produção capitalista dessa época, pode ser caracterizado como um dos pontos que contribuíram para a tendência à especialização médica. A visão reducionista permaneceu na ciência biomédica, atingindo direta ou indiretamente todas as profissões da área de saúde e orientando sua formação e atuação (Pratta, Santos, 2009). A psicologia foi introduzida nesse campo, o que ajudou na expansão da psiquiatria e na construção de um novo discurso que mobilizaria o surgimento das clínicas ambulatoriais (Toscano Jr., 2000).

No início do século XX, o próprio governo americano passou a discutir e impor medidas de contenção da produção e comercialização de opiáceos e da cocaína. Foi aprovado internacionalmente, em 1914, o Harrison Act, que visava a controlar a produção e o uso dessas substâncias no país. Em 1919, foi aprovada a Lei Seca que vigorou de 1920 a 1932, proibindo o consumo de bebidas alcoólicas (MacRae, 2000).

Posteriormente, um cunho moral e estigmatizante passou a vigorar, “transformando” o dependente de drogas em uma pessoa fraca, sem moral e até mesmo marginal (Brasil, 2005).

O conceito de dependência como doença ou transtorno só veio a se desenvolver ao longo dos últimos 200 anos, num contexto de mudança gradativa dos constructos da medicina clínica, da psiquiatria e da saúde pública (Meyer, 1996).

Somente no século XX, nos EUA, Jellinek foi talvez o maior expoente dentre os cientistas de sua época a estudar a dependência de álcool, obtendo amplo apoio e penetração entre os grupos de ajuda mútua, recém-formados em 1935, como os Alcoólicos Anônimos (AA), e exercendo grande influência na OMS e na Associação Médica Americana (OBID, 2011).

Cada vez mais eram produzidas substâncias que se adquiriam rapidamente e a baixo custo. Na década de 1990 verificou-se um abrupto alargamento da faixa de idade dos consumidores, que se iniciava sempre mais precoce, seguindo um percurso similar ao dos adultos, cuja iniciação se dera nas décadas de 1970 e 1980. A droga saiu dos salões e dos clubes elitistas para invadir as ruas das cidades e os bairros operários (Poiars, 1999).

De acordo com Toscano Jr. (2000), nas décadas de 1950 e 1960 foi estipulado que a categoria de doença se aplicava aos casos nos quais existia tolerância, síndrome de abstinência e perda de controle, mas houve o reconhecimento de que a doença poderia ser também influenciada por fatores culturais, demográficos, políticos e econômicos.

Acreditamos ser de suma importância a compreensão desta questão de forma precisa e com cautela, pois esses aspectos apresentaram implicações diretas na atuação do profissional com o dependente, o qual deixou de ser encarado pelo profissional de saúde em sua totalidade, sendo apenas sinônimo de um sintoma apresentando ligação com uma doença específica. A doença, assim, passava a ser o foco de interesse do profissional, como se fosse desconectada do ser que a abrigava e no qual ela se desenvolvia (Pratta, Santos, 2009).

Pratta e Santos (2009) prosseguiram descrevendo a necessidade de ser adotada uma perspectiva abrangente e dinâmica, levando à compreensão do processo saúde/doença como um fenômeno histórico e multideterminado. Isto implicava abandonar o pensamento linear de causa e efeito, que a partir de determinados critérios rotulava o dependente de drogas.

Os problemas de saúde mental, tanto a dependência de drogas como outros problemas de saúde, têm sido estigmatizados pelas pessoas em geral e pelos profissionais de saúde (Berger, Wagner & Baker, 2005; Fortney et al., 2004; Neves, 2004). Então, é relevante definir a terminologia empregada neste estudo, pois nos referimos aos indivíduos que abusam de substâncias psicoativas como dependentes de drogas, no sentido de evitar a estigmatização que outras terminologias provocam, como: drogaditos, toxicômanos e dependentes químicos.

O estigma envolve uma conotação de julgamento associada com “alcoólatra” ou “drogadito”, que leva os pacientes, a sociedade e os profissionais de saúde a utilizarem o diagnóstico de forma inadequada (Neves, 2004; Ronzani & Andrade, 2006). Deste mesmo modo, apresentamos o problema no indivíduo de maneira linear, e não no sistema familiar, nas relações, como é entendido dentro da abordagem sistêmica.

De acordo com Gergen (1994), a característica da linguagem utilizada pelos especialistas da área médica através dos diagnósticos reifica os estados mentais e pontua o déficit, o patológico, sem se preocupar com seus efeitos nas relações humanas e na cultura.

Consequentemente, propomos utilizar o modelo biopsicossocial, o qual traz a idéia de integração, considerando a saúde uma produção social, ou seja, como algo que tem relação com o biológico, mas que depende de uma série de outros determinantes compromissados com a vida de cada ser humano.

A seguir descreveremos a importância do diagnóstico de um dependente de drogas e a diferença entre abuso, uso nocivo e dependência. Apesar da ampliação dos pontos de vista a respeito do fenômeno da dependência e da compreensão dos diversos aspectos que o compõem, permanece válida a utilização do diagnóstico de doenças, uma vez que são constructos que norteiam a indicação de procedimentos terapêuticos e outras ações em saúde, epidemiologia e pesquisa (Toscano Jr., 2000).

Enfatizaremos o diagnóstico por ser utilizado pelos profissionais da área de saúde, incluindo os psicólogos e a comunidade terapêutica referida na presente pesquisa, para diagnosticar um dependente ao ser internado.

## 1.2. A Importancia do Diagnóstico da Dependência de Drogas

### 1.2.1 Abuso x Uso Nocivo e outras Definições de Consumo

Na perspectiva da APA, American Psychiatric Association (1994), o abuso de substâncias é um padrão mal-adaptativo de uso de substâncias psicoativas, que se manifesta por consequências clínicas adversas, recorrentes e significativas, relacionadas ao uso de substâncias.

Os critérios para abuso de substâncias não incluem tolerância, abstinência ou um padrão de uso compulsivo (serão explicados estes padrões a seguir), mas, em vez disso, revelam apenas as consequências prejudiciais do uso repetido (DSM-IV-TR, 2002).

Segundo a OMS (CID-10, 1992), os padrões nocivos de uso estão associados a consequências sociais adversas de vários tipos, e o dependente não deve ser diagnosticado se a síndrome de dependência não estiver presente.

Na CID-10 (1992), o termo “uso nocivo” é utilizado como aquele que resulta em dano à saúde: pode ser físico ou mental, podendo ser entendido como um padrão de uso onde aumenta o risco de consequências prejudiciais ao usuário.

A OMS (Organização Mundial de Saúde, 2011) padroniza o uso de drogas em:

- Uso experimental: primeiros poucos episódios de uso de uma droga específica, extremamente infrequentes ou não persistentes.

- Uso recreativo: uso de uma droga, em geral ilícita, em circunstâncias sociais ou relaxantes, sem implicações com dependência e outros problemas relacionados, embora haja os que discordem, opinando que, no caso de droga ilícita, não seja possível este padrão devido às implicações legais relacionadas.

- Uso controlado: refere-se à manutenção de um uso regular, não compulsivo e que não interfere com o funcionamento habitual do indivíduo. Termo também controverso, pois se questiona se determinadas substâncias permitem tal padrão.

- Uso social: uso em companhia de outras pessoas e de maneira socialmente aceitável.

A explicitação dos diferentes padrões de consumo de usuários de substâncias é importante para poder diferenciar os padrões de uso no tratamento da dependência de drogas.

### 1.2.2 Diagnóstico da Dependência de Substâncias

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ou DSM-IV, (2002) da Associação Psiquiátrica Americana (APA) ou CID-10 (Código Internacional de Doenças, 1992), elaborado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), relata uma das visões da dependência de drogas. Conforme citado acima, existem outras visões, apesar de que na nossa percepção temos dificuldades em escapar da prática do sistema médico de saúde devido à nossa cultura, a fatores políticos, econômicos, como no caso de instituições onde os profissionais de saúde devem utilizar o DSM, entre outros.

O DSM contém as normas mais utilizadas no Brasil em situações de pesquisas com dependentes de drogas, porém na prática clínica e no Sistema Público de Saúde são mais utilizados os critérios do CID-10. Estes critérios diagnósticos também são utilizados na comunidade terapêutica onde foi realizada a parte prática desta pesquisa.

O DSM-IV, para fins diagnósticos, usa o termo dependente de substâncias, ou seja, aplica o termo substância a uma droga de abuso, um medicamento, ou uma toxina. Essas substâncias são agrupadas em 11 classes: álcool; anfetamina; cafeína; canabinoides; cocaína, alucinógenos; inalantes; nicotina; opioides; fenciclidina; e sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos.

No entender de Toscano Jr. (2000), a palavra “droga” traz uma imagem errônea para a maioria das pessoas, posto que as drogas são utilizadas não apenas por dependentes, mas por todas as classes de pessoas como, por exemplo, o café. Substâncias ou drogas psicoativas são aquelas que modificam o estado de consciência do usuário. Os efeitos podem ir desde uma estimulação suave causada por uma xícara de café, até os efeitos profundamente modificadores produzidos por alucinógenos, como o LSD.

A característica da dependência de substância consiste na presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos, que indica que o indivíduo continua utilizando uma substância apesar de problemas significativos

relacionados a ela. Um diagnóstico de dependência de substância pode ser aplicado a qualquer classe de substância, exceto cafeína (DSM-IV, 2002).

Na aceção do DSM-IV (2002), a dependência é definida como um agrupamento de três ou mais dos sintomas relacionados adiante, ocorrendo em qualquer momento, no mesmo período de 12 meses:

- tolerância: consiste na necessidade de crescentes quantidades de substância para atingir a intoxicação, ou efeito desejado, e uma acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância;

- abstinência: consiste em uma alteração comportamental mal-adaptativa, com elementos fisiológicos e cognitivos, que ocorre quando as concentrações de uma substância no sangue e nos tecidos declinam em um indivíduo que manteve um uso pesado e prolongado da substância. Após o desenvolvimento dos sintomas desagradáveis de abstinência, o indivíduo tende a consumir a substância para aliviar ou evitar esses sintomas;

- o indivíduo pode consumir a substância em maiores quantidades ou por um período mais longo do que de início pretendia;

- o indivíduo pode expressar um desejo persistente de reduzir ou regular o uso da substância;

- o indivíduo pode despender muito tempo obtendo a substância, usando-a ou recuperando-se de seus efeitos;

- as atividades sociais, ocupacionais ou recreativas podem ser abandonadas ou reduzidas em virtude do seu uso;

- o indivíduo continua usando a substância apesar de admitir a sua contribuição para um problema psicológico ou físico.

De acordo com o CID-10 (1992), a dependência de substâncias psicoativas é definida como um conjunto de fenômenos fisiológicos, cognitivos e comportamentais pelos quais se indica que o uso de uma substância se tornou uma prioridade muito mais alta para o indivíduo do que outros comportamentos que anteriormente tinham mais importância para ele.

Dessa maneira, os critérios para diagnosticar um dependente de substâncias deve ser feito se três ou mais dos seguintes critérios são experimentados ou manifestados por algum tempo, nos últimos 12 meses:

- um desejo forte ou senso de compulsão para consumir a substância;

- dificuldades de controlar o comportamento de consumir a substância em termos de início, término ou níveis de consumo;
- estado de abstinência fisiológica, quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, como evidenciado por: síndrome de abstinência característica para a substância, ou o uso da mesma substância (ou de uma intimamente relacionada) com a intenção de aliviar ou evitar os sintomas de abstinência;
- evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas;
- abandono progressivo de prazeres alternativos em favor do uso da substância psicoativa: aumento da quantidade de tempo necessário para obter ou tomar a substância ou recuperar-se de seus efeitos;
- persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de consequências manifestamente nocivas, tais como dano ao fígado por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos consequentes a períodos de consumo excessivo.

Podemos observar que os critérios diagnósticos relatados acima possuem a mesma linguagem, sendo bem similares; foram construídos com base na objetividade, na causalidade linear, na concepção tradicional de ciência, isto é, de acordo com o paradigma positivista.

Apresentar uma base biológica conforta as famílias e indica uma linha de tratamento possível, mas deve haver cuidado em deixar todas as condições do indivíduo sob regime diagnóstico, pois no momento em que é recebido um diagnóstico, o próprio indivíduo e seus familiares buscam por tratamentos especializados para o diagnosticado, no entanto, não deveriam deixar de considerar outras variáveis decorrentes do macrocontexto do indivíduo (Grandesso, 2011).

Podemos perceber em nossa experiência clínica uma total incorporação dessas terminologias utilizadas pelos manuais, que dispensa qualquer outra explicação quando nos referimos a algum diagnóstico, seja dentro de um contexto de especialistas ou fora dele. A preocupação quando falamos de um indivíduo dependente de drogas, por exemplo, é deixar tal indivíduo completamente descrito conforme os termos do diagnóstico, portanto estigmatizado de modo restrito, sem qualquer possibilidade fora desse quadro (Grandesso, 2011).

Isto porque, além dos efeitos físicos e biológicos do uso e dependência de drogas, sabemos que existem também as consequências que resultam das atitudes sociais, como foi dito acima, especificamente os julgamentos morais, que podem agravar a condição do dependente e influenciar no tratamento e em seus resultados (Ronzani, Higgins-Biddle, Furtado, 2009).

Grandesso (2011) relata que há muitos profissionais da saúde preocupados com o uso indiscriminado dos diagnósticos, pois pessoas são identificadas na patologia pela rotulação, totalização e segregação. Isto por causa da grande influência desses manuais de psiquiatria amplamente divulgados.

Concordamos com este ponto de vista, que acreditamos ser fundamental, porque ao estigmatizar esses pacientes situamos o problema no indivíduo, como um doente, concretizando muitas vezes sua identidade e tirando seu poder de provocar uma mudança, como temos podido observar em nosso estudo clínico. Muitos dependentes aceitam ser doentes e, portanto, se acomodam diante disso, utilizando o rótulo como desculpa para seu comportamento.

De conformidade com os padrões de consumo relatados acima, podemos pensar nas diferentes formas de tratamento, consoante as necessidades de cada indivíduo. Entretanto, primeiramente percebemos que é decisivo neste estudo descrever como é feito um diagnóstico de acordo com a concepção pós-moderna de realidade.

### 1.2.3 Diagnóstico de Acordo com o Paradigma Pós-Moderno

Segundo o posicionamento sistêmico, não cabem diagnósticos como na prática do sistema médico de saúde, pois os transtornos são compreendidos como uma realidade a ser construída, medicada (quando necessário) e que fornece diretrizes para os profissionais. A exploração, busca de “solução” para problemas e as tomadas de decisões sobre tratamentos são partes de uma investigação compartilhada entre cliente e terapeuta, e com todos os participantes envolvidos num diálogo (Grandesso, 2011).

Nesta abordagem, segundo o paradigma pós-moderno, a construção da realidade passa pela linguagem num processo co-construtivo de responsabilidade dos participantes e na construção linguística de realidades contextualizadas, na

interpretação e negociação dos significados. Deste modo, não há realidade objetiva e universal com valor de verdade; há uma descrença no mundo objetivo e nas teorias que o legitimam. Concomitantemente, o foco na linguagem, no significado, descentraliza o foco no indivíduo (Macedo, 2011).

Na vertente pós-moderna, o diagnóstico tradicional é desprovido de sentido; nela, em vez de focalizar a atenção nos déficits, o profissional busca potenciais e recursos nos indivíduos em questão.

Essa postura diante dos diagnósticos tradicionais é fundamental para a abordagem do novo modelo paradigmático que adotamos, e será retomada ao explicitarmos o modelo utilizado no grupo terapêutico.

### 1.3 Recursos Disponíveis para o Tratamento dos Dependentes de Drogas

O tratamento da dependência de drogas é prolongado e romper o ciclo de dependência é muito difícil e delicado, pois grande parte dos indivíduos que se tornam dependentes vivencia um sofrimento físico e psíquico intenso, tendo sua vida afetada, bem como a de suas famílias, amigos e da comunidade de forma geral (Pratta e Santos, 2009).

O consumo de substâncias psicoativas foi estudado e compreendido sob o ponto de vista científico apenas no século XX, quando deixou de ser considerado como um desvio de caráter para ser compreendido como doença, conforme já mencionado, portanto o tratamento da dependência de drogas é um assunto relativamente novo. Na opinião de Ribeiro (2004), esta mudança de mentalidade repercutiu sobre as estratégias de tratamento.

Pratta e Santos (2009) acentuam que, nessa época, o modelo biomédico estava diretamente ligado à assistência psiquiátrica. Os indivíduos que apresentassem problemas com álcool e outras drogas eram encaminhados a instituições psiquiátricas com a finalidade primordial de retirá-los do convívio social e promover neles o abandono do uso.

Percebemos a necessidade de novos modelos de tratamento, pois um usuário de cocaína que consegue fazer um uso social da substância difere daquele que a utiliza compulsoriamente, que deixa de cumprir com seus compromissos profissionais por conta do uso. Também podemos tomar como exemplo o caso de

um dependente de álcool que possui idade acima dos sessenta anos, que esteja desempregado e sem apoio familiar, em relação a outro usuário que se encontre em uma união estável, empregado, e que utilize o álcool ao final do dia. Deste modo, novas dimensões de tratamento foram desenvolvidas e indicadas, de acordo com a gravidade dos sintomas e o contexto social de cada indivíduo. Cada dependente de drogas tem níveis de gravidade distintos dentro das idiossincrasias de seu contexto sociocultural (Edwards, Marshall, Cook, 1999).

No Brasil, o dependente tem acesso às seguintes formas de tratamento:

-Tratamento ambulatorial: desenvolvido por uma equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais e educadores (Ribeiro, 2004). Nos ambulatórios é possível fazer o tratamento da dependência de drogas sem precisar internar os pacientes (não possuem leitos), com atendimentos individuais, psiquiátricos, psicológicos, atendimentos em grupos, atendimento às famílias, oficinas, dentre outras intervenções;

-Centro de Assistência Psicossocial Álcool e Drogas –CAPS-AD: é um ambulatório mantido pelo governo (Ministério da Saúde), voltado ao atendimento de pacientes com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas (Ribeiro, 2004). Possui leitos para desintoxicação e repouso e também são feitas visitas e atendimentos domiciliares;

- Clínicas de internação de álcool e drogas: têm por objetivo fazer a desintoxicação do usuário, mantendo-o afastado de sua rede de uso e ensinando-lhe como mudar seus hábitos e comportamentos para manter-se abstinência. Possuem equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais. Estas internações geralmente duram em torno de seis meses a um ano, dependendo da abordagem utilizada. Atualmente a maioria dessas clínicas interna compulsoriamente (sem a vontade do paciente) e também voluntariamente.

- Hospital Geral: possui leitos para desintoxicação (remover os sinais e sintomas da síndrome de abstinência). A internação e permanência são voluntárias. O tempo dura em média duas semanas, são internações breves; durante este período o paciente pode receber tratamento farmacoterápico, atendimento psicoterapêutico individual e em grupo e terapia ocupacional. No Brasil, os médicos generalistas destes hospitais normalmente encontram-se carentes de informações

sobre como lidar com esses pacientes, e assim percebemos a necessidade de ação da saúde pública para suprir essa demanda. Ademais, não há liberação de leitos para dependentes de drogas na maioria dos hospitais no País. A intenção é sensibilizar os pacientes para os problemas ocasionados pela dependência e motivá-los para a manutenção do tratamento num ambiente ambulatorial ou numa clínica de internação (Ribeiro, 2004).

- Hospitais psiquiátricos: normalmente funcionam como as clínicas de internação citadas acima, com equipe multidisciplinar. A diferença destes é que também possuem outros pacientes internados com diagnóstico de doenças mentais, como depressão, transtorno afetivo bipolar, etc.;

- Hospital-dia: possui diferentes abordagens. Segundo Ribeiro (2004), as abordagens podem ser: intensiva (frequência diária e integral), intermediária (algumas vezes por semana, integral ou parcial) ou quase-ambulatoriais (com visitas semanais por meio período). O atendimento também é multidisciplinar, e a grande vantagem deste tipo de tratamento é que o paciente não fica excluído de seu convívio social e familiar, questão que está sendo bastante discutida na atualidade. Geralmente no Brasil, este tipo de ambiente de tratamento é organizado para o atendimento psiquiátrico geral (Kerr-Corrêa, Rossini, Bergamo, Levy, Ribeiro, Fortes, 1994).

- Grupos de autoajuda: os mais conhecidos são os Alcoólicos Anônimos e os Narcóticos Anônimos, os quais seguem o modelo dos Doze Passos. O surgimento dos Alcoólicos Anônimos, em 1930, representou a primeira proposta de tratamento ambulatorial para os dependentes (Miller & Hester, 1995). Na perspectiva de Ribeiro (2004), o depoimento é o instrumento terapêutico maior dos Alcoólicos e Narcóticos Anônimos. Oradores voluntariamente expõem suas experiências, dificuldades, conquistas e sofrimentos relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. O espaço não permite julgamentos ou interpretações acerca dos depoimentos apresentados (Ribeiro, 2004). O modelo dos Doze Passos pode ser aplicado em qualquer ambiente de tratamento, ou caminhar juntamente com este (Edwards, Marshall, Cook, 1999).

- Comunidades terapêuticas para tratamento de álcool e drogas: começaram a surgir em meados de 1960. Segundo Miller e Rollnick (1991), dois modelos de tratamento influenciaram ativamente essas primeiras comunidades: o Modelo de Minnesota (AA) e o Modelo Synanon (técnicas de confronto e humilhação). A equipe

é composta por conselheiros (ex-usuários que completaram o tratamento dos Doze Passos e estão abstinentes) e psicólogos. Algumas comunidades possuem (não é comum) assistentes sociais, médicos, enfermeiros e terapeutas ocupacionais. O tratamento acontece em sítios ou fazendas em regime fechado e isolado, e duram em média de seis a doze meses, onde há um programa intensivo de terapia de grupo, palestras, leituras e reuniões de AA (Ribeiro, 2004). Os residentes (dependentes de drogas) fazem todo o serviço para a manutenção do ambiente: limpeza, comida, e também atividades laborais, como cuidar das plantações para consumo próprio, de animais, da jardinagem, da serralheria para produzir objetos de madeira, entre outras. Lá existe a crença de que os residentes têm que produzir para manter a mente ocupada. As internações são voluntárias, vale dizer, o dependente tem que estar motivado para se tratar. Desta forma é o funcionamento da comunidade terapêutica na qual foi feita a presente pesquisa, porém a equipe é composta somente por conselheiros, psicólogos e um médico psiquiatra.

- Consultórios de rua: surgiram no final da década de 1990 em Salvador (BA), para atender pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, incluindo dependentes de drogas. Atualmente estes atendimentos acontecem nos Estados da Bahia, Goiás e Piauí. Consistem em uma equipe composta por profissionais da saúde que circula com um ambulatório móvel; a equipe vai ao encontro de quem precisa, em vez de esperar que as pessoas venham até ela. Este tipo de atendimento não é específico para dependentes de drogas, mas também propicia atendimento a estes, e em casos mais graves, encaminha o dependente às unidades de saúde. Funciona como uma estratégia de sensibilização para o tratamento em relação à dependência de drogas (Jornal do Conselho Federal de Psicologia, out. 2011).

- Farmacoterapia: este tipo de intervenção é desenvolvido por médicos psiquiatras e caminha junto com o tratamento ambulatorial. Originou-se dos modelos neurobiológicos, enfatizando a necessidade de considerar o aspecto da dependência de drogas como relevante. Existem substâncias farmacoterápicas que são utilizadas para o alívio dos sintomas da abstinência e do forte desejo de consumir a droga. Os agentes farmacológicos agem em várias vias de neurotransmissão do sistema nervoso central, e associados com o atendimento psicoterápico melhoram os resultados do tratamento (Marques, 2001).

Desde 1980 há uma discussão sobre a internação de pacientes psiquiátricos, doentes mentais, conhecida como Luta Antimanicomial. Esta tem o objetivo de acabar com os manicômios e propõe que os pacientes tenham o direito de um tratamento público, integral e de qualidade, um tratamento mais humanizado. O Conselho Federal de Psicologia discute os aspectos da internação de dependentes de substâncias psicoativas opondo-se a isso, e defende o Sistema Único de Saúde (SUS) em relação à desinstitucionalização.

Atualmente, o Ministério da Saúde e diversas prefeituras de Estados brasileiros estão fazendo um financiamento público às comunidades terapêuticas com o objetivo de ajudá-las economicamente no tratamento do dependente de drogas, mas isto está provocando um estranhamento e reação de setores da sociedade, particularmente de entidades de direitos humanos, da luta antimanicomial e da redução de danos, além do Conselho Federal de Psicologia (Jornal do Conselho Federal de Psicologia, out. 2011).

Foi determinado, em regulamentação publicada no Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro, em maio de 2011, que crianças e adolescentes apreendidos em “cracolândias” deveriam ser internados para tratamento médico, mesmo contra sua vontade ou a de seus familiares. Em São Paulo, a medida está em análise para ser desenvolvida da mesma forma que acontece no Rio de Janeiro, porém incluindo os adultos dependentes de drogas (Jornal do Conselho Federal de Psicologia, out. 2011).

Muitos debates estão se realizando sobre este assunto, pois esta medida contraria o que dispõe a lei que institui a reforma psiquiátrica. Em vista disto, acreditamos ser importante emitir nossa opinião sobre o assunto, por ser um tema atual e de fundamental importância para a saúde pública. Com nossa experiência de atuação na área, percebemos que muitos dependentes de drogas (a maioria), quando estão utilizando a droga compulsivamente têm grande dificuldade de parar de usar, sendo necessária uma internação, pelo menos para uma desintoxicação. Alguns dependentes têm a necessidade de ficar um tempo longe dos ambientes onde utilizavam as drogas e dos companheiros da época de “ativa”.

Entretanto, do nosso ponto de vista, devemos evitar a internação por causa da institucionalização desses dependentes, pois percebemos na nossa prática clínica que muitas famílias de dependentes optam por interná-los compulsoriamente a cada recaída, porque assim não têm que se preocupar, se “chatear”, como

algumas dizem. Outras famílias agem desta forma porque muitos dependentes ao terem recaídas agredem seus familiares verbal ou fisicamente, mentem, manipulam, entre outros comportamentos indesejáveis, e para puni-los, estas famílias deixam-nos “de castigo”, internando-os.

Em razão disso, acreditamos não ser a internação a primeira escolha de tratamento, conforme pode ser vista com frequência, e sim depois de tentar o tratamento ambulatorial sem sucesso, ou após uma recaída. Por ser percebido que o dependente não vai conseguir parar de usar drogas, torna-se necessária a internação; todavia, não para todos os dependentes, e sim para aqueles casos que se enquadram nas situações acima descritas.

Podemos perceber também que muitas vezes o Sistema Único de Saúde não é capaz de atender à grande demanda de dependentes de drogas sem recursos financeiros, sem o apoio de familiares, em condições precárias físicas e de higiene, moradores de rua, entre outros. Entretanto, algumas instituições, como é o caso do ambulatório da ONG onde foi feito o estudo, são capazes de propiciar um tratamento adequado tanto para essas pessoas quanto para suas famílias, proporcionando acolhimento, atendimento psicológico, reuniões psicoeducacionais sobre a dependência de drogas com grupos de AA e NA, e o afastamento das pessoas e dos ambientes onde utilizavam drogas.

Ferreira e Luiz (2004, in Pratta e Santos, 2009) assinalam que com a reforma psiquiátrica foram definidas novas diretrizes para a assistência em saúde mental: a implantação dos chamados CAPS. Entretanto, os CAPS não atendem a todas as necessidades dos dependentes de drogas que eram encaminhados, especificamente nos casos de uso de drogas com intoxicação e abstinência.

O tratamento da questão do uso abusivo de substâncias psicoativas implica discutir não só as questões orgânicas e psicológicas envolvidas, mas também os aspectos sociais, políticos, econômicos, legais, culturais e familiares inerentes a esse fenômeno. A compreensão destes aspectos é fundamental para pensarmos na questão do tratamento e do cuidado, particularmente no que se refere à sua eficácia, porquanto o conhecimento produzido sobre o fenômeno da dependência de drogas não pode estar desvinculado do contexto mais amplo no qual é produzido (Pratta e Santos, 2009).

Cabe ainda ressaltar a importância de os tratamentos para dependência de drogas funcionarem em equipes multidisciplinares, para ser possível entender o

dependente de drogas em sua imensa e diversificada possibilidade de situações, em todas as áreas de sua vida, abrangendo-o como um todo. Segundo Brasil (2005), cada vez mais estas equipes estão sendo formadas, compostas por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e profissionais afins, os quais se unem para atuar conjuntamente no tratamento do dependente.

Foram citados acima os diferentes recursos disponíveis para o tratamento de dependentes de drogas. Não há um serviço melhor que outro, mas sim pacientes mais indicados para cada serviço (Miller & Hester, 1995). Dentre estes, existem inúmeras abordagens psicoterapêuticas para o tratamento de dependentes de substâncias psicoativas. As abordagens mais utilizadas atualmente, com foco na abstinência do paciente, são: terapia comportamental-cognitiva, entrevista motivacional, prevenção de recaída, psicoterapia de grupo e a terapia familiar.

No entanto, de acordo com o nosso ponto de vista e inúmeros estudos na literatura (Paya, 2011; Fleury, 2010; Cottencin, Doutrelugne, Goudemand, Consoli, 2009; Landau, Garret, 2006; Brasil, 2005; Schenker e Minayo, 2004; Silva, 2001; Sudbrack, 2000; Falceto, Busnello, Bozetti, 2000; Carter & McGoldrick, 1995; Stanton e Todd, 1990), um aspecto crucial é a questão da inclusão da família. Frequentemente a família oferece um cenário significativo para mudanças ou resoluções de problemas, e então, na prática do tratamento do dependente de drogas, a inclusão da família é uma complementação dessa prática. Este é o foco do tratamento que será utilizado neste estudo.

Para tanto, será apresentada no próximo capítulo uma visão da família do ponto de vista sistêmico e da Terapia Familiar Sistêmica.

## CAPÍTULO 2

### TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

#### 2.1. A Família do Ponto de Vista Sistêmico

Tendo em vista a importância da família nos tratamentos dos dependentes de drogas e a contribuição da abordagem terapêutica da Psicoterapia Familiar Sistêmica, serão expostos a seguir alguns conceitos básicos da Epistemologia Sistêmico-Cibernética, de acordo com o novo paradigma da ciência (Vasconcelos, 1995), no qual se baseia este estudo, para uma maior compreensão do fenômeno.

Para Bertalanffy (1975), a compreensão de problemas sempre deve ser feita por meio de um enfoque nas relações entre os elementos envolvidos. A abordagem sistêmica contempla esta visão de mundo; não é restrita ao campo psicológico, é uma forma de ver a realidade a partir da inter-relação e interdependência dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Isto significa enxergar o mundo em termos de relação e integração (CAPRA, 1982).

As terapias sistêmicas são definidas como um conjunto de práticas não uniformes em contínua evolução. A prática destas terapias foi tão profundamente configurada – tanto pela teoria geral dos sistemas quanto pela cibernética –, que pode ser convenientemente chamada de sistêmico-cibernética (GRANDESSO, 2000). Neste estudo o fenômeno em foco – as relações da família do dependente de drogas – será visto em sua estrutura e dinâmica no decorrer das sessões terapêuticas, tendo presentes as diretrizes da Cibernética de Segunda Ordem, isto é, os conteúdos serão analisados com base nos significados atribuídos pelos participantes aos eventos do cotidiano em família e as relações entre seus membros.

Uma família vista como um sistema é um conjunto de pessoas em interação, e não pode ser percebida apenas a partir das características individuais de cada um de seus membros. O que caracteriza uma família é a natureza das relações entre seus membros, ou seja, a forma como interagem e como estão vinculados nos diferentes papéis e subsistemas (SUBDRACK, 2000), bem como suas relações com os sistemas mais amplos (externos).

Citando a teoria dos sistemas, podemos dizer que nas relações do grupo familiar, o comportamento de cada um dos integrantes é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar pode, então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade no qual as particularidades dos participantes não bastam para explicar o comportamento de todos os outros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus integrantes individuais. Os sistemas interpessoais, como a família, podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (CERVENY, 2000).

Se o grupo é uma entidade que constrói um sistema de crenças e tradições, por mais breve que seja a convivência grupal, então o grupo familiar, pela sua longa duração e nível de inter-relação, é um grupamento com muita especificidade e que deve ser visto, antes de tudo, como um sistema de relações (CERVENY, 2000).

A família, como qualquer outro sistema, opera de acordo com certos princípios, como homeostase, morfogênese, morfostase, *feedback*, causalidade circular e não somatividade (CERVENY, 2000).

Segundo Grandesso (2000), todo e qualquer sistema comporta-se como um todo coeso. Logo, uma mudança em uma parte do sistema provoca mudança em todas as outras partes e no sistema como um todo. Este é o princípio da não somatividade que evidencia ser impossível ver partes do todo como entidades isoladas, ou somar características das partes para entender o todo. As consequências desse princípio no sistema familiar são que os indivíduos só podem ser compreendidos dentro dos contextos interacionais nos quais funcionam. Para compreender o sistema familiar devemos vê-lo como um todo (CERVENY, 2000).

A homeostase é um processo autorregulador que mantém a estabilidade do sistema e o protege de desvios e mudanças. Em termos familiares, refere-se à tendência da família em manter certo padrão de relacionamento e empreender operações para impedir que haja mudanças nesse padrão de relacionamento já estabelecido (CERVENY, 2000).

Similar à homeostase, o princípio da morfostase designa a capacidade do sistema de manter a sua estrutura em um ambiente mutante, por meio dos circuitos de retroalimentação negativa (CERVENY, 2000).

Outro princípio, sob o qual a família como sistema opera, é o da morfogênese. Por sua grande adaptabilidade e flexibilidade, os sistemas têm a capacidade da

autotransformação de forma criativa. A família tem potencial para mudança e a morfogênese designa uma mudança dentro da ordem estrutural e funcional do sistema, de modo que este adquira nova configuração qualitativamente diferente da anterior, a qual caracteriza a Cibernética de Segunda Ordem (CERVENY, 2000).

A interação entre os componentes de um sistema manifesta-se como uma sequência circular, de modo que a relação entre quaisquer de seus elementos é bilateral. Enquanto o pensamento linear postulava uma causalidade do tipo de uma implicação lógica, o pensamento sistêmico resultou em uma bidirecionalidade. Dentro desse pressuposto de causalidade circular, a ordem dos fatores não altera o produto (GRANDESSO, 2000).

Para entender a evolução dos sistemas, segundo a evolução da cibernética, Prigogine (1984) argumentou que é necessário levar em conta não apenas os processos mediante os quais os sistemas mantêm seu equilíbrio (Primeira Onda da Primeira Cibernética) e retornam aos parâmetros básicos de sua homeostase, mas também aqueles que favorecem os desequilíbrios (Segunda Onda da Primeira Cibernética), tais como os requeridos para a adaptação a novas circunstâncias e para o crescimento. Na acepção de Sluzki (1997), as mudanças qualitativas requerem desvios dos processos até chegarem a um novo limiar, depois do qual se estabelecem novos níveis de equilíbrio, onde entram as forças evolutivas e as capacidades criativas (Cibernética de Segunda Ordem).

Nos sistemas humanos, o mecanismo de *feedback* tem duas funções primordiais: a primeira é fornecer informações, e a segunda é definir o relacionamento entre os membros do sistema. O *feedback* positivo aumenta a atividade do sistema, enquanto os negativos revertem-no ou pedem correção (Cervený, 2000).

Para Sluzki (1997), a noção de equilíbrio flutuante – a homeostase dinâmica entre os processos que favorecem morfostase (regulação e controle) e os que favorecem morfogênese (mudar para nova organização) – contribuiu para a redefinição da Cibernética de Primeira Ordem, uma Cibernética preocupada com o controle tanto da estabilidade quanto da mudança para uma cibernética preocupada com o significado atribuído aos fenômenos, ou seja, Cibernética de Segunda Ordem.

Esses avanços do campo da Cibernética decorreram de sua aplicabilidade a vários domínios de estudos, tais como a Antropologia, Neurofisiologia, Sociologia e Psiquiatria. A Cibernética evoluiu, de acordo com sua própria história, a partir de

uma ampliação de seu território para incluir processos que, embora pudessem ser pensados ciberneticamente, não poderiam ser explicados como decorrentes de correções de desvios e circuitos homeostáticos (GRANDESSO, 2000).

O grande salto evolutivo no modelo cibernético foi introduzido pela postulação de que toda observação é função dos pontos de referência, inclusive dos valores do observador. A observação afeta o observador: o observador com suas limitações, pressupostos e preconceitos organiza o observado. Podemos, portanto, dizer que não existe uma descrição objetiva da realidade, pois este argumento acaba questionando o que é a própria realidade. O conhecimento do mundo existe nos acordos descritos sobre a realidade, que ocorre no âmbito da conversação (SLUZKI, 1997). No campo específico da terapia de família, esta epistemologia, no seu primeiro momento, deu origem aos modelos comunicacionais, interacionais e de terapia breve (GRANDESSO, 2000).

Essa nova concepção influenciou a essência da Cibernética, que até então não tinha observado a si mesma. Os novos desenvolvimentos passaram a ser chamados de “Cibernética de Segunda Ordem” ou “Cibernética da Cibernética”, e incluíram a Terapia Familiar nos paradigmas pós-modernos de Ciência.

Nesta perspectiva da visão pós-moderna da terapia familiar é mais importante o significado do que o fato em si. Podemos assegurar que o significado é a chave para a eficácia da linguagem. Linguagem e significado estão correlacionados e dependemos da linguagem para significar nossos atos, dar sentido à nossa existência (MACEDO, 2000).

Grandesso (2000) registra que nesse enfoque pós-moderno, definido como construtivista ou construcionista social, o ser humano vive imerso em uma trama de significados que ele próprio constrói no convívio e no diálogo com os outros. Esses significados são configurados pela linguagem na forma de narrativas. As narrativas, por sua vez, organizam a própria experiência humana, servindo de matriz de significados que atribui valor, dá sentido aos acontecimentos da vida.

Grandesso (2000) considera que algumas narrativas favorecem que as pessoas organizem sua experiência e sigam evoluindo para níveis de complexidade cada vez maiores no seu ciclo evolutivo. Contudo, outras funcionam como verdadeiras âncoras que impedem, restringem ou dificultam essa caminhada evolutiva. Uma terapia seguindo esse enfoque caracteriza-se pela criação de um espaço conversacional, no qual terapeuta e cliente em uma perspectiva dialógica

possam co-construir uma nova narrativa, em cuja trama de significados o problema originário não mais se encontre. Entendemos que as histórias nunca são acabadas, estando sempre abertas para ser reescritas. Dessa forma, nos colocamos dentro desta visão novo-paradigmática e estudaremos famílias com dependentes de drogas a partir deste enfoque.

## 2.2 A Família com o Dependente de Drogas

Segundo Brasil (2005), não é possível descrever um perfil único da organização e funcionamento das famílias de dependentes de drogas, tampouco afirmar que todas têm problemas ou sofrem e reagem da mesma maneira diante das consequências decorrentes da dependência de um dos seus membros. Porém, sua experiência clínica permitiu observar algumas características comuns entre diversas famílias de dependentes de drogas, que possibilitam compreender as relações que se estabelecem entre seus membros, olhando-as como famílias vulneráveis, não disfuncionais, em virtude de não possuímos uma referência de família funcional.

Explicações psicodinâmicas fazem referência ao relacionamento codependente, comum, com certa intensidade, nas famílias com um membro dependente. Hemfelt, Minirth e Méier (1989) relatam que a codependência é como uma adição a pessoas, comportamentos ou coisas; é a ilusão de tentar controlar os sentimentos interiores por meio do controle das pessoas, coisas ou acontecimentos exteriores. Quando ocorre uma codependência as pessoas, o Eu e a identidade pessoal são brutalmente restringidos e superlotados pelos problemas e pela identidade do outro. Funcionam como aspiradores, puxando para si outras pessoas, responsabilidades, drogas, comidas, trabalho, etc.

Segundo esta visão, o codependente pode apresentar uma ou mais compulsões; a autoestima é baixa; acredita que sua felicidade depende do outro; sente-se responsável pelos outros; vive uma constante oscilação entre dependência e independência, tendo dificuldades em estabelecer relações de interdependência; nega constantemente sua realidade; preocupa-se em controlar e mudar coisas que não dependem dele, e isto aumenta seu grau de frustração em relação à vida; sente-se constantemente insatisfeito e sua vida é pautada por extremos. Geralmente essas pessoas passaram por situações de abuso na infância; suas necessidades

emocionais não puderam ser satisfeitas; viveram em sua família de origem dependências e repetem na família atual tal experiência (Brasil, 2005).

Do ponto de vista sistêmico, Sudbrack (2000) menciona que a dependência é um dos paradoxos da condição humana, na medida em que ela supõe as interdependências entre as partes de um subsistema; neste sentido, a autonomia nasce de um ajuste permanente entre as partes vinculadas. Os vínculos são permanentes, mas não estáticos. As pessoas em relação co-evoluem, tornam-se autônomas e adquirem graus de liberdade num meio onde cada um permanece, de certa forma, dependente. Esse processo torna os seres humanos interdependentes e esta interdependência é imperativa, vital para a nossa espécie.

Nesta perspectiva, o sistema se organiza em torno do problema, portanto não há um codependente, há uma inter-relação entre os membros do sistema e, como tal, todos os membros do sistema estão de alguma forma envolvidos. Em vista disto, na abordagem sistêmica não é utilizada esta terminologia *codependente*, visto serem todos interdependentes.

Sudbrack (2000) observa que no interior dos sistemas onde há uma dependência percebemos quanto esta inter-relação é um processo duradouro e estável no tempo entre as pessoas do sistema. Os familiares deparam-se frequentemente com sentimentos considerados negativos perante o dependente, como: destruição, vergonha, culpa, dó, raiva, ódio, ansiedade, tristeza, desconfiança, impotência, aflição, preocupação, entre outros. Entretanto, mesmo assim, os familiares (a maior parte) não lhe impõem limites, mas agem com muita permissividade, minimizam o problema da dependência esquecendo-se de si, de sua identidade, de fazer coisas para si mesmos, de se cuidarem, de possuírem uma vida própria. Em estudo anterior, podemos perceber que as mães são as mais frequentemente envolvidas nos cuidados e preocupações, estão sempre fazendo coisas para os filhos: esperam até que cheguem em casa drogados para cuidar deles, e apesar de se sentirem cansadas, não aprenderam a lhes dizer “não” (MUNIA, 2006).

Nesses sistemas familiares, portanto, é notada com frequência a complementariedade familiar, definida por Elkaim (1998) quando os membros do casal ou da família assumem características opostas, um complementando o outro, como num bom trabalho em equipe. Quando não é rígida a complementariedade, implicando posições fixas, ela é útil no sentido de distribuir a preocupação e o

cuidado com o dependente entre aqueles que fazem parte de seu sistema de relações. Assim, por exemplo, seria desejável que não ficassem os encargos com o dependente sempre com a mesma pessoa do sistema, mas que tais encargos pudessem ser exercidos por cada qual, conforme disponibilidade e tempo dos membros da família. Porém, na prática clínica, é raro observar este comportamento nas famílias atendidas.

Para Stierling e cols. (1986), a complementariedade pode ser restritiva em alguns casos, quando se trata de uma complementariedade rígida, à medida que um restringe o outro, impossibilitando-o em sua diferenciação e autonomia.

Outra característica importante encontrada nas famílias dos dependentes de drogas é o afastamento afetivo entre os membros familiares, provocado pelo uso de drogas, o que torna difícil a comunicação entre eles (Matos, Pinto, Jorge, 2008). A dependência causa mudanças acentuadas na interação do indivíduo com seus familiares e afeta suas relações sociais e profissionais (PRATTA e SANTOS, 2009).

As consequências do uso indevido de substâncias psicoativas reverberam e podem afetar todos os integrantes do sistema familiar, e vice-versa (Brasil, 2005).

Um dos aspectos decisivos no tratamento sistêmico com famílias é a observação das interações dos seus membros de acordo com as fases do ciclo vital. KRESTAN e BEPKO (1995) relatam que contextualizar a família em seu ciclo vital é de grande valia para entendermos a problemática apresentada, assim como para nos orientar no trabalho com a família, tendo em vista as indicações sobre as tarefas sociais e afetivas da família em cada fase.

Segundo Cervený e Berthoud (2010), o indivíduo nas fases iniciais da vida possui uma relação bastante dependente com os pais ou com as pessoas que cuidam dele, e conforme ele vai crescendo, vai desenvolvendo formas mais independentes de se relacionar com os membros da família. Ao longo desse processo, os afetos, as percepções dos papéis e funções de cada um, a dinâmica das relações e o investimento emocional também estão em constante mudança e reorganização, fazendo com que em cada etapa o significado que o sistema adquire na vida particular de cada indivíduo seja diferenciado. Assim, a subjetividade individual é construída a partir da subjetividade do sistema em que ele está inserido.

Podemos compreender o ciclo vital da família como etapas evolutivas do desenvolvimento da vida familiar, ou seja, fases que a família vivencia sob o aspecto de sistema, movendo-se através do tempo (CERVENÝ e BERTHOUD, 2010).

A primeira fase é a de aquisição e inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho, e a vida com os filhos pequenos. Nesta fase a principal preocupação é a aquisição de modo geral. As aquisições se tornam o eixo propulsor e vão modelar o núcleo familiar que está se formando. É adquirir em todos os sentidos: material, emocional e psicológico (CERVENY, 1997).

A segunda fase é a adolescente, determinada pela entrada dos filhos na adolescência. Os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que possam ser resgatados de uma juventude ainda presente diante de si. Nesta fase passam por um processo emocional de transição (CERVENY, 1997).

O casal encontra-se em torno da chamada meia-idade. Nesta fase são necessários novos balanços conjugais e individuais. Os conflitos experimentados pelas novas relações com os filhos revelam que é preciso mudar (CERVENY, 1997).

As crises relatadas pelos pais nesta etapa do ciclo de vida estão repletas de preocupação com a própria aparência, com o receio e temor da velhice e das perdas, sendo, portanto, de acordo com a autora, uma fase tão complexa para os pais como para seus filhos. Esse processo de adolecer junto com os filhos é o que é definido como uma “segunda adolescência” (CERVENY, 1997).

A terceira fase é a madura, e na visão de Cerveny (1997), é a fase mais difícil no ciclo de vida das famílias na nossa realidade. É o momento em que o casal tem duas ou mais gerações necessitando de apoio e atenção. Os pais que estão envelhecendo, muitas vezes tornaram-se responsáveis dos familiares, em termos de cuidados médicos, emocionais, e às vezes até de apoio financeiro. É o início das perdas na geração mais velha e da elaboração do luto. Ao mesmo tempo, os filhos casados estão se tornando pais e quase sempre necessitam da ajuda dos próprios pais para o cuidado com os filhos.

A individuação de um filho é um anseio familiar de reprodução social, no entanto, denota uma forte ambivalência na forma como pais e mães relacionam-se com seus filhos, tratando-os como adultos responsáveis e independentes, mas exercendo uma vigilância contínua em como esta autonomia se realiza (CERVENY, 1997). É possível afirmar que nesta fase de individualização, pela qual os jovens adultos passam ao deixar a casa dos pais, é onde a diferenciação se perpetua, onde o indivíduo aprende a ser autônomo, independentemente da sua família de origem.

A quarta fase é a última, e vai depender de como foram vividas as anteriores. Coincide frequentemente com a aposentadoria e com o retorno de uma vida a dois

para o casal. A questão econômica torna-se nesta fase uma questão de garantia para a qualidade de vida. Se o casal consegue ter uma renda para arcar com a demanda exigida em termos de saúde e lazer, esta fase pode ser de tranquilidade, pois as responsabilidades já passaram para a geração mais nova (CERVENY, 1997).

Piszezman (1999) relata que as famílias vulneráveis desenvolvem problemas porque não são capazes de se ajustarem às transições que ocorrem no ciclo vital familiar, tornando-se rígidas em determinados aspectos, pois constantemente a família precisa adaptar sua estrutura às mudanças relacionais inerentes ao ciclo de vida e também a outras mudanças referentes ao contexto social mais amplo, e às situações específicas de cada membro (SUDBRACK, 2000).

As famílias com filhos pequenos são seriamente afetadas quando possuem um membro dependente, pois uma das funções da vida familiar nesta fase é a de garantir a segurança emocional e física da criança e proporcionar-lhe um ambiente em que as tarefas desenvolvimentistas possam ser completadas, porém o que se pode experienciar na prática clínica são as crianças não poderem vivenciar sua infância, ao terem que assumir papéis de outras fases do desenvolvimento como tentativa para lidar com a desorganização ou inconsistência emocional dos pais.

Cada papel geralmente identifica um padrão de comportamento de sub ou super-responsabilidade. As necessidades normais de dependência dos filhos não são satisfeitas e a criança pode experimentar um sentimento crônico de tristeza e perda, que se manifesta na depressão ou num senso de ser “diferente” ou isolada dos outros (KRESTAN e BEPKO, 1995).

Atualmente milhões de crianças vivem ou viveram com pais que abusam de substâncias. Os efeitos nas crianças deste uso dos pais são variados, atravessando aspectos físicos, cognitivos, socioemocionais e comportamentais do desenvolvimento infantil. A maioria destas crianças é afetada pelo uso de drogas dos pais e não vive em um sistema confortável, de bem-estar e segurança social. A inter-relação entre abuso de substâncias e maltrato é complexa e está relacionada com outros problemas sociais, incluindo pobreza, doença mental e violência familiar (CARLSON, 2010). Segundo KRESTAN e BEPKO (1995), o abuso sexual, o espancamento e a negligência podem ser as experiências comuns da criança no lar onde existe um dependente de álcool.

O uso de drogas pode interferir nas funções paternas, afetando o julgamento dos pais e a habilidade para prover os cuidados com filhos. Um artigo de revisão concluiu que normalmente as habilidades paternas e a vida familiar são deterioradas quando os pais abusam de drogas. Aponta também que a negligência paterna pode ser mais séria do que o abuso de drogas; outra grave consequência em relação às mães dependentes de drogas com suas crianças são as separações, tanto voluntárias, como o abandono, quanto involuntárias, por estarem estas mães presas (CARLSON, 2010).

No ciclo de vida familiar (CERVENY e BERTHOULD, 2010; CARTER & MCGOLDRICK, 1995) em famílias com filhos adolescentes, podemos notar que os pais ficam ansiosos para controlar seus filhos, não impõem limites baseados em expectativas adequadas às idades dos filhos, tomam as decisões pelos adolescentes, e com isto impedem que os filhos experienciem seu senso de independência e amadurecimento, característico desta faixa etária. Geralmente a extrema super-responsabilidade dos pais resultará na falta de responsabilidade dos filhos, incluindo o abuso de álcool e drogas nos adolescentes. Schenker e Minayo (2004) atestam que o sistema familiar do adolescente apresenta uma influência crítica no desenvolvimento e manutenção de problemas de abuso de drogas.

Ao trabalhar com dependentes de drogas, que na maioria das vezes começaram a usá-las nessa fase da construção de sua identidade, num momento crucial de definição, percebemos que a droga interfere em seus estudos e conseqüentemente no âmbito profissional no futuro, na realização de projetos pessoais.

Guimarães (2009) assevera que muitos estudos demonstram não só a influência dos pais, mas também dos irmãos no desenvolvimento da dependência de drogas na adolescência. A autora relata que um fator indiscutível, principalmente para as meninas, é a relação com as irmãs mais velhas. O modelo destas irmãs é tão expressivo quanto o dos pais, e nos casos de os pais não cumprirem o seu papel de cuidadores, as irmãs mais velhas têm responsabilidade ainda maior de passar modelos “adequados” a essas meninas. Esta influência também pode expor essas crianças a risco, já que elas podem ter irmãs mais velhas que fazem uso abusivo de drogas.

O monitoramento parental, ou seja, o interesse que os pais demonstram em relação à vida cotidiana dos filhos, como saber quem são seus amigos, que lugares

frequentam, se eles têm um bom desempenho na escola, se são importantes suas práticas educativas, cuja falta influencia a dependência de drogas na adolescência (GUIMARÃES, 2009).

No Brasil, Figlie, Fontes, Moraes, Payá (2004) observaram que adolescentes, filhos de dependentes de drogas, apresentaram maior índice de problemas nas áreas de desordens psiquiátricas, sociabilidade, sistema familiar e lazer.

Segundo Brasil (2004), conforme o momento em que a dependência de drogas se torna evidente, o impacto sobre o sistema pode diferir. Algumas vezes a dependência de drogas pode “congelar” a passagem de uma fase para outra do ciclo vital quando, por exemplo, um filho dependente se mantém na posição de adolescente mesmo depois de adulto, e os pais mantêm a situação tratando-o como tal.

Neste momento do ciclo vital, nas famílias que possuem um membro dependente, também é possível observar uma rigidez intensificada para a manutenção do *statu quo*. Algumas famílias sentem-se ameaçadas com a presença de novos membros (por exemplo, um genro que propõe tratamento para o sogro dependente). Caso o dependente entre em abstinência, o impacto para o sistema familiar é grande, uma vez que foi estruturado durante anos em torno do problema. É comum nestes casos haver um boicote de alguns membros da família no tratamento do dependente (Brasil, 2004).

Na fase do ciclo vital, quando os pais estão entre os quarenta e sessenta anos de idade, a partir da observação clínica de KRESTAN e BEPKO (1995), se a esposa for dependente, os maridos raramente buscam ajuda para a parceira. Esta tendência de negar o problema, de agir protetoramente em relação à mulher, ter menos paciência e aceitar menos os problemas das mulheres é mais típica dos maridos do que das mulheres de dependentes. Estas diferenças refletem preconceitos e limitações sociais impostos pela cultura, ou melhor, questões de gênero.

Landau e Garret (2006) consideram que existem transições comuns no decorrer do ciclo vital que são esperadas como crises previsíveis, por exemplo, casar-se, o nascer de um bebê, perdas de idosos, como existem transições que não são esperadas, como uma morte prematura, conflitos culturais, lutos não resolvidos. Estes autores evidenciaram, através de pesquisas clínicas, que uma das peças-

chave na etiologia da dependência de drogas refere-se às perdas e aos lutos vivenciados pelos membros familiares, que não foram resolvidos.

Tais momentos expõem as famílias a uma vulnerabilidade, em razão da qual a visão de comportamentos de abuso de substâncias e dependência é maior.

É fato comum os dependentes de drogas serem considerados pelas famílias como dependentes emocionalmente, inadaptados, com necessidade de proteção intensa por não assumirem suas responsabilidades. Quando eles começam a assumir suas responsabilidades e conquistar seus objetivos, a família acaba “boicotando” este processo e criando uma crise (GUIMARÃES, 2009). No momento em que o dependente de drogas começa a triunfar, no sentido de melhorar no trabalho, conseguir fazer um tratamento ou em qualquer outra situação, encaminhando-se para a independência da família, segundo Stanton e Todd (1990), pode surgir no sistema familiar uma crise, talvez como problemas conjugais que obriguem o dependente a retomar uma conduta de fracasso, vale dizer, uma recaída, que pode servir como função protetora para manter a estabilidade da família, o que reforça o conceito de interdependência dos membros e demais características dos sistemas.

A família apareceu como coautora do surgimento do abuso de drogas e como instituição protetora para a saúde de seus membros (SCHENKER e MINAYO, 2004).

O ciclo de dependências forma parte de um padrão familiar que envolve um complexo sistema homeostático de mecanismos de retroalimentação entrelaçados que servem para conservar a dependência e, em consequência, a estabilidade familiar em geral. (STANTON e TODD, 1990, p. 42).

Podemos acrescentar que a capacidade de mudança depende do grau de flexibilidade do sistema e de sua autonomia para funcionar fora do equilíbrio, criando novas soluções.

Percebemos, na nossa prática clínica, que os membros da família sofrem tanto quanto os dependentes de drogas e devem aprender a cuidar de si próprios, entendendo que também precisam de ajuda, mesmo sem usar drogas. Passam por igual sofrimento, sem os efeitos anestésicos do álcool e de outras drogas.

Segundo Orth (2005), não devemos definir apenas um tipo específico de funcionamento destas famílias, e nem todas podem ser consideradas não funcionais. Mas em muitas delas ocorre um processo de circularidade em que a não

funcionalidade e o abuso de drogas reforçam-se mutuamente, mantendo assim a homeostase familiar.

Brasil (2005) menciona que estudar essas famílias, considerando, evidentemente, as diferenças e os contextos de cada uma delas, não implica querer enquadrá-las em um estereótipo específico, mas apenas tentar compreender minimamente esses sistemas familiares para nortear melhor a prevenção e o tratamento nesta área.

Estamos de acordo com as autoras citadas: não devemos rotular especificamente as famílias dos dependentes de drogas; cada família possui suas características, suas formas de relacionamento, de demonstrar afeto, de impor limites, entre outras. Percebemos a necessidade de olhar para essas famílias sob a perspectiva sistêmica e contextualizá-las em seu ciclo vital para que haja maior efetividade no processo de tratamento dos dependentes. Cremos ser de extrema importância o envolvimento e o comprometimento de toda a família, como já dissemos, pois todo conflito individual envolve o sistema no qual ocorre e, além disso, uma pessoa não pode mudar sem mobilizar mudanças nas outras.

A partir dessas características explicitadas em estudos sobre famílias de dependentes de drogas, serão descritos os tratamentos sob o ponto de vista sistêmico.

### 2.3 Tratamento de Famílias Sob o Ponto de Vista da Abordagem Sistêmica

Uma vez apresentadas as bases teóricas para o enfoque da família nesta pesquisa, passaremos a considerar algumas abordagens terapêuticas que de alguma maneira serão úteis para a realização deste estudo.

As abordagens familiares, destacando a psicoterapia e a orientação familiar, preconizam que as pessoas que usam drogas estão dentro de um contexto no qual valores, crenças, emoções e comportamentos influenciam e são influenciados pelos comportamentos das demais pessoas da família, em constante interação. A psicoterapia familiar sistêmica parte da premissa de que o que ocorre com um indivíduo da família atinge todos os demais membros, direta ou indiretamente. Reciprocamente, o que acontece à família influencia o indivíduo (Silva, 2001).

Concordamos com Brasil (2005), não podemos determinar uma forma de tratamento única e universal para todos os casos, porém é comum perceber que a dependência de drogas em uma família não é uma questão individual, mas sim familiar. Silva (2001) admite que o uso, abuso e dependência de drogas necessitam de diferentes abordagens em diferentes momentos. Há ocasiões em que a família pode se beneficiar apenas de algumas sessões de orientação ou aconselhamento sobre a dependência – intervenções mais indicadas na fase de desintoxicação do paciente.

Ao ser feito um diagnóstico familiar, Silva (2000) sugere que se for percebida resistência da família ao tratamento, em geral pela crença de que o problema é só do dependente, podemos utilizar uma estratégia propondo orientação, e posteriormente trabalhar em um possível vínculo terapêutico, quando então iniciamos a psicoterapia.

Pela visão sistêmica, quando o sistema encontra dificuldades para transformar-se e adaptar-se às novas exigências, sejam elas internas ou externas, a crise se expressa em comportamento inadequado ou no sofrimento de um dos membros que talvez assumirá esse lugar, denominado “paciente identificado”. Seu papel é paradoxal porque o sintoma tem funções paradoxais: ele serve, ao mesmo tempo, para garantir a homeostase do sistema e para denunciar sua necessidade de mudanças, daí a importância de se trabalhar o sistema (SUBDRACK, 2000).

A demanda torna-se relacional quando o sintoma é interpretado e vivido pela família como um sofrimento coletivo, pois ser identificado com o sintoma é o mesmo que ser identificado com a sua função para o grupo familiar. Silva, Macedo, Derntl, Bergami (2007) buscam compreender o sintoma a partir das inter-relações familiares, e como o sintoma afeta o sistema familiar e é por ele afetado.

Silva (2001) ressalta a importância de o tratamento reforçar a quebra de preconceitos, crenças moralistas e culpabilizações sobre o problema, comumente presentes no interior da família. Uma das metas do tratamento é o resgate da autonomia de cada um da família, o encorajamento para as mudanças, a ajuda para a família resgatar ou desenvolver competências e habilidades na resolução dos problemas. Focamos também no impacto da presença da droga no sistema e na mudança dos padrões familiares que foram estabelecidos e mantêm o problema.

A mesma autora elucida que a dependência de drogas é um fenômeno multicausal complexo e o seu tratamento implica ações integradas de vários

profissionais da saúde com a finalidade individual, grupal ou familiar de auxiliar as pessoas na transformação da relação com a droga, assim como diminuir o estresse e a ansiedade das relações pessoais, contribuindo para melhorá-las.

O mesmo concluíram Silva, Macedo, Derntl, Bergami (2007) ao final de seu estudo sobre as relações interpessoais em famílias com dependentes de drogas.

Para os autores, as famílias com dependentes encontram-se em situações graves, muitas vezes de urgência clínica, necessitando de tratamento multi e interdisciplinar. Esses pesquisadores complementam afirmando que a terapia familiar sistêmica mostrou-se extremamente útil, como catalizadora de um sistema mais amplo e totalizador, prestando-se a conscientizar os membros familiares da importância de sua participação ativa no processo terapêutico e servindo para melhorar os vínculos afetivos entre eles.

Nessa perspectiva, é imperativo um entendimento da dinâmica da sujeição às drogas e ao álcool, sendo o tratamento realizado com a supervisão de profissionais experientes. Ademais, o tratamento em conjunção com o encaminhamento a programas como os Alcoólicos Anônimos (AA) tem se mostrado muito efetivo, uma vez que se trata da manutenção de apoio para tratar as complexas questões representadas pela dependência (KRESTAN e BEPKO, 1995).

Com seu foco no apoio dos iguais, mutualidade, mudança comportamental e entrega espiritual, os AA modificam a experiência de si mesmo por parte do dependente, de uma maneira diferente do que pode ser conseguida no contexto da terapia. Concordamos com a idéia de que os grupos de mútua ajuda servem para complementar o tratamento do dependente, juntamente com a terapia familiar, o atendimento psiquiátrico, grupos de prevenção e recaída e abordagem motivacional, frequentar algum tipo de religião de acordo com a filosofia de cada indivíduo, fazer atividades físicas, entre outras abordagens que visam a integrar corpo-mente e espírito.

Brasil (2005) reforça que para tratar dessas famílias, faz-se necessário ter claro que a dependência de drogas é um fenômeno multifatorial; portanto, existem questões clínicas, psicológicas, socioculturais e familiares, com seus valores espirituais, crenças e outros aspectos que se influenciam mutuamente. Desta maneira, o tratamento deve levar em consideração a totalidade do fenômeno, caso contrário, pode tornar-se parcial e reducionista.

Payá (2011) também menciona que a associação de terapia familiar a outras intervenções garante melhores resultados, pois esta abordagem entende e aplica a concepção da dependência de drogas como sendo algo multicausal, de base biopsicossocial. A associação com outras intervenções, como terapia de grupo e/ou individual e medicamentosa, reflete uma soma positiva e muitas vezes necessária para o indivíduo e sua família.

Observamos que na Terapia Familiar existe hoje uma grande diversidade em termos de abordagens e modelos (PAYÁ, 2011). Notamos em nossa prática clínica que é fundamental utilizar a lente da visão sistêmica ao atender os dependentes de drogas e suas famílias, porém não é possível fazer uso de um só modelo dentro desta ótica, e conforme dito acima, depende de cada caso. Algumas vezes são necessárias sessões de orientação aos pais para mostrar a importância de determinar limites, e outras vezes é eficiente somente uma sessão de aconselhamento. cremos ser relevante atender a família com todos os membros que estiverem disponíveis para ressignificar as narrativas, trabalhar a comunicação entre eles, os papéis que cada membro assumiu dentro desse sistema, ou as fronteiras que se mostram muito difusas e precisam ser mais claras.

#### 2.4 Técnicas de Terapia Familiar Sistêmica Aplicadas à Dependência de Drogas

Nada impede que busquemos nos estudos clínicos que se vinculam a modelos da Cibernética de Primeira Ordem, como o Estrutural e o Estratégico, material que possa ser útil para a realização de nosso trabalho, sob este novo ponto de vista.

Um dos estudos clínicos pioneiros com famílias de dependentes de drogas é o de Stanton e Todd (1990), que integram aspectos de duas abordagens de Terapia Familiar para o êxito do tratamento: estrutural e estratégica.

Piszezman (1999) também propõe em seu livro sobre terapia familiar breve, a utilização conjunta da técnica de terapia familiar estrutural, elaborada por Minuchin, e da técnica estratégica, criada por Haley. Ambas as abordagens possuem a visão de que o comportamento emana do contexto no qual ocorre, ou seja, é o sistema de relações familiares e sua interação com outros subsistemas.

Pela técnica estrutural são utilizados: a construção do mapa familiar, analisando as fronteiras, subsistemas, regras, limites, coalizões e alianças, o que permite uma ampla visão do funcionamento e da organização estrutural da família (SILVA, MACEDO, DERNTL, BERGAMI, 2007). A família é vista como subsistema social – um grupo natural que gradativamente desenvolveu padrões de interação definidores da sua estrutura, que não são deterministas. A habilidade de uma família funcionar adaptativamente depende do grau em que a estrutura familiar é bem definida, elaborada, flexível e coesa (MINUCHIN, 1990).

Pela abordagem estratégica são avaliados: a hierarquia familiar, as triangulações, a disputa dos membros familiares pelo poder e o foco centrado no problema pela família (SILVA, MACEDO, DERNTL, BERGAMI, 2007).

As funções familiares são executadas por intermédio de diferentes subsistemas. Um indivíduo pode pertencer a diferentes subsistemas, nos quais adquire diferentes níveis de poder e distintas habilidades. Os subsistemas se formam em consonância com a maneira como as interações se processam no interior da família (MINUCHIN, 1990). As organizações dos subsistemas familiares, que são os subsistemas dos filhos ou do casal, e assim por diante, devem ser observadas para perceber se existem alianças ou coalizões entre estes subsistemas. A coalizão se dá quando dois membros se unem contra um terceiro. Na aliança, dois membros se unem para alcançar um objetivo comum (PISZEZMAN, 1999). Devemos também observar se estes subsistemas são rígidos ou flexíveis.

Há uma distinção hierárquica de poder nas famílias, em que os pais têm um nível diferente de poder em relação aos filhos, e portanto, a maior autoridade na família é representada pelo subsistema parental. No intuito de analisar a hierarquia dentro de um sistema familiar devemos examinar quem exerce a autoridade e as responsabilidades na família, assim é possível perceber quem exerce a liderança neste sistema (MINUCHIN, 1990).

Cerveny (2000) concebe na organização hierárquica uma clara divisão de gerações, com o poder centrado na família nuclear, no par parental. Para a autora, desorganização hierárquica é a não delimitação clara entre as gerações e o poder distribuído entre os vários membros do sistema. Quando o casal não é congruente em relação às decisões perante os filhos, também podemos perceber uma desorganização hierárquica.

As fronteiras determinam quem está dentro e quem está fora de um subsistema e definem o papel de cada um dentro dele, além de representarem os limites que configuram um subsistema. Nas famílias com problemas, as fronteiras podem apresentar uma rigidez tão acentuada, que é possível notar facilmente se estas são difusas ou frouxas. As interações são marcadas pelo emaranhamento ou pelo desligamento. No emaranhamento não se distinguem os espaços próprios de cada indivíduo; as pessoas são tão envolvidas que uma parece ser parte da outra. Entretanto, no desligamento ocorre o contrário, as fronteiras são rigidamente delimitadas de forma que um membro da família parece nada ter a ver com o outro (PISZEZMAN, 1999).

Para Brasil (2005), com frequência as fronteiras familiares entre a família de origem e a família atual do dependente não são muito claras. KRESTAN e BEPKO (1995) apontam que o uso do álcool e drogas é um constante regulador entre as questões de proximidade e distância do casal. A dependência de drogas interfere na formação de fronteiras adequadas tanto entre os parceiros quanto entre o casal e outras partes do sistema.

Tais conceitos são úteis para a observação das inter-relações dos membros do grupo terapêutico deste estudo, porém na terapia familiar estrutural o terapeuta se concentra na definição do problema a ser resolvido, e tendo em mente que este provém das estruturas de sua base sistêmica, provoca mudanças no funcionamento dos subsistemas, alterando fronteiras e hierarquias no interior da família e identificando qual é o subsistema que concorre mais fortemente para a manutenção do problema. A atenção se volta necessariamente para a sequência comportamental e não para o significado de tais comportamentos entre os membros do sistema (PISZEZMAN, 1999).

A triangulação que acontece dentro da família é um dos padrões mais estáveis por meio do qual se configuram os sistemas emocionais. É definida uma triangulação quando duas figuras de autoridade em desacordo envolvem uma terceira, com o objetivo de diminuir o poder na tentativa de difundir o problema. A triangulação mais comum vista nas famílias é da mãe-filho-pai. Nestes triângulos, um dos pais foca sua atenção no filho, em vez de olhar para os conflitos conjugais. Nestes casos, o propósito é diluir a ansiedade parental e excluir ou distanciar o cônjuge. O segundo padrão mais encontrado nas famílias, quando se fala de

triangulações, é o cônjuge ansioso envolver o filho ou sua mãe como terceiro membro do triângulo (COOK, 2007).

Existe também a possibilidade do isolamento de um dos membros familiares, que ocorre quando a fusão passa a ser muito intensa e desconfortável, o que faz com que os membros procurem se distanciar da sua família de origem, podendo ocorrer pela distância física da família ou pela distância emocional.

É importante ainda perceber quais os papéis exercidos por cada membro familiar, e como estes foram se organizando em torno do uso de drogas. De acordo com Brasil (2004), os membros da família vão se fixando em determinados papéis e em atribuições bem definidas como, por exemplo, o filho que é responsável por tirar o pai do bar ou a filha que sempre dá apoio à mãe.

Os padrões de afetividade na família, segundo Cerveny (2000), estão associados à confiança mútua, à reciprocidade de papéis, ao apego, à proteção, ao diálogo, à agressividade, à comunicação aberta ou bloqueada, aos conflitos abertos ou disfarçados, entre outros. São padrões de interação fundamentados na convicção de que nenhum membro do sistema familiar deixa de ser influenciado pelo modelo afetivo proposto por este sistema. O relacionamento é um produto de uma interação entre duas ou mais pessoas, que se inicia, desenvolve e é transmitido na matriz familiar. Na clínica com dependentes de drogas é comum a queixa de dificuldades na comunicação e a ausência de diálogo.

A autora concebe as regras familiares como um conjunto de acordos explícitos e implícitos compartilhados e conhecidos por um grupo familiar, fazendo parte da história da família e se mantendo por meio do uso. Em todo grupo familiar encontramos um conjunto de regras que torna possível o seu funcionamento. Algumas destas são mais explícitas e fazem parte de um sistema mais geral, que envolve regras universais de organização familiar. Outras regras são ainda mais pertinentes a cada grupo familiar e se formam através de anos de negociações entre os membros.

É comum que um problema inerente à estrutura familiar só venha à tona quando os filhos atingem a adolescência. Muitas vezes, regras inadequadas, violações de fronteiras, triangulações e conflitos entre os cônjuges são sustentados e a família é capaz de funcionar com um tênue equilíbrio até surgirem os problemas e desafios da adolescência às regras hierárquicas da família (KRESTAN e BEPKO, 1995).

Outras abordagens poderiam ser citadas, como o método ARISE para vencer a resistência familiar, e a abordagem motivacional sistêmica, que destaca a importância da motivação para a mudança, com o que estamos de acordo. Acreditamos, no entanto, que ao focar o estudo nos significados atribuídos pelos participantes do grupo terapêutico às vivências dos familiares com os dependentes de drogas, como faremos, tais aspectos estarão implícitos.

#### 2.4.1 Abordagem Narrativa

Sob o ponto de vista de Guanaes (2004), o relevante não é entender a natureza do mundo, e sim compreender como as pessoas se situam dentro desse mesmo mundo de significados socialmente construídos, como coordenam suas ações, como conduzem seus relacionamentos, e ainda como sustentam ou impedem as possibilidades que daí surgem. Nesse contexto, o principal veículo para a constituição dessa realidade é a linguagem, a qual possibilita as realidades conversacionais em torno das quais giram as ações das pessoas no mundo.

A ênfase dessa abordagem é na construção de histórias alternativas e possibilidades mais libertadoras, transitando por territórios distantes de problemas e diagnósticos. Não buscamos solucionar o que tem sido visto como problema, mas desenvolver novas formas socialmente inteligíveis de seguir em frente, em que os problemas sejam reorganizados. Isto evita implicações estigmatizantes dos diagnósticos (GRANDESSO, 2011).

Macedo (2011) afirma que nessa abordagem não ocorre uma separação entre Diagnóstico e Intervenção; a entrevista se torna interventiva na medida em que outros significados são fornecidos pelos membros da família e assim a história ganha outras feições.

Enquanto vão se dando os encontros entre terapeuta e cliente, trabalhamos as histórias, as narrativas, através de perguntas que produzam informações lineares ou reflexão, comparação de pontos de vista entre todos os membros e destes com o terapeuta. Por intermédio dessa conversação influenciada pelas crenças, valores e expectativas do terapeuta, são levantadas questões como hipóteses diagnósticas, que são testadas com as próximas perguntas. Portanto, a interação é muito dinâmica ao se desenrolar a sessão, e percebemos as mudanças na história

original, com o objetivo de conseguir a produção de significados alternativos que possibilitem à família outra narrativa, uma nova história (MACEDO, 2011).

Terapeutas pós-modernos favorecem espaços em que pessoas definidas como portadoras de sintomas sejam empoderadas e se posicionem ativamente em relação aos seus problemas, numa condição de possibilidade de mudança (GRANDESSO, 2011).

Segundo Grandesso (2011), na prática pós-moderna o diagnóstico não se torna o centro das conversações, pois cada história é única e o diagnóstico jamais falará pelo indivíduo. Mais do que o diagnóstico diz por si só, importa o que dizem os indivíduos sobre a existência desse diagnóstico na sua vida, que implicações traz para a forma como percebe a si próprio, suas relações e perspectivas para o futuro, se facilita sua existência ou limita e restringe suas possibilidades. O uso do diagnóstico serve muitas vezes, por exemplo, como um escudo na acomodação do sujeito ao enfrentamento de situações desafiadoras, para justificar impossibilidades e se sujeitar a determinadas situações.

Grandesso (2011) prossegue dizendo que para o indivíduo compreender um de seus lados, ele tende a ver o mundo de uma forma (os sintomas que descrevem os diagnósticos), podendo buscar na sua própria história outras formas de comando para suas escolhas. Portanto, mais do que ter ou não um diagnóstico, é preciso trabalhar a serviço da autoria e creditar o indivíduo como um agente capaz de fazer escolhas e se responsabilizar individual e relacionalmente por elas.

Assim sendo, e em consonância com a perspectiva pós-moderna, os problemas não são possessões de indivíduos, desprovidos de contextos relacionais. A prática pós-moderna age como facilitadora para potencializar autonomia, acolher e reconhecer a legitimidade da voz dos clientes, além de abrir espaço para outros mundos possíveis (GRANDESSO, 2011).

Nesta abordagem, a dependência é vista como um comportamento construído na relação social do indivíduo, resultando em padrões de comportamentos dependentes, e como tais, todos os membros do sistema estão envolvidos e o sistema se organiza em torno do problema. Esta é a concepção na qual nos apoiamos neste estudo e também utilizada na nossa prática clínica.

## CAPÍTULO 3 – MÉTODO

Conforme as reflexões de Oliveira (2005), pensar em metodologia supõe mais do que almejar o conhecimento do mundo. Pensar em metodologia significa levar em conta a perspectiva do pesquisador quanto às questões ontológicas e epistemológicas. Portanto, ao estabelecer seu método, o pesquisador inevitavelmente estará inserindo em sua pesquisa o conjunto de crenças e valores pessoais que se configuram em sua forma de compreender o mundo. Ao tomar tais pensamentos como inspiração, pensamos em conduzir este estudo da maneira como se encontra delineado abaixo.

### 3.1 A Pesquisa Qualitativa no Estudo da Dependência de Drogas

Os estudos de Denzin e Lincoln (2006) sobre pesquisa qualitativa a definem como uma atividade planejada para introduzir o observador no mundo observado com o objetivo de dar visibilidade ao objeto de estudo, mediante um conjunto de práticas materiais e interpretativas. Estas práticas conferem significado ao mundo, e numa perspectiva qualitativa interpretativa, são construídas entre o pesquisador e o que é pesquisado.

Em relação à dependência de drogas, os métodos qualitativos têm se mostrado preciosos, uma vez que procuram explorar e explicar o comportamento humano, desmistificando muitos mitos e estereótipos relacionados com tal dependência, oferecendo informações mais verossímeis sobre o dia-a-dia dos dependentes.

Outra razão pela qual a pesquisa qualitativa é indicada para estudos sobre a dependência de drogas, segundo Neale, Allen, Coombes (2005), é ser capaz de identificar tendências emergentes quanto a esse tipo de consumo, isto porque, pela própria natureza dessa abordagem, os pesquisadores são incentivados a se deslocarem até onde se encontram os dados. Outro aspecto relevante, de acordo com Miles e Huberman (1994), é que os dados qualitativos preservam a cronologia dos processos sociais, possibilitando identificar com mais precisão as consequências de determinados eventos.

Ao retomar as reflexões de Denzin e Lincoln (2006) sobre as características da pesquisa qualitativa, observamos que estes autores mencionam que essa abordagem foca-se especialmente nos conteúdos que não são passíveis de ser medidos experimental e numericamente, como volume, intensidade ou frequência, muito embora acreditemos que, ocasionalmente, limitações situacionais possam influenciar os rumos da investigação.

Ainda na mesma publicação, Neale, Allen, Coombes (2005) discorrem que no universo da dependência de drogas, tais pesquisas não conseguem retratar ou representar os dependentes de drogas, não obstante os resultados de pesquisas qualitativas revelem com maior profundidade a vida dos dependentes mediante uma compreensão mais contextualizada de suas experiências de vida.

É preciso que sejam mencionadas as limitações no que se refere ao processamento de dados da pesquisa qualitativa, visto que na maioria das vezes a quantidade de material coletado se transforma em enorme trabalho, o que requer do pesquisador grande habilidade organizacional.

Por ocasião desse breve levantamento sobre pesquisa qualitativa aplicada aos estudos concernentes à dependência de drogas, várias pesquisas qualitativas foram encontradas, o que revela a presença de trabalho qualitativo internacional dentro do campo da dependência. Porém, por serem mais dispendiosos, muitas vezes estudos qualitativos são preteridos pelos financiadores deste tipo de investigação.

Em síntese, podemos definir este estudo como sendo uma pesquisa qualitativa cujo objetivo é possibilitar a produção de significados junto à família que convive com dependentes de drogas. A intenção ao escolher a abordagem narrativa foi valorizar as vozes dos participantes e as interações que são desenvolvidas entre eles. Neste sentido, utilizamos como base as narrativas dos participantes, construídas de forma dialógica com o pesquisador/terapeuta.

No presente estudo, os significados serão levantados a partir das conversas desenvolvidas junto aos familiares do usuário de drogas. Partindo da compreensão de que os significados sejam construídos socialmente, valorizamos a dinâmica das relações num tempo e contexto determinados.

Este tipo de investigação destaca a importância de uma relação corporificada, dialógica e envolvida do pesquisador com seu objeto de estudo, por meio da qual ele

vem dar forma ou sentido aos “*momentos marcantes*” (Guanaes e Japur, 2008, p. 119) que capturaram sua atenção e despertaram seu interesse de pesquisa.

### 3.2 Caracterização do Estudo

Este estudo poderá ser desenvolvido graças à autorização de uma comunidade terapêutica do interior do Estado de São Paulo, na cidade de São José do Rio Preto.

### 3.3 Definição da Amostragem

Serão participantes deste estudo 9 famílias, representadas por um ou mais de seus membros, sendo que ao todo serão 13 participantes no grupo, e entre estes a maioria é composta por mães, havendo um casal, um filho, três irmãs, uma esposa e uma namorada de dependente de drogas ( como se pode observar no quadro 1, p. 56 ). O critério de participação obrigatória é que essas famílias possuam um membro dependente de drogas, que se encontre ou não em tratamento na referida comunidade, tanto entre as que já participam dos grupos embasados nos “12 Passos de Minnessota”, como as que estão entrando no tratamento ambulatorial.

### 3.4 Caracterização do Grupo de Pesquisa

	Sexo	Idade	Parentesco c/ o dependente	Escolar	Profissão	Estado civil	Antecedentes de dependência de drogas
Fam.1	M	64	Pai	2º Grau	Aposentado	Casados	X
	F	60	Mãe	2º Grau	Do Lar	Casada	X
Fam.2	M	20	Filho	1º Grau	Desempregado	Solteiro	X
	F	35	irmã	Superior	Auxiliar Administrativo	Solteira	X
Fam.3	F	60	mãe	2º Grau	Cozinheira	Viúva	X
Fam.4	F	50	mãe	Superior	Empresária	Casada	X
Fam.5	F	50	mãe	1º Grau	Doméstica	Casada	X
Fam.6	F	42	Esposa	2º Grau	Doméstica	Casada	X
Fam.7	F	49	Irmã	Superior	Desempregada	Casada	X
Fam.8	F	38	Namorada	2º Grau	Secretária	Solteira	X
					Administrativa		
Fam.9	F	14	Irmão	1º Grau	Estudante	Solteira	X

Quadro 1– Caracterização dos participantes da pesquisa

### 3.5 Delineamento da Pesquisa – Instrumentos

Este estudo assume um caráter multimetodológico pela utilização de diferentes estratégias e instrumentos de pesquisa:

#### A) Terapia Familiar em Grupo

A estratégia empregada para a pesquisa é a terapia em grupo com familiares de dependentes de drogas em tratamento. Guanaes e Japur (2008) revelam em

seus estudos que, tal como a terapia individual ou familiar, também a psicoterapia de grupo pode ser pensada como uma construção social. Raserá e Japur (2007) relatam a contribuição construcionista neste campo, a qual consiste na explicitação do caráter discursivo da definição de grupo, mostrando como a linguagem propicia um acesso à compreensão do mundo por meio de dimensões subjetivas e afetivas (caráter performático) e serve para construir o grupo, em lugar de descrevê-lo como um objeto já existente.

Existem várias maneiras de se pensar na Terapia de Grupo, ou seja, não existe um modelo específico a ser seguido, e deste modo o grupo pode ser pensado metodologicamente, conforme considerações de Guanaes (2006), e também em termos de negociações de significados, as quais ocorrem ao longo das interações.

As possibilidades de mudança a partir da terapia, sob as perspectivas modernas, podem ser observadas em evidências clínicas, como diagnósticos, comportamentos, sinais, sintomas, entre outras. Porém, o que importa nas terapias com foco na conversação é buscar os significados de mudança que mais se aproximem da narrativa de problema apresentada pelo paciente, e que possam ampliar suas possibilidades de vida e de relacionamentos (RASERA, GUANAES, 2010, p. 321).

Sob a perspectiva desta pesquisa – em termos de terapia de grupo com familiares de dependentes de drogas –, acreditamos que possa haver mudança à medida que determinadas condutas e conceitos sejam abandonados ou substituídos por novos, assim que as pessoas, em suas interações no grupo, vão encontrando alternativas para a construção de significados de mudança que mais se aproximem de suas experiências de vida.

Para finalizar será definida a natureza do grupo terapêutico, como aquela em que os participantes se empenham em coordenar suas ações, produzindo entendimentos compartilhados que lhes permitam seguir nesse contexto discursivo, investindo na busca por descrições pessoais alternativas, e em especial, por suas descrições de problemas, relacionamentos, tratamento e mudança. A natureza terapêutica do grupo constitui-se, portanto, numa construção que se faz ou não possível no próprio momento interativo, por meio da qualidade das interações que se desenvolvem entre seus participantes. Assim, o grupo emerge como uma prática discursiva e ganha visibilidade como um recurso terapêutico em seu próprio acontecer (GUANAES, JAPUR, 2008, p.123).

### 3.6 Definições das Sessões

As sessões programadas para a Terapia Familiar de Grupo terão a duração de 1h30 a 2 horas cada, ocorrendo uma vez por semana com intervalo de uma semana entre elas, totalizando oito sessões, abordando os seguintes temas e sendo realizadas nas seguintes datas:

<b>Temas</b>	<b>Data de realização</b>
1. Acolhimento e apresentação	5/9/11
2. Orientação sobre dependência de drogas	19/9/11
3. Livre	3/10/11
4. Motivação para mudança	17/10/11
5. Livre	31/10/11
6. Padrões Afetivos	14/11/11
7. Livre	28/11/11
8. Fechamento e Devolutiva	13/12/11

Quadro 2 – Temas e datas de realização das sessões de terapia de grupo

Além da função básica das sessões de grupo, que é criar contextos para a ressignificação das histórias de vida e das experiências com a dependência, o método empregado preenche duas funções, segundo Fleury (2010):

a) Função social:

- estar em grupo compartilhando experiências e vivências;
- desenvolver a escuta das histórias dos outros e da sua própria;
- estabelecer novos contatos e relacionamentos.

b) Função educativa:

- dar informações sobre família e dependência de álcool e outras drogas;
- quebrar mitos e preconceitos relacionados aos dois;

- falar de temas que foram apresentados pelas famílias com o propósito de esclarecer, diminuir dúvidas, responder a questões específicas de cada uma.

## **B) Genograma**

O genograma foi utilizado para coletar dados sobre a família.

No presente estudo a escolha recaiu sobre o genograma porque representa o mapeamento gráfico da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família. Tal mapeamento explicita a estrutura familiar ao longo das gerações atual e passadas e possibilita a captura dos movimentos culturais, sociais e emocionais que as perpassam.

Entre os mais relevantes estudos sobre as representações de família encontram-se os de Carter e McGoldrick (1995). Para estes autores, a família é tida como um sistema passível de movimentação ao longo do tempo, e sob esta perspectiva há que se considerar os aspectos intergeracionais de transmissão entre gerações, ou até mesmo entre um estágio e outro do desenvolvimento familiar, os quais suscitam mudanças e adaptações na estrutura da organização familiar, podendo incidir em diferentes níveis de estressores.

Com o propósito de dar maior visibilidade a determinados contextos, essas autoras sistematizam alguns símbolos gráficos cujo objetivo é representar os diferentes estados civis, sociais e emocionais da família, entre outros dados de interesse. Além de um instrumento representativo, o genograma pode ser considerado um instrumento de intervenção, pois no momento de sua aplicação amplia um espaço de diálogos relacionais que propiciam novas percepções sobre o significado de determinadas narrativas.

As relações afetivas entre os membros da família, que no caso deste estudo se configuram de maior interesse, são representadas por meio das linhas de relacionamento para auxiliar a identificação da intensidade de envolvimento emocional entre os membros da família.

Por ocasião da aplicação do genograma, o pesquisador poderá assumir uma postura receptiva ao diálogo, e por meio de perguntas também poderá pensar na forma sobre como auxiliar a pessoa, suscitando reflexões que deem margem a possíveis compreensões, escolhas ou mudanças de comportamento. Sob esse

aspecto, o genograma pode ser considerado um instrumento mobilizador que gera perguntas e instiga respostas sobre a vida pessoal, familiar e intergeracional dos indivíduos. Com isso, são evidenciados os encontros relacionais possibilitando, inclusive, que se tornem portadores de voz mesmo daqueles membros ausentes.

### **C) Entrevistas Semiestruturadas**

Por meio do genograma, grande parte dos dados sobre a família podem ser coletados e, se necessário, o genograma será complementado com o objetivo de esclarecer algo sobre a história pessoal do participante, por intermédio de entrevista semiestruturada.

Richardson (1999, p. 207) salienta que a entrevista “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas”, portanto, ressalta a interação entre entrevistado e entrevistador, possibilitando a criação de um contato próximo e estimulador, como requer a pesquisa qualitativa.

### 3.7 Procedimentos

1) Como os familiares dos dependentes internados na referida comunidade terapêutica devem assumir o compromisso de participar de alguma forma do tratamento deles, lhes proporemos a participação no Grupo Terapêutico descrito, respeitando os termos da Comissão de Ética por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2) Após a aceitação do convite, ao iniciar os grupos, primeiramente será feito um contrato com os familiares presentes, estabelecendo o número de sessões que irão acontecer, horário, duração, frequência. As sessões serão registradas em vídeo para facilitar a análise, conforme esclarecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3) Na primeira sessão em grupo, após acolhimento e apresentação dos participantes, será marcada com cada família uma sessão para fazer o genograma.

4) O registro transcrição e a edição das informações do grupo serão feitos da seguinte maneira:

(a) gravação em vídeo e áudio das sessões do grupo, considerando a utilidade de registrar toda a conversação grupal, atendendo ao objetivo da pesquisa;

(b) anotações de campo, incluindo impressões do contexto antes, durante e após os grupos, e das expressões e interações entre os participantes durante as conversas grupais.

A transcrição na íntegra das conversas grupais, em seus trechos de maior interesse, constituir-se-á num momento de produção de significados sobre o grupo, envolvendo um diálogo ativo do pesquisador com o material coletado.

O uso de outros tipos de recurso – como pontuações, marcação de tons afetivos presentes nos relatos e a tentativa de assinalar expressões emocionais – é considerado fundamental na produção de uma transcrição, quando as conversações grupais são organizadas. Assim, a edição das transcrições das conversas grupais visará a facilitar sua análise, dando visibilidade a tudo o que for de interesse da pesquisa.

### 3.8 Análise das Sessões

A construção da síntese e a seleção de momentos marcantes serão feitas através da gravação das sessões, que serão assistidas tantas vezes quantas forem necessárias, bem como a posterior transcrição e leitura dos trechos de maior interesse, que permitirão uma imersão no cerne da pesquisa. Com tais leituras é iniciado um intenso diálogo entre o pesquisador e o material coletado, apresentando as inúmeras vozes que o constituem. Este diálogo orientará o processo de produção de significados, os quais favorecerão a construção de sínteses úteis e a seleção dos momentos considerados vitais para esse processo.

Ao reassistir às sessões e ao retomar a leitura dos trechos transcritos, a atenção do pesquisador vai se ater a dois importantes aspectos da conversação: em primeiro lugar, destacar nos discursos sociais em circulação nas conversas, os temas que surgem, e em segundo lugar, o modo como tais temas surgem e são

negociados entre as pessoas e quais as suas funções no contexto das interações desenvolvidas entre os membros do grupo.

Deste modo, esse trabalho de refinamento dos dados visará à construção de significados, integrando o conteúdo ao processo das conversações e preservando metodologicamente a ênfase na construção de significados.

Essas sínteses serão baseadas na análise dos principais temas levantados na sessão, assim como as frases relacionadas a esses temas.

Em síntese, a partir dessa relação envolvida com o teor das conversas, e na seleção de momentos importantes, sua significação será buscada naquilo que chamar mais a atenção e responder aos objetivos estabelecidos.

Como assinalado anteriormente, partindo da compreensão do grupo como um recurso conversacional, entendemos que analisar seu processo é analisar o próprio fluxo do diálogo, nos diferentes momentos interativos e de negociação de significados entre seus participantes.

Os dados do genograma permitirão uma compreensão da organização e funcionamento da família, e certamente enriquecerão a apreensão dos significados construídos pelos participantes sobre a dependência de drogas de um de seus membros.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica**  
**Núcleo de Família e Comunidade**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Tatiana de Freitas Munia Barbosa, portadora do RG. 26459233-5 e CPF 288538098-50, como parte das exigências das atividades de mestrado em Psicologia Clínica do Núcleo de Família e Comunidade da PUC – SP, sob a orientação da professora doutora Rosa Maria Stefanini Macedo, inscrita sob número de RG.1946266-9 e CPF. 215538908-68.

Esta pesquisa tem como título: Terapia em Grupo com os familiares de dependentes de drogas. Seu objetivo é estudar como a terapia em grupo com os familiares de dependentes, ao gerar uma compreensão mais ampla do problema pelo grupo familiar, colabora para o progresso do tratamento daquele membro, apresentando melhores resultados. O procedimento se dará através da Terapia Familiar em grupo com duração de duas horas cada, ocorrendo uma vez por semana com intervalo de uma semana entre cada uma delas, com oito sessões no ambulatório da Comunidade terapêutica Solidariedade.

De acordo com os preceitos éticos informamos que sua participação é voluntária, estando garantida a sua autonomia e liberdade, sendo mantida em absoluto sigilo sua identidade nesta dissertação de mestrado ou em qualquer publicação posterior sobre este estudo. Utilizaremos durante a pesquisa procedimentos não manipulativos que não são maléficos aos participantes. Os dados obtidos serão gravados em áudio e vídeo para fins de análise posterior.

Após o término da pesquisa será redigido um relatório final contendo dados e conclusões do estudo. Este relatório estará disponível para consulta com a pesquisadora responsável ou na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri, da PUC – SP, situada na Rua Monte Alegre, n. 984, no bairro de Perdizes da cidade de São Paulo.

No caso de haver famílias participantes com filhos menores de 18 anos, é necessária uma autorização dos pais para que o jovem participe da pesquisa.

Você tem total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão de seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo. Se necessitar de quaisquer esclarecimentos sobre a metodologia do

trabalho de pesquisa, antes e durante o trabalho, a pesquisadora estará à disposição. Se no decorrer do estudo houver alguma situação que necessite de apoio psicológico, a pesquisadora estará à disposição.

Agradeço a sua participação, destacando que ela contribui para a construção de conhecimento na área da Psicologia.

Tatiana de Freitas Munia Barbosa

Após ter lido este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar da pesquisa, solicitamos a sua assinatura em duas vias, sendo que uma delas permanecerá em seu poder.

Estando ciente das informações contidas neste Termo de Consentimento, eu, \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, autorizo a utilização, nesta pesquisa, dos dados por mim fornecidos para fins de ensino e pesquisa, e a gravação em áudio e vídeo.

Data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura dos pais responsáveis: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Testemunhas: \_\_\_\_\_

Testemunhas: \_\_\_\_\_

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE E DISCUSSÃO

O tipo de registro utilizado permitiu uma riqueza enorme de dados, e através destes foi possível perceber claramente como os participantes da pesquisa foram, por meio das narrativas, ressignificando seus comportamentos e suas mudanças nos grupos terapêuticos. Porém, a análise das sessões terapêuticas baseou-se apenas em uma amostra dos principais temas surgidos, por conta da complexidade de se analisar comportamentos humanos.

Para fins deste estudo, dada a enorme quantidade de dados, vamos nos ater aos temas predominantes; isto de modo algum esgota a potencialidade que estes dados permitem.

O genograma foi utilizado como uma maneira de levantar as informações sobre as famílias, principalmente as questões intergeracionais, onde se destacam os padrões de repetição.

As entrevistas tiveram a função de completar os dados do genograma. Além disto, tanto o genograma quanto as entrevistas funcionaram como uma oportunidade para estabelecer o contato inicial e um vínculo com os participantes da pesquisa.

#### **Primeira sessão:**

Na primeira sessão, no total participaram 12 familiares dos dependentes de drogas, aos quais foi proposta a apresentação de cada participante; nessa ocasião pudemos conversar sobre a pesquisa que estava sendo realizada e sobre a importância dos familiares para a aderência ao tratamento dos dependentes de drogas que estão internados. Realizamos com eles um contrato de que seriam oito sessões, toda terça-feira às 20 horas, no ambulatório da Comunidade Terapêutica, e que em algumas sessões iríamos propor temas para discussão, como dependência de drogas, família, padrões afetivos, motivação para mudança, e em outras sessões eles seriam livres para trazer questões e discutir com o grupo. Na medida em que os familiares começaram a se apresentar, foram contando um pouco da história de cada um.

**Temas:**

Nessa sessão emergiu o tema da culpa e também o tema relacionado a limites; os familiares sentem-se culpados pelo uso de drogas do dependente e relatam que estão aprendendo a pôr limites nos familiares dependentes.

**Discussão:**

Foi predominantemente frequente o relato destes dois temas: culpa em relação ao uso do familiar internado e a questão de aprender a determinar limites ao dependente, como se fossem quase uma relação de causa e efeito.

Tais sentimentos de culpa foram marcados na frase de uma mãe:

- “Eu acho que foi meu erro, também tenho um pouco de culpa.”

E também pelo filho de um dependente, que veio de uma participação ambulatorial baseada nos 12 Passos:

- “Essas reuniões estão sendo a melhor coisa, pelo menos para eu me estruturar. Porque eu me sentia muito culpado.”

Os familiares deparam-se frequentemente com sentimentos considerados negativos diante do dependente, como: destruição, vergonha, culpa, dó, raiva, ódio, ansiedade, tristeza, desconfiança, impotência, aflição, preocupação, entre outros. Contudo, mesmo assim, a maior parte dos familiares tem dificuldades de enfrentamento do assunto, agindo com muita permissividade, minimizando o problema da dependência, esquecendo-se de si mesmos, de sua identidade, de fazerem coisas suas, de se cuidarem, de possuírem uma vida própria.

A partir desses comentários, duas mães relataram que estão aprendendo a impor limites a seus filhos:

- “Eu não queria...mas chegou ao ponto de eu colocar limite. O pessoal da Comunidade me deu forças para impor regras pro meu filho, porque eu também fui muito facilitadora.”

Outra mãe informa:

- “Eu to pondo regras e limites. Não pode facilitar muito, não! Cortei o carro, depois cortei o dinheiro.”

Da mesma forma, a esposa de um dependente que estava internado estabeleceu um limite ao marido, dizendo:

- “Eu to com você enquanto você estiver aqui! Se você falar que quer ir embora da internação, não conte mais comigo!”

Se, como registra Grandesso (2000), todo e qualquer sistema comporta-se como um todo coeso, então uma mudança em uma parte do sistema provoca mudança em todas as outras partes e no sistema como um todo. A partir do momento em que estes familiares mudam seu comportamento perante o dependente, fixando limites, isto vai reverberar nos outros integrantes desse sistema, inclusive no dependente. Assim, basta que um familiar mude seu comportamento para que o sistema comece a se movimentar para mudar.

### **Segunda sessão:**

Na segunda sessão, no total participaram 11 familiares dos dependentes de drogas com a proposta de continuar a apresentação deles a fim de conhecerem um pouco mais cada família e sua história. Nessa sessão foi dada orientação sobre dependência de drogas, onde trouxemos informações sobre: abuso de drogas, dependência, tolerância, abstinência, e os diferentes tipos de drogas consumidos atualmente. Foi fornecido aos familiares um resumo por escrito (anexo 2) no qual se basearam as discussões da sessão. Também lhes entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinarem e autorizarem sua participação na pesquisa.

**Temas:**

Nessa sessão surgiram temas em relação a papéis familiares, hierarquia, aliança, limites, anulação da identidade, negação do uso de drogas e informação sobre a dependência.

**Discussão:**

Os papéis familiares e hierarquia foram marcados nas frases da irmã de um dependente:

- “É o meu irmão mais velho (o dependente de drogas), para mim ele estava no lugar do meu pai, pois perdi meu pai muito cedo. Eu não conseguia ver que ele era usuário. Hoje eu quero ajudá-lo, to sendo a mãe de todos na minha família. Não só o pai dele (dependente), como os meus outros irmãos, todos recorrem a mim.”

De acordo com Brasil (2004), os membros da família vão se fixando em determinados papéis e atribuições bem definidas. Por esta razão, é importante perceber quais os papéis exercidos por cada membro familiar, e como estes foram se organizando em torno do uso de drogas no decorrer do tratamento.

Para analisar a hierarquia dentro de um sistema familiar devemos examinar quem exerce a autoridade e as responsabilidades na família, e assim é possível perceber quem assume a liderança nesse sistema (Minuchin, 1990). Cerveny (2000) concebe na organização hierárquica uma clara divisão de gerações, com o poder centrado na família nuclear, no par parental. Na perspectiva da autora, desorganização hierárquica é a não delimitação clara entre as gerações e o poder distribuído entre os vários membros do sistema. Nesse caso, na ausência do pai, o irmão assumiu o papel de pai, até que sua dependência levou a uma inversão na hierarquia.

As funções familiares são executadas por intermédio de diferentes subsistemas. Um indivíduo pode pertencer a diferentes subsistemas, nos quais adquire diferentes níveis de poder e distintas habilidades. Os subsistemas se formam em consonância com a maneira como as interações se processam no interior da família (Minuchin, 1990). As organizações dos subsistemas familiares, que são os subsistemas dos filhos ou do casal e assim por diante, devem ser

observadas para perceber se existem alianças ou coalizões entre estes subsistemas. Na aliança, dois membros se unem para alcançar um objetivo comum (Piszezman, 1999), e podemos perceber que existe entre os irmãos uma aliança neste sistema familiar.

A maior parte dos familiares age com muita permissividade, esquecendo-se de si, de sua identidade, de fazer coisas suas, de se cuidar, de possuir uma vida própria, como enfatizado pela irmã de um dependente:

- “Eu esqueci de mim.”
- “Os problemas da minha família me atrapalharam muito, meu relacionamento.”
- “Todo dia correndo para lá e para cá, tentando ajudar um ou outro.”

Da mesma forma, podemos perceber essa situação nas palavras da namorada de um dependente:

- “Eu perguntava e ele negava sempre.”
- “Eu desconfiava, não tinha certeza.”

A família e o dependente desenvolvem um rígido sistema de negação na tentativa de evitar o reconhecimento do problema e da crescente falta de controle que ocorre nos níveis emocionais e funcionais (KRESTAN e BEPKO, 1995). Em vista disso, podemos comprovar a importância de criar contextos de conversação para desenvolver diálogos e trocas sobre o assunto, como atesta a frase da namorada do dependente:

- “Cada dia que a gente vem, a gente aprende coisa.”

E a fala da mãe que passou a fixar limites, repetindo a declaração de seu filho dependente:

- “A minha mãe, eu não manipulo mais.”

### **Terceira sessão:**

Na terceira sessão, no total participaram dez familiares dos dependentes de drogas, e o tema foi livre para que pudessem expor seus sentimentos, dificuldades, problemas pessoais, ou algo que aconteceu na visita aos dependentes de drogas que estão internados, ocorrida no domingo anterior à reunião do grupo.

### **Temas:**

Nessa sessão surgiram temas em relação aos sentimentos negativos dos familiares, como ansiedade e medo, e melhora da autoestima, além de novos relatos relacionados a limites, anulação da identidade e aliança.

### **Discussão:**

A ansiedade e o medo dos familiares podem ser observados com referência à saída dos dependentes da internação, e também ao medo de uma recaída. Tais sentimentos de ansiedade foram marcados na frase de uma mãe:

- “Estou nervosa que o C. vai vir (ressocialização)... acho que vou ligar na clínica e falar para ele não vir, ou vir o monitor junto...”

E uma mãe que estava insegura sobre a saída do filho para irem ao casamento de uma sobrinha, comentou:

- “Será que ele (dependente) vai suportar ver todo mundo beber e ficar lá sem beber?”

Essa mesma mãe, que na sessão anterior falou da mudança quanto aos limites impostos, também se mostrou mais fortalecida em relação ao filho dependente, como se pode notar em sua frase:

- “Eu falo para ele nas visitas, que ele tem o suporte necessário para que não recaia. Se ele tiver vontade de usar, ele tem apoio de muita gente, tem a Sol, a Canaã, tem os amigos, mas se ele recair eu falo para ele, você não venha na porta de casa que eu não te recebo.”

Ela continua:

- “Ele tem 17 anos de química no corpo, já sabe bem o que é, já sofreu muito, foi preso, já fez a família sofrer demais... eu demais, então agora, quando me olho no espelho é primeiro eu, segundo eu, terceiro eu! Se quer usar, então vai, mas me deixa em paz, sabe.”

Esse testemunho reforça o que percebemos na nossa prática clínica, que os membros da família sofrem tanto quanto os dependentes de drogas e devem aprender a cuidar de si próprios, entendendo que também precisam de ajuda, mesmo sem usar drogas. Pudemos notar que essa mãe está aprendendo a cuidar de si, melhorando sua autoestima.

Salientamos a importância do aprendizado de exigir limites, como essa mãe acima, e como se manifesta no dizer da namorada de um dependente:

- “Se ele voltar e eu perceber... para mim você morreu...”

A questão dos limites continua em pauta, como no reconhecimento da seguinte mãe, que também mostra uma aliança com o filho quando reconhece:

- “Meu marido fala sempre isso, que fui facilitadora. Ele é filho único, criado com a avó e o avô... quem vai dar almoço pro V., depois de homem...”

Os sistemas interpessoais como a família podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, visto que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas (Cervený, 2000); portanto, ao estabelecer limites em seus familiares, eles mudarão seu comportamento também. Percebemos a preocupação do familiar que sente a dificuldade de mudar, sem notar quanto está envolvido na manutenção do problema. Na fala dessa mãe pudemos notar também uma forte aliança com o filho, apontada pelo marido que discorda da sua atitude. Na aliança, dois membros se unem para alcançar um objetivo comum (Piszezman, 1999).

A irmã de um dependente mostra como se anula ante os problemas da família, quando relata:

- “Minha vida parou, parou em torno disso, em torno dele, já vivia em torno da minha mãe.”

Na prática clínica constatamos que esses familiares estão inteiramente emaranhados com os dependentes de drogas, e recitam longas listas dos comportamentos deles com precisão e detalhes; o que pensam, sentem, fazem e dizem. Eles sabem o que os dependentes deviam e não deviam fazer, porém não conseguem enxergar a si mesmos, não sabem o que sentem, não têm certeza sobre o que pensam, e não sabem como resolver seus problemas, tão envolvidos estão em complementar os comportamentos indesejáveis dos dependentes. Para Stierling e cols. (1986), a complementariedade pode ser restritiva em alguns casos, quando se trata de uma complementariedade rígida, à medida que um restringe o outro, impossibilitando-o em sua diferenciação e autonomia. É o que acontece claramente nesse caso, dificultando a modificação da situação.

#### **Quarta sessão:**

Na quarta sessão, no total participaram dez familiares dos dependentes de drogas, e o tema proposto foi motivação para mudança de comportamentos indesejados, seguindo o modelo em espiral dos estágios de mudança, proposto por Prochaska e Di Clemente (1986) (anexo 3). Este modelo descreve cinco estágios pelos quais, em geral, as pessoas passam no decorrer de qualquer processo de mudança: pré-contemplação, contemplação, preparação, ação e manutenção. Após explicarmos os estágios de mudança em uma lousa, pedimos que cada um dos familiares tentasse perceber em qual destes estágios se encontrava e por quê.

#### **Temas:**

Nesta sessão a fase de mudança que mais se manifestou foi a contemplação, onde demonstraram sentimentos negativos como insegurança, medo e desconfiança. Também surgiram temas em relação ao apoio do grupo terapêutico, limites, ressignificação dos significados, papéis familiares e hierarquia.

### **Discussão:**

A insegurança e o medo dos familiares puderam ser observados novamente, pois na sessão anterior também foram debatidos esses temas. Estão relacionados à saída dos dependentes da internação, e também ligados ao medo de uma recaída. Tais sentimentos de insegurança demonstram que a fase de contemplação foi a mais frequentemente percebida nessa sessão; os participantes mostraram-se ambivalentes, o que pôde ser demonstrado quando a esposa de um dependente falou:

- “Eu fico insegura, porque ele está aqui (Rio Preto) e eu fico lá (Uchoa), ele só vai embora na terça. Quando ele começou a usar, eu nem sabia” ( pois ele ficava longe).

Os sentimentos de medo foram observados na frase da mesma esposa:

- “Tenho medo, sabe, de fazer mais por ele e depois acontecer tudo de novo.”

A namorada de um dependente demonstra o mesmo sentimento de desconfiança:

- “Eu fico muito desconfiada, perco a confiança, eu tenho medo até de fazer mal para ele.”

Esta ambivalência pode ser notada na frase da mãe de um dependente que estava com saudades do filho e comentou:

- “Eu falei para o meu pai, eu vou lá buscar o V.” (na comunidade).

De acordo com o ponto de vista sistêmico, o sistema se organiza em torno do problema, portanto não há um co-dependente, há uma inter-relação entre os membros do sistema, e como tal, todos os membros do sistema estão de alguma forma envolvidos, como podemos confirmar nos sentimentos desses familiares.

- “Eu acho que ela tem que continuar vindo aqui no grupo, porque só (vindo) aqui ela vai conseguir se controlar.”

Ao dizer isso à companheira de grupo, esse participante evidencia ter passado pelas fases anteriores, podendo indicar que está na fase de ação, e

também notamos o uso do grupo como um apoio para conseguir provocar e manter mudanças.

Notamos novamente que alguns familiares demonstram estar querendo impor limites, mostrando estar na fase de preparação. Isto pode ser verificado na declaração de uma mãe, que na sessão anterior confessou que não estabelecia limites para o filho:

- “Quando meu filho vir, a vida dele vai mudar, não vai ser mais fácil como ele queria... falou, ta na mão! Eu estou me preparando para quando ele chegar e disser: “mãe...” a primeira coisa que ele vai pedir é o carro, agora eu não posso... já te dei três, você vai trabalhar agora direitinho...”

De conformidade com o ciclo vital descrito por Cerveny e Berthoud (2010), na fase em que as famílias estão com filhos adolescentes, podemos ver os pais ansiosos para controlar seus filhos, não imporem limites baseados em expectativas adequadas às idades dos filhos, tomarem as decisões pelo adolescente, e com isto impedirem os filhos de experienciar seu senso de independência e amadurecimento, característico desta faixa etária. Geralmente a extrema super-responsabilidade do progenitor resultará na falta de responsabilidade dos adolescentes, incluindo o abuso de álcool e drogas. Schenker e Minayo (2004) sinalizam que o sistema familiar do adolescente possui uma influência crítica no desenvolvimento e manutenção de problemas de abuso de drogas.

Para Sudbrack (2000), o que caracteriza uma família é a natureza das relações entre seus membros, ou seja, a forma como interagem e como estão vinculados nos diferentes papéis e subsistemas, bem como suas relações com os sistemas externos. Podem ser observados os papéis familiares e a hierarquia na frase da irmã de um dependente:

- “(Irmão) é meu pai, minha mãe”, vale dizer, seu irmão exerce outros papéis na vida dela.

Neste caso percebemos crises do ciclo vital, porquanto existem inversões do que é esperado normalmente. O irmão deveria ser protegido pelos pais, mas nesta situação tornou-se o protetor da irmã.

**Quinta sessão:**

Na quinta sessão, no total participaram dez familiares dos dependentes de drogas; o tema foi livre para que pudessem externar seus sentimentos, dificuldades, problemas pessoais ou algo que aconteceu na visita aos dependentes de drogas que estão internados, ocorrida no domingo anterior à sessão com o grupo.

**Temas:**

Nesta sessão surgiram temas em relação ao apoio do grupo terapêutico, mudança dos significados atribuídos ao comportamento da família concernente à aceitação do problema e mudança do dependente. Também houve temas relacionados à comunicação e um abrandamento de sentimentos negativos, como receios, medos, sobretudo de recaídas.

**Discussão:**

O apoio e fortalecimento pelos membros do grupo terapêutico puderam ser observados novamente, como na sessão anterior. O depoimento de uma pessoa do grupo ressalta:

- “Eu acho que você, do jeito que você tem vindo, de tudo que você já falou hoje, você já está bem mais forte, você já está bem positiva, você vai conseguir, você não vai chorar, é assim mesmo que tem de ser...”

Percebemos que os membros do grupo sentem-se mais fortalecidos quando se apoiam mutuamente, pois passam pelas mesmas dificuldades. Aliás, o compartilhar das experiências é um dos grandes responsáveis pelas ressignificações do problema.

A mesma companheira do grupo mostrou-se mais fortalecida, mudando seus significados em relação à sessão anterior, como pode ser notado na sua fala:

- “Na segunda feira foi difícil pra mim de novo, e hoje acordei com esse pensamento que eu não ia ser derrotada, que não vou ser derrotada..., que eu não, nunca vou ser derrotada, que Deus está comigo e eu vou vencer mais esta etapa da minha vida, que eu não vou chorar mais, eu não vou chorar, entrego na mão de Deus.”

Outro membro do grupo também percebeu sua mudança:

- “Uma coisa que você já mudou e eu notei em você, é que você no começo você não estava aceitando, que você não merecia...”

Uma mãe mostrou sua mudança também com esta frase:

- “Hoje eu já vejo diferente, desde que comecei a frequentar os grupos, eu não tenho mais raiva...” (do filho por usar droga).

A família, como sistema, opera de acordo com a morfogênese, por sua grande adaptabilidade e flexibilidade; os sistemas têm a capacidade da autotransformação de forma criativa (Cervený, 2000). A ressignificação promove uma mudança qualitativa no sistema, caracterizando os princípios da Cibernética de Segunda Ordem, que enfatizam o sentido que as construções pessoais adquirem para cada um. Segundo Grandesso (2000), os significados são configurados pela linguagem na forma de narrativas. As narrativas, por sua vez, organizam a própria experiência humana, servindo de matriz de significados que atribui valor, dá sentido aos acontecimentos da vida. Em vista disso, uma mãe mostra estar mudando seus significados diante do filho, confiando nele, quando diz:

- “O C. tem sido muito sincero, muito sincero! Eu acredito que essa noite ele vai se abrir...”

A dificuldade de comunicação ficou evidente em muitas situações, sendo reconhecida por um membro do grupo:

- “Não sou de falar.”
- “Eu não consigo falar com a pessoa.”

E na frase de outra pessoa do grupo:

- “Eu sou muito fechada, sou mesmo, por isso que eu procuro guardar as coisas, ficar quieta, pois se eu falar eu sou capaz de magoar a pessoa.”

A dependência causa mudanças acentuadas na interação do indivíduo com seus familiares e afeta suas relações sociais (Pratta e Santos, 2009), provocando o

afastamento afetivo e a dificuldade de comunicação circularmente relacionados. O afastamento afetivo entre os membros familiares é uma característica importante encontrada nas famílias dos dependentes, provocada pelo uso de drogas, o que torna difícil a comunicação entre eles (Matos, Pinto, Jorge, 2008).

Tais sentimentos negativos, como receio e medo relacionados a uma recaída, foram marcados na expressão de uma mãe:

- “O meu receio, eu tenho medo, mesmo sabendo que o meu filho hoje está super bem, estou com uma luzinha negra lá atrás, medo que esse menino (um colega do filho que usava drogas junto com ele) ter entrado lá, faça alguma influência para o meu filho”.
- “Eu não sei se estou certa, ou errada, eu tomei o partido de falar para os donos da clínica da situação, para eles estarem mais de olho, mais atentos.”

Sudbrack (2000) observa que no interior dos sistemas onde há uma dependência percebemos quanto esta inter-relação é um processo duradouro e estável no tempo, entre as pessoas do sistema. Logo notamos que estes sentimentos negativos acompanham as famílias dos dependentes em muitos momentos de suas vidas, e apesar de saber que não devem “tomar o partido” do dependente, controlar a situação para protegê-lo, muitos familiares continuam tendo este comportamento.

### **Sexta sessão:**

Na sexta sessão, no total participaram dez familiares dos dependentes de drogas; o tema proposto foram padrões afetivos, para que pudessem falar de seus sentimentos e entrar em contato com eles. Anotamos na lousa diversos sentimentos que geralmente são vividos pelos familiares dos dependentes de drogas. A partir destes sentimentos, pedimos que identificassem qual deles é mais sentido no dia-a-dia, e qual eles não querem mais sentir e o que podem fazer para alcançar isto.

**Temas:**

Dos temas em relação aos sentimentos, os que mais apareceram foram solidão e tensão antes das brigas e discussões; apareceu também uma vez a crença de ser incapaz de ser feliz. Os temas referentes ao apoio do grupo terapêutico: ressignificação, mudança dos familiares e dificuldade de comunicação continuaram em pauta.

**Discussão:**

Tais sentimentos de solidão foram marcados na frase de uma mãe:

- “Eu fico muito sozinha, eu não tenho outro filho.”

Pudemos perceber, de acordo com seu relato, que esta mãe vive a vida do filho e mostra um grande apego emocional. O filho está internado e pode ligar para ela todos os sábados das 17.30 às 19.00 horas, e então ela conta:

- “Eu fico esperando. Era hora de eu fazer minha unha, eu mudei todos meus horários para falar com ele.”

Ela repete o que o irmão dela lhe disse:

- “Você tem que pensar um pouco mais em você. O V. tá bem lá. Dorme tranquila!”

Outra mãe também fala:

- “O que mais me pega é a solidão.”

Nessa sessão, a irmã de um dependente, quando indagada sobre os sentimentos que não gostaria mais de sentir, respondeu:

- “Eu não quero mais... acreditar que eu sou incapaz de ser feliz.”

Apareceram depoimentos claros de mudança, como na frase desta mãe:

- “No primeiro dia eu estava pior. Eu melhorei muito.”
- “Eu vou tentar .... sair mais, vou começar a voltar a fazer uma caminhada, a fazer pilates, porque eu já tinha marcado várias vezes mas nunca deu certo.”

A irmã de um dependente também se mostrou envolvida com o grupo e mudou seu comportamento, o que foi confirmado em suas palavras:

- “Não vou (parar de vir aos grupos)! Porque eu acho que pra mim isso tá sendo muito bom, porque eu estou aprendendo a lidar. Eu já me mudei um pouco, hoje eu não to mais tanto assim. To ainda, mas não to tanto assim mais.”

Outra mãe falou:

- “Eu tenho que continuar vindo no ‘curso’, porque não é fácil. Quem pensa que é fácil, não é fácil, não! Mas a gente tem que ta fortalecida.”

No entender de Cerveny (2000), o grupo familiar pode ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade na qual as particularidades dos participantes não bastam para explicar o comportamento de todos os outros. Assim, embora a análise de uma família não seja igual à soma das análises de seus integrantes individuais, esperamos que a mudança do familiar reverbere no sistema como um todo.

O relacionamento é um produto de uma interação entre duas ou mais pessoas, que se inicia, desenvolve e é transmitido na matriz familiar. Na clínica com dependentes de drogas é comum a queixa de dificuldades na comunicação e a ausência de diálogo (Cerveny, 2000). Os depoimentos a seguir mostram a importância de uma comunicação mais adequada: direta, clara, com diálogo e conversações.

Para mudar as sensações de muita tensão antes das brigas e das discussões, uma mãe explica:

- “Eu tento me policiar. Quando ele está nervoso eu converso muito com ele.”

Percebemos pelo seu relato, que deve conversar mais, melhorar a comunicação para não deixar chegar à discussão. O marido dela diz que o que gerava as discussões era quando eles impunham limites ao filho:

- “Tinha que pôr limite. Hoje eu tenho a cabeça diferente. Eu penso em comunicação, em conversar.”

Outra mãe se pronuncia:

- “Essa sensação de muita tensão antes das brigas e discussões, em casa aconteceu muito também. O filho falava: eu quero, quero, quero, e ela respondia gritando mais alto, e então começavam as brigas.”

O apoio e fortalecimento pelos membros do grupo terapêutico continuaram a ser observados, ressaltando o valor do compartilhamento. Um filho (grupo) se dirigiu a uma das mães, colocando-se no lugar de filho dela:

- “O meu relacionamento com a minha mãe era meio que parecido. Ela chegava chorando e eu achava que se eu chegasse e fizesse carinho, ia piorar. Eu tratava ela bem assim. Só que se você conseguir passar pra ele, vai ser bom pra vocês dois. Minha mãe não conseguiu passar isso pra mim, só que eu acabei percebendo sozinho. E hoje, já faz o quê, há um mês mais ou menos que eu já to diferente com a minha mãe. Agora eu chego, eu faço um carinho, tá melhorando bastante até pra mim o relacionamento. Se você conseguir passar pra ele, vai ser melhor. Eu era assim também. Eu chegava, eu via ela chorando, eu falava, é igual você falou: “Para de chorar! Você vai, daqui a pouco você vai ficar desidratada!”

Notamos que os membros do grupo sentem-se mais fortalecidos quando percebem que passam pelas mesmas dificuldades, quando se identificam e se aproveitam das experiências trazidas pelo outro.

Quanto à maneira de se comunicar com sua mãe, foi marcada em seu comentário:

- “Eu tinha vontade de ir lá e fazer um carinho nela, de perguntar: Ah, mãe, que tá acontecendo, tal... Só que o outro lado já falava pra mim que se eu fosse, desse carinho, não ia ajudar ela. Eu tinha que passar uma expressão forte pra ela, pra ela ser forte também. Aí, eu não sabia o que era pra fazer, não. Eu achava que eu tinha que passar uma expressão forte. Eu falava: Não, você tem que ser mais forte! Mais forte do que ela já foi? Ela praticamente criou a

gente, meu pai passava a noite fora. Depois que eu parei, eu pensei: mais forte do que minha mãe foi? Ela criou a gente sozinha.”

Essa narrativa ilustra com propriedade a circularidade entre comunicação e expressão de afeto, mostrando como ao conseguir perceber a força da mãe, ou seja, ressignificar a atitude dela, pode também mudar o comportamento em relação à mãe.

### **Sétima sessão:**

Na sétima sessão compareceram 11 familiares dos dependentes de drogas, sendo que chegou um novo membro no grupo, irmão de um dos dependentes. O tema foi livre para que pudessem trazer seus sentimentos, dificuldades, problemas pessoais, e para terem espaço para expressar seus sentimentos em relação ao término dos grupos terapêuticos, que irão ser finalizados na próxima sessão.

### **Temas:**

Nesta sessão surgiram temas em relação ao término do grupo, portanto os temas mais frequentes foram relacionados ao vínculo e apoio dos membros no grupo. Além desses, também pudemos registrar temas em relação à mudança dos familiares, mudança de significados, mudança dos dependentes, quebra de preconceitos.

### **Discussão:**

O vínculo e apoio dos membros no grupo foram marcados pela explicação da irmã de um dependente, que veio de uma participação ambulatorial baseada nos 12 Passos:

- “Eu acho que a gente criou um vínculo, né, a gente se aproximou mais....aqui deu mais assim, como se diz? Continuidade... a gente teve mais... sei lá... Eu tive mais liberdade de falar, de me conhecer melhor nesse grupo assim fechado, porque ali a cada dia eram pessoas diferentes.”

Também foram marcados na frase de uma mãe, referindo-se à participação no ambulatório:

- “Eu conheço muito mais da V., da C. o grupo se aproximou mais... a gente ficou sabendo muito mais próxima uma da outra, tentando ajudar.”

Outra irmã de um dependente ponderou:

- “O que me deixa feliz é eu vir pro grupo...”

A namorada de um dependente observou:

- “Fiquei muito feliz... aqui a gente aprendeu muito, fizemos ótimas amizades, me ligaram (no aniversário), sabe isso, eu fiquei tão surpresa!”

Tais afirmações confirmam que a natureza terapêutica do grupo constituiu-se em uma construção, por meio da qualidade das interações que se desenvolveram entre seus participantes (Guanaes, Japur, 2008).

Em relação à mudança após começar a frequentar os grupos, a irmã de um dependente participou:

- “Eu entrei aqui... to dependentíssima, sabe, depois que vim pra cá, aprendi muito também, você me ensinou um monte de coisa sobre como eu devo agir, como eu devo fazer ou como eu devo lidar com isso tanto na escola quanto aqui, porque eu não prestava atenção na pessoa que estava do lado, pensava só em mim...”

Esta mesma integrante do grupo continuou mostrando sua mudança:

- “Eu não conseguia me abrir com ninguém. Então, hoje eu conversei com minha mãe, já não sou mais aquela filha,... não fico tão ligada a ele (irmão dependente), eu fico mais ligada aos meus problemas, que eu tenho os meus problemas pra definir, que depende dele também,... mas não dependo só dele pra mim ficar bem comigo mesma.”

A namorada de um dependente revelou:

- “Lá (grupos) aprende a não tapar o sol com a peneira.”

A mãe de um dependente contou que o filho percebeu sua mudança:

- “O M. Chegou e falou: mãe, você mudou... ele percebeu que eu mudei.”

Tais depoimentos vão ao encontro da afirmação de Silva (2001), de que uma das metas de tratamento é o resgate da autonomia de cada um da família e o encorajamento para as mudanças.

A namorada de um dependente confessou:

- “Eu não gostava de pessoas que mexiam com drogas, eu tinha preconceito, e frequentando o grupo isso saiu de mim, hoje eu entendo mais, eu não critico...”

Da mesma forma, este depoimento confirma a afirmação de Silva (2001): o tratamento reforça a quebra de preconceitos, crenças moralistas e culpabilizações sobre o problema, comumente presentes no interior da família.

Na opinião de Sluzki (1997), o grande salto evolutivo foi introduzido pela postulação de que toda observação é função dos pontos de referência e inclusive dos valores do observador. A observação afeta o observador: o observador, com suas limitações, pressupostos e preconceitos, organiza o observado. Podemos, portanto, dizer que não existe uma descrição objetiva da realidade; este argumento acaba questionando o que é a própria realidade. O conhecimento do mundo existe nos acordos descritos sobre a realidade, que ocorre no âmbito da conversação.

Rasera e Guanaes (2010) afirmam que o que importa é buscar os significados de mudança que mais se aproximem da narrativa do problema apresentado pelo paciente, e que possam ampliar suas possibilidades de vida e de relacionamentos; assim, podemos observar esta mudança nas frases dos familiares, a seguir:

A irmã de um dependente, que na sessão anterior dissera sentir-se incapaz de ser feliz, nesta sessão mostrou uma mudança de significados em sua frase:

- “Estou acreditando muito em mim, sabe? Acreditando muito que eu posso e que Deus está acima de tudo.”

A namorada de um dependente também mostrou que mudou seus significados ao declarar:

- “Eu acredito na recuperação, eu entrei aqui muito desacreditada.”

Quanto à mudança dos dependentes de drogas, temos um testemunho da irmã de um dependente, que relatou:

- “Ele liga, coisa que a gente nunca falou...eu te amo, coisa assim, a gente está muito mais próximo, mais unido, ele sempre foi o meu irmão mais velho, sempre foi uma preocupação muito grande, mas ele tá...educado, carinhoso... dando valor, acho que tudo está sendo muito válido.”

#### **Oitava sessão:**

Na oitava sessão houve a participação de 12 familiares dos dependentes de drogas e nessa sessão fizemos um fechamento, onde pudemos dar uma devolutiva para cada integrante do grupo de como estavam ao iniciar os grupos e de como eram percebidos ao finalizar os grupos. Pedimos também que fizessem uma avaliação deles mesmos em relação à mudança em suas vidas, tanto pessoais quanto familiares, e em relação ao tratamento.

#### **Temas:**

Surgiram vários temas relacionados à mudança dos dependentes e dos familiares, mostrando a alteração dos significados atribuídos, e percebemos, através da mudança na comunicação, a modificação dos papéis exercidos. Também apareceram temas referentes ao apoio e ao vínculo do grupo terapêutico.

### **Discussão:**

Foi predominantemente frequente o relato desses temas: mudança de significados atribuídos aos familiares em relação à sua própria melhora, à melhora de seus familiares dependentes e ao apoio do grupo terapêutico.

Tais mudanças dos familiares foram marcadas na expressão de uma mãe, que mostrou estar se posicionando ante as necessidades do filho, e mudando os seus significados:

- “É a primeira vez depois do meu filho está ali que ele é convidado pra fazer uma temática (dar um depoimento sobre a dependência de drogas) e justamente hoje, que é a nossa última sessão do grupo, então eu acho assim se fosse em outros tempos, alguns meses atrás ou algumas vinte e quatro horas, né, eu estaria sofrendo. Aí hoje de manhã ele me ligou duas vezes hoje dizendo: “Você não vai mesmo, mãe?” Falei: não...Pedia muito a Deus que um dia eu ia ver o meu filho dando testemunho de vida seja aonde fosse, né, hoje este horário deve estar já começando a falar, mas eu estou aqui bem e não sofrendo por isso...”

Outra mãe também demonstrou estar mudando seus significados, pois no início dos grupos sofria para ser firme com o filho e isto foi mostrado em sua narrativa:

- “Eu senti mais segurança em relação a lidar com ele, achei que foi até bom ele ter gritado comigo, eu saí... eu fiquei chateada na hora, se fosse outro tempo eu chorava, há um mês atrás eu ia debulhar ali dentro, não chorei, estava muito feliz e muito firme, amo o meu filho e eu não vou deixar de amar, só que vai ser diferente, eu não vou mandar mais na vida dele, não, vou ser firme com ele....eu fiquei na hora chateada, mas não sofri, me deu mais firmeza para agir com ele agora....ele percebeu a minha atitude, tanto é que ele veio pedi desculpa para mim, ele nunca pediu desculpa para mim.”

Na abordagem pós-moderna, são favorecidos pelos terapeutas os espaços em que pessoas definidas como portadoras de sintomas sejam empoderadas e se

posicionem ativamente em relação aos seus problemas, numa condição de possibilidade de mudança (Grandesso, 2011).

A alteração de significados também é percebida na narrativa de outra mãe que disse estar parando de cuidar só dos outros e passando a cuidar dela:

- “Eu aprendi... é... se eu não me amar, não me tratar, cuidar da minha saúde....agora vou cuidar de mim, está todos criados, cada um sabe o seu caminho....estou aprendendo muito aqui...”

Outra mãe avaliou:

- “Minha filha, está bem melhor a convivência, não tinha muito diálogo, sabe, eu era muito rígida, só cobrava, agora não... agora ela chega, vem, me abraça, sabe, me beija, me conta as coisas, converso com ela bem mais, a gente ficou mais amiga assim...”

A namorada de um dependente mostrou em sua narrativa a mudança na forma de se comunicar:

- “Eu melhorei no meu jeito de conversar, eu era mais agressiva, falava as coisas com mais autoridade.”

A irmã de um dependente, no início das sessões em grupo, disse:

- “Eu esqueci de mim.”

E mostrou a mudança ao constatar:

- “Eu já melhorei muito, estou mais assim, pensando mais em mim, me preocupar um pouco mais comigo, coisa que eu estava me esquecendo...”

O filho de um dependente evidenciou a mudança de significados em relação aos papéis exercidos por ele dentro da sua família, em sua frase:

- “Eu já to conseguindo de novo resgatar aquele papel que ele é meu pai, e já posso pedir a opinião dele... e minha irmã estou conseguindo ter contato de irmão de novo...”

Como se vê nessas frases, o grupo ao longo das interações permitiu que ocorressem as negociações de significados (Guanes, 2006).

Quanto ao apoio do grupo e à mudança de significados, ficaram marcados na narrativa da mãe de um dependente que participou dos atendimentos ambulatoriais baseados nos 12 Passos:

- “O grupo veio me fortalecer mais ainda...eu era uma pessoa muito dependente, as pessoas costumavam me falar que minha droga de consumo chamava C., ...e principalmente depois que formou este grupo, eu aprendi a me fortalecer mais ainda,,eu mudei...se eu tiver que falar não, eu falo não, não posso por isso, por aquilo, enfim, aprendi muito e já sofro bem menos.”

A namorada de um dependente confirmou o vínculo e o apoio do grupo em sua frase:

- “Eu acho que eu melhorei muito... eu sinto prazer ( de ir para as sessões de grupo), vou porque eu gosto, quero continuar.”

Outro familiar completou:

- “Eu tenho muito a agradecer ao grupo, assim a gente ouve testemunho das pessoas, a gente vê, a gente aprende muito, é isso aí, eu estou bem.”

Rasera e Guanaes (2010) acreditam que na terapia em grupo com familiares de dependentes de drogas possa haver mudança à medida que determinadas condutas e conceitos sejam abandonados ou substituídos por novos, assim que as pessoas, mediante suas interações no grupo, vão encontrando alternativas para a construção de significados de mudança que mais se aproximem de suas experiências de vida.

Outros participantes reiteraram o apoio e vínculo do grupo e também a mudança dos significados em suas narrativas:

- “Quando eu cheguei aqui, eu estava muito mal e tenho que agradecer ao grupo, primeiramente a você, ao ambulatório... eu cheguei ao fundo do poço aqui dentro, eu tinha até medo de dirigir... eu acho que melhorei 70%...”

O filho de um dependente comentou:

- “Hoje eu gosto de vim, uma semana que eu não vim, porque tenho jogo de bola, falta alguma coisa...”

Isto confirma que a função social do grupo é compartilhar experiências e vivências, desenvolver a escuta das histórias dos outros e da sua própria e estabelecer novos contatos e relacionamentos (Fleury, 2010).

A mudança dos dependentes de drogas foi marcada na frase da irmã de um dependente:

- “Ele está bem, totalmente mudado, voltou a ser o meu irmão, acho que ele nasceu de novo, meu irmão que eu conheci, que eu cresci vendo, depois vi que ele se tornou em outra pessoa, mas graças a Deus está voltando a ser como ele era.”

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corroborando diversos outros estudos, fica evidenciado que o familiar deve ser visto e tratado como uma das “peças-chave” no processo de recuperação da dependência de drogas, podendo contribuir para a melhoria das relações familiares, aumentando a possibilidade de o dependente motivar-se e manter-se em tratamento.

Isto foi percebido, pois durante as sessões em grupo com os familiares dos dependentes – que tiveram uma duração de três meses, totalizando nove famílias em atendimento em grupo –, cada família tinha um dependente internado, sendo que somente dois dependentes que estavam internados abandonaram o tratamento durante os grupos, mas ambos se mantiveram “limpos” mesmo após terem saído da internação. No decorrer das sessões foi narrada pelos familiares a mudança dos dependentes de drogas, como visto nas análises das sessões.

Pudemos observar que as mães se mostraram mais envolvidas com o tratamento dos filhos, e que somente um pai participou das sessões em grupo, tendo se apresentado muito pouco nas sessões. Este fato confirmou o que se observou em estudo anterior: as mães são as mais frequentemente envolvidas nos cuidados e preocupações, sempre fazendo coisas para os filhos (Munia, 2006).

Quanto aos aspectos estruturais/estratégicos do grupo familiar (Piszezman, 1999), como as fronteiras, subsistemas, regras, limites, coalizões e alianças, constatamos que o que mais apareceu nas análises das sessões foi a preocupação dos familiares com os limites, papéis atribuídos e desempenhados no sistema, alianças e também com a questão da hierarquia.

Os familiares mostraram bastante preocupação em relação aos limites em pelo menos metade das sessões, dando a entender que pensavam que se tivessem imposto limites, a trajetória dos filhos com as drogas teria sido diferente. No entanto, acreditamos que, caso tivessem agido diferentemente com seus filhos, não daria para prever se seriam dependentes de drogas ou não. Percebemos que este ponto de vista dos familiares é uma influência da nossa cultura, do paradigma tradicional de pensamento linear de causa e efeito, pois sabemos que os filhos não têm

influência só dos pais, mas igualmente da rede social: escola, internet, entre outras redes de que participam, de modo que é impossível fazer previsões desse tipo.

Notamos que os familiares dos dependentes estão fixados nesta questão dos limites que apareceram em várias sessões, o que nos remete a pensar em culpa; aprenderam que não podem ser permissivos, e apesar disto, precisam aprender que a influência deles vai até certo ponto, uma vez que

o comportamento do indivíduo depende de muitos outros fatores pessoais e contextuais. O filho tem que ter limite não para o pai e a mãe, e sim para a sociedade, a cultura. Comprovamos que o importante é a maneira como os pais agem no dia-a-dia, como se comunicam com os filhos, como demonstram afeto, quais os exemplos que dão aos filhos, e não o fato da proibição em si.

Em relação aos papéis atribuídos aos membros das famílias, os participantes comentaram suas mudanças no decorrer das sessões em grupo; conseqüentemente, a hierarquia e as alianças vinculadas aos papéis dos familiares também sofreram mudanças.

Pudemos verificar que em algumas famílias não houve a fase de individuação e diferenciação pela qual os jovens adultos passam. Nesta fase, ao deixar a casa dos pais é quando a diferenciação se efetiva, quando o indivíduo aprende a ser autônomo, independentemente da sua família de origem (Cervený, 1997). Nesta fase do ciclo vital as mães demonstraram dificuldade em deixar que os filhos crescessem, ficassem independentes, mostrando uma pequena diferenciação e conseqüente dependência no seu sistema familiar.

Notamos que no decorrer dos grupos, os familiares foram mudando os significados atribuídos aos acontecimentos e às relações, melhorando seu comportamento no sentido de se desapegarem; muitos mostraram um grande apego emocional com os familiares dependentes de drogas, mantendo-os numa posição dependente dos pais. Com isto, puderam compreender que fazem parte do problema, que devem cuidar mais de si mesmos, melhorar sua autoestima, não vivendo a vida dos filhos, parando de se anular diante dos problemas. Essa atitude leva os dependentes a se tornarem mais responsáveis pelos seus atos, mais autônomos e, por conseqüência, mais independentes do sistema familiar.

A terapia em grupo com os familiares dos dependentes mostrou-se muito produtiva, pois ao considerarem que passam pelas mesmas dificuldades e ao se apoiarem, compartilham as experiências vividas, apontando outras alternativas que

se tornam responsáveis para a ressignificação das histórias saturadas de fatores-problema apresentadas por eles: a identificação com os demais, o entrosamento entre eles, a percepção das estratégias usadas por uns e outros, que lhes dão ânimo para enfrentar a situação e os fortalecem. Observamos quanto eles se envolveram entre si e com a pesquisadora, formando um vínculo de confiança e afeto que facilitou a aderência às propostas apresentadas.

Os membros da família passaram a se comunicar fora dos grupos e compareceram à grande maioria das sessões, sendo que do total de doze participantes, estes compareceram à terapia em grupo duas vezes, onze participantes também compareceram duas vezes e dez participantes compareceram quatro vezes.

Notamos ainda que os familiares perceberam quanto significa a comunicação entre eles. No decorrer de três sessões, alguns familiares demonstraram como se comunicavam e como estão mudando a forma de se comunicar: são menos agressivos, ouvem mais uns aos outros, conversam mais com o membro familiar dependente, falam sobre seus sentimentos, não se colocam na posição de vítima e mostram mais afeto entre si.

Devido a isto, pensamos ter conseguido corresponder aos objetivos propostos neste estudo, no sentido de fazer uma terapia familiar em grupo. Constatamos, segundo relatos de familiares dos dependentes, que essa terapia influencia na adesão do dependente ao tratamento, apresentando a ele melhores resultados.

Também foi possível investigar que o envolvimento e a adesão de familiares de dependentes de drogas influenciaram todo o sistema familiar, ou seja, a maioria dos familiares ressignificou suas histórias mudando seu comportamento, e deste modo foi possibilitado um deslocamento do problema do dependente de drogas para as relações familiares.

## BIBLIOGRAFIA

Associação Americana de Psiquiatria. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, DSM. 4. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARRETO, A. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: LCR, 2005.

BERGER, M, Wagner TH, Baker LC. **Internet use and stigmatized illness**. Soc Sci Med. 2005;61:1821-7.

BERTALANFFY, LV. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BRASIL, VR. **A recuperação da pessoa do dependente químico: o impacto de seu processo de mudança na família**. São Paulo: Família e Comunidade, 2004; 1(1):105-24.

\_\_\_\_\_. **Um olhar sistêmico do processo de tratamento da drogadicção na família**. [Mestrado]. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica PUC/SP, São Paulo, 2005.

CAPRA, F. **O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARLSON, BE. **Best practice in the treatment of substance-abusing women in the child welfare system**. Journal of Social Work Practices in the Addictions. 2010;6(3):97-115. DOI: 10.1300/J160v06n03\_08. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1300/J160v06n> Acesso em: 03/08/2010.

CARTER, B, McGoldrick, M e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, CMO. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas: Livro Pleno, 2000.

CERVENY, CMO, BERTHOUD, CME e cols. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 1ª reimpr. da 3ª ed. de 2007. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

COOK, L. **Perceived conflict, sibling position, cut-off, and multigenerational transmission in the family of origin of chemically dependent persons: an**

**application of bowen family systems theory.** Journal of Addictions Nursing. 2007;18:131-40.

COTTENCIN, O, Doutrelugne Y, Goudemand M, Consoli SM. **Addiction and brief-systemic therapy: Working with compulsion.** L'Encéphale. 2009;35:214-9. www.sciencedirect.com.

DENZIN, NK, LINCOLN, YS (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICKERSON, AD, CRASE, SJ. **Parent-Adolescent Relationships: The Influence of Multi-Family Therapy Group on Communication and Closeness.** The American Journal of Family Therapy. 2005;33:45-59.

EDWARDS, G, MARSHALL, EJ, COOK, CC. H. **A síndrome de dependência do álcool.** In: EDWARDS, G, MARSHALL, EJ, Cook CC. H. O tratamento do alcoolismo. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ELKAIM, M. **Panorama das Terapias Familiares.** São Paulo: Summus, 1998.

FALCETO, OG, BUSNELLO, ED, Bozetti MC. **Validação de escalas diagnósticas do funcionamento familiar para utilização em serviços de atenção primária à saúde.** Revista Panamericana de Salud Pública. 2000;7(4). Washington,DC.

FERREIRA, PS, LUIZ, MAV. **Percebendo as facilidades e dificuldades na implantação de serviços abertos em álcool e drogas.** Texto e contexto de Enfermagem. 2004;13:209-16.

FIGLIE, N, FONTES, A, MORAES, E, PAYÁ, R. **Filhos de dependentes químicos com fatores de risco biopsicossociais: necessitam de um olhar especial?** Rev. Psiquiatr. Clin. 2004;31(2).

FLEURY, L. M. **Família e dependência química – uma relação delicada.** [Mestrado] Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica PUC/SP – São Paulo, 2010.

FORTNEY, J, MUKHERJEE, S, CURRAN, G, FORTNEY, S, HAN, X, BOOTH, BM. **Factors associated with perceived stigma for alcohol use and treatment among at-risk drinkers.** Journal of Behavioral Health & Service Research. 2004;31(4): 418-29.

GERGEN, KJ. **Realities and Relationships. Soundings in Social Construction.** Massachusetts, London: Harvard University Un Press, 1994.

GUANAES, C. **A terapia como recurso conversacional: O processo de negociação de sentidos em um grupo ambulatorial de curta duração em saúde mental.** [Doutorado]. Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

\_\_\_\_\_. **A construção da mudança em terapia de grupo: um enfoque construcionista social.** São Paulo: Vetor, 2006.

GUANAES, C, JAPUR, M. **Contribuições da poética social à pesquisa em psicoterapia de grupo.** Estudos de Psicologia. 2008;13(2):119.

GILBERT, MC, BEIDLER, A. E. **Using the narrative approach in groups for chemically dependent mothers.** Social Work With Groups. 2002;24(3):101-15.

GRANDESSO, MA. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Diagnóstico e Terapia Familiar – Considerações a partir de uma epistemologia pós-moderna.** In Payá R. Intercâmbio das Psicoterapias. São Paulo: Roca, 2011.

GUIMARÃES, ABP. **Mulheres dependentes de álcool: levantamento transgeracional do genograma familiar.** [Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo USP/SP, 2009.

HEMFELT, R, MINIRTH F, MÉIER P. **O amor é uma escolha: recuperação para relacionamentos codependentes.** Trad. Claudia Hoelck Lapan. Rio de Janeiro: Grandolfo, 1989.

Jornal do Conselho Federal de Psicologia. **Drogas: usuário precisa de: cuidado, atenção e dignidade.** Ano XXIII, n 102, Out. 2011.

KERR-CORRÊA, F, ROSSINI, MGC, BERGAMO, MLN, LEVY, MB, RIBEIRO, MBS, Fortes SMD. **O hospital dia de Botucatu – UNESP: uma experiência de 12 anos.** Associação Brasileira de Psiquiatria. 1994;16(3):89-93.

KRESTAN, Ja, BEPKOEPKO, C. In: CARTER, B, MCGOLDRICK, M e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LANDAU, J. e GARRET, J. **Invitational Intervention: a step by step guide for clinicians helping families engage resistant substance abusers in treatment.** Rochester: Arise Publications, 2006.

MACEDO, RMS. **Repensando o diagnóstico na Terapia Familiar.** Texto não publicado, 2011.

\_\_\_\_\_. Prefácio, 2000. In: Grandesso MA. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MACRAE, E. In: SEIBEL, SD, Toscano Júnior A. **Dependência de Drogas.** São Paulo: Atheneu, 2000.

MARQUES, ACPR. **O uso do álcool e a evolução do conceito de dependência de álcool e outras drogas e tratamento.** Revista IMESC, 2001;3.

MATOS, MTS, PINTO, FJM, JORGE, MSB. **Grupo de orientação familiar em dependência química: uma avaliação sob a percepção dos familiares participantes.** Revista Bahiana de Saúde Pública. 2008;32:(1):58-71.

MEYER, EM. **The disease called addiction: emerging evidence in a 200- year debate.** The Lancet. 1996;347:162-6.

MILES, MB, HUBERMAN, AM. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook.** 2nd edn., Sage: London & Thousand Oaks, California, 1994.

MILLER, W R, HESTER, RK. **Treatment for alcohol problems: toward an informed eclecticism.** In: MILLER, WR. Handbook of alcoholism treatment approaches- effective alternatives. Allyn & Bacon, 1995.

MILLER, RM, ROLLNICK, S. **The atmosphere of change – the evolution of confrontation.** In: MILLER, RM, ROLLNICK, S. Motivational Interviewing – preparing people to change addictive behavior. New York: Guilford Press, 1991.

MINUCHIN, S, FISHMAN, CS. **Técnicas de terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MUNIA, TPF. **Análise crítica dos grupos de orientação aos familiares dependentes de álcool na UNIAD/UNIFESP (Unidade de álcool e drogas) – uma proposta complementar de tratamento.** Monografia apresentada para a conclusão do curso de especialização em intervenção familiar: Psicoterapia e Orientação Sistêmica. Faculdade de Medicina (FAMERP) de São José do Rio Preto, SP, 2006.

NEALE, J, ALLEN, D, COOMBES, L. **Qualitative research methods within the addictions.** Article first published online: 24 aug 2005, DOI: 10.1111/j.1360-0443.2005.01230.x, 2005.

NEVES, DP. **Alcoholism: indictment or diagnosis?** Reports in Public Health. 2004;20(1):7-14.

NUNES, LM, JOLLUSKIN, G. **O uso de drogas: breve análise histórica e social**, 2007.

OBID – Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas, 2011.

OLIVEIRA, AL. **Irmãos, meio-irmãos, co-irmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento**. [Doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

ORTH, APF. **A dependência química e o funcionamento familiar a luz do pensamento sistêmico**. [Mestrado]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Curso de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2005.

PROSHASKA, JO, Di CLEMENTE, CC. **Toward a comprehensive model of change**. In: Miller WR, Heather N. Treating addictive behaviours. Process Change: New York: Plenum Press, 1986.

PAYÁ, R. Terapia Familiar. In: DIEHL, A, CORDEIRO, DC, LARANJEIRAS, R. e cols. **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PISZEZMAN, MLRM. **Terapia familiar breve: uma nova abordagem terapêutica em instituições**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

POIARES, CA. **Contribuição para uma análise histórica da droga**. In: Toxicodependências, 1999.

PRATTA, EMM, SANTOS, MA. **O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2009;25(2):203-11.

PRIGOGINE, I, STENGERS, I. **Order out of chaos: Man's New Dialogue with Nature**. Nova York: Bantam, 1984.

RASERA, EF, JAPUR, M. **Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo**. São Paulo: Vetor, 2007.

RASERA, EF, GUANAES, C. **Momentos marcantes na construção da mudança em terapia familiar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2010;26(2):315-22.

RIBEIRO, M. **Organização de serviços para o tratamento da dependência do álcool.** Rev. Bras. Psiquiatr. 2004;26:59-62.

RICHARDISON, RJ. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p.207.

RONZANI, TM, ANDRADE, T. **A estigmatização associada ao uso de substâncias como obstáculo a detecção, prevenção e tratamento.** In: Senado (org.) (Ed) Sistema para detecção de uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas. Brasília: Senado, 2006, p.25-32.

RONZANI, TM, HIGGINS-BIDDLE, J, FURTADO, EF. **Stigmatization of alcohol and other drug users by primary care providers in Southeast Brazil.** Soc Sci Med. 2009;69(7):1080-4. Disponível em: [www.elsevier.com/locate/socscimed](http://www.elsevier.com/locate/socscimed) Acesso em: 2009.

SCHENKLER, M, MINAYO, MCS. **A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura.** Cadeira de Saúde Pública. 2004;20(3).

SEIBEL, SD, TOSCANO, Júnior A. **Dependência de Drogas.** São Paulo: Atheneu, 2000.

SILVA, EA. Abordagens Familiares. **Jornal Brasileiro de Dependências Químicas, ABEAD.** 2001;2(1):21-2.

SILVA, EA, FORMIGONI, MLOS. **Escala de avaliação do funcionamento familiar em farmacodependência.** In: GOREINSTEIN, C, ANDRADE, LHSG, ZUARDI, AW. Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia. São Paulo: Lemos, 2000, p. 303-11.

SILVA, JL, MACEDO, RMS, DERNTL, AM, BERGAMI, NBB. **Um estudo das relações interpessoais em famílias com farmacodependentes.** Psicologia em Estudo. 2007;12(1):61-70.

SLUZKI, CE. **A rede social na prática sistêmica. Alternativas terapêuticas.** 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

STANTON, MD, TODD, TY e cols. **Terapia familiar del abuso y adicción a las drogas.** Barcelona: Gedisa, 1990.

STANTON, MD. **Getting reluctant substance abusers to engage in treatment/self-help: a review of outcomes and clinical options.** J Marital Fam Ther. 2004 Apr;30(2):165-82.

STIERLING, H, WEBER, G, SCHMIDT, G, SIMON, FB. **Features of families with major affective disorders.** Fam Process. 1986;25(3)325-36.

SUDBRACK, MFO. **Terapia familiar sistêmica.** In: SEIBEL, SD, TOSCANO, J. A. Dependência de Drogas. São Paulo: Atheneu, 2000.

VASCONCELOS, MJE. **Terapia familiar sistêmica: bases cibernéticas.** Campinas: Psy, 1995.

World Health Organization. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

## ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DAS SESSÕES EM GRUPO

### Primeira sessão: 05/09/2011

**Entrevistadora:** Gente, hoje com é o primeiro dia e como passou um pouco do horário, porque... devido a toda essa apresentação que foi feita e organização do ambulatório, a gente vai ter uma hora só, né, e hoje é assim, é mais pra gente estar se conhecendo. Eu acho que eu já falei um pouquinho de mim e se vocês quiserem fazer alguma pergunta, vocês fiquem à vontade e eu queria conhecer um pouquinho de cada um de vocês, né? Porque a gente vai estar junto aqui durante 08 semanas fazendo trabalhos... Esse grupo vai permanecer durante 08 semanas, toda terça-feira, às oito horas aqui e... com duração de duas horas e intervalo de quinze minutos e, como eu já disse, tem toda uma ética de sigilo, tudo que fala aqui, fica aqui e... Alguém tem alguma pergunta para fazer, sobre mim, alguma curiosidade?

Eu quero saber. É às oito horas? Porque sempre era às sete e meia! Mudou?

Eu não sabia que era às sete e meia, que eu saiba é às oito.

*Várias pessoas ao mesmo tempo.*

Na verdade, eles falam para chegar às sete e meia, para chegar meia hora antes, mas sempre começa às oito horas.

É! Porque eu acho que é mais pra organizar, mas é oito horas.

**Entrevistadora:** É... é oito horas e eu peço que vocês cheguem no horário pra gente ter tempo, porque depois das 10 não dá mais pra segurar vocês, não é? Vocês vão me bater... porque dez horas da noite... pelo amor de Deus!!! Mas... é isso. Mais alguma pergunta? Eu queria falar para vocês que eu queria muito que isso fosse uma troca, sabe? Eu gosto de... eu acho que é legal quando é de igual pra igual. Não é porque eu estou aqui, que eu tenho uma especialização, uma dissertação, que eu sou melhor do que vocês, e nem que vocês são familiares de dependentes que vocês são piores que eu. Eu acho que todos nós somos iguais e estamos aqui para aprender e para construir juntos um clima da nossa troca aqui, da nossa experiência. Essas duas associações, vão ter algumas delas que eu vou estar falando um pouquinho pra vocês sobre “instrução”, nos termos de o que é a dependência, como lidar... Em termos de dar um pouquinho de dados pra vocês sobre a dependência. Mas o resto vai ser grupão mesmo, pra gente trabalhar a família de vocês, pra gente dar um acolhimento pra vocês, familiares, também, e

também a família inteira tá doente, né? A partir do momento que tem um dependente na família doente, a gente vê que a família inteira tá doente, e como fazer pra cada um se ajudar, e principalmente o dependente que é o “sintoma”, que a gente fala, né. Quem tá usando a droga é o que tá sofrendo mais, é, ele apresentou esse sintoma com o uso da droga. Mas os outros também têm outros sintomas que eles não conseguiram colocar para fora, né. Então qual a responsabilidade de cada um de vocês dentro disso. Então, eu gostaria de saber quem quer começar... Quer começar? Eu vi que você se emocionou, se você quiser começar a falar um pouquinho de você...

Eu? Da vida ou da minha pessoa?

**Entrevistadora:** De você. Primeiro de você...

Sou a Rose, sou a mãe do Vitor...

**Entrevistadora:** Quantos anos você tem, Rose?

Eu tenho 49 anos.

**Entrevistadora:** É casada?

Sou casada.

**Entrevistadora:** Tem mais filhos?

Não, só tenho o Vitor, ele tem 25 anos. E... eu não sei, eu acho que eu posso me questionar, eu acho que foi meu erro. Eu também tenho um pouco de culpa. Porque dizem que quem entra nas drogas é porque não tem amor, não tem carinho, não tem dinheiro... Meu filho tinha tudo isso aí. Amado demais! Não veio por acaso, não foi uma gravidez indesejada, foi realmente porque eu quis, tanto é que eu tive só ele. A partir do momento que ele começou a mexer na minha barriga, cada mexida que ele dava eu sentia e curtia ele, inclusive meu marido.

**Entrevistadora:** Você tem profissão?

Tenho

**Entrevistadora:** O que, que você faz?

Eu era professora, agora eu sou comerciante.

Você tem uma loja?

Tenho uma loja.

Do que?

Tenho uma fábrica de mesas de bilhar, de jogos, ali na Avenida do Carrefour XXX. Meu filho trabalha comigo, XXX, tem uma estrutura familiar... O meu marido não é o pai dele, não sei se é isso, se tem alguma coisa a ver...

**Entrevistadora:** O pai dele, você separou há muito tempo?

É... Eu fui casada... É para contar, não é?

É!

Então não tem nada do que esconder...

**Entrevistadora:** Não gente, fiquem a vontade. O máximo que vocês conseguem ficar a vontade...

Eu fui casada. Se eu fosse casada a primeira vez, era agora, ia fazer 29 anos que eu era casada. Desde o meu casamento, casada no papel, na Igreja, de noiva, eu não tive nenhum filho. Aí, eu me separei do meu marido, eu conheci o pai do Vitor. Saí com ele, e logo em seguida o que eu tanto queria era ter um filho. O meu primeiro marido, as duas vezes que eu fiquei grávida, eu perdi. Aí, eu me engravidei, tive o Vitor. Só que quando eu estava grávida de três meses, minha mãe não aceitava esse relacionamento. Minha mãe tem 70 anos de casado, na época que aconteceu isso foi 65. Eu quase matei a minha mãe, porque minha mãe não aceitava isso aí, de eu ter largado do meu marido e engravidado dessa pessoa. Aí, nesse tempo que eu estava grávida eu não vi o pai do Vitor, entendeu? Aí depois o Vitor nasceu, é uma história... Ai a gente se encontrava que nem adolescente: escondido na minha mãe. Mas o Vitor foi sempre muito amado, desejado.

**Entrevistadora:** E acabou que vocês não ficaram juntos? Não deu certo?

Não!

**Entrevistadora:** E aí você conheceu o seu marido atual?

É. Nós somos bons amigos, eu e o pai do Vitor, tanto é que ele foi até a clínica para levar o Vitor. Ele conhece o... Como é que chama o marido da...?

O Lucas?

O Lucas! Ele conhece o Lucas e agora já faz 17 anos que eu tenho esse meu marido. Sou casada com ele também, que eu me divorciei, casei com ele. Só que eu não tenho nenhum filho desse casamento meu. Só tenho o Vitor. E o Vitor tem uma filhinha de 4 anos que é a minha princesa também.

**Entrevistadora:** E o Vitor é casado?

Ele teve um relacionamento. Com 19 anos ele foi morar com a mãe da Amanda. Aí depois de quatro meses, eles estavam morando junto, ela ficou brava e teve a Amanda. Só que ele não está junto com a Luana.

É neta?

É... Na neta.

Aí, ele ficou um tempo sem ninguém. Conheceu uma outra moça que, tenho certeza que ela que afundou ele para as drogas.

**Entrevistadora:** E ele foi internado há pouco tempo?

Faz 15 dias hoje.

**Entrevistadora:** E está muito difícil para você?

Tá... No caso, eu cheguei hoje aqui, assim... tem horas que você está bem e de repente bate... É difícil...

**Entrevistadora:** Gente... Quem está aqui há mais tempo, tem mais experiência, gostaria de dar algum retorno para a Rose?

Eu tenho falado para ela. No começo é difícil, né? Até ela ver agora pela primeira vez, porque ela internou, ela não viu, né? Ela só tem notícia, que ela não vê nada. Mas a hora que ela ver pessoalmente, com os olhos dela, que ele está bem, aí ela vai ficar mais tranqüila, né. Porque é o desejo dela. É o que eu falei pra ela: se ela for ver ele, ela não pode chorar, ela não pode ficar assim porque ela vai desestruturar ele todinho. Porque ela vai embora, a luz dele sai, né. Então ela tem que ser forte. E ela ficando aqui no grupo com a gente também, ela vai aprender a ser forte. No começo é difícil mesmo pra gente, que como ela vai deixar ele lá, é um filho só também, como eu também que é um filho único né, daí é difícil. Mas, eu falei pra ela, depois ela vai se fortalecendo cada dia mais, aí ela vai ficar tranqüila.

**Entrevistadora:** Mais algum retorno? Vocês que estão aí há mais tempo, ou mesmo quem tá chegando agora, tem alguma coisa pra contar pra Rose?

Então... Foi mais ou menos a mesma coisa que ela falou. O meu foi internado na "SOL", ficou seis meses lá. Aí depois que veio de lá teve várias recaídas, né. E eu... Como você chama mesmo?

Deisy.

Eu tive assim, recaído com ele. Ele XXX me ajudado, a clínica SOL me ajudou muito, meus meninos, Vanessa, Lucas. Olha, eu tive um apoio muito grande quando meu filho recaiu, porque eu achava que ele tava formado, né. Mas o começo foi difícil, foi como você, porque meu filho usou por 17 anos, ele tem 32 anos. E eu sempre me perguntava: "Aonde nós erramos?" Eu e meu marido. Porque eu fui casada 37 anos com a mesma pessoa, um pai amigo, um pai presente, também rígido nas horas que precisava. Tenho dois filhos: um casado, né, dois netinhos e tenho o Celso que é solteiro. Hoje ele está na Canaã.

**Entrevistadora:** Que é outra comunidade?

Que é outra comunidade. Porque quando ele resolveu se internar de novo, ele teve problema lá na SOL, com uma pessoa que fez a internação, XXX, aí ele acabou indo pra Canaã, que eu não sei se você conhece os donos de lá, também foram ex-dependentes, foram internos da SOL, né, XXX. Mas foi muito difícil, porque você tem um filho dependente clínico, lidar com ele 17 anos, chegou agora no final, de um ano e meio mais ou menos pra cá, aí depois que meu marido se foi, aí piorou, entendeu.

**Entrevistadora:** Seu marido faleceu?

Faleceu. Começou a adoecer, faleceu. Aí eu perdi, sabe, toda a minha estrutura, que eu quase já não tinha. Aí eu cheguei a conclusão assim: procurei amigos, o apoio da SOL, apoio de psicólogos, Vanessa, Lucas, Seu Domingos... Chegou ao ponto de eu colocar... Eu não queria... De colocar limite. Ele não aceitava os limites. Igual assim: meu filho ele ia, ficava uma semana porque ele gosta da rua, da noite, porque tem dependente que não, né? Vai e volta, vai e volta. XXX, cinco dias, dez na rua, às vezes sem dar notícias. Na luta! Entendeu? Meu marido, os últimos dias de saúde do meu marido, meu marido passou a noite na zona atrás dele. Entendeu?

**Entrevistadora:** Como a senhora chama?

Deise.

Então... Aí, o que que eu fiz? Eu fui procurar ajuda! E foi do grupo, eu tava no XXX, daí depois eu passei pra cá. E foi aqui que eu encontrei com os amigos, com o pessoal da SOL forças para cada mais impor regras pro meu filho. Cada vez que ele voltava, eu falava que dá próxima, porque eu também fui muito facilitadora: vai e vem, vai e vem, vai e vem...

**Entrevistadora:** Você começou a perceber um pouquinho o quanto você facilitava pro comportamento dele continuar daquela forma?

Daquela forma. Até que chegou um dia, eu falei... bom... Foi dez dias antes do natal. E ele falou que queria procurar emprego. Eu falei: "Não, você não vai procurar emprego, você não tá precisando trabalhar. Tá precisando ficar aqui! E você então, perto do natal e do ano novo XXX. Você quer ir agora?" "Não, vou passar o ano novo e o natal aqui com vocês." "Tudo bem..." Aí era no outro domingo, aí eu falei: "Se você sair hoje de casa, se for passar o natal e o ano novo na rua, aí eu não te quero mais. Você sabe já todos os teus processos de saber onde procurar se internar. Você não precisa nem de mim mais! De se internar... Você tem que ir com as suas próprias pernas onde procurar. XXX, na segunda feira eu levantei de

manhã, ele não estava. Já tinha acabado. Aí, foi o que aconteceu, resumindo: ele passou o natal e ano novo na rua, ligando, pedindo comida, “pelo amor de deus, deixa eu entrar, beber, comer, quero dormir, to cansado, to morrendo...” Eu falei: “Não... Aqui não tem mais!” Agora você imagina de eu fazer isso, né... Eu estando com a mesa, aquelas de família, farta, e meu filho lá fora com fome. Mas eu não deixei... Se eu estou certa ou se eu estou errada, Deus é quem sabe, todos os dias eu converso com Deus, me fala, eu vou acertar um dia lá em cima. Mas foi a atitude que eu tomei! E pra mim tomar essa atitude foi XXX na Igreja, procurando apoio, meus amigos me indicando a SOL, eu fui lá várias vezes também... Aí no dia 2 de Janeiro ele ligou pro irmão dizendo que queria internar. XXX

**Entrevistadora:** Você está muito forte?!

Ai, eu to! Eu to... Sabe e assim, não sei se alguém tem alguma crítica, alguém tem o que criticar, mas a minha posição é essa: ou ele, eu acho que por obrigação e por determinação e atitude, ele tem que se libertar desse vício. Se ele não se libertar, ele vai continuar morador de rua. Porque eu preciso viver! Eu não quero morrer agora por causa dele. Porque eu conheço um caso que a mãe morreu XXX. Eu não quero isso pra mim! Eu quero assim: XXX. Mas, não por ele. Ele tem que se libertar das atitudes dele, né? E eu to pondo regras e limites. XXX. Pelo menos é o que eu pretendo, é o que eu penso hoje. É o que eu determino hoje pra minha vida, e passo pra ele todas as vezes que eu vou visitar.

O seu trabalho, sozinho. Eu não vou te ajudar mais! Tá bom? Dois carros, XXX, perdeu um carro, perda total. Depois comprei outro. não vi mais. Começar do zero, e é isso que ela tá falando. Porque eu também... limites... Vai ser duro pra mim? Vai, mas eu vou ter que fazer isso! Por limites...

O teu limite... chegou várias vezes pra mim e falava: “Neide, o Celso, é meu filho, meu filho tem várias... se você olhar o sorriso dele, ele é uma benção. Mas isso não vem ao caso.” XXX fala pra mim: “O Celso usa crack. E sua droga de consumo é o Celso.” Porque era! Então, principalmente depois que meu marido faleceu. Eu vivia... Eu falava pra ele “Só falta XXX”.

*Várias pessoas ao mesmo tempo*

É...

Porque o resto eu já fiz tudo. Então, não sei...

É complicado.

Sabe? A única atitude pra ele ir pra uma clínica foi essa: foi XXX, ou pra rua. To certa? XXX. E eu também to!

**Entrevistadora:** Você é muito forte. Você continua fazendo terapia?

Eu continuo!

**Entrevistadora:** Com terapia é outra coisa, né?!

O meu já terminou o tratamento na SOL.

**Entrevistadora:** Me diz, você é Vilma?

Vilma... Faz um ano e três meses.

**Entrevistadora:** Ele é seu marido?

É meu marido. Mas ele já tem o tratamento na SOL. Passei oito meses, ficou seis meses na XXX, depois saiu, trabalho três meses aqui em um emprego, saiu e agora tá fazendo um curso iniciante de mergulhador.

**Entrevistadora:** O quê?

Mergulhador.

**Entrevistadora:** Ahm...

Ele quer aprender isso, pra depois ele fazer o curso XXX. Ele está lá uma vez por semana, então espero que esteja bem, né? Porque a gente quer que ele esteja logo bem né. Pra ninguém recair por lá.

Vocês ficaram todo esse tempo, e vocês continuam em tratamento?

Continuamos.

**Entrevistadora:** Muito bem... Isso é muito difícil, né. A família XXX

Ele faltou umas duas vezes só. Ele hoje animou, ele falou "To indo XXX!". A gente mora a 60 km daqui, né. Valeria também é de lá, né. Mas a gente ta tranquilo. A gente só tem que saber se ele tá bem, né? E que lá é um lugar que ele vai se libertar. XXX.

É...

Pra gente confiar, né. Porque XXX.

(Risos)

**Entrevistadora:** Muito bem... E o senhor, marido dela, como o senhor chama?

Luis.

**Entrevistadora:** Luis?

Então, é...

**Entrevistadora:** Me fala um pouquinho de você... O senhor é XXX?

Não, eu sou aposentado. Trabalhei em Furnas, 25 anos. Hoje eu não trabalho, eu era aposentado, trabalho em instalação elétrica de residências também. E XXX. Onde nós erramos. Entendeu? Eu nunca pensei assim, ó... que eu sou culpado, certo?. Mas tem um porém: o filho quando entra na droga, você passa a ser doente, passa a ficar doente ou dependente, né? Meu filho, que é o Adir, ele é um transtorno na vida da gente, né. A gente vai chegando num ponto... Se a gente não tiver um grupo de apoio, a gente não tem pra onde correr. Porque você não dorme direito, ele tá pra rua... Você... passa pela cabeça: “Onde que ele tá?” Entendeu? XXX aquele desespero, né. Então a gente, eu e a minha esposa, mesmo depois que meu filho terminou o tratamento, falei com ela: “Nós vamos continuar...” Entendeu? Inclusive a gente tá fortalecendo e passando coisas pras outras pessoas aqui que tão chegando, isso a gente faz muito. Entendeu? A gente tá fazendo muito isso aí. A gente já tem aquela experiência, né, que já passou mais por isso aí. E não é que a gente ainda tá tranqüilo não, entendeu? Mas você tá mais, né, mais preparado. E graças ao Deus, pela primeira vez que ele internou, né. Que ele ficou lá, no tratamento dele seis meses, depois ficou mais dois meses. E nunca teve uma recaída! E quando ele chegou na cidade lá, os que ficam e que eram amigos dele, chegou a oferecer pra ele. Aí, que ele fez? Ele falou, ó: “Minha vida...” Ele até tem o apelido de “Bitu”, né. Chama Eder. Falou: “Ô, Bitu...!” “Não, eu não sou o Bitu. Bitu já era! Eu sou o Eder hoje! Sou o Eder!” Entendeu? “Então minha vida agora é completamente diferente. Eu comecei minha vida agora de novo...” Então ele tá com a cabeça assim, tá tranqüilo. Entendeu? E ele dá muito conselho pros amigos dele lá, tal. Não é que ele deixou, tinha amigo dele que ele saía pra noitada, que ele deixou de falar: “Não! Você fica pra lá que eu fico pra cá! Não...” Se o cara chamou, ele falou: “Não... Eu não to nessa mais, eu quero que você saia dessa!” Então, é isso aí... A gente pretende ainda continuar mantendo o grupo. Pra ajudar outras pessoas também, a gente vê a senhora chegando do jeito que ela chegou, e foram várias pessoas chegando, né, várias pessoas. Mas não pode desanimar não! Tem umas que chegavam aqui, vinham uma ou duas vezes, depois iam embora. Ficavam um tempão, aí apareciam de novo e tal... Não vou culpar eles não. Eles entraram nisso aí, pra sair é a coisa mais difícil! Tem que partir da pessoa: se ele quiser internar, se ele quiser recuperar, tem que partir dele! Claro que a família vai dar um apoio, mas só que não é a família, nem eu, nem ninguém vai fazer ele parar não... Vai não! Então quando, o marido, né, o marido da Valeria ali ó, a gente era muito

amigo dele, a gente conversou muito com ele. Hoje ele tá internado na SOL. Graças a Deus ele tá bem. Vai pra quatro meses? Vai né?

É...

Graças a Deus que ele tá bem! XXX. Então estamos aqui para ajudar as pessoas, né?

**Entrevistadora:** E também pra se ajudar, né?

É... Também, claro! É uma troca!

XXX. Porque a gente não sabe o dia de amanhã.

Agora vou falar assim, ó: “Não adianta, não tem jeito!” Não é isso, também não XXX. Também não pode facilitar muito, também não! O negócio tem que ser... Que nem, meu filho era o seguinte: tinha o carro, tinha o dinheirinho dele... O que eu cortei? Cortei o carro. “Ah, não faz isso comigo não!” XXX. “Não, o carro é seu” “O carro é seu. Não vai pegar...” Ele ficou quase uns três anos sem pegar carro. Depois que ele recuperou, aí voltei o carro pra ele, aí ele renovou a carteira dele, que tava vencida. Eu tive confiança! Porque eu não tinha confiança de deixar o carro. Deixava o carro, uma vez ele acabou lá uma Paraty novinha, capotou, perda total. O outro carro, comprei um carro da Renault, tá, me arreventou duas rodas do carro. Então é aquele negócio, falei: eu vou me dedicar? Ele vai se matar aí, vai acabar se matando. Aí, cortei o carro. Cortei o carro, depois eu cortei o dinheiro. Aí, começou a pedir! Ele falava assim “Ó... Me empresta dinheiro aí, depois o meu pai te paga!” Um dia um colega meu chegou em mim, falou: “Ó... Emprestei 20 reais pro Éder”. Eu falei: “Ó... Não faz mais isso não. Quando ele chegar na tua casa te pedir dinheiro, não dá não... Porque ele usa esse dinheiro pra comprar droga...” Entendeu? “Só você, que eu te conheço...” Eu falei: “Não, não faz isso não...” Falei pra ele. Ele falou: “Ah... Tudo bem...”. A hora que ele viu que eu cortei o dinheiro dele, que o negócio começou a ficar feio pro lado dele. Falou: “Ih... Eu vou ter que pedir dinheiro. XXX” Pegou certas coisas minhas, ferramentas lá minha, e vendeu. Entendeu? Pegou cinco, dez reais, ferramenta que valia 500 reais, pegou cinco, dez reais... Que é o consumo da droga, né? Mas aí, ele chegou, conversou comigo e a mãe e falou: “Ó... A partir de hoje, me dá apoio que eu quero sair disso aí!”

**Entrevistadora:** Ele pediu ajuda...

Pediu ajuda! A partir do momento que ele falou aquilo ali, aí a gente falou: “Vamos te ajudar!”. Então graças a Deus XXX.

**Entrevistadora:** Quer se apresentar, é Valeria, né?

É... Meu nome é Valeria, XXX, duas filhas, uma de treze e outra de dezesseis. Meu marido chama XXX, tá lá na comunidade. Graças a Deus cheguei aqui também. É o que eu falo, não deixa de vim! Porque foi aqui que eu XXX, porque não é fácil! Ele foi falando que ele ia ficar só três meses. Hoje tá fazendo três meses e oito dias. Ele não quer sair de lá, tá super feliz! Ele até, assim, é, hoje mesmo ele foi levar um moço pro hospital...

**Entrevistadora:** Fala Valéria, desculpa.

Eu tive que acompanhar um interno até o hospital né, e eles já fazem isso pra ver se já tá com alguma responsabilidade né, e o primeiro e o segundo mês foi muito difícil.

**Entrevistadora:** Gente! Ouve aqui a Valéria, por favor.

Foi isso. O primeiro e o segundo mês ele tava, que ele não ia ficar, que ele não tava aguentando mais, sabe? Agora já não. Ele fala, que ele quer ficar, que ele tem muito o que aprender, sabe? Então, nossa, eu to muito feliz. Só que assim, eu acho que sossegada a gente não vai ficar mais pro resto da vida... Sei lá... Porque o crack é difícil mesmo, né?

**Entrevistadora:** É uma doença, né gente...

É!

É uma doença. E não tem cura. Então sempre tem que tá olhando, sempre vai ter que se cuidar...

Eu acho que a gente tem que continuar mesmo depois que ele sair, continuar incentivando eles, porque sozinho eles nos consomem, né? Mas é isso... O que eu tenho que falar é que, pra gente não se desanimar, porque eles estão no lugar certo lá, e a gente no lugar certo aqui, né.

**Entrevistadora:** Você trabalha?

Eu sou doméstica.

**Entrevistadora:** E as suas filhas? Você tem duas filhas adolescentes, né?

É.

**Entrevistadora:** E elas? Elas não querem vim?

Ai... Não dá certo! Por causa do horário, sabe? Porque a gente mora aqui, então uma estuda a noite, e a outra, eu venho mais cedo XXX, estuda a tarde. A mais nova já veio, duas vezes. É complicado... Por causa do horário, né? Mas foi muito difícil, por causa, né, que elas eram muito apegadas ao pai. Muito! Foi, nossa, foi muito triste. Só que agora assim, to muito feliz porque ele tá lá e tá gostando

agora. Porque eu ficava morrendo de medo, né. Ele ficou lá as primeiras semanas, nossa, eu ficava em pânico, né.

Nossa, eu ficava morrendo de medo dele vir embora, né? Mas isso é só o começo mesmo. Eles vão, vai chegar lá, ele vai falar que não está gostando, que quer ir embora... Agora, eu já tava assim com ele: “Olha... Eu to com você enquanto você estiver aqui! Se você falar que você quer ir embora não conta comigo mais!” Porque o que eu pude fazer enquanto ele tava na rua, o que a gente podia ajudar, eu fiz! To fazendo ainda... Eu falei “Se você sair pra isso...” Porque eu falo assim: se ele sair, ele continuar os passos fora, tal, não sei o que... Acho melhor você ficar uns três meses, porque se caso acontecer de você sair, a gente vai desculpar essa, entendeu? XXX. Mas é isso aí... Né... Vou falar, nossa, foi muito bom! Ai, foi o melhor apoio XXX.

**Entrevistadora:** E você tá se cuidando, né Valeria?

To! Nossa, eu cheguei aqui... Péssima!

XXX, né?

(Risos)

Porque, nossa... A gente XXX. Não vivia! Ficamos com medo, não dormia... Ficava com medo, que às vezes... Ele nunca me bateu! Só que as vezes ele chegava nervoso, batendo a porta. Quando eu escutava o portão fechar, nossa! Já entrava um pânico... Eu e as minhas filhas, sabe? Outro dia eu tava assistindo televisão com a minha filha deitada no chão. E a mais velha chegou e bateu o portão. Nossa, ela deu um pulo! Acho que ela até esqueceu que o pai dela que tava internado. Ela falou: “Nossa senhora, achei que era meu pai”. Sabe?

A polícia, né

Nossa, Deus me livre, é um trauma de telefone total! O telefone tocou, eu penso no meu marido XXX ou o Vitor bateu o carro, alguma coisa o Vitor aprontou.

A esse ponto ele não chegou mas era um tal de bater carro. XXX essa moça... Eu não entendo como o Vitor chegou, mas... de não ir trabalhar, de dormir o dia inteiro... A noite ele saía, e depois ficava o dia inteiro dormindo. Vamos trabalhar Vitor! Meu marido XXX... tinha que trabalhar. Ah... já, já eu to indo... e dormia, dormia o dia inteiro!

Sem responsabilidade nenhuma...

Sem. Tinha uma vida, ele era tudo assim, sabia, certinho o que ele devia, tinha, super responsável. De um ano e meio pra cá, que ele conheceu a outra moça,

foi aí que eu comecei a me alertar mais. Ele tinha dinheiro guardado, o dinheirinho dele, tinha as coisas dele... Ele começou a acabar o dinheiro: “Ah, mãe, acabou!” “Mas Vitor, e a sua locação?” “Caiu!” “Ai, mãe... Me trás 50 reais!” “Ai, mãe. Me empresta o dinheiro do aluguel!” Nunca mais meu Vitor tinha dinheiro. Entendeu? Aí, eu comecei também a me alertar.

**Entrevistadora:** Porque ele não morava com você? Ele morava com a namorada?

É! Aí ele ficou um tempo morando sozinho, depois que ele largou da mãe da menininha dele, e agora fazia quatro meses que ele tava a morar com essa moça que ele arrumou há uns três anos.

**Entrevistadora:** E ela é usuária?

Eu tenho mais que certeza que sim. Eu não posso falar... Ela nega, ela pula da cadeira. Falei que eu ia fazer um anti-dopping nela, ela pulou da cadeira e falou que eu era uma louca, uma desequilibrada.

Eu tenho exame de urina, viu gente? Se alguém quiser. Eu sei onde tem.

Exame de urina.

Pela urina faz? Me falaram isso um dia...

Ele trabalha há muito tempo aqui, ele vende exame, né. Ele pega pra ele e aí ele vende pros familiares. Pra facilitar, né.

Ah, ta! Então, mas daí o Vitor, brigaram, depois de um mês que ele estava longe de mim. Eles estavam lá em Marília numa festa e brigaram, aí ela arrancou a chave do carro dele, deixou ele a pé. Ele veio de ônibus. Ele ligou pro meu pai, pro meu pai buscar ele. Aí meu pai foi buscar ele. Nós não deixamos mais ele voltar pro apartamento. Eu tinha medo de um matar o outro lá dentro, sabia? Aí ele ficou dez dias lá na outra casa dos meus pais. Aí, ele teve uma crise lá. Aí, ele saiu um dia a noite, pego o carro do meu pai, saiu. Chegou era oito horas da manhã. Minha mãe ligou: “Filha, o Vitor não ta! Ele saiu pra rua. XXX na televisão, Vitor. A coisa mais triste do mundo.” Minha mãe falava: “Filha, ele não para de falar, ele sentou aqui, ele vai pra rua, ele volta...”. Acho que tava tendo o efeito. Não sei como é que é... É assim?

É.

Sábado antes, ele apareceu oito horas na minha casa, falando que um homem querendo matar ele. Era o pai dele. Ele já tava, acho que ele entrou num estado...

Alucinando...

É. Que eu e a Amanda, a menininha dele: “Mãe, não abre essa porta!”

O Vitor eu não sei aonde ele está, ele está viajando.

Aham...

Ele é arrogante, prepotente, não aceita que é usuário... É, uma mulher tanto constrói como destrói o Vitor, agora a mãe desse bebê está lá com a minha mãe esperando o Vitor, ela vai voltar com o Vitor e vai fazer XXX

Se isso cabe a ele, né?

Cabe a ele

Se isso cabe a você, ficar forte, se cuidar...

Então trás ela..

A Amandinha, a Amandinha não vai agüentar ficar XXX.

Não, não, e nem vai.

Ele tá prestando atenção.

É, mas ele tá morrendo de sono também já, não tá, filhão? Olha, mas é isso que eu me pergunto ali, onde eu errei, é isso que eu pergunto ali..., então, quando vem esse pensamento, vêm uma sensação muito horrível pra mim... Dói, é uma dor, uma dor... Eu vejo um moço, meu filho é um moço lindo! Não é a beleza, to falando o que a gente sente, fala “Pra que o Vitor fez isso? Tem tudo pra ser feliz...”

**Entrevistadora:** Mas é, não é sua culpa, né... Você pode perguntar qual foi a minha responsabilidade. A culpa, ela traz muita dor junto com ela, né? Certo. Então, é responsabilidade. Você pode ter certeza que você fez o melhor que você podia naquele momento. A gente sofre até ele fazer o que a gente aprendeu e o que nos foi ensinado. A gente não consegue fazer nada além daquilo, então você fez o seu melhor, né... Ficar na culpa, eu acho que vocês que estão mais já, assim, no tratamento há mais tempo, né, pode estar falando um pouquinho mais disso, né...

Você acha?

Eu perdi uma menina com dois anos, tava com câncer, e perdi um que vai fazer 11 anos, ele estava estudando em Lins, fazia fisioterapia, no quarto ano.

**Entrevistadora:** Ele morreu de que?

Morreu de acidente de carro, né?

Porque quando XXX, doze anos. A gente achava que era maconha, mas eu não fiz o tratamento, né. Fui até XXX o fundo do poço e ele pediu...

Que nem meu filho...

Só que eu fiquei até o final do ano esperando vaga, porque eu não sabia que existia a SOL. E a psicóloga lá, que eu acho super errado, que que eles fazem lá: “Ah... Semana que vem você vai internar!” Que que ele fazia? Se enfiava nas drogas, porque era a última semana. Aí chegava na semana, não internava. “Não, na outra semana vai internar”. XXX, ele se enfiava mais nas drogas.

XXX? “Ah, na semana...”, assim, depois passou mais quatro meses. Foi aonde ele falou, que ele afundou foi lá. Porque falaram que ele ia XXX na semana. XXX. Aí quando eu disse que ele tinha sido operado no ombro, né, XXX no meio do braço, que ele fez uma cirurgia, e o pastor da Igreja daqui XXX, era amigo presente perguntou como eu estava. “Ah, to bem”. Aí, ele perguntou do menino. Aí, eu falei com ele, que ele tava mexendo com drogas, tal. Que ele não sabia. Que era muita pena, que a gente é, nosso amigo, a gente mora aqui perto. Aí, ele falou que tinha a SOL, tal... Aí ele procurou o telefone pra passar pra mim. Aí, ele passou o telefone, eu liguei, marquei com XXX. Foi através disso que a gente entrou XXX.

Mas primeiro foi lá e conversou com ele, né?

É! O primeiro foi em casa ao invés de XXX, perguntou se ele não devia dinheiro pra traficante, se realmente ele queria mesmo isso e até era mês de dezembro, ele falou ó: “Se eu não fiz mal pra você XXX, até dia 24 você vai?” “Eu vou!” Nós levamos ele no dia 28 de dezembro, porque no dia 24 aqui ele veio fazer festa a família XXX vê isso. Como a gente, se fosse internar, nós não poderia participar, eu falei “Vai ficar meio estranho, coitado”. Interna amanhã, a família não pode ir, todo mundo com família! Ai nós internamos no dia 28, que aí ele tinha a festa só com eles, né. Só com as interna, mas ele chorou um monte, coitado né? A festa inteira, né! Porque a vida que ele tinha, né! E pra o lugar que ele foi. Mas graças a Deus ele ta com a cabeça de sair, né! Espero que esteja, né! E que Deus XXX cada vez mais, né! Porque recaída a gente tava, né...

**Entrevistadora:** Bom gente... Quem mais quer completar?

XXX eu posso ainda, apesar de tudo isso que eu to passando, sentindo privilegiada, porque a partir do momento que meu filho pediu ajuda, eu encontrei seguida a clínica por intermédio do pai dele, conhece o Lucas e meu irmão também conhecido XXX. Aí, a gente já conseguiu... vim aqui na triagem, aconteceu isso com o Vitor numa quinta-feira. Na sexta, já vim aqui na triagem. Na terça-feira meu filho já tava... era dia da internação. Aí falaram que era na terça e na quinta, nessa terça dia primeiro de março, ele ficou o dia inteirinho enrolando “Não mãe, não!” Falou pra

mim, eu falei “Vamos, filho! Suas coisa tão tudo aqui, eu comprei...” “Não, pode deixar que eu arrumo lá na minha mãe”. Aí, eu fui trabalhar e falei “Ó João Victor, XXX” E falei “eu vou lá quinta-feira, pode deixar que quinta-feira eu não atraso XXX.” Aí, o pai dele me ligou 4 horas da tarde lá no meu serviço e falou assim, “ Rose, se o Vitor não for internado hoje, ele vai perde a vaga dele e o Lucas acabou de me ligar. Aí, eu falei pra ele: “Ó...” Ele só tá ouvindo por quê? XXX. Aí, o pai dele foi lá, conversou... Aí, ele ligou pra mim: “Você me leva lá, mãe? Que o meu pai falou pra você me levar...” Foi tudo correndo, pus tudo na mala correndo, XXX, lençol... Tudo correndo! Mas eu acho ainda, que Deus é muito maravilhoso pra mim. Que assim que ele pediu, eu fiquei como o Erick, esperando...

**Entrevistadora:** Mas já mudou seu discurso, né Rose? Já tá mais forte, né?

(Risos)

Segurança. Você já tá começando a agradecer primeiro. Entende? Você já tá se fortalecendo...

Você tem clínica médica, né? Que eu quero fazer terapia. E é assim, um negócio muito estranho que acontece: na mesma hora que você se sente assim, de repente eu vejo meu filho na minha frente, eu vejo um moço na rua... Pra quê? Muito complicado...

Aí, você se sente fraca de novo...

Mas toda a hora eu agradeço a Deus. Porque todo mundo fala pra mim: “Rose, ainda bem que ele pediu ajuda em tempo, é tempo, porque ele está lá numa prisão ou morrer de bobeira...”

**Entrevistadora:** Gente, quem mais tem que se apresentar? Que hoje nosso tempo é curto...

Meu nome é Anderson, tenho 19 anos. Sou filho do Milton, agora ele é da SOL. E pra mim, essas reuniões aqui tá sendo a melhor coisa, pelo menos pra me estruturar também. Porque eu me sentia muito culpado, porque eu tenho minha mãe, ela é uma pessoa não muito vivida, sempre foi muito caseira. É até hoje. Assim né, agora também ela tá se misturando com o pessoal... E ela não sabia sintomas da droga, e tal... E eu como moro num bairro onde que o fluxo da droga é muito grande, eu comecei a ter conhecimento da droga muito cedo, né. E eu tinha um pai que era usuário dependente dentro de casa. E eu já com 11 anos de idade, já comecei a perceber os sintomas que meu pai...

**Entrevistadora:** Seu pai usa qual droga?

Ele começou com a cocaína e ele chegou no crack. E ele começou com os sintomas dentro de casa. E eu fui percebendo, só que como eu era muito novo, pouco experiente, eu tinha medo de falar com a minha mãe. E ela sabe que XXX e tal... E foi indo. E a coisa foi piorando...

**Entrevistadora:** Você com 11 anos já percebeu?

Já percebi! Porque a maioria dos meus amigos também usa. E eu fui percebendo, só que eu fui remoendo, remoendo... Até que chegou XXX, lá no hospital que tá tendo, que tá passando agora XXX. Aí, quando ele chegou lá ele começou a perceber os sintomas, e foi descobrindo, né.

## Segunda sessão - 19.09.2011

**Entrevistadora:** Eu vou explicar... Disso tudo? O da Deise, da Valeria e da Rose, já está em mãos... Da Érica, da Zilda, da Valdirene... Não, não, essa aí fica com você! Do Anderson...

A coordenadora vai falar assim “Quem que foi que filmou?”. Tatiana, tá péssimo!

**Entrevistadora:** O importante é aparecer todo mundo falando. A imagem não tá ficando legal, viu gente? Não se preocupem com a imagem! A imagem não tá ficando legal, mas dá pra ver cada um, dá pra ouvir a voz e saber que cada um tá se colocando. Isso que é o importante. Gente, eu vou ficar perguntando o nome de vocês até eu memorizar todo mundo, que é muito nome. Desculpa, mas eu quero saber o nome de cada um. Tem uns eu já gravei, uns que ainda não. Eu quero memorizar! Cristina... XXX. Bom gente, você perguntou qual é o objetivo da pesquisa. Quem perguntou?

Eu!

**Entrevistadora:** Aí nesse papel que eu deixei uma cópia pra vocês tá explicando exatamente. Mas só pra explicar assim por cima pra vocês, que eu falei a semana passada, o objetivo da pesquisa é eu conseguir fazer um trabalho em família, em grupo, aonde a gente amplie o problema. Ou seja, o problema na nossa cultura, a gente aprende a ver que o problema do dependente de drogas é sempre dele. Na nossa cultura a gente fala: “Ah, é ele que é o bêbado, ele que é o drogado, é ele!” Então aqui o objetivo é responsabilizar cada membro da família pra tentar mostrar que cada um tem responsabilidade dentro desse sistema e cada um tem que mudar um pouquinho pra melhorar o sistema. Então, o objetivo da pesquisa é esse! É fazer um trabalho em grupo com vocês, pra gente ver que tá ampliando esse problema, tá se abrindo, tá aumentando o problema, pra dividir entre os membros da família, cada um se responsabilizar um pouco, com o objetivo do tratamento dele ser melhor. Ou seja, dele ficar bem. Com o objetivo do dependente se tratar, do dependente ficar mais animado ao tratamento, a melhora, né? Porque a gente sabe que a dependência de drogas não tem cura e é um tratamento difícil! Então, todo mundo se responsabilizando e fazendo um pouquinho, automaticamente quando um membro do sistema muda, automaticamente os outros têm que mudar também pra

gente conseguir melhorar o sistema familiar. Então sempre com o objetivo visando a família! Alguma pergunta? Deu pra entender? Então gente... Semana passada foi meio que puxado, né? Meio corrido. Hoje acho que já vai dá pra gente... Quem que não se apresentou na semana passada? Foi a Cristina, a Thais... Uma fica, essa fica com você e essa você me devolve. A semana passada...

(Barulhos)

Quebrou?

Tá um pouco podre!

(Risos)

Ó... Como que ele chama?

**Entrevistadora:** O Anderson!

O Anderson começou a falar: foi meio corrido, né, pra ele...

**Entrevistadora:** Mas acho que deu pra você se colocar, né? A Érica não se colocou, né Érica?

Não!

**Entrevistadora:** Então foi a Érica que não se colocou... Você também não, né? Como você chama, de novo?

Adriana!

**Entrevistadora:** A Adriana, a Cristina e a Thais que não se colocaram, né? Então vamos começar aqui por você, Érica? Fala um pouquinho da sua história, do teu irmão, que eu já sei que é, né? Teu irmão...

Meu nome é Érica, eu to convivendo com o meu irmão, que tá internado... Só que é o que você falou, né, acho que a família toda faz parte. A família toda eu acho que contribuiu um pouco, né. Eu tenho outro problema em família, que eu tenho um irmão preso também. Então acho que a família já desestruturou faz muito tempo, sabe? Tive um pai alcoólatra.

**Entrevistadora:** E ele foi preso é por conta de drogas também?

De drogas e roubo.

**Entrevistadora:** Mas ele também é um dependente?

É!

**Entrevistadora:** E o seu pai também era?

Meu pai é alcoólatra.

**Entrevistadora:** Dependente de drogas também, só que alcoolista.

Isso! E assim, eu cresci vendo tudo isso, né. Eu cresci vendo a minha família desse jeito. Eu tenho uma mãe depressiva também que tá aqui na outra sala, mas ela tem um problema de depressão muito sério. E assim, é o que ele falou, eu não sabia do meu irmão, né, não tanto tempo como... Eu me assustei no testemunho dele, que eu acho que ele ficou sabendo há mais tempo que eu, né, que cresci com o meu irmão. Eu às vezes eu não via isso, porque, não sei... Eu acho que... Não sei, não conseguia ver isso! Entendeu? É o meu irmão mais velho. Então pra mim, ele tava no lugar do meu pai. Sabe, eu perdi meu pai com 21 anos. Então assim, meu irmão mais velho era o meu pai, entendeu? Eu não conseguia ver isso dele. E hoje eu to assim: é, querendo ajudar muito, to sendo a mãe de todos assim, da minha família. Porque não só o pai dele, como os meus outros irmãos, todos recorrem a mim. Tudo o que acontece na casa da minha mãe sempre sou eu, sabe, que tomou frente de tudo. Porque eu tenho quatro irmão homem, e parece que são todos crianças, porque cada um tem um tipo de problema. E assim, não tem muito o que falar. E minha vida acho que parou!

**Entrevistadora:** Então, e cadê a Érica nessa história toda?

A Érica não existe! A Érica...

**Entrevistadora:** Quantos anos você tem...

Eu tenho 34 anos. Eu sou vendedora, trabalho numa dental de produtos odontológicos. Adoro o que eu faço, meu serviço é muito corrido. Só que eu me esqueci da Érica! Eu fiquei casada... Assim, eu tive um relacionamento de dois anos, tive um filho de 13 anos, que tá aqui também na outra sala. Esse filho eu criei sozinha, com a ajuda da minha mãe, porque eu não tive a presença do pai dele. Quando meu filho ia fazer quase cinco aninhos, eu conheci uma pessoa. Fui morar junto com ele. Fiquei com ele durante sete anos. A gente viveu sete anos, cinco anos bem, de dois anos pra cá foi impossível! Os problemas da minha família me atrapalharam muito, meu relacionamento. Meu marido não aceitava. Aliás, ele não aceitava nada: ele não aceitava o filho que eu tinha, ele não aceitava o problema do meu irmão, que ele sabia... Sim, né, aí há quatro anos atrás eu já sabia do meu irmão. Ele sabia do problema do meu irmão, ele também não aceitava, porque ele tentou ajudar o meu irmão também e viu que não tinha muito jeito. E por fim, meu casamento acabou! Faz dois anos, eu to sozinha, eu moro sozinha, só que eu to todo o dia na casa da minha mãe. Todo dia correndo pra lá, pra cá, tentando ajudar um ou outro. Aqui também, financeiramente tentando ajudar meu irmão. É isso,

minha vida tá sendo isso: é ajudar o Wilton que tá lá se tratando, e ajudar o Oswaldo que tá preso na cadeia, ajudar um outro irmão que também tá com sérios problemas de depressão, só que ele não quer aceitar, ele não quer vir aqui, ele não quer... Tanto é que ele até quer ir visitar o outro, e eu to tentando dar um jeito dele não ir, porque se ele for lá a situação vai piorar. O meu irmão Wilton dizendo que qualquer um que vê o Paulinho vê que ele não tá bem. Então, não vai ser bom pro Wilton que tá lá se tratando ver o outro fora também, né, com problema. E é isso... A Érica tá meio esquecida, e eu não sei o que que é a vida da Érica. Porque eu não tenho! Eu não to tendo amigos, porque os amigos sumiram todos. Teve até uma última vez que eu saí. Eu fui, não tava bem. Fui tentar conversar, assim, falar que eu não tava legal, os amigos viraram e falaram assim: "Ah, mas você tem que sair e esquecer os problemas. Os problemas a gente fica com eles em casa!". Tipo assim: aqui vamos conversar de outros assuntos... E eu não tinha o que conversar, porque os meus assuntos eram a minha família, os meus problemas. XXX. Eu to aqui também pra aprender muito, porque eu to vendo que eu to aprendendo com vários testemunhos das pessoas, pra tentar descobrir no que eu posso me ajudar e ajudar os outros também.

**Entrevistadora:** Gente... Eu to sendo um pouco mais sucinta hoje, porque senão não dá pra gente trabalhar em cima do que eu programei pra hoje, né. Quem quer falar agora de vocês três?

Fala aí...

Meu nome é Adriana. Eu namoro o Renato. No começo do meu relacionamento eu não soube que ele era usuário de drogas. Depois de uns quatro meses eu fiquei sabendo que ele usava. Então, se usava e não usa mais, tinha muita prepotência em relação a drogas. E chegou no começo desse ano, foi quando começou... No começo do ano passado, começou a piorar cada vez mais. E eu fiquei desconfiada cada vez mais. E eu perguntava, e negava sempre! E eu me acabando junto com ele na droga, porque eu desconfiava, não tinha certeza e eu ficava naquela desconfiança. Não sou próxima da família dele. Tenho um bom relacionamento, mas eles lá e eu cá. Então, eu tinha medo.

**Entrevistadora:** Você namorava, mas moravam juntos?

Não! Não moramos juntos. Só namorávamos.

**Entrevistadora:** Só namora.

É! Então assim, não frequento a casa dele de final de semana. Não tenho essa frequência.

**Entrevistadora:** Ele mora com o pai?

Ele mora com a mãe dele, que na verdade é mãe e vó. Então, e é muito pouco. E ocorreu um fato, um tempo, a ex-mulher dele, a Bárbara... A gente tem um bom relacionamento, mas cada um na sua. E ela foi na minha casa, a gente discutiu, ela falou: “Procura saber o que que ele tá fazendo...” E isso eu não suspeitei porque, drogas, XXX nesse pensamento. E ele parecia criança. Ele começou a cair de moto toda a semana, toda a hora. E a cada telefonema: “O Renato caiu de moto!”. E eu ligava pra irmã dele: “Ó, liga que eu acho que é brincadeira! XXX.” Aí, eu fui me desgastando com isso, fui ficando com a minha imunidade super baixa. Tô toda pintada de branca. Então, foi assim, foi muito doído pra mim, porque eu gosto dele, só que eu me decepcionei muito, porque eu jamais queria isso pra minha vida! Larguei dele porque eu tinha certeza que XXX ligação na família dele, em um dia normal de trabalho. E a família dele falou que ele tinha ido ao médico. “De novo?”. Aí, ele tinha caído de moto de novo. Aí, a irmã dele falou “Ó, larga dele! Porque ele tá envolvido com droga...”. Ninguém sabe que foi a irmã dele, nem mesmo ele, porque eu não gosto de envolver ninguém. Então assim, eu trabalhando, o meu serviço exige muita atenção, sabe...

**Entrevistadora:** O que você faz?

Sou secretária administrativa. E então, eu me desgastei muito nesse dia, porque foi na sexta-feira, fui lá, larguei dele. Não queria mais o relacionamento. Só que ele tava muito mal, ele tava muito mal... Ele perdeu assim, depois XXX mais ou menos, ele perdeu peso demais! Eu cheguei a fazer exame de HIV, porque eu falei: “Deve tá com AIDS, passou AIDS pra mim!”. Então, foi uma coisa assim, que eu fiquei muito, sofri muito com isso! Eu não tinha apoio... Assim, a família dele não presenciava isso, porque eu não tinha a presença dele. E eu nem ia passar isso pra minha família. Então era eu, ele e a minha irmã. E a minha irmã teve até uma certa implicância dele de ver o meu sofrimento, sabe. E eu sou rígida, sabe? Eu sou uma pessoa que eu cobrava muito. Eu via que não tava certo, eu sempre conversei com ele. E foi quando ele foi procurar ajuda, só que realmente eu não quis mais o relacionamento. XXX dentro da clínica, ele pediu pra que eu fosse um dia. Ele fez uma lista lá e eu fui. E eu gosto dele, então acabei dando mais uma oportunidade

pra mim e pra ele. Mas falar assim, que eu não to XXX, que eu nunca sonhei em nenhum momento com uma pessoa que... Porque é muito triste... E é isso!

**Entrevistadora:** Eu acho que o que fica mais difícil assim, de todo o teu relato, Adriana, é a confiança, né?

Confiança! Perdi totalmente...

**Entrevistadora:** Quando você fala: “Ah, eu fico suspeitando de HIV, porque na hora eu já pensei que ele tivesse AIDS”, porque aí o que abala muito no caso de um dependente é a confiança. Porque é muita mentira, né. E aí, como resgatar a confiança, né?

Ninguém sabe...

**Entrevistadora:** Uma coisa é ser mãe. Outra coisa é ser esposa, namorada... Como no seu caso, que não mora junto, né.

Aí no dia que eu fiz, eu fiz véspera de feriado, na casa da minha mãe. Só eu sabia, e não contei pra ninguém! Porque o sofrimento era só meu! E ele sabia, somente ele. E mais ninguém. Eu falei: “Se você não faz, eu faço!”. Então, eu fiz todos os exames, graças a Deus deu negativo, mas ele já estava no crack. E ele perdeu peso. De um mês, ele era fortinho, ele emagreceu tudo o que ele tinha direito, ou não... mesmo eu estando longe dele, porque eu terminei, XXX eu me preocupava com ele. Eu ligava, mas sem ele saber. E a mãe dele falava: “Ele vai morrer! Se você não voltar, ele vai morrer...” como já teve outras que terminaram com ele, e a mãe dele ligava pra mim e falava: “Volta! Dá uma chance porque ele não vai aguentar, ele vai morrer...” A mãe é mais vó. A mãe dele na verdade mora em Cáceres. Então assim, ele foi criado através dos irmãos, que na verdade são gêmeos. E é isso! Assim, a vida... Hoje, assim, graças a Deus eu to bem melhor do que XXX!

**Entrevistadora:** Ele tá há quanto tempo internado?

Três meses.

**Entrevistadora:** Três?

É!

**Entrevistadora:** E o Wilton?

Eu tenho medo da hora que ele sair e eu não confiar nele e não conseguir ficar com ele. E ele já sabe disso. E toda a vez ele fica ameaçando XXX, ele fala: “Eu vou tentar! Eu não to falando que eu vou ficar...”.

Ele é uma pessoa ótima, não tem o que reclamar dele. Infelizmente é a droga. Nunca roubou! Só pedia dinheiro emprestado pra Deus e o mundo... No começo as pessoas escondiam isso de mim, as amizades escondiam, mas com o tempo foi ficando difícil de esconder de mim e a minha irmã chegava e falava: olha, ele pediu vinte reais. Então assim, eu brigava com ele. Então, eu vivia brigando com ele. Aí, foi isso. No final do ano até janeiro assim foi muito sofrimento. Foi muita assim, decepção.

**Entrevistadora:** Fala Valéria...

Só muda o endereço, né?

**Entrevistadora:** A história é a mesma! Tem algum retorno pra dá pra ela?

Não...

**Entrevistadora:** Fala...

XXX de pedir dinheiro. Mas algumas vezes ele pediu pra mim. Só que eu não dava. “Que que você tá precisando?”, “Ah, preciso cortar o cabelo!”. E ia lá e pagava o corte. “Ah, eu to precisando de cigarro!”. Eu ia lá e comprava o cigarro.

Você sempre trabalhou?

Desde os 15 anos.

**Entrevistadora:** Trabalhava com que?

Eu tava em um escritório, de office boy, mas que agora eu consegui um serviço melhor numa... É uma oficina de mexer com troca de caminhão e de ônibus. Vou começar agora dia primeiro.

**Entrevistadora:** Bom, gente... A Cristina... A Cris tá quietinha... Será que ela tá aqui mesmo?

(Risos)

Bom, meu nome é Cristina. Eu tenho um primo que foi criado mais como um irmão, né, pelos meus pais. Aí, ele casou, não deu certo, separou, começou a beber. Faz muito tempo isso. E...

**Entrevistadora:** Ele foi criado pelos seus pais por quê?

Porque a mãe dele faleceu.

**Entrevistadora:** E o pai?

O pai dele era alcoólatra também já. Então meus pais como eram padrinhos dele, cuidaram dele. Aí mudaram pra São Paulo, XXX estudou. Aí casou. Casou novo, casou com 19 anos. Só que esse casamento durou pouco, né. Aí começou a beber, a dar trabalho. Aí separou, fez uma filha com essa mulher dele. Daí meus

pais: “Ah, vamos voltar pra Rio Preto”. Lá é muito melhor pra eles, porque ele diz que São Paulo: bebidas, amigos, aí mudamos pra cá. Mas eu tinha 16 anos quando a gente se mudou pra cá.

E ele tem quantos anos?

55.

**Entrevistadora:** E você? Qual a diferença de idade?

Ah, eu tenho 48.

**Entrevistadora:** Então, ele é sete anos mais velho.

Aí, a gente... Mudamos pra cá pra ver se ia melhorar a situação dele. Porque meus pais sempre cobraram dele muito. Aí, chegou aqui, arranjou uma namorada. Aí depois como a família da namorada descobriu que ele era separado, tinha uma filha, aí não quiseram mais. Aí, ele voltou a beber. Aí, desde lá pra cá minha mãe faleceu procurando tudo condições... Coisa pra...

**Entrevistadora:** Ajuda...

Ajuda! Pra ele parar. Mas ela faleceu e nada! Não melhorava. Aí eu casei. Mentira! Minha mãe faleceu depois que eu casei.

**Entrevistadora:** Você tem mais irmãos?

Não! Minha mãe faleceu, e aí ele ficou com o meu pai. Ele ficou com o meu pai, e o meu pai sempre lutando com ele. E aí bebendo, bebendo, bebendo... Foi internado bebendo e não resolveu nada! Saiu de casa, ficou seis meses morando na rua, bebendo. Aí, meu pai foi, pegou, trouxe de volta pra casa. Aí foi indo, foi indo, foi indo... Meu pai faleceu. Aí, ele ficou sozinho na casa. “Ah, vamos deixar ele dentro da casa...” Só que daí ele não trabalhava mais. Não quis mais saber de trabalhar. Enquanto meu pai tava vivo, meu pai trabalhava, só que ele trabalhava também. Só que ele chegava à noite e ia beber.

**Entrevistadora:** Mas ainda tinha o trabalho. Depois que parou o trabalho...

Mas depois que meu pai faleceu não quis trabalhar mais, não quis saber de fazer mais nada. Aí, o que aconteceu: eu pagando água, luz, telefone... Coitado, né, porque ficar pagando telefone também. Aí, o meu marido pagando água, luz na casa que era dos meus pais e fazendo as compras. Aí, meu marido e ele terminaram de fazer as comprinhas ali na mercearia da esquina. Todo o mês a gente ia lá pagar. Todo o mês assim, demorou três meses, né. Mas aí ele ia lá, ia com os amigos. Chegava lá: “Ah, veio ajudar eu levar as coisas”. Pegava 10 kilos de arroz, fez naquela compra, não sei quantos kilos de óleo. Fez uma compra de 580 reais. Aí ele

voltou lá na outra semana, na mesma semana, aí foi pagar outra compra. Aí: “Não... Pode deixar! Depois a Cristina vem aí e paga!” Tipo assim: “Depois ela vem aí e paga”. Até que a dona do mercadinho: “Não, mas peraí! Ele fez uma conta de 580 reais aqui no mercado.” A gente foi e seguiu ele. Aí chegou lá, XXX o senhor tinha feito, que tava com ele, tinha feito outra compra de 158 reais. Aí, chegou lá ela viu esse senhor dando 5 reais pra ele e ele dando a compra! Quer dizer, ele queria dinheiro pra ele, pra ele beber! Não era engraçado ele chegar lá na mercearia e pegar uma garrafa de pinga ou pegar uma caixa de cerveja, uma caixinha de cerveja e ir pra casa beber. Ele queria dinheiro pra beber no bar!

Começou a sumir tudo da casa. Ele começou a vender tudo. Até panela, copo, panela... Tudo ele começou a vender! Começou a vender as coisas pequenas, né: abajur, ventilador... Aí, ele arranjou uma mulher. Aí, meu marido falou: “Deixa, né... Quem saber agora ele endireita.” Mas a mulher, ela some! E eu continuando a pagar água, né... Tem que pagar, né! Aí pagando as coisas e ele XXX. Até que um dia cheguei lá eu falei assim: “Ó... Tudo o que você comprar, você trás aberto! Você trás óleo, você abre o óleo, tira a tampa. Você traz arroz, você corta... Tudo aberto!” Porque você vira as costas... Não era nem ele, era ela! Pegava tudo, guardava na sacolinha: sabonete... Eu chegava lá, tudo fedidinho! Não tomava banho, não limpava a casa, não fazia nada! Aí, eu briguei com ele, falei: “Ó, desse jeito não dá!” “Ah, vai embora da minha casa!”. Eu falei: “Eu to brava com você! Quando tá querendo uma ajuda, você me liga! Tem meu telefone pra ficar ligando pra pedir as coisas, então você me liga. Que eu só vou voltar agora quando você me ligar pra mim te ajudar!” Aí, tocou o telefone uma vez de madrugada. Sábado de manhã bem cedinho. E era a polícia. Ligaram lá em casa porque a minha cunhada tava querendo o telefone da minha casa pra ligar porque o marido dela tava passando mal. Ele tava passando mal. Policial ligou, falou, aí eu fui lá na casa. Cheguei lá, eu e meu marido fomos, tava um horror! Cachorro, os quartos, a cama, o colchão tava tudo imundo. Tapete, tudo cheio de ração jogada dentro do quarto. E ele morto em cima da cama, todo sujo. Não dá, não tinha condições! Meu marido chamou, levou pro posto e foi internado na Santa Casa. E essa mulher lá. “ Se ele morrer, a casa é dele, a casa fica pra mim, porque eu moro com ele!” Ela só pensava nisso. E para tirar essa mulher de lá? E eu ia visitar ele no hospital, eu não podia entrar porque a esposa dele tava com ele. Só que a esposa dele levava pinga pra dá pra ele dentro do

hospital. Aí foram contar pra gente que ela dava álcool com gelo pra ele beber. Por isso que ele tava naquela situação em cima da cama. Aí ficou...

**Entrevistadora:** Então ela queria matar ele!

E aí, foi a luta, né. Ele foi internado, ele não tinha mais reação nenhuma. Usava fralda, passou a usar fralda. Até que foi aí eu consegui com o padre, Frei Francisco de Assis, interná-lo lá! Aí ele ficou lá quatro anos internado. Porque o pai não veio, cadê a mãe... Sabe aquela coisa? Não lembrava de nada. Aí foi, foi, foi, até que... Aí, mandou pra casa lá, né. Reformei, paguei tudo aquelas coisas. Foi um gasto danado! Meu marido fica em choque até hoje. Aí, ele chegou, foi... A assistente social arranjou aqui na São Jorge, num centro espírita que tem aqui em baixo. Aí, ele ficou lá, né. XXX não quero mais saber... Olha, foi duro! Dois meses, a dona XXX me ligou: "Ó... Não tem jeito! Eu conversei com a Isabel, que é a assistente social. Mas olha, ela conseguiu lá em Jaci." Então vamos levá-lo pra lá. Ele foi e levou pra Jaci, meu marido foi e levou lá. Ele não queria! Mas meu marido é bravo ele foi. Aí chegou lá, ficou os quatro meses. Não deixando beber. Saiu de lá, voltou a beber. Não demorou três meses: "Ó... Não tem jeito, XXX". "E agora?" Voltou, ficou dois dias na rua. Aqui eu não quero ele mais. Aí nós fomos atrás de novo, viemos aqui, conversamos, né. E agora vai fazer quatro meses que ele tá no SOL. Então, agora vamos rezar e ter esperança que ele...

**Entrevistadora:** Você não tem um bom vínculo com ele, né Cristina?

Tenho, tenho... Gosto muito dele...

Ele é que nem o seu irmão, não é?

É! Ele é que nem meu irmão... Mas só que...

**Entrevistadora:** Mas sempre foi uma pessoa que deu trabalho. Ele já não é irmão de sangue. A sensação que dá quando você tá falando, eu não sei se vocês sentiram isso, é que já não é irmão de sangue e sempre deu trabalho...

Ele sempre deu trabalho, mas...

E a filha dele?

**Entrevistadora:** A filha dele sumiu...

Não, é que...

**Entrevistadora:** É dependente de drogas?

É... Ela foi presa e depois foi morar com a mãe, que mora em Minas.

**Entrevistadora:** E você só tem a Thais de filha, Cristina?

Não, tenho um filho mais velho. De 19 anos.

**Entrevistadora:** E a Thais tá vindo porque, Thais?

Companhia pra mãe.

**Entrevistadora:** Companhia pra mãe? Você é tímida assim sempre? Você quer falar um pouquinho de você, Thais? Não? Fala só o seu nome, quantos anos você tem, se você estuda... Só isso, seu nome...

Meu nome é Thais, eu tenho 17 anos...

**Entrevistadora:** Você vai prestar o quê?

Não sei...

**Entrevistadora:** Bom, gente... Todo mundo já se apresentou agora. Eu já sei também a história de cada um. Porque hoje eu preparei uma dinâmica sobre dependência de drogas pra gente conversar um pouco. Lembra que eu falei pra vocês na semana passada que ia ter uns dias que a gente ia tá voltado mais pra conversar sobre a dependência de drogas, e outros dias pra dar um acolhimento pra vocês, pra ter um retorno familiar também. Então hoje, o objetivo do grupo de hoje é pra gente falar um pouquinho sobre a dependência de drogas. Normalmente gente, eu gosto de usar a lousa, gosto de usar flip chart, sabe aquelas folhas que escrevem? Como não têm aqui, eu imprimi uma folha pra cada um. A gente vai ter que improvisar aqui com o que a gente tem. Eu vou dar uma folha pra vocês. Depois vocês podem levar, fica com vocês. E aí, eu vou explicando pra vocês. Que a gente vai falar sobre drogas mesmo: tipos de droga, como que causa dependência, por quê... Pra gente ter um pouco de informação sobre isso. Tá bom? Bom gente... Então, drogas! O nome já fala, né, não é boa coisa! O que são drogas, né? São substâncias que não fazem parte do nosso sistema nervoso central. O nosso organismo não precisa delas pra manter o equilíbrio. Então, pro nosso dia a dia, pra gente viver, a gente não precisa de nada externo, de nenhum tipo de remédio, de nenhum tipo de droga pra gente ficar bem, né. Então, as drogas são substâncias que exercem ações no cérebro, capazes de provocar alterações comportamentais e químicas no organismo. Gente, eu vou falando e qualquer coisa vocês vão me interrompendo. Levanta a mão, faz assim, ó... Que a gente vai... Tá? A gente tem que parar agora nove horas, né Thais? Pro intervalo. Mas a gente já começa a falar, senão pra vocês vai ficar puxado pra gente conseguir terminar. O que é... Então assim: Quando que uma pessoa é um dependente de drogas, quando que ela só faz um abuso de drogas? Alguém sabe?

Não sei, porque tem gente que usa só final de semana, ou se usa durante a semana inteira... De todo jeito é dependente, né? Porque final de semana ....

**Entrevistadora:** A pergunta Valeria, é quando que você sabe que você é um dependente de drogas e quando você não é um dependente. Porque existe o abuso de drogas, existe o uso social... Alguém aqui conhece alguém que faz uso da cocaína de final de semana e não usa todo final de semana? É isso que você ia falar?

Eu ouvi isso aí... A menina que morava com o meu filho agora, que tava morando com ele, ela falava assim: “Eu bebo só de sexta...” bebe... Depois que eu fiquei sabendo que era junto com a cocaína. “... de sexta, sábado e domingo até meio dia. Aí, eu paro porque aí na segunda eu trabalho.” E aí trabalhava a semana inteira. Eu ouvi...

**Entrevistadora:** Ela te contava...

Da própria Priscila!

**Entrevistadora:** E você?

Eu tenho amigo que só usa em festa. Quando vai em festa! Nem é todo o final de semana, é em festa... Amigo que até há pouco tempo andava comigo.

Só que não fica só nisso, eu acho...

É... Porque meu filho tava usando, aí parou. Aí, quando ele voltou...

Foi o caso do meu filho, que só usava socialmente e acho que agora ele não estava conseguindo...

**Entrevistadora:** Você tem dependentes de drogas na família?

Não.

**Entrevistadora:** Não? A gente vai ver, vai falar disso depois. Vamos voltar aqui. A “adição” gente, como tá escrito aqui, é o padrão de comportamento de abuso de drogas caracterizado pelo envolvimento irresistível do seu consumo. O dependente não consegue resistir ao impulso de usá-la várias vezes. Então, o que é uma dependência de drogas? Pro indivíduo ser diagnosticado como um dependente de drogas, como todos os familiares de vocês aqui são: o namorado da Adriana, o irmão, né, o marido, o filho... Aqui, a gente tá falando de realmente familiares de vocês, que são dependentes de drogas. De acordo com o *Diagnóstico Estatístico e Mental*, chama DSM, é um livro americano, que ele traz todos os diagnósticos de todas as doenças mentais, porque a dependência de drogas ela tá dentro de uma doença mental, né. De acordo com este diagnóstico que a gente usa no Brasil e no

mundo inteiro, pra você ser um dependente de drogas tem critérios que você tem que preencher. Então, existe sim uma diferença de quem faz um uso abusivo, e de quem realmente desenvolve uma dependência. Então pra você ser um dependente, você tem que ter sete critérios do que eles citam lá no livro. Dentro daqueles sete critérios, a pessoa tem que apresentar três ou mais daqueles critérios num período de doze meses. Então, se a pessoa faz um uso esporádico num período de doze meses, e durante a semana ela tem que ter usado duas ou três vezes. Então, eu vou explicar um pouquinho melhor pra vocês... Então você tem que ter uma abstinência... E aqui eu vou tá falando: que que é síndrome de abstinência? Sintomas e sensações de desconforto físico e psicológico devido a ausência das drogas no organismo. Então, era aquilo que eu tava explicando: quando a gente nasce, a gente não precisa de nenhuma droga pra manter o nosso equilíbrio. A partir do momento...

A abstinência, nas pesquisas dizem, dura em torno de vinte dias a um mês. Que é a parte física. Que é? A partir do momento que eu começar a ingerir cocaína com uma certa frequência: mais de duas vezes a três vezes por semana, numa quantidade x, ....eu vou passar a precisar da cocaína pra manter o meu equilíbrio. Por isso que é uma dependência química, porque o meu corpo vai precisar de uma droga externa pra ele ficar bem. Então, se eu não usar essa droga, eu vou sentir desconforto. Então, ou vai dar ansiedade, ou vai dar sudorese, que é começar a suar muito, tremor, insônia... Depende da pessoa, depende droga que a pessoa usa e depende da quantidade que ela usa. Por isso que não tem uma regra. Cada droga tem uma síndrome de abstinência. Comecei a tremer, vamos supor o alcoolismo que normalmente dá tremor e sudorese, começou a tremer, começou a suar, que que ele vai fazer pra melhorar esse desconforto?

Beber...

**Entrevistadora:** Beber! Então, isso é a síndrome da abstinência. Então, a partir do momento que a pessoa tem uma síndrome de abstinência, é um dos fatores pra diagnosticar uma dependência de drogas. Outro fator é começar a ficar só em torno do uso da droga: deixar de ir na casa do pai, na casa da mãe, ir na casa do filho, deixar de ter tempo com o filho... Porque começa a ficar em função, tudo é a droga. Tolerância. Que que é a tolerância? É aquela pessoa que toma uma cervejinha socialmente. Então hoje eu vou lá e tomo um copo de cerveja. Semana que vem, pra eu ficar relaxado como eu fiquei com aquele copo de cerveja, eu vou

precisar de dois copos. Na outra semana, eu vou precisar de três pra sentir a mesma sensação que eu sentia quando eu comecei a tomar cerveja. Então é a história da droga. Então precisa primeiro de uma carreira de cocaína, depois de duas, três... Enfim, vai aumentando. O corpo vai ficando tolerante. O que, em 2010 eu precisava cheirar uma carreira pra ficar bem, hoje em 2011 eu preciso cheirar dez carreiras pra ficar bem. Então o corpo vai ficando tolerante. Passa a não fazer mais o mesmo efeito, a droga. Então normalmente esses três critérios são os que a gente mais vê, assim, que eles são tolerantes, que eles passam a fazer tudo em torno da droga e que eles têm a síndrome de abstinência. Mas existem mais uns outros aí. Eu to falando assim, os mais importantes que eu sei pra gente dá uma resumida. Existem pessoas que bebem, que fazem um uso abusivo. Por exemplo: no final de semana bebe muito. Começa a beber sexta à noite e para no domingo de manhã. Como por exemplo, a Priscila te falou. Pode ser, eu não sei, eu não conheço ela, mas pelo teu relato pode ser que ela faça um uso abusivo. Que ela não desenvolveu a dependência. Se ela realmente não usava dias de semana, conforme ela te falou, só no final de semana, e dia de semana por conta do compromisso dela com o trabalho ela conseguia se segurar, ela ainda não desenvolveu uma dependência. Pode ser que ela venha a desenvolver. Vamos supor: ela fica longe do Vitor, ela vai ficar triste, ela vai querer ele, não vai ter ele, aí ela começa a cheirar na hora que ela tá triste, e assim que vai desenvolvendo. To tentando explicar pra vocês um pouco como funciona. É...

Como se fosse um remédio...

É isso que eu ia falar... Há pessoas que usam de vez em quando e outras não.

Mas por quê que a pessoa fica agressiva?

**Entrevistadora:** Depende da droga e depende da pessoa. Não são todas! Eu conheço pessoas que nunca ficaram agressivas.

Eu nunca tinha visto!

O meu filho, o Bernardo, mesmo quinze dias usando crack, voltava pra casa, no outro dia e nunca se alterou nem comigo, nem com pai, com nada...

O meu já é...

Geralmente é agressivo quem usa cocaína...

**Entrevistadora:** É agressivo?

O Vitor ficou assim! Uma vez que ele teve aquela crise na minha mãe, ele quebrou cadeira, jogou, avançou...

**Entrevistadora:** Ele devia tá numa síndrome de abstinência muito grande. Entendeu?

Eu acho que ele tinha saído a noite inteira, ele tinha cheirado a noite inteira. Eu achei que ele tinha...

**Entrevistadora:** E foi logo depois? A noite isso? Ou foi no dia seguinte?

**Entrevistadora:** Saiu, ficou a noite inteira fora de casa. Chegou oito horas da manhã lá na minha mãe desse jeito: ele entrava, ele saía, ele entrava, ele saía...

**Entrevistadora:** Então, ele tava na fissura, né...

Queria mais!

**Entrevistadora:** É... Que é a fissura!

Aí, ele ficou agressivo! Você acha que nunca vai acontecer com você... Tacava as cadeiras da minha mãe no quintal, veio em cima de mim, em cima do meu pai, meu pai veio tirar ele de cima de mim...

Meu filho foi num churrasco com o pessoal da firma, né, e não voltou pra casa mais. Aí, ele me ligou era meio dia: "Mãe... Manda um mototaxi... Eu chamei o mototaxi, a senhora paga quando chegar aí?" "Eu to todo sujo!" XXX. A hora que ele chegou, eu falei: "Vamos conversar!". Nós fomos pra mesa: "Você não disse que quando você chegasse aqui você iria conversar?". Ele falou: "Vamos conversar...". Falamos isso e isso e isso... "Olha a que ponto que você tá chegando aqui... Você acha que isso tá certo? Eu e sua irmã não dormimos essa noite te esperando... Olha a hora que você tá chegando... Até onde nós vamos chegar com isso?". Ficou o dia inteiro deitado, sabe, tomou banho, ficou o dia inteiro XXX...

O meu, ele não queria comer nada! Ele ficou o dia inteiro sem comer, ele não parava...

Aí, no outro dia ele foi trabalhar e não voltou pra casa. À noite não voltou... No outro dia ele não foi trabalhar. Aí, entrei em desespero, né. Corre, aí, corre aí... Nós achamos ele. Levei ele lá no AME. Comeu três lanches. Aí ele falou: eu quero me internar, eu quero me tratar. Aí, o Seu Domingos falou: "Ó... Amanhã você tem aqui uma triagem." Aí eu não consegui trabalhar mais, entrei de férias e fiquei com ele. Aí, depois no outro final de semana ele internou. Vai fazer cinco meses agora dia... Em maio, né. Quando ele internou pra mim...

**Entrevistadora:** Quantos anos ele tem?

Ele internou dia 4 de Novembro. Dia 17 ele fez 23 anos. Aí, o Vitor que trabalhava lá, o menino falou: “Olha, ... Você tá internando dez dias sem o uso de drogas. Você tem que dar graças a Deus porque você tá chegando aqui tomado banho, limpinho... Muitos vem que usou droga ali na esquina antes de ser internado, né.” E aí, fez as contas: “Quando você tiver com 26 dias de internação, você vai tá fazendo 23 dias de vida! De aniversário e sem drogas, né”. E pra mim assim, sabe, quatro meses XXX. Ai que desespero...

O meu vai fazer cinco meses eu estou sossegada.

Pior do que eu, hein!

Aí, domingo eu vi um filme, eu chorei tanto... Porque sabe, nossa, eu lembrei do meu filho. “Ó, mamãe... Seu filho tá bem. Fica sossegada, ele vai ficar bem. Vá em paz!”

**Entrevistadora:** Graças a Deus o tempo passa, né.

Graças a Deus!!!

Passa, né!

**Entrevistadora:** E com o tempo a gente vai vendo a evolução...

XXX: “Minha mãe tá falando que eu to mexendo com drogas, né. Eu não to mexendo com isso não, mas mãe não se engana.” Aí, o pessoal foi lá quarta-feira, a moça da gestão pessoal, e ela falou: “Não... A gente tá aqui pra apoiar o máximo que precisar...”

**Entrevistadora:** E ele tá de licença?

Tá!

**Entrevistadora:** Ai que legal a empresa que tem essa visão, né?

Pode parar?

**Entrevistadora:** Bom gente vamos sair para o intervalo.

**Entrevistadora:** Anderson! Eu ia falar, mas tudo bem. Melhor perguntar do que falar errado, né? Érica, Anderson, Valeria, ela é a Val, ele é o Luis...

Zilda.

**Entrevistadora:** Zilda, a Deise, Adriana, a Cristina e a Thais, a Rose. Então é a Zilda que eu to esquecendo, a Val, o Anderson...

**Entrevistadora:** Então gente... Tá dando pra entender o que eu to explicando aqui?

Tá.

**Entrevistadora:** Então, voltando aqui pro que a gente tava falando, essa é a diferença então de quem faz o uso abusivo de drogas, e de quem tem uma adição, que é a dependência de drogas: então, a dependência de drogas são alterações comportamentais e químicas no cérebro que causam desejo e levam a busca incessante pela droga. Que é um pouquinho do que eu falei, o sistema nervoso passa a precisar da droga. Aí, eu explico um pouquinho: como que a droga age no cérebro? A droga é capaz de estimular o sistema de recompensa cerebral, que é o sistema nervoso, aumentando a liberação da dopamina e provocando sensações de prazer. Então, por isso que também a droga, ela causa prazer, né? O álcool, a cocaína, o crack, inicialmente ele causa prazer, porque senão não ia ter essa busca por isso, se fosse uma coisa ruim. Né? Então a gente tem que realmente assumir que é uma coisa que inicialmente é boa.

Ela é boa. Difícil é o que ela faz!

**Entrevistadora:** O difícil é ter o controle, né? O difícil é...

Estraga tudo!

**Entrevistadora:** Exato! E a partir do momento que desenvolve a dependência, que vira um dependente de drogas, ele vai ser dependente pra sempre. Se ele ficar um ano sem usar a droga, e dali um ano ele ter uma recaída, que faz parte a recaída, a gente também vai conversar sobre isso, a recaída faz parte do processo...

Ô...!

**Entrevistadora:** Não to falando que vai acontecer, Valeria!

(Risos)

**Entrevistadora:** Eu não estou falando que vai acontecer, mas é importante vocês saberem que faz parte do processo. Porque se acontecer, você não pode recair! Porque se acontecer, pra vocês saberem como lidar. Exatamente como a Dri falou: como ficar firme e forte pra não recair junto. Entendeu? É por isso que...

Foi isso o que aconteceu comigo, quando o meu recaiu, eu recaí junto...

Às vezes, a pessoa já tá daquele jeito, né? Porque eles mentem, você fala: “Não... É só cerveja? E faz três meses que ele tá se matando...”

**Entrevistadora:** Mais agora ele não vai te enganar mais, Adriana. Porque você tá vindo aqui, você vai ter mais um monte de informação...

Hoje é quinta, fugiu... E não voltou XXX.

XXX, né? A gente tá aqui. Ele chegou sexta-feira XXX. E a gente veio! XXX, minha mãe continua indo, né?

**Entrevistadora:** Não, vocês sejam pra ele o exemplo da família em tratamento. Eu fico muito feliz, assim, espero que todo mundo se espelhe em vocês! Porque isso é uma doença, gente. Isso é pra sempre!

E é difícil também, né Tati?

Porque cada dia que a gente vem, a gente aprende coisa. Entendeu? Aqui a gente aprende muita coisa!

XXX, televisão, em revista... XXX, mas sempre tá aprendendo coisas novas.

**Entrevistadora:** Porque tudo isso era informação que tinha que ser dado na escola. Você já teve alguma coisa sobre isso? Já?

Uhum.

**Entrevistadora:** Aonde você estuda?

Objetivo.

**Entrevistadora:** Já teve o que? Palestra?

Não, tipo de uma prova de sistema.

**Entrevistadora:** Como que ela age no sistema nervoso? Ó que legal! Tem que ter isso na escola, né. Só que você estuda num colégio particular, agora os colégios públicos, a maioria não tem nem informação...

Posso te interromper uns três minutinhos? Pode ser?

**Entrevistadora:** Pode.

Eu sou o Paulo. Boa noite a todos. Eu que cuido do dinheiro da SOL...

**Entrevistadora:** Toda a família te tratar dessa forma, né. E com certeza você mudou muito o seu comportamento. Antes você ficava em cima dele, querendo controlar, querendo tá lá do lado quando ele tentava usar...

XXX.

**Entrevistadora:** Todo mundo tem culpa. Não é só você, né!

Não... Eu também tenho uma parcela de culpa. Mas eu falava assim: "Que às vezes ele chegava em casa já tava bêbado né! E pedia dinheiro pro pai e o pai dava. Mas ele não é assim, mas ele ficava assim, ele sentava no sofá " eu não saio daqui enquanto não me der o dinheiro"

**Entrevistadora:** aham!

Então XXX já dava e ele ia embora.

E eu cheguei num ponto também que eu cortei o carro, cortei o dinheiro, cortei tudo também.

**Entrevistadora:** E aí você conseguiu ser firme, que foi quando ele começou a entrar em recuperação, né?

Foi! Onde ele XXX né!

**Entrevistadora:** Porque o limite a família tem que colocar, né gente!

XXX igual eu to falando! Começou a pedir dinheiro pros colegas emprestado e chegou um rapaz colega dele e falou: “ó o Éder me pediu 20 reais emprestado e em consideração a você, emprestei pra ele. Você sabe pra que é esse dinheiro? Pra comprar droga!

XXX três meses. Aí, foi pra casa. Na primeira vez ficou ótimo. Na segunda recaiu. Aí, duas vezes os meninos foram buscar, achar ele, não quis vir. Aí foi rua casa, rua casa, ai arrumou um emprego ficou dois meses. Volta. Só que aí não queria... Falava pra ele: “Filho, deixa o dinheiro com a mãe, porque você fuma, você tem que tomar o ônibus, você...”. Aí, ele falou assim pra mim... XXX ele não perguntava pra mim quanto que eu ganhava, quanto que eu deixava de ganhar... O dia que ele chegou com o pagamento que eu falei pra ele: “Não é melhor você deixar com a mãe XXX, você vai ter que tomar ônibus...” Ele falou pra mim: “eu pergunto o quanto você ganha? Então você não tem que saber o quanto eu ganho!” Eu falei: “Ah, é?”. A primeira recaída dele... “que eu deixei vai e vem, vai e vem foi umas três, quatro. Aí, quando faltava dez dias pro Natal, agora o último, eu falei pra ele sentado no sofá, calmamente como a gente tá conversando. Ele falou assim: “Mãe, só passar o Natal, essas festas, eu vou procurar emprego”. Eu falei: “Não, você vai procurar tratamento! Porque você não precisa trabalhar. Você precisa de um tratamento! Você não tem condições psicológicas. E eu também não tenho pra te dar! Eu não tenho condições psicológicas, eu não tenho uma programação pra te dar”. Eu falei: “E tem mais outro filho: hoje é domingo. Falta uma semana pro Natal. Se você sair, aqui você não volta mais!”. Aí, ele falou pra mim, desse jeito: “Nossa! Como você tá malvada, hein? Você não era malvada assim!”.

**Entrevistadora:** Você era boa, né? Agora você tá má!

Eu falei: “Não, não era...”. Eu falei “Eu te amo!”. Várias vezes eu falava pra ele “Eu te amo! Mas não adianta!”. Chega! 17 anos de manipulação! “Se fosse meu pai, não deixava eu ir pra rua...”. Eu falei: “Ah, deixava! Quem não deixava era eu antes. Agora eu coloco!”. Isso foi no domingo. Na segunda-feira de manhã, eu levantei,

cadê ele? Ainda tinha pegado 15 reais que eu tinha deixado de propósito! Cinco, dez... Pra ver o que ia acontecer. Eu tinha deixado 15 reais em cima da minha mesa. O Natal foi no sábado, né. Quando foi na segunda, ele já me ligou: “Mãe, posso voltar pra casa?”. Eu falei: “De forma nenhuma! Vai passar o ano novo na rua aí na comunidade ou embaixo no pontilhão!”

Hoje ele tá na Sol?

Hoje ele tá na Canaã. Meu filho passava por ele, e ele pedia: “Ah, deixa eu falar com a mãe, conversa com a mãe...” “A mãe não vai deixar, não adianta!” Aí, meu filho passava por ele, falava: “Você quer um lanche? Você quer isso?” “Não, não quero! Eu quero dinheiro!”. “Não, dinheiro eu não dou! Você quer um lanche, quer uma coca”. “Não!”. “Então...”. Quando foi ano novo: “Deixa eu falar com ela...” Aí, ele falou assim pra mim no telefone. Falou assim: “Você sabe... Vou te falar uma coisinha... Você sabe quando você tá com um pedaço de comida ou uma marmiteira na mão, que vem um cachorrinho perto de você. Você dá um pedacinho de carne pra ele, ele sai tão contente abanando o rabinho. E você minha mãe me negando um copo de água?” Dói, viu? Dói muito pra gente, claro! XXX... na portaria, um papel... dizendo que se você entrar eu chamo a polícia. Eu tenho um papel aqui que você entrou e quis me bater, me agredir, quero ver se eles XXX. Porque uma vez eu fiz isso, fiz uma queixa e retirei. Mas ele não tinha me agredido. Quando eu cheguei em casa XXX. Fiz uma queixa contra ele, né. Eu não falei pra ele que eu fiz a queixa dele. Porque eles vão chamando a gente pra perguntar, como é que tá, como é que não tá, né... XXX deixei Natal e Ano Novo. Não comi! Tinha uma mesa lá, que eu fui pra casa de uns amigos, porque eu não tinha nem condições de fazer nada, psicologicamente, né... Mas você consegue comer? Você consegue chorar, né! Tinha vontade de beber uns três litros de whisky e sair de mim também. Ai... Aí, dia 2 de janeiro ele ligou pra mim: “Quero internar!”. Aí, levou na SOL. Enfim, e eu vivia pedindo a Deus que Deus XXX. Mas não na minha casa, porque eu não tinha... Não tenho mais psicológico... Falava: “Senhor... que eu vou fazer por ele?”. Até o fato, gente, de ele abrir a geladeira e pegar garrafa de água pra tomar água, aquilo já me incomodava, sabe? Porque eu tinha certeza que daqui a dois, três dias ele ia embora... Eu falei: “Aqui em casa não é pronto socorro, meu filho! Aqui pra você vira albergue, que você vem fazer tudo, fica bonitinho, toma banho, come dois, três dias, come tudo o que tem...”, porque parecia que tinha vindo do deserto. Ele levantava a noite inteira! Não dormia de noite! Nunca vi tanta fome na vida!

Dá muita sede?

Leite? Em uma semana eu comprei duas caixas de leite! Porque era um litro assim... Ele abria a caixa, bebia na boca! No bico! Então aquilo me incomodava demais! Sem estrutura...

É maconha, gente? Ou crack?

Crack.

Mas hoje eu aprendi, gente, a ter força, foi... e ele sabe que eu faço tudo por ele. Ele fala: “Ah, minha mãe eu não manipulo mais não”. Eu falei: “Ah, não manipula mesmo!”. Porque daqui pra casa bem, ou daqui pra rua, se tiver mal... Mal, não; Se fala: “Ah, doutora, quero ir embora”. “Pode ir! Pode deixar, não precisa nem me comunicar...”. Chega, eu não aguento mais! Não que eu seja uma mãe cruel...

Mas a Canaã não é contenção? Não?

Não.

Meu marido faleceu. O último dia com saúde do meu marido, e meu marido passou a noite na zona.

**Entrevistadora:** Você falou...

Entendeu? Ele nos fez sofrer muito! Pra vocês terem uma ideia, meu marido ficou... Onze meses eu morei na Santa Casa. Eu morei. Era dois meses na Santa Casa, um lá em casa. Três dias lá em casa... Uma vergonha que eu tive que passar! E ele é lindo, educado, é tudo aquilo tudo o que todo mundo fala... Carismático, “Mãe, eu te amo!”, mil vezes por dia. “Me carrega no colo...”. Sabe, ele é um menino assim, que todo mundo adora! Tem profissão, tem um currículo excelente. Já teve tudo de bom na vida! Então, eu tenho que ser boazinha? Eu tenho que ser boazinha quando ele for bonzinho, né?

**Entrevistadora:** Tem que ser firme, né

Tem que ser firme!

**Entrevistadora:** Tá certinho

E a nossa psicóloga deu um exemplo: de ser manipuladora. Vamos supor, a gente vai no mercado com uma criança pequena, com o nosso filho. Aí, ele faz uma birra, que ele quer aquele doce. Então a gente acaba dando pra não passar vergonha. Então, a gente tem que deixar ele fazer a birra e deixar ele lá! Pra ele ver que ele não tem a gente sob controle deles, né...

É, eles não podem ter o controle, né. Mas a gente como mãe... Eu sou mãe, meu filho tem dois anos. A gente como mãe, é duro! Só quem é mãe sabe o tanto

que é duro ser firme... Hoje eu saí de casa e falei: “Se você ficar bonzinho, por a roupa, porque ele tá na fase de que não quer por roupa, você vai querer um bis...”. Falei: “A gente vai parar no posto, eu vou comprar um bis pra você”. Mas foi um escândalo pra por a roupa. Não queria por a roupa! E gritava, que machuca, que dói... Falei: “Você não vai ganhar um bis...”. Aí, parei no posto pra abastecer: “Cadê o bis, mamãe?”. Eu falei: “Você não vai ganhar!”. Mas por dentro tava me corroendo... Aquele bis era tão importante pra mim dar pra ele. Mas eu falei: “Eu não vou dar!”. Pra ele ver que comigo, quando eu falo é não, é não, e depois...

É igual o da Zilda. “Mãe me dá 30 real? Porque eu vou ali comprar um lanche pra mim, não sei o que...”. “Não, não vou dar!”. “Mãe, mas eu não vou usar droga hoje! Eu juro pelo meu pai, lalala...”. “Não vou dar!”. Até que eu não aguentava, sabe? Ou eu dava na cara dele, ou eu dava os trinta reais, ele ia embora e eu sossegar, ficar livre... Não é fácil não!

**Entrevistadora:** Porque você não sabe! Numa dessas pode acontecer alguma coisa pior! E a gente nem tá consciente disso!

Ficar na rua, né.

**Entrevistadora:** E ele tá pedindo isso! Entendeu? Ele tá pedindo! Em casa ele teve tudo! Ele não quis daquilo.

A gente XXX meu marido, e ele embaixo da árvore usando crack! Sabe, então marca! Tem coisa... Eu amo ele de paixão, até o Seu Domingos...

Você tá vindo aqui há quanto tempo, De?

Há mais de um ano, né. Depois eu dei uma paradinha. Depois eu continuei, né. Porque eu tava... Porque de novo... sendo facilitador! Falei: “Não posso!”. Sem querer ele recaía, eu recaía junto!

**Entrevistadora:** Aí, você começou a ver que não é assim, né?

É duro, né! Eu acho que é mais duro você por um filho do que você por um marido.

**Entrevistadora:** Ah, com certeza!

Com certeza, eu acho, né! Ainda mais ele. Todos eles são tão carismáticos, né. Assim, a maioria. O meu nunca foi agressivo. A gente pegou... Eu já paguei ele... E ele tem 1,80! Já peguei ele de bandeja... Um dia eu cortei uma mangueira assim, descii nele, que marquei ele inteirinho. Fechei ele num canto da cozinha assim, ó... Tem um pilão desse tamanho que eu ganhei do meu marido tem trinta e tantos anos. Eu rachei o pilão nele. Ele não me agrediu... O pai, uma vez deu uma surra nele, o

irmão deu uma surra... e o irmão deixou ele de cama. Porque meu outro filho não mata nem uma barata! Ele falou: “Eu nunca matei uma barata. Não é a surra que eu dei no meu irmão, eu quase matei ele!”. Ele fazia uma semana que ninguém tinha notícia. Tá bom então, né! E esse policial cansou de levar ele na porta de casa. Na minha casa com viatura e tudo. E falava: “Ó, tá aqui!” Pegava na zona e levava pra casa, pegava na zona e levava pra casa... Um dia meu filho, olha até o ponto que a gente chegou, foi com esse policial dentro no carro do meu filho. Claro que o policial vestido a paisana, né. Foi como se fosse dois na zona. Aí chegou na porta do motel, que sabia que era lá que ele ficava. Aí daqui a pouquinho, deu uns vinte minutos, saía um casal. Aí, o cara de paisana ninguém conheceu. Porque ele era o fulano de tal que todo mundo conhecia, né. “A gente espera o casal. Se é só vinte minutos a gente espera...”. Ficaram do lado de fora esperando. A hora que abriram o portão XXX. Se apresentou. Aí, todo mundo conheceu quem era. Foram dando chute em tudo quanto é porta. Viram, desculpa a expressão, mas viram gente transando a vontade, gente usando...

**Entrevistadora:** Mas acharam ele?

Acharam. Até isso!

**Entrevistadora:** Tem droga, gente! Lá é onde mais tem.

**Entrevistadora:** Exato! E a prostituição... E as prostitutas também vendem, né.

O meu marido um dia no chute quebrou todas as portas do motel! Ele achou ele num banheirinho, dentro de um no quarto lá com o cachimbo usando...

**Entrevistadora:** Ah, que horror...

Eu também achava. Trabalhei um ano num shopping. As pessoas que tem dinheiro XXX usam muito mais droga do que... Só que lá já é mais é ecstasy, é LSD...

Mas eles vão comprar, acho que também lá nesse Santo Antônio. Meu menino pegava lá. Essa rave leva direto isso aí...

**Entrevistadora:** Essa rave tem muita droga, né!

Só tem droga, né!

**Entrevistadora:** Gente, vamos terminar porque já são quinze pras dez, a gente não vai conseguir terminar...

...mais tarde, uma meia noite...

(Risos)

Tem que começar mais cedo! Começa umas oito horas, acho que é muito... O certo devia começar lá pra umas começar umas sete horas, não é?

**Entrevistadora:** Gente, vai ter tempo pra todo mundo! Fica tranquila a gente vai ter tempo pra tudo! Se precisar depois a gente continua os grupos, depois que eu acabar essas sessões. Não se preocupem que o mais importante é vocês ficarem bem acima de tudo. Acima de pesquisa, acima de qualquer coisa!

**Entrevistadora:** É! Precisa colocar pra fora, né gente!

**Entrevistadora:** Então, gente, voltando aqui... Então eu tava falando que a droga causa prazer, a droga provoca prazer, né, porque ela libera dopamina. Aqui eu até coloquei: também existem outras atividades que também estimulam o sistema de recompensa, que libera a dopamina. Que é praticar esportes, sair com amigos, assistir TV, né... Depende, cada um tem uma coisa que traz prazer, né? Então eles aprendem um pouco isso né, que eles têm que mudar a rotina deles e passar a ter outras coisas que dão prazer pra eles, porque não pode também tirar a droga e ficar sem prazer na vida. Aí ninguém guenta viver sem estímulo, né? Só que o momento que eles são internados, só a droga que dá prazer! Parou já de ter contato com família, parou já de ter tudo. Então, aí eles começam a aprender que tem que mudar o comportamento deles pra viver bem, pra viver sem a droga. Pra isso eles têm que achar outras fontes de prazer.

Então, o meu filho não me pedia benção, agora a primeira coisa que ele faz, ele me pede benção.

**Entrevistadora:** Então e eu tava falando aqui, eu comecei a falar. Então assim, eu tava falando: a partir do momento que ele desenvolveu uma dependência no sistema nervoso central, ele é um dependente e vai ser pra sempre. Se daqui um ano ele tiver uma recaída, é... Essa recaída... Perdi o fio da meada! Se daqui um ano ele tiver uma recaída... Ai gente, agora eu perdi, desculpa. É... Lembrei! Se daqui um ano ele tiver uma recaída e ele tomar um gole de cerveja, a cerveja vai levar ele ao crack. Ou quem é só alcoólatra vai ficar na cerveja. A cerveja tira o nosso julgamento né. Então você para de ficar crítico, você começa a tomar cerveja, você perde a crítica. E aí, automaticamente você fica mais impulsivo quando você bebe e te leva à droga, porque você perde o controle. Então é por isso que a gente fala: quando tá em tratamento, é um dependente químico, tem que ser abstinência total. Não existe outro tratamento! Não existe cheirar uma vez por semana, não existe tomar uma cerveja uma vez por semana. Tem que ter abstinência total! Essa

é a melhor forma, pelo menos até onde eu encontrei hoje, tudo que eu leio, tudo que a gente vê de tratamento. Porque senão automaticamente o sistema nervoso, nosso cérebro, já vai falar pra ele: “Epa! A droga voltou...”. E vai começar a precisar da droga de novo. E aí, ele vai automaticamente desenvolvendo aquele comportamento compulsivo em questão de pouco tempo. Então por isso que eu falo: é uma doença! E ele tem que tá se cuidando pra sempre. E a família junto né... Porque se a família também não tá bem, muitas vezes, gente eu já vi a própria família boicotar o tratamento do filho, do marido... Porque tava acostumada com aquele filho, aquele marido... Por exemplo, eu to lembrando de um caso agora que eu atendo: O marido que parou de beber. Durante vinte anos ele bebeu. Tava acostumada com esse marido fora de casa. Então ela tava acostumada a ter a vida dela. Isso pra ela já era até um ganho. Então vocês passam a ter ganhos na família com o usuário usando. Nesse caso, por exemplo, pra ela era um ganho o marido já tá usando. Porque ela já tinha acostumado a viver sem ele e ele não pegava no pé dela. A partir do momento que ele parou de usar pra ele ficar bem, ele tá pegando no pé dela. E aí tá tendo atrito. Então eles estão brigando muito, porque ele tá controlando ela, ele quer ela só pra ele, como ele nunca quis, porque ele nunca foi assim. E ela tá falando: “Calma aí! Que você quer?”. Entendeu? Então automaticamente ela tá falando: “Ó... Volta a usar! Volta a usar!”, em outras palavras. “Volta a beber que eu prefiro você ausente, eu já me acostumei com você ausente.” Então ela também tem que mudar, ou se for pra eles ficarem juntos e bem, ela vai ter que mudar. Ou então eles não vão mais conseguir ficar juntos. Mas a droga, ela passa a ter uma função na família. Ela tem um espaço tão grande, ela ocupa um espaço que ela tem uma função na família. Então por isso que vocês têm que se tratar. E eu vou tá sempre falando isso e sempre lembrando vocês. Então voltando aqui... Aí eu falei um pouquinho dos diferentes tipos de droga que têm, né, das mais comuns; Então eu coloquei aí o álcool, que é a droga que mais causa danos. Por quê? Porque ela é lícita! Você compra uma dosinha de pinga por um real em qualquer bar da esquina. O crack, a cocaína tem que ir até a zona, até não sei onde arrumar, é ilícito, é mais difícil... O álcool é lícito, então é muito mais fácil. Ele é absorvido muito rapidamente pelo sistema nervoso, ele reduz a ansiedade e provoca uma sensação de bem estar e de euforia. Ele é uma droga depressora do sistema nervoso central, causa sedação, sono, relaxamento, falta de coordenação motora, diminui a crítica e a concentração. E a dependência é vista na maioria das vezes em adulto. É praticamente impossível,

muito raro você ver um adolescente dependente de álcool. Porque leva muito tempo pra desenvolver uma dependência do álcool. Não é que nem o crack, que basta dar duas cachimbadas você fica dependente. Entendeu? O álcool leva tempo pra desenvolver a tolerância.

**Entrevistadora:** É... A nicotina também é uma droga, né. Acho que todo mundo sabe, cigarro também é uma droga, que também é lícito. A síndrome de abstinência ocorre porque o organismo da pessoa está adaptado, que é aquilo que eu falei: ele passa a ficar adaptado, ele precisa da nicotina pra manter o equilíbrio. Então, se não tem a nicotina, ela vai ter síndrome de abstinência tanto quanto outras drogas. Mas é o que eu expliquei: é óbvio que a síndrome de abstinência da nicotina é muito menor do que a do álcool, é muito menor do que a morfina, que a gente já viu em filme, né, que a pessoa se retorce e tudo mais. Então, o organismo da pessoa está adaptado e modificado para receber todos os dias a nicotina. Então, milhares de receptores do cérebro do fumante estão ativados e precisando, querendo a nicotina. Como se não fosse mais capaz de viver sem ela. A maconha: o usuário que tem uma predisposição genética para doenças mentais pode desenvolver um transtorno psicótico induzido pela maconha. O uso da maconha também pode funcionar como um gatilho para desencadear surtos psicóticos. Então aqui, é que assim, a maconha, ela desenvolve doenças mentais. Então a pessoa que fuma maconha, normalmente, é muito difícil você ver uma pessoa dependente de maconha e internada, por exemplo. É muito raro, a não ser que a maconha leve a um surto psicótico. Que é isso? Uma doença mental. Então, de tanto fumar, a pessoa já tem uma predisposição. Que é ter uma predisposição? É ter famílias, familiares, pessoas da família que já tem uma doença mental: uma depressão, um surto de ansiedades, esquizofrenia, qualquer tipo de doença mental. Então, se a pessoa tá fumando muita maconha, a maconha pode induzi-la, se ela tem essa predisposição genética, a desenvolver uns transtornos. Então ela pode começar a delirar. Então, o prejuízo da maconha maior é esse, né. É muito difícil da pessoa deixar de trabalhar, roubar, por conta usa da maconha. Porque a fissura não é grande. Não há esse desespero pelo uso, pra ir atrás. Por isso que existem muitas controvérsias e muitos debates sobre a legalização, sobre causar dependência ou não. Tanta gente que a gente conhece que usa e tem uma vida normal, né. Muita gente conhece. Então, por quê? Porque ela realmente causa prejuízo pra quem

desenvolve uma doença mental. Mas casos de internação pela maconha é muito raro. É...

(Risos)

**Entrevistadora:** XXX crack, Valeria? É a principal droga estimulante que existe. Dá uma sensação de poder, perde o sono, tira a fome... Essa sensação de poder que eu coloquei, é porque o usuário da cocaína ele fica muito forte. A autoestima levanta. Então, ele se sente o dono do mundo, ele se basta, ele é o poderoso. Realmente dá uma sensação de poder, porque ela é estimulante. O oposto do álcool, que é depressora, né, do sistema nervoso. Ela estimula o sistema nervoso.

Mas o crack não, né? O crack dá poder.

**Entrevistadora:** Mas o crack tem o mesmo princípio da cocaína, né?

Mas não é um pouco diferenciada?

**Entrevistadora:** Não, sim! Eu vou falar aqui depois. Eu diferenciei aqui. Primeiro eu to falando da cocaína: a principal droga estimulante, dá a sensação de poder, perde o sono, tira a fome, fica irritado, causa a sensação de bem estar, de felicidade... Quando acaba o efeito da depressão, e concorda de utilizar mais para resgatar todos aqueles sentimentos bons, porém irreais, né. E usado principalmente sobre a forma de pó. E existe também forma de injetá-la, né, quando ela é diluída em água, que é injetável. O crack é a cocaína sobre a forma de pedra, produzido a partir da sobra do refinamento da cocaína misturado a bicarbonato de sódio.

Ele é o pior de tudo, que é o resto da cocaína...

**Entrevistadora:** É a parte ruim da cocaína! Entendeu?

Tem parte boa da cocaína?

XXX é muito poderoso, agora o crack, quem fuma crack quer fumar escondido, longe...

**Entrevistadora:** Principalmente pela forma também, né? Que você falou, XXX?

A cocaína tem parte boa?

**Entrevistadora:** Não, é porque eu coloquei aqui os sentimentos bons, né...

Não, é que você falou a parte ruim da cocaína... Qual que é a parte boa? É a parte pior da cocaína...

**Entrevistadora:** Ah, entendi! Entendi...

XXX a cocaína já chega um lixo já... Porque ela é XXX.

**Entrevistadora:** Mais aí, tem pessoas que dizem que a de Rio Preto é maravilhosa perto da Inglaterra, porque lá não tem... Aí depende de quem...

Só voltando... Diz que a maconha, que eu tava vendo, a maconha é o seguinte, ela tem várias misturas, né... E que quando eles fazem aquele tijolo né, diz que tem até estrume de vaca!

**Entrevistadora:** Eles prensam, é...

Prensam até estrume de vaca!

**Entrevistadora:** Eles também misturam coisas...

Tem várias, misturam tudo..

**Entrevistadora:** Pro comércio, né... Pra dar mais quantidade...

Eu nunca nem fumei gente, graças as Deus!

Eu também... Nunca fumei na minha vida!

E no Amsterdam que é liberado, é qualquer tipo de droga ou tem um tipo de droga específico?

Eu acho que é maconha, né.

**Entrevistadora:** Eu acho que é só maconha que é liberado lá, mas eu não tenho certeza não. Alguém sabe?

As cidades que são liberadas, é...

**Entrevistadora:** Amsterdam,

Então, essas cidades, esses países que liberaram é só maconha mesmo.

**Entrevistadora:** Só maconha? Eu não tenho certeza, porque eu já fui pra Amsterdam e eu lembro de gente vendendo cogumelo, que é alucinógeno, né, que faz o chá. Mas lá eles vendiam pra comer eu acho. Não era em forma da chá, era em forma da... Era o cogumelo mesmo. Não sei se eles comiam, eu não sei... Então eu não tenho certeza se é isso mesmo...

É, geralmente é a maconha liberada.

**Entrevistadora:** É... Porque era meio que vendido o cogumelo assim no meio da rua, sabe... O chá de cogumelo é uma droga alucinógena, que causa alucinação. O LSD também é alucinógeno.

O que é o LSD?

**Entrevistadora:** É uma droga consumida em rave. É o que eles chamam de "doce".

Ah, o doce... E o ecstasy é a bala, né?

**Entrevistadora:** O ecstasy é a bala, o LSD é o doce.

É uma balinha que chupa?

**Entrevistadora:** É tipo de um comprimido o ecstasy.

Você toma?

**Entrevistadora:** É tipo de um remedinho...

Eu achei lá no quadro na parede. Na hora que eu tirei o quadro, caiu o comprimido.

(Risos)

**Entrevistadora:** É... O comprimido é bala. A bala é o ecstasy. O LSD, ele vem numa forma de papelzinho, é como se fosse um quadradinho bem pequenininho que eles pingam uma gota do ácido, é um ácido, eles pingam uma gota do ácido nessa gotinha. E aí, ele é ingerido, deixam debaixo da língua pra chegar no cérebro. E ele dura em torno de dez horas.

Por isso que nessas raves eles não param... Rave é praticamente só pra consumir droga. E só tem essas drogas, né: LSD, é...

**Entrevistadora:** Eu acho que deve ter cocaína também...

Não, mas a que mais tem é essa.

**Entrevistadora:** E como que foi o *playground*?

Deu até no Fantástico.

É proibido!

Foi uma bagunça! Tinha uma menina lá que ela se debatia numa poça de lama, debatia de frente, com o rosto, se debatendo toda descabelada...

Como é que deixam fazer essas coisas, né?

**Entrevistadora:** Eu não entendo! Saiu no Fantástico, né.

Foi proibido o playground.

Ele não tava comigo, ele tava com os outros colegas meus. Só que ele é lá do mesmo bairro que eu. Ele tomou muita vodka tal, e o brinquedo que tem lá virou tudo, deu coma alcoólico nele também, no meu vizinho. Saiu até no Fantástico a reportagem, ele tava sentado na cadeira lá, a situação desse jovem...

**Entrevistadora:** Então, gente... Então o crack, né. É uma droga nova que causa dependência muito rápido. Apenas uma embalada o organismo pede mais, e assim por diante. Então, ela chega no sistema nervoso muito rápido. Muito mais rápido do que a cocaína que é sobre a forma de pó. Tem que cheirar. O crack, como ele é fumado, ele chega muito mais rápido. O crack, diz que a primeira pedra, ele

sente prazer. Depois, aí já não sente mais. Acabou aquilo lá, ele fuma uma atrás da outra e nunca chega mais naquele prazer.

**Entrevistadora:** Falam que a situação de prazer do crack é uma coisa assim, de outro mundo. É melhor do que o orgasmo. É uma sensação de prazer, falam que é uma coisa assim...

Dez vezes a mais do que o orgasmo!

E a cocaína ela...

**Entrevistadora:** Ahm?

É fumada a cocaína, né?

**Entrevistadora:** É inalada pelo nariz.

**Entrevistadora:** Ah, detona o nariz, né!

Que horror!

XXX tem uma propaganda comercial que falava assim... Eu acho que ela deveria ter falado assim... Porque fala "Ai, causa um prazer", né. Ah, não lembro quando foi que passou. Isso daí, dependendo da cabeça do ser humano, desperta um interesse. Tá entendendo? Até comentei com a Patrícia: ficam falando tanto, tanto, que quem tem cabeça fraca tá querendo experimentar.

**Entrevistadora:** É por isso que os adolescentes experimentam, por curiosidade. Tem curiosidade de saber o que é. A fase da adolescência é a experimentação, de tudo na vida. E aí, o adolescente quer experimentar droga pra saber o que é. Então, por isso que o que leva a dependência são vários fatores, não é um só: é a curiosidade, é a falta de conversa em casa, a falta de regras, é... ter dependentes de drogas na família, tem uma predisposição genética com a dependência... Então, é uma soma de fatores, não é um fator só. Por isso que não tem um culpado.

Na verdade eu acho que XXX

**Entrevistadora:** A pontualidade, o contexto, por exemplo, XXX.

Você já ouviu falar da maconha líquida?

**Entrevistadora:** Maconha líquida?

Maconha líquida?

**Entrevistadora:** Não.

Lá no amor exigente, na sala que a minha filha tava, um homem estava casado com uma mulher, era a segunda esposa dele. E ele tinha filhos, e os filhos

dele não tinham problemas com droga. E essa mulher tinha um filho que era dependente, e ele falou: “Se Deus me pôs essa mulher no meu caminho, pra mim estudar sobre a droga”. Aí diz que ele vai pra tudo quanto é lugar do mundo conhecer esse negócio de droga. E ele agora diz que vai chegar essa droga, que é a “maconha líquida”.

É verdade que uma pessoa consegue usar em uma noite mais de 50 pedras de crack sem ter overdose?

**Entrevistadora:** Isso depende de organismo pra organismo. De como que essa droga, né como que é o crack, né, se ele tem muito bicarbonato, se ele tem muita coisa misturada ou não.

Porque o meu filho, o meu filho já falou...

**Entrevistadora:** Ele já usou 50?

Já! Até mais! E ele nunca teve uma overdose. O tanto que tiver de dinheiro que tem vai... Se tiver 1000 reais, vai...

**Entrevistadora:** Depende do organismo, do tamanho da pessoa, né...

Mais ele também tem medo, né Tati? Pelo menos, sempre me relatam: “Eu demorei pra entrar no crack porque eu tinha medo, né. Então assim, já vendi, já sabia como é que era...” Então assim, o medo deles é muito, mas a partir do momento que eles começam a usar o crack...

**Entrevistadora:** Ai, perde o controle...

“A vida acaba”, eles falam. “Minha vida acabou!”

**Entrevistadora:** Mas não dá pra entender como com tanta prevenção, né, sabendo do que causa, usa, né?

XXX com essa droga rodando XXX

**Entrevistadora:** Gente, isso faz parte do nosso sistema. É ilegal... Isso faz parte do nosso sistema!

Eles ficaram presos. Eles foram buscar droga pura no Paraná. Eles ficaram preso quase um ano. Os dois ficaram presos. Há um mês e pouco saíram da cadeia, eu não sei que eles tiveram que fazer. XXX. A hora que o cara abriu a porta, ele deu um tiro, pegou na roupa dele aqui ó, entrou dentro do peito dele. Mas o cara já sabe quem é. Foi só vê na hora que o irmão dele XXX do fundo. O irmão dele escutou o tiro, né. Aí o irmão dele já levantou, acendeu a luz, aí o cara passou correndo no corredor. Aí ele já conheceu o cara. Aí, ele saiu lá atrás correndo, querendo correr atrás do cara, o cara virou pra trás atirou nele também. No irmão do rapaz que

morreu. Sorte que ele não morreu. Inclusive esse rapaz que morreu tava morando com a prima desse assassino.

**Entrevistadora:** É, gente... Esse é o nosso dilema. Esse é o nível que a gente tá de evolução. Esse é o sistema que a gente vive. E não vai acabar tão cedo...

Esse rapaz que morreu era muito amigo da família. Ele não quis ir... Ele não quis internar!

**Entrevistadora:** É, ele escolheu o caminho dele...

XXX

XXX crack, né, a gente XXX. Agora, só a criançada vendida pra cocaína aqui, é muita influência, muita gente que... XXX, quem mexe, quem usa fala que o crack, XXX. Agora, a cocaína todo mundo fala que é bom, que é isso... “Vamos cheirar, tal...”. Eu, se eu chego perto, eu sei que tem, eu sei que tem...

**Entrevistadora:** Você tem uma cabeça, uma estrutura, Anderson, que é...

**Entrevistadora:** Bom, gente... Vamos finalizar? Já passou cinco minutos do nosso tempo. Eu espero vocês então terça que vem. Muito obrigada, boa noite. Espero ter ajudado...

**Terceira sessão – 03-10-2011**

**Entrevistadora:** Boa noite gente!

Boa noite.

**Entrevistadora:** Tudo bem? Bom gente, hoje eu resolvi não trazer tema nenhum, deixar livre para você colocarem o que vocês estão sentindo, quem tem alguma coisa aí que quer colocar... que está pegando, principalmente porque teve a visita domingo, pra vocês que não estão com os filhos internados, mas o resto todo mundo tá XXX, então eu acho que deve ter bastantes sentimentos aí, eu acho que a gente tem coisas para tocar hoje, então eu vou deixar livre. Quem quer começar?

**Entrevistadora:** Vocês que não têm filho internado, você que está na Canaã você teve visita esse final de semana? Vocês podem estar falando de coisas pessoais de vocês, aqui está aberto para vocês colocarem qualquer problema qualquer coisa que queiram dividir ou pedir ajuda...

**Entrevistadora:** Eu vou dar uma dica, eu gostaria de falar assim... aproveitando já a sua deixa, vamos procurar falar da gente e eu, de mim em primeiro lugar, que a gente gosta de falar dos outros, já aproveitando ou então a gente fala do dependente, do filho, do marido, mas da gente está ótimo.

... ir embora XXX não tem no ambulatório XXX ir para casa XXX não, não.

**Entrevistadora:** Tá vendo tudo vai se mostrando né?

Pensando o que vai ser né?

Pensa as coisas positivas.

**Entrevistadora:** E aí?... como que foi a visita?

Ótimo graças a Deus, está tudo bem, está bem, ele está ajudando outras pessoas lá dentro, está aprendendo fazer mais coisas. Está se integrando né, espero que continue para sempre né, só que a gente também não pode abandonar, né... ficar abalado e acabou né, meu sobrinho em agosto vai se casar, então vou sentar e conversar com ele se ele vai querer ir ao casamento, mesmo porque assim... vai ter álcool e está muito recente ainda, tem que esperar mais, vai depender dele, se ele aceitar.

**Entrevistadora:** Mas em agosto ele já vai ter saído?

Já!

**Entrevistadora:** Ele está inseguro de ir?

Ele tem que participar do grupo entendeu, e às vezes a gente não entende ele, então ele estando no grupo lá as pessoas entende ele o que ele passa, o que ele sente.

**Entrevistadora:** Por que são pessoas que estão passando pelo mesmo problema que ele e aí se for no casamento ele não vai ter ninguém pra se apoiar?

Então, porque hoje lá em Valinhos XXX conversar com ele certinho, o que ele acha, se ele vai suportar, ver todo mundo beber e ficar lá sem beber.

**Entrevistadora:** Vai ter que ver como que ele vai sair da internação, então tudo isso também a ansiedade que você vai ter que controlar.

XXX a vontade dele.

A vontade dele...

XXX o meu saiu, nós fomos ao casamento, só que aí ele não bebeu, XXX aí ele não bebeu justamente por isso XXX aqui XXX aí nós fomos embora...

XXX sempre fala isso XXX e o vinho?

Igual a minha filha falou assim: a não ser que nós vamos só no casamento e acaba nós vamos embora pra casa da tia.

XXX beber sou eu XXX reserva um mesa bem longe pra nós, né XXX?

**Entrevistadora:** Não entendi nada que você falou.

XXX

XXX

XXX lá em casa ninguém bebe e ninguém fuma.

Você está com medo dele sair e recair?

Não, eu não estou insegura, tudo eu ponho na mão de Deus entendeu, pra tudo a gente tem que estar preparado, o que acontece que a gente tem que procurar ajuda, eu não quero mais que aconteça...

Ansiosa para ele sair logo?

Ah, eu estou.

Por quê?

...ele não está em casa ...

**Entrevistadora:** Por que está com saudade?

Saudade dele não é o problema XXX é o problema.

**Entrevistadora:** Mais você não sabe ainda a data?

Oi?

**Entrevistadora:** Você não sabe quando ainda?

Final de semana ou lá pro dia 9 eu acho.

**Entrevistadora:** Você está mais ansiosa do que ele?

XXX

**Entrevistadora:** Quem passou por essa situação e gostaria de dar algum retorno, gostaria de dividir com ela?

Eu passei. Eu passei mais na segunda do que na primeira.

**Entrevistadora:** Passou...?

Mais na segunda do que na primeira.

**Entrevistadora:** Você passou XXX

Passei na primeira...

... Ansiedade dela XXX sabe, ansiosa, mas não assim desse jeito não. Porque ele já chegou em casa falando que não ia querer sair... porque eu moro em condomínio fechado, então ele falou que não quer sair daqui de dentro, vou ficar aqui, quietinho, que a gente vai XXX. Eu moro de frente da lanchonete, bem de frente para a lanchonete XXX carro XXX meu coração acelerou, sabe... fiquei assim... calma XXX

**Entrevistadora:** Ficou mais segura?

Fiquei, na segunda ressocialização, a semana que ele estava pra chegar, parece que Deus estava me falando...

Aham?

XXX Deus fala com a mãe...

**Entrevistadora:** Deixa ela terminar

Então, eu falava pro meu filho: Eu estou tão nervosa agora que o Celso vai vim... acho que eu vou ligar na clínica e falar pra não deixar ele vim, ou vir o monitor junto...

**Entrevistadora:** Você estava sentindo o oposto dela, estava com medo dele vim, XXX .

Com medo dele vim XXX não deveria XXX aí ele veio, ele veio na sexta, quando foi no sábado à noite assim, durante o dia ele falou assim: “Mãe, hoje a noite eu vou dar uma saidinha, tá”. XXX... Falei: com quem? “Com o Everton e com o Rodrigo. Eu falei: por quê? Na primeira você não saiu, porque na segunda? Mãe, você não vai me segurar 24 horas por dia e quando eu sair, se eu tiver alta?” Falei: filho... até então estava calminha, mas estou com um pressentimento ruim. Tudo bem, mas não sai não... fica aqui comigo, com seu irmão. Amanhã a gente vai assar

uma carninha com refrigerante. Ele falou: não, mas por que vai rolar refrigerante? Ele falou: não, mas se vai ter um churrasquinho aqui amanhã, vai ter cerveja... pra quem pode tomar, quem não pode sou eu! Não vai deixar de ter por causa de mim! Por quê? Porque eu não estou sentindo firmeza. Filho, sinceramente eu não estou me sentindo segura, eu to achando que você não vai voltar! Mas em vez de você ficar me dando apoio... não meu filho, vai... vai com Deus mas vê bem com quem você anda, se controla, se você achar que está com vontade de alguma coisa ou você liga pra Sol ou você liga pro seu irmão, você vai XXX pediu cinquenta reais porque ele não tinha dinheiro e eu falei: não vou dar... XXX aí brigamos... XXX no chão... casa XXX aí ficou naquele vai e vem XXX não estou a fim XXX agora está mais no pé no chão quero acreditar nisso, entendeu?

**Entrevistadora:** Gente como lidar com essa ansiedade de querer controlar o que vai acontecer amanhã...

Quando meu pai saiu eu não tive!

**Entrevistadora:** Não?

Não.

**Entrevistadora:** Eu acho ela tão tranquila, eu acho XXX ele não é criança, tem vinte e nove anos, ele já conhece alguns casos, ele já sabe porque, já sabe como evitar, se ele recair é porque ele quer!!!

XXX mas a gente não dorme, né?!

**Entrevistadora:** Fala Daisy...

Depois que eu comecei a me apegar mais, a frequentar mais grupos, a não faltar mais XXX, mesmo vindo, então eu já estou com outra cabeça.

**Entrevistadora:** E como que está a sua cabeça hoje?

A minha cabeça hoje está assim...

**Entrevistadora:** Está tranquila, segura?

Está tranquila, está mais segura, se ele recair... eu falo para ele nas visitas, porque ele já tem o suporte necessário para que ele não recaia. Ou se ele vier a ter a vontade de usar, ele procurar apoio em alguém, tem muita gente para procurar apoio, né, tem a Sol, tem a Canaã, tem os amigos, mas se ele recair eu falo para ele você não venha na porta de casa que eu não te recebo.

**Entrevistadora:** O Daisy, hoje assim depois, você está mais fortalecida, qual seria a sua atitude dentro do mesmo exemplo, ele te pedindo dinheiro para sair com os amigos novamente estando de recuperação, qual seria a sua atitude?

Hoje?

Hoje seria diferente, se ele saísse...

Eu daria XXX se ele chegar e falar que vai sair e pedir dinheiro, eu dou... numa boa, porque sabe, eu não sei o que acontece, eu sou uma pessoa essa semana que oscila muito, essa semana... essa semana não, de ontem para cá eu estou extremamente depressiva, não é depressiva, é angustiada, mas não é por aí não...

**Entrevistadora:** mas eu estou te sentindo meio insegura hoje mesmo...

O XXX contou uns fatos de um casal de amigos da gente, e isso me pegou, sabe, aí eu tive duas noites de insônia, muito atribulada tanto que hoje eu estou assim até... até que eu estou melhor hoje do que ontem. A noite ao invés de tomar um comprimido e eu já mandei logo dois, estou extremamente angustiada, porque acho que o remédio fez o efeito ao contrário, por eu ter tomado logo dois... dose dupla...

**Entrevistadora:** Mas que remédio você toma?

Eu tomo Rivotril.

**Entrevistadora:** Você toma com receita médica?

Com receita médica... sempre tomei... depois que o Celso começou a dar problemas, depois o meu marido faleceu, mas essa ansiedade que eu estou sentindo, essa angústia não é pelo Celso não! Ele está ótimo, está mesmo, mas essa pergunta que você me fez XXX se ele chegasse hoje falando: eu vou sair... vai... só que eu tenho plena consciência comigo, se ele recair, eu não sei se eu estou errada, sabe... até eu gostaria que alguém respondesse para mim...

**Entrevistadora:** Você não vai mais o quê?

Não vir mais pra cá... XXX recair, chegar em casa drogado, ele pode até deitar, dormir, levantar no dia seguinte, ele vai cair, vai embora, ele não vai ficar em casa! Eu tenho isso comigo assim, convicto! Não vai ficar! Estou sendo rude, drástica demais, madrasta... não sei... Porque eu acho que ele já tem uma bagagem muito grande! Porque falam assim, ah, pode recair com um ano, dois anos, oito anos... não sei quantos anos, por mim tudo bem, mas eu acho que ele tem por obrigação não recair! É uma doença? Eu quero que vocês me ajudem nessa parte se eu estiver errada, ele tem por obrigação de não recair não! Ele já tem 17 anos de química no corpo já sabe bem o que é, já sofreu muito, já foi preso, já fez a família

sofrer demais... eu demais, então agora quando me olho no espelho é primeiro eu, segundo eu, terceiro eu, se quer usar, então vai mas me deixa em paz, sabe.

**Entrevistadora:** O que vocês acham?

XXX duas vezes XXX e vi ele lá na XXX dormindo na calçada. Eu conheço o perfil dele. Se eu ficar só passando a mão como eu já fiz muito, que eu já fui muito pacificadora, ele fica acostumado, igual a elástico, come e bebe, fica uma semana XXX come e bebe, XXX... ah, não vou fazer mais isso não, gente...

Não vou, não vou.

**Entrevistadora:** Você acha que ela consegue XXX?

XXX eu converso com ele assim, calmamente como eu estou conversando com você... XXX

**Entrevistadora:** É interessante, como você está mudando o seu papel, a sua forma de ser, como você era uma mãe facilitadora e de repente ele vê uma mãe rígida é difícil quando num sistema familiar a pessoa muda é difícil pro outro entender que realmente você está mudando.

Então parece que agora ele está entendendo o meu lado, entendeu...

**Entrevistadora:** Ele está sentindo segurança na sua nova postura, no novo papel que você está assumindo.

XXX estava conversando XXX lá fora... agora, ele tem um celular, lá na clínica.

**Entrevistadora:** Aonde que é?

Lá na XXX

Aham?

XXX bem no final, passa a Domingos Falavina, passa a FEBEM ... não chegou a passar na FEBEM né...é antes XXX

Aí ele me pediu, “mamãe coloca crédito no meu celular?” Mas pra quê? “Se você precisar ligar pra mim, liga a cobrar, aí eu peguei XXX eu dei na época cinco reais pra ele, quando foi agora na última visita, ele pediu para eu por 12, aí eu coloquei, né, aí quando foi nessa semana ele pediu de novo, aí eu liguei pros meninos da clínica e falei: Roger, está acontecendo assim ....., no caminho eu já fui falando. Eu falei: ó, hoje aconteceu isso, isso e isso, pus 12 reais de crédito pro Celso, to avisando vocês, pediu crédito de novo, XXX eu vou conversar com ele e vou falar pra ele que não! Na hora que ele tiver o celular dele, no momento que ele comprar o celular, aí ele vai comprar o crédito se ele puder comprar, mas no

momento: não! Pode deixar que eu falo com ele XXX vamos fazer diferente, como a gente combinou no começo.

**Entrevistadora:** Ele está começando a aceitar a sua nova forma de ser, né?!

Eu estou ansiosa sim, eu sou assim, eu queria entender o Leonardo, por isso que eu também XXX pra de tomar XXX dependente químico XXX minha nora XXX... independente do assunto do momento, à noite minha cabeça não descansa... porque eu dou uma dormidinha... eu sonho; eu durmo mais um pouquinho... eu sonho, aconteceu uma coisa terrível com um casal amigo da gente, passou coisa de polícia na minha cabeça a noite inteira. Aí no domingo de manhã a gente saiu XXX

**Entrevistadora:** ele é casado com XXX

A minha nora tentou conversar com ele, já tentou outros tratamentos, a outra filha não, XXX entendeu. A esposa dele é uma pessoa que se eu tiver que XXX conseguir, isso é impossível, mas se ela sentar numa dessas cadeiras XXX, jamais ela senta e conversa com ele, então, em vez de ficar do lado dele, aquela angústia, alcoólatra daquele jeito, bebendo daquele jeito, ninguém fazendo nada, XXX ainda minha nora contou que mãe dela tinha ido pousar lá e foram tomar um lanche num barzinho, aí foi ela, o marido e a mãe, e não convidou o pai, excluiu. Aí ele comentou com a minha nora XXX só porque eu sou um alcoólatra, eu não sou ninguém XXX muito desabilitada XXX e eu estou assim... meia... eu falei com a minha nora... falei vocês não estão fazendo nada da parte de vocês!

**Entrevistadora:** É! Você também não tem que carregar por causa disso...

O meu pai que era alcoólatra que eu não convivi com o meu pai, eu fui criado com a minha avó XXX a noite inteira XXX eu acordei com o meu pai XXX na porta do meu quarto com um copo de pinga na mão, sabe umas coisas que a gente não esquece...

**Entrevistadora:** Você tem que fazer hoje terapia...

XXX mas me pega, me pega, xxx

**Entrevistadora:** XXX história...

XXX que os filhos XXX

**Entrevistadora:** Por que eles não têm estrutura para isso, mas XXX pelo seu pai provavelmente?

Não, O meu pai foi um caso a parte, meu pai era alcoólatra, mas o meu pai ele cuidava da casa, ele cuidava da família, ele era mulherengo e ele nem morreu por isso, morreu num acidente de carro.

XXX que XXX e ninguém ia fazer nada por ele e a mulher só pisava nele XXX não é que eu estou a favor dele não...

**Entrevistadora:** XXX

XXX

**Entrevistadora:** Você tem que fazer a sua parte, não dá pra gente...

XXX

**Entrevistadora:** XXX mais vamos dar continuidade aqui...

XXX também...

XXX tudo junto...

XXX meu pai foi alcoólatra ele não passou por esse estágio XXX foi muito diferente...

**Entrevistadora:** XXX coloca isso só pra gente finalizar XXX você tá querendo ajudar ele pra ajudar o teu pai XXX assim?

XXX

**Entrevistadora:** Mas o pai que você não ajudou, entendeu...

Fazer o que você poderia ter feito XXX

**Entrevistadora:** Por isso que mexe tanto com você.

XXX

XXX pra mim chegar até lá XXX

**Entrevistadora:** Você teria que mobilizar a família, não ele, a família chegar nele.

XXX sabe XXX meu filho que me acompanha! Agora eu venho e volto de ônibus porque eu moro pertinho, moro pertinho, mas se ele tiver que me trazer nada, nada, você pensa que ele me acompanhou em alguma reunião daqui? Ele fica em casa me esperando duas horas XXX, não preciso de nada! Nada! A única coisa que ele faz é me buscar e me levar, ficar um pouco com o irmão, sabe, é assim, mas ele não participa do tratamento do irmão.

Ele bebe?

Ele bebe muito, de quinta a domingo.

**Entrevistadora:** A possibilidade dele desenvolver uma dependência é muito maior, tem uma genética, tem dependente de drogas na família. A chance de se tornar um dependente é muito maior.

**Entrevistadora:** Deixa eu finalizar com você, porque senão a gente não vai conseguir dar espaço para todo mundo tá bom, depois a gente conversa. Você que queria falar?

**Entrevistadora:** Você queria falar, a Deisy estava falando e eu te cortei.

Eu estou muito feliz, a visita foi ótima, só que no final era umas quatro horas, quatro e pouco, ele disse que queria ir embora, foi isso que mexeu comigo, eu perco o sono, não tomei nenhum remédio não vou usar em nome de Jesus não vou usar, eu fico assim como ela disse: aquele sono picado e aquilo na mente, não sei pra quem ele falou não sei se foi pra mim, eu nem dei atenção, mas eu fiquei com aquilo na mente....eu nem quero que ele venha para a ressocialização.

Como assim, não a pessoa XXX tudo depende da conversa, alguns deles fazem a opção de não vir.

Nem pensar pelo uso da droga, tem uma moça que tem, que ele morou com essa moça, a moça também é usuária, ela não aceita ajuda e eu tenho medo do Vitor do lado dela, meu irmão está enfrentando muitos problemas, tem muitos problemas pra resolver, então não sei se foi isso XXX é difícil, não é fácil, ele está lindo, ele engordou, ele tá cheio de músculo...

O gente é coisa de mãe, gente... calma.

Ele estava bem magro quando ele entrou.

**Entrevistadora:** mas você ficou forte na frente dele?

Nem fingi que ouvi, meu marido falou: você devia ter respondido: você vai fazer o tratamento correto! Eu falei: Marcio, eu fingi que nem era ele que falou isso. Eu fiquei com as costas viradas brincando com a minha neta, se foi pra mim, eu não respondi nada...

**Entrevistadora:** E o grupo? O que vocês acham gente?

Posso falar...

Eu estava na fila, eu era a última da fila, da fila dos visitantes XXX

XXX Michael XXX você tem que estar preparado para a sua saída.

XXX eles começaram a falar entre eles, o filho dela estava um pouquinho mais pro fundo da fila, só que o meu irmão e o filho dela estavam logo atrás e eles estavam falando de bebida, de barzinho, só que eles estavam falando entre si, os dois estavam falando, eles estavam falando entre eles mesmos...

O Peter estava no meio...

Não, não, o seu filho não estava no meio. Eu não gostei de ouvir aquilo, porque do mesmo jeito que eu estava ouvindo, o meu irmão estava ouvindo, o filho dela estava ouvindo. Então, eu não sei como o meu irmão está ali dentro, dependendo de como o meu irmão está ali, às vezes ele pode ouvir aquilo, isso pode mexer com ele...

Exatamente tanto é aquilo que te eu falei que a minha mãe está meia... desculpe, minha mãe está numa fase assim, eu acho que ela está com o mal de Alzheimer no começo, já fez todos os exames, os médicos falam que o cérebro dela está diminuindo, então, na mesma hora que ela está lúcida, ela fala besteira, eu fico vigiando a minha mãe o tempo inteiro para ela não falar besteira pro Vitor, entendeu, a minha mãe criou o Vitor, então nós estamos na cola da minha mãe por isso, agora, esses XXX foi porque a mãe da minha neta XXX era de confiança

... eu não ouvi ele falando do seu filho XXX as vezes uma palavra errada é aquilo que a gente ouviu lá no começo...

Não é chegar e falar: ah, meu filho, que saudade que eu estava de você...  
XXX alguém pode ouvir...

**Entrevistadora:** você está mudando pra conseguir...

Vou ser firme com ele do jeito que ela está falando...

**Entrevistadora:** Muito bem...

Até agora foi tudo muito fácil pro Vitor, não me arrependo.

**Entrevistadora:** Mas você foi facilitadora!

Meu marido fala sempre isso, que fui facilitadora, dá briga dentro de casa, meu marido está brigando direto, porque não é pai dele também, minha mãe era lúcida, super lúcida, não aceitava, então era tudo muito fácil. Como ele era filho único, falava: ah... vó! Avó e avô, a mãe, avó e o vô, os três...

**Entrevistadora:** Tudo em função dele?

É.

Filho único...

Quando ele acordava, quem vai dar almoço pro Vitor, depois de homem, então, eu amo muito meu filho...

**Entrevistadora:** E tua mãe e o teu pai, o teu pai está vivo?

Tem oitenta e quatro anos.

Meu marido é um chato enjoativo, mas tudo bem eu respeito ele, ele é o meu marido, mas não é fácil fazer parte da minha vida , ele não é o pai do meu filho XXX é mais fácil XXX situação...

Meu marido falava: “Porque é tudo muito fácil o Vitor chegava assim, “mãe!” Já saia a Rose correndo pra comprar, “avô!”já saia o vô tirando dinheiro do bolso...

**Entrevistadora:** Fala pra ele vim pra cá o seu pai também...

Meu pai quer vim só que tá com muita dificuldade pra andar, a mãe é a última a saber certas coisas, e eu fui a última a saber que o meu filho estava usando droga

*Várias pessoas falando ao mesmo tempo*

O gordinho, por isso o gordinho foi na firma XXX aí ele sentou na mesa conversando comigo: porque com o Vitor aí ele vai ter que aprender a tomar uma cervejinha XXX e o meu filho XXX e do outro dia ele falou com o meu pai, meu pai falou, Vitor você não sabe tomar um latinha que nem eu e sua mãe, não sabe parar? “Não vô, eu tenho um negócio quando eu começo a tomar cerveja eu não consigo parar”.

**Entrevistadora:** É adicção, compulsão!

XXX

XXX

**Entrevistadora:** Gente...

XXX

Posso XXX. O filho é um filho maravilhoso, aquela fisionomia linda, XXX fim da tarde... mas eu não vou ficar três meses aqui...

**Entrevistadora:** Aí você vê o lado vulnerável, os dois lados ao mesmo tempo, a ambivalência que a gente vê no dependente o tempo todo, quer parar mais não consegue....

XXX só por hoje...

Isso é clássico né...

XXX ótimo XXX vou me virar, tem um homem aí que já foi garçom e conhece todo mundo, ele vai me ajudar, XXX padaria XXX e depois eu vou passar na padaria contando pros meninos.

**Entrevistadora:** E assim eu queria colocar muito cuidado com essa questão de querer governar de uma certa forma, porque uma coisa é você colocar regras e impor que essas regras seja cumpridas de uma certa forma, que qualquer ambiente tem que caber as regras e também tem que cumprir desde criança, tem essa

regrinha quando eles era pequenos. Agora, uma outra coisa é você querer escolher por eles, então assim você impor que a sua escolha seja a correta, então assim se ele partir para uma outra escolha ou fazer de uma forma diferente vai ter tal consequência, só ele que tem que saber que ele tem que pensar sobre essa consequência, sobre essa escolha que ele tem, então muitas vezes XXX você vai ficar ou você vai... é um pouco complicado então colocar assim, confiar um pouco na recuperação dele XXX ela faria diferente de uma certa forma confiando na recuperação, porque de certa forma ninguém vai conseguir ficar o tempo inteiro, ninguém consegue, ou seja...

E quem que vai viver desse jeito XXX

Realmente então vai ser ruim pra...

Lá em casa está todo mundo abalado, mil batida de carros, quando toca o telefone de madrugada em casa eu pulo da cama. Agora, gente eu fiquei muito assim abalada, mexeu muito comigo, eu durmo, eu posso deitar e dormir de noite, porque não dormia, aonde que o Vitor está, ficava a noite inteira com esse carro pra baixo, para cima, aquela zoeira... a moça... a senhora que mora embaixo no apartamento, ligou um dia para mim não sabia que acontecia lá dentro...Gente, não... eu sofri bastante, eu, minha mãe, meu pai, todos nós, é a primeira vez que ele está se tratando, há um ano meio atrás que eu estava desconfiada que ele estava usando drogas, ele veio pediu ajuda XXX daí ele pediu ajuda.

É exatamente que eu ia falar dele perceber porque na maioria das vezes quando a gente quer que ele se interna, ele não vai se internar, ele não vai se recuperar, a partir do momento em que ele toma lá a iniciativa ou tem aquele desejo de parar, então, eu acho que na recuperação, pra ele sair, tem que ser da mesma forma tem que acreditar que ele tá... porque se ele quiser usar, não vai adiantar você prendê-lo... se ele sentir a vontade, e criando...

Ele é um homem de 26 anos

Exatamente e criando um conflito vai ficar mais fácil dele ter motivos pra usar...

XXX só que para ele fora dali não vai ser fácil... XXX tudo aquilo que ele teve, tudo aquilo de mão beijada que acabou XXX ele pediu ajuda foi porque ele viu que ele estava no fundo do poço, acabou o dinheiro, acabou a moral, todo mundo viu o Vitor como o Vitor, XXX aquela loucura de um bater no outro... xxx fundo do poço XXX

**Entrevistadora:** Mas o que o Roberto está falando é que se ele quiser sair e quiser encontrar com a ex, ele vai encontrar e vai ter que passar por isso e você vai ter que está firme e você não vai recair junto ...

XXX

O que não pode você XXX

Há um mês atrás ela olhou na minha cara: coitado de seu filho, daqui um mês ele vem que nem um cachorrinho atrás de mim! Eu falei: ó, pode vim... vocês dois perderam a vergonha, pode vim só que faz quinze dias que a minha ficha caiu, eu não vou bancar mais ninguém, vocês vão arrumar um trabalho e os dois vão trabalhar e nenhum na minha firma mais trabalhando comigo, arruma fiador, paga aluguel e compra comida, e banca o vício porque eu não vou fazer nada!

Muitas vezes é preciso acreditar que nessa recuperação ele vai conseguir descobrir formas de lidar com tudo isso e talvez até ele mesmo perceba...

Exatamente, às vezes até ele mesmo venha a perceber que ela não seja essa pessoa, mas isso precisa vir dele, precisa vir dele e desse conhecimento, por isso que lá tem todo esse trabalho de espaço, de conhecimento XXX

XXX comentário...

Tem que vir dele...

Eu achei muito bonito o Carlos perguntando: quem já roubou o pai, já roubou a mãe pra comprar droga? Cada um falava, ele falou: nunca precisei, não roubei, não cheguei a esse ponto. Aí responderam para ele assim, só que você roubou o sono de seus pais... achei tão bonito!!! Eu só observando você roubou sim, o sono do teu pai, da tua mãe.

**Entrevistadora:** Bom o que você queria falar Adriana?

XXX ficou chateado porque é irmã dele XXX aí no fim ele ficou feliz XXX

**Entrevistadora:** A Bárbara é irmã dele?

Filhinha dele, a cara dele XXX trabalhava numa firma que comprava tinta XXX

**Entrevistadora:** E como foi Adriana, você está bem?

Eu estou bem... eu acho que... assim... eu vi do jeito que ele foi, hoje pra mim ele está super bem, super bem! Falei pra ele: você tá super bem?

**Entrevistadora:** Eu estou sentindo que você está mais tranquila hoje do que na semana passada.

Em relação a ele estou super tranquila

**Entrevistadora:** Vocês estão juntos ou não estão?

Estamos!!! Desde o dia que ele internou...

**Entrevistadora:** Desde quando ele internou...

XXX então ele sabe que é a única chance de ele voltar. Se ele recair, ele sabe disso, inclusive até o monitor lá, o padrinho dele sabe disso XXX que eu era contra, hoje eu já não sou mais XXX, quando eu desconfiava eu vi que parece que ele tinha vontade de parar XXX de uma forma XXX inclusive marcar encontro na casa da mãe dele XXX eu não tenho com evitar isso, então eu não vou evitar, ele que vai ter que XXX porque se ele voltar e eu perceber XXX e se eu desconfiar que você está usando, pra mim você morreu XXX eu estou com ele porque eu gosto dele ainda, então eu acho que ele merece uma chance XXX

**Entrevistadora:** E tem que confiar também né, o que o Roberto falou é muito importante, tem que dar um voto de confiança novamente porque não há relação que não fique muito abalada

Por que a pessoa fica mentirosa?

Vixe!!

**Entrevistadora:** Fica mentirosa, fica manipulado

Por que?

XXX fazer de tudo pra conseguir aquilo...

XXX sabe mãe deixa eu te falar uma coisa XXX sabia que era dinheiro que ele ia pedir que o dinheiro dele acabou XXX

XXX o que você quer dinheiro?

A mãe dele tá na sala e ele lá no quarto XXX faz favor...

XXX

XXX

XXX

XXX Mamãe, estou com uma menina lá no motel e o dinheiro não deu XXX tive que deixar ela lá...

**Entrevistadora:** Essa foi...

XXX ele chegou...

Pela imaginação...

XXX viajando...

**Entrevistadora:** Gente, vamos nos organizar, vamos ouvir a Deise.

XXX o eu dava pra ele subir logo XXX

XXX

**Entrevistadora:** Bom gente vamos fazer um intervalo e a gente volta...

**Entrevistadora:** Não é assim, é coisa de momento.

Mas você quer ver que eu falo... eu disfarço mesmo.

XXX

XXX está falando...

Arrumada...

XXX

**Entrevistadora:** Viu gente, a Valéria está mais arrumada hoje está bonita.

Está mesmo.

XXX

Eu estou bem, o Wilson também esta bem, só que ele está querendo ir embora...

**Entrevistadora:** Ele falou?

[Falou]

**Entrevistadora:** E você?

Não tem como, não adianta falar pra ele não vir, se quiser vir vai vir mesmo, mas XXX com ele XXX fico muito preocupado com o trabalho dele sabe, ele tem uma firma e quem estava fazendo o serviço dele era o irmão dele, então ele fica muito preocupado com isso sabe

**Entrevistadora:** Ele tem firma de quer?

É de...presta serviço da prefeitura e...

**Entrevistadora:** Mas que tipo de serviço que ele presta?

É pedreiro mesmo e tem muito serviço ele fica preocupado achando que o irmão dele não vai conseguir, que vai perder esse serviço da prefeitura, que não é fácil conseguir né. Falei pra ele primeiro você tem que cuidar de você, emprego não vai faltar, ah... sei lá.

**Entrevistadora:** Fala?

[Acho que pela] vergonha.

**Entrevistadora:** Mas você é tímida?

Eu sou.

**Entrevistadora:** Mas o que você queria falar quer está difícil falar?

[Não devo] falar...

**Entrevistadora:** Você falou eu gostaria de falar mas...

Eu ate sinto vontade de falar mesmo, mas não consigo.

**Entrevistadora:** Você tem medo do julgamento das pessoas?

Não. No dia que estiver só nós duas aí você vai ver aí eu vou falar tudo...

**Entrevistadora:** Aqui é mais difícil mesmo, porque você expor a sua vida, seus problemas, suas dificuldades em grupo, mas é muito produtivo, porque em grupo é aonde você tem retorno das pessoas que passam pelo mesmo problema que você, não é? O trabalho é muito rico, mas é mais difícil mesmo em grupo do que individual, agora tem gente que realmente trava mais, funciona mais individualmente, mas enfim, aqui só tem o grupo né...mas pode confiar....

Aham!

**Entrevistadora:** Então foi vê-lo, está com ele, sua filha.

Essa semana, a semana passada ele teve que ir lá em casa, ele passou em casa que teve que resolver um problema no banco e aí ele vai ter que sair de novo daqui uma semana, mas ele tava tranquilo, sabe XXX eu estou muito segura, eu tenho medo quando ele quer ir lá XXX eu confio, desconfiando sabe? Isso vai do íntimo sabe, então fico ansiosa.

**Entrevistadora:** E como as suas filhas estão, as suas filhas estão bem? Ela estuda né? E como que elas estão? Como foi a visita pra elas?

Pra elas é normal, elas sempre foram mais do lado dele do que de mim, sabe porque eu que sou a brava em casa, porque eu que corrijo, eu que tudo então ele nossa... fica deitado em torno dele XXX mas foi tranquilo, foi bom...

**Entrevistadora:** Ah é?

É XXX

**Entrevistadora:** Algum retorno, gente?

Eu ia falar pra ela XXX ele poderia ficar só três meses, sabe? Aí foi passando, passando, e nada de ele ir embora, XXX que está lá XXX o interesse de usar drogas, essas coisas, o problema dele é mais o trabalho sabe se não fosse isso eu que ficaria até mais sabe. Do jeito que ele é nossa, nem sei como ele fica lá e ele está gostando sabe.

Tem é... da licença, desculpe, mas eu me lembro que você falou tem uns casos assim que acabam sendo engraçado, aqueles que falam muito, estão sempre lutando, "não... to penso em ir embora essa semana, mas vou dar mais um tempo aí" acaba sempre ficando, tem um paciente... o Willian é um deles, toda vez que a gente... conversa "não, to pensando nessa semana" eu acho até... terminar esse mês então é bem assim, tem um outro também não vou citar o nome mas toda vez

que a gente vai conversando quer ir embora. Ele fala assim “amanhã é o último dia, amanhã eu pretendo conversar com o Lucas...”

Aí no outro dia, fala que vai deixar pra ir amanhã.

Agora tem uns assim que realmente não demonstra vontade alguma de ir, e algum daí fecha a mente de uma certa forma... eu acho que o fato de falar e colocar assim acaba abrindo a mente, tem aquele que fica guardando “não, não posso falar que tenho vontade de ir embora se não vou preocupar e tal” e chega uma hora que fecha mesmo, naquele momento que ele cria um castelinho assim que ele vai sair, “Pô! Até hoje não me deu vontade de ir embora” eu acho que eu estou bem e esse sai, esse realmente assim que acaba não falando muito, chega uma hora que a gente fecha, agora esses que falam estou indo embora, estou cansado... eu to...acaba ficando, é engraçado isso, né?

**Entrevistadora:** É tão importante sair com a alta da clínica...

“não eu vou ficar e se for pra mim ir embora vou chamar todo mundo XXX” ele vai me chamar, vai chamar a menina,

Igual o Michael falou XXX vou fazer uma casa assim, num mês e deu até vontade ir embora XXX aqueles que falam estou indo embora agora, esse fica. XXX

Isso que ele falou foi real, o cara falou assim, “mas gostei demais desse lugar posso construir uma casa?”, mas no outro dia ele teve quis ir embora. Acaba achando engraçado”

E se ficassem assim, por exemplo, deu seis meses não passou de estágio?

Então tem o sujeito XXX se essa pessoa visivelmente não tiver preparado XXX.

XXX meninos XXX

Exatamente.

XXX preparados XXX

Exatamente cheguei lá...

XXX

Porque eu ouvi uma pergunta que foi feita pro Renato que eu achei XXX

Não, é que realmente assim tem alguns que acabam não entrando no programa, eles não entendem do... da literatura, assim porque tem coisas que entendem da literatura XXX de uma certa forma pra pessoa mesmo XXX entender porque tem uns que acabam não conhecendo e não levando pro pessoal, porque todo mundo tem direito de apresentar. Então, vamos supor que ela seja a Rosa, ela

conhece, senhor Luiz não conhece, ela também não conhece, mas a outra conhece muito a outra... vamos supor tem três aqui que conhece demais a literatura, então essas perguntas são feitas assim de forma...

**Entrevistadora:** Ah, porque é um grupo de tratamento estão passando pela mesma coisa que eles.

São os próprios residentes que fazem essas perguntas assim, então realmente tem hora que sai coisas assim absurdas, e a gente tem que responder XXX não precisa responder e realmente sai alguma coisas absurdas, mais assim não tem como.

Responde uma coisa XXX

**Entrevistadora:** Por que na verdade o primeiro passo ele se resume a você entregar, falar que você não tem mais poder sobre... não tem controle sobre a drogas, não é isso?

**Entrevistadora:** Exato.

**Entrevistadora:** E isso o Renato já passou por essa fase?

Não.

**Entrevistadora:** Mais assim ele reprovou no escrito ali.

Não sei XXX não sei se é escrito, se é verbal.

Porque lá tinha uma roda e tem alguma perguntas em cima do primeiro passo e que acabam não entrando nessa questão de assumir a impotência assim, outras perguntas... alguma perguntas até pessoais, "O quê você perdeu pelo uso das drogas? Até onde você chegou? Até aonde a droga te levou? Então tem que assumir e tem que colocar tudo isso e assumir que ele perdeu pra ela, então isso ele tem, que relatar, tudo que ele chegou, tudo que ele fez, se ele roubou, se já foi preso e aí muitas vezes dentro de uma alguma coisa que ele fala assim a pessoa chega com uma pergunta, sabe? Bem assim coisa que não deveria saber, mas realmente é difícil, é complicado e realmente alguns é complicado, e realmente alguns não tem o preparo mas às vezes é com a família inteira, então cinquenta residentes, às vezes é com oito, às vezes com dez, então...

XXX duas vezes...

Duas vezes?

XXX

Vai recorrer XXX

O Michael XXX ele falou mãe chorei quarenta minutos, aí foi falado né você chegou a furtar? Aí ele falou não: nunca roubei nada. “Mas você roubou sim”, Não roubei. “Roubou o sono da sua mãe”...

XXX falar.

Achei isso bem forte!

Bem psicológico.

Aí falou assim “é você é o bebezinho da mamãe né?” XXX do tratamento né XXX entendeu, aí chorou tanto.

XXX um comentário o culpado foi eu mesmo não foi ninguém, não culpo ninguém, ninguém, sou eu mesmo.

XXX abrir o portão XXX para ele ir embora XXX aí ficava andando pra lá é pra cá, foi eu, Celso e o Éder sentado lá num banco lá XXX atenção, chegou no momento que ele chegou e falou assim, “Olha, estou indo embora XXX”. Porque está indo embora? “XXX minha vida”. O que é que está acontecendo com você? “Não, que hoje é aniversário da minha ex-namorada e eu estou apavorado”. Aí foi chegando o Robson me olhando e falou: Porque que você está aqui? É da droga né? E porque a sua namorada largou você, foi por causa da droga não foi? É... mas não sei o que vou embora não sei porque, aquele negócio, XXX aí começou a conversar com ele. Disse: não você está aqui pra recuperar, XXX tem alguém apoiando você no seu tratamento da sua família? “Tem a minha mãe e minha irmã os outros meus irmãos parente nenhum nem querem saber também, não querem saber de mim também”. XXX mãe te apoiando, aí conversou lá, você procura focar no seu tratamento, seu esqueça a namorada você tem de esquecer que ela largou de você. XXX eu fico muito tenso, tem hora que eu fico pensando assim XXX atendendo do outro lado. Você não ganha nada por isso mas isso aí oh, é piedade é carinho, está ali, está pensando fora, eu tinha XXX partilhando tinha que estar lá uma hora XXX conversando meia hora com ele lá e já aí foi mudando, mudando XXX ido embora, mas fiquei pensando eu perdi, eu já perdi três casas, ele falou... eu tinha uma loja de acessórios de carro, perdi tudo! Então você perdeu... você tem que se recuperar, ser forte e depois você tentar recomeçar tudo que você tinha, porque você já não tem mais... “colega meu era colega meu, não quer nem mais saber mais de mim”, perante a sociedade você esta jogado mesmo, você tem de conquistar tudo de novo XXX completamente diferente, XXX foi muito bom XXX....

XXX

Então é aquele negócio XXX

Apareceu um anjo bom!!!

XXX fiquei oito meses internado graças a Deus eu estou bem então passei XXX igual você está aí agora, XXX tem hora que eu sinto falta da droga também,mas isso aí vai se equilibrando algum tempo aí...

**Entrevistadora:** Mas ajudou ele num momento?

XXX

Que bom.

XXX

**Entrevistadora:** Érica?

Oi.

**Entrevistadora:** E aí?

XXX

**Entrevistadora:** É que a Valéria tem a...

XXX

**Entrevistadora:** A Érica é mais quietinha...

Só para deixar a Dona Daisy mais tranquila o Celso está crescendo dentro da Sol, ele tem muita amizade, aí conversando muito com o Celso:como é que você está agora? “Estou bem demais”, a graças a Deus eu estou bem, agora é só dar alegria a minha mãe, porque já fiz a minha mãe sofrer demais, minha mãe sofrer demais agora não quero ver ela sofrer de jeito nenhum”. Isso que você está falando é certo mesmo? “Não é isso nunca mais eu quero aquela vida que eu tinha antes agora daqui pra frente é outra vida”. Eu senti firmeza nele.

É a mulher mais maravilhosa do mundo.

XXX que eu fiz sofrer.

Meu Deus, faz parte da vida.

**Entrevistadora:** Fala Érica... como tá vida, como tá teu irmão?

Foi bem, pra mim foi muito estressante, chegou uma hora que não queria ir, mas não porque eu não queria ver ele, é que estou com problemas em casa e eu fiquei com medo de ir e demonstrar tudo isso pra ele.

**Entrevistadora:** Em casa que você fala é a tua mãe?

Eu não moro com a minha mãe, moro sozinha, mas os problemas ficam em cima de mim, a minha mãe que está com depressão devido a tudo que está acontecendo, até a semana passada eu estava fazendo a reunião e ela na outra

sala, ela e meu filho se debatendo, um falava uma coisa, o outro falava outra, parece que ela falou demais na reunião, não era coisa dela falar, quando ela não está bem ela fala o que não deve, ela é demais. Hoje eu sai, vi meu irmão aí, também veio uma vez na reunião, começou a não falar coisa com coisa, hoje ele veio porque não foi na visita, ele queria ter ido na visita no domingo mas se ele fosse ele ia ser barrado no portão, o horário dele é muito corrido, aí eu não queria ir porque, eu não estava bem, eu não queria demonstrar isso pro meu irmão, o meu irmão vai saber que eu não estou bem, porque quando eu to de fora eu disfarço, e ele é o irmão mais velho, entendeu, e mesmo com os problemas das drogas que ele está tendo, ele era muito meu amigo assim sabe, quando ele não estava sumido ele estava ali, ele tentava ajudar a minha mãe e eu e eu estava presa à minha mãe...

**Entrevistadora:** Quantos anos sua mãe tem?

65 anos

**Entrevistadora:** Nossa! que nova!

Eu tava com medo dela falar alguma coisa, entendeu, tanto é que eu fiz ela ficar quietinha, eu ficava perto dela XXX...

Beliscava.

Mas ele percebeu. XXX fazendo rindo o quer que aconteceu? Mas a gente perdeu uma tia agora, foi tão engraçado, porque assim, engraçado em termo, eu não queria contar pro meu irmão, e o meu irmão de lá da chácara ligou pra mim no sábado, “ah, tia tal faleceu?” Ele ficou sabendo primeiro...

Que vocês.

Não assim.. ficou sabendo primeiro do que deveria XXX chegou lá e conversando aí falou nossa o teu tio, a tua tia morreu, pra você ver como o mundo é pequeno, né, e de lá a gente não queria contar o que tinha acontecido com a tia e ele ficou sabendo e ele ligou pra mim, “A tia tal morreu”. Como você ficou sabendo?

**Entrevistadora:** Valéria...!

Assim que ele me demonstra, ele está aceitando bem as coisas que estão acontecendo lá que está sendo muito bom pra ele, que ele tinha trabalhado, que tinha sido uma forma de passar a semana mais rápido. Tinha trabalhado semana passada numa chácara lá e que ele estava muito bem, que ele sabia que ele precisava daquilo ali, que aquilo estava sendo muito bom pra ele, que ele tinha terminado o primeiro passo, mas por ele não tinha entregue XXX e ele tentou conversar comigo em particular XXX que vai o Anderson, vai a ex-mulher dele que

eu também... eu fico muito preocupada se a ex-mulher está ajudando ou atrapalhando, porque ela está indo, ela está super empolgada, só que eu não sei quais são as intenções dela.

**Entrevistadora:** Anderson colocou que ele acha que eles vão voltar.

Mas eu sei que vai voltar, eu tenho medo disso entendeu.

**Entrevistadora:** Medo dele criar expectativa...

Dele estar ali, de ele criar uma expectativa e na hora h, ela mudar de idéia.

**Entrevistadora:** Pelo comportamento dela e a forma como ela está comportando, ele acha que é esse caminho mesmo, ela vai querer ficar com ele.

E isso assim está mexendo muito comigo, porque eu me preocupo com tudo isso, é o que todo mundo falou a gente fica se preocupando muito com o amanhã, ele também comenta muito de pessoas que teriam sido traída, o cara ali há um ano, fica sabendo de muita coisa, as pessoas que estão ali que um descuido do XXX, o cara é tão bom que estava passando tanta coisa pra gente, de repente ele recaiu. Então isso preocupa muito a gente, sabe... é difícil... a gente vive assim preocupada, enquanto isso não acabar ou melhor enquanto a gente não ter certeza que ele vai conseguir...

**Entrevistadora:** E se ele não conseguir Érica?

Eu não sei, essa palavra é muito difícil, eu não sei, eu não sei porque é assim... a minha vida parou, parou em torno disso, em torno dele, já vivia em torno da minha mãe...

**Entrevistadora:** Se a tua mãe, está doente, é mais velha, mas assim... e se ele não ficar limpo? Se ele sair e recair como você vai lidar com isso?

Ah... não sei... é difícil pensar nisso, porque até assim XXX parou de vim comigo, XXX hoje a minha vida é do serviço, do serviço pegar o meu irmão, às vezes eu trabalho à noite que eu faço um bico de caixa de restaurante, e assim não está tendo, não está tendo uma pessoa para eu conversar ....eu não comento nada o que se passa aqui com outra pessoa, porque as vezes as pessoas falam assim: "Ah você é uma tonta, fica vivendo em função do seu irmão".

**Entrevistadora:** Algum retorno do grupo?

Eu até comentei... eu até comentei com Thiago, XXX porque pra mim é assim a gente não tá conseguindo pagar o valor exato lá da chácara, está sendo difícil pagar o valor que estamos pagando...

**Entrevistadora:** Porque você que tá pagando?

Eu que estou pagando, o Anderson e Aline que são os filhos, falam que vão me ajudar, mas também chega na hora acaba não me ajudando...

**Entrevistadora:** Mais a Aline não veio ainda?

Não, e o Anderson que está meio assim, ele não está ficando muito tempo no serviço, ele falou que arrumou um melhor, tomara que seja mesmo, mas ele não tá parando muito no serviço...

**Entrevistadora:** Mais a Aline trabalha também?

Trabalha. Então assim, às vezes eu conto com eles, chega na hora eles me deixam na mão, digamos assim, né, mas está indo o que eu estou conseguindo fazer estou fazendo, não deu certo mais assim... não deu retorno mas que ele consiga mostrar pra mim que ele vai se recuperar XXX.

**Entrevistadora:** E aí grupo?

Que é difícil é, tá com aquelas manias dele, ele queria comprar um notebook, só que ele queria aquele...

O Notebook, não um computador.

Fomos comprar o que ele queria, aí fomos lá...

Eu falei que ia comprar, mas um computador para ficar em casa, e não um notebook para ele levar para Santos com ele, está com vinte e nove anos, trabalha... segue a tua vida, compro o que você quer, do jeito que você quer, como você quer...

**Entrevistadora:** Porque ele saiu? E o curso, acabou?

XXX

**Entrevistadora:** E agora?

XXX eu nem sei XXX

XXX

**Entrevistadora:** Como que é? O quer que ele quer fazer trabalhar debaixo da água XXX?

Sondar debaixo d'água, vai se difícil ele arrumar agora porque ele ainda não tem prática, tem que ter prática, eles não vão pegar XXX um padrinho lá dentro pra XXX.

**Entrevistadora:** Da onde ele tirou... essa idéia de fazer isto?

Sei lá, cismou. ô que ideia louca.

Isso aí dá muito dinheiro.

XXX

Na hora que eu tava saindo ele me ligou, eu estava tão nervosa que eu peguei e falei pra ele assim, “Oh, tá bom XXX tá bom não que eu estou procurando casa pra alugar XXX e eu fiquei nervosa. “Não... calma vai se resolver, domingo a gente conversa” XXX mas nunca me ajudou mesmo... XXX ela tava junto ainda XXX aí domingo ele chegou e aí? XXX você me conhece sabe que eu sou explosiva, mas eu me resolvo do meu jeito eu vou resolvendo as coisas XXX

**Entrevistadora:** Deixando de XXX

Não está um mar de rosas XXX então a coisa assim tragédia eu fico deixando [de forma] obstáculos

XXX

XXX se cuida aqui que nós se cuida lá XXX. Eu não tenho medo dele sair XXX ele tem que está firme XXX.

**Entrevistadora:** É exatamente isso que eu falei, eu estava conversando com a Deise quando a gente começou o grupo, é muito difícil mudar o papel, então por mais que eles querem entrar em recuperação e tudo mais, pra eles também tudo isso é muito difícil... uma rotina XXX porque já é uma coisa que já faz parte da personalidade dele.

**Entrevistadora:** Bom gente, já passou das dez, um pouquinho.

Ô louco!!!

**Quarta sessão: 17. 10. 2011**

**Entrevistadora:** O que aconteceu que você não veio semana passada?

Eu trabalhei até onze e vinte da noite.

**Entrevistadora:** Ah, é?

O que tu faz?

Sou da limpeza.

**Entrevistadora:** Foi só ela que avisou a Valeria né? E está tudo bem agora com a tua perna, com a alergia?

**Entrevistadora:** Bom gente, é... vocês conhecem a Maria? Ela veio hoje.

Não.

**Entrevistadora:** Quer se apresentar? Rapidinho, um minuto.

**Entrevistadora:** Bom gente, hoje, se não me engano, não tenho certeza, mas acho que é a última dinâmica, mas hoje já é a quarta né? Então hoje é a última vez que eu planejei conversar um pouquinho com vocês sobre a dependência de drogas; depois a gente já vai contar um pouco da história de família de vocês. Então, hoje pra finalizar, eu trouxe essa dinâmica que fala sobre os processos de mudança. Então eu trouxe duas folhas para cada um, e vou falar sobre Os Processos de Mudança, então, esse é um autor americano que através de uma espiral, ele fez assim: sempre que a gente vai passar por um processo de mudança na vida, qualquer tipo de mudança, a gente passa por esses estágios, então eu vou explicar pra vocês quais são os estágios. Então essa é uma mudança comportamental e psicológica, então por que eu quero que vocês visualizem isso? Por que eu quero que vocês prestem atenção nisso? Porque eu quero que vocês prestem atenção pra tentarem me falar em qual estágio que vocês estão e em qual estágio que vocês acham que o familiar dependente está. Então, eu vou estar explicando pra vocês e vocês já vão tentando encaixar e aí depois a gente vai falar sobre ele, o que vocês acham, o que eu acho aí pra a gente tentar... por que? Porque você percebendo que você está num determinado estágio, como fazer pra passar pro um outro estágio aonde você vai conseguir concretizar a mudança, então é pra vocês entrarem em contato mesmo com mudança. É... Então, ele fez isso na forma de espiral, por que? Porque pra chegar lá no fim, pra você conseguir mudar o comportamento, você passa... você pode voltar lá pra outro estágio não é porque você quer mudar o comportamento, vamos falar que o dependente de drogas, não é porque o

dependente quer parar de usar que de uma hora pra outra ele vai conseguir. Ele vai passar por estágios, mesmo vencendo ele pode ter uma recaída e nessa recaída com certeza ele não vai voltar para o primeiro estágio. Então eu vou explicar um pouquinho pra vocês cada estágio pra vocês entenderem o porque da espiral, ficará mais fácil de vocês entenderem. Está dando pra entender, alguma pergunta? Se tiverem dúvidas levanta a mãozinha tá bom. Então, o primeiro estágio é o estágio da pré-contemplação, onde nós estamos pré-contemplando uma determinada mudança. O que é isso? É quando a gente só vê o lado positivo de determinado comportamento. Então, é como ainda não estar pensando, você só vê as coisas positivas. No caso da dependência, eu tenho meios de ver a droga como um problema, é o que a gente fala que é quando ele está apaixonado pela droga, que ele só vê a droga, as coisas positivas da droga e ele está apaixonado XXX de paixão e ele só vê aquilo e não acha que aquilo é problema pra ele. Ele não quer mudar o seu comportamento e passar por uma mudança, então eu gosto de sempre de dar o exemplo do namoro, eu acho que o exemplo fica bem prático, fica mais fácil de a gente visualizar. Sabe quando você começa, todo mundo aqui já começou a namorar uma vez na vida e quando você começa a namorar, conhece alguém e você está totalmente apaixonado, só vê as coisas positivas da pessoa, aquela pessoa é demais, só vê o lado positivo ainda não descobriu o lado negativo. Então, é essa fase – a fase da paixão, então é o primeiro estágio, pré-contemplação essa é a fase mais difícil pra família por que a fase que ele está apaixonado, que ele só vê as coisas boas... o dependente... ele larga a família pela própria droga.

**Entrevistadora:** Próximo estágio: contemplação. A contemplação é quando ele começa a contemplar uma mudança, ou seja, ele começa a ver o lado negativo de determinados comportamentos. No caso da droga é quando ele começa a ver o lado negativo do uso, ou está dando algum problema com a família, ou está dando algum problema financeiro, ou ele está tendo algum prejuízo físico né, então é quando ele começa a ver o lado negativo do comportamento. No caso da droga é quando ele começa a ver o lado negativo de estar usando e ele fica extremamente ambivalente com a família, por que? Porque é o lado positivo e negativo junto, então o dependente, não sabe exatamente o que quer, então no caso de namoro é quando a gente começa a ver o lado negativo da pessoa, vê os defeitos, ela não era perfeita, não era essa maravilha que eu estava achando, ela tem defeitos e aí começa a ficar ambivalente entre os defeitos e as qualidades de fato da pessoa. O próximo estágio

é a preparação. A preparação é quando começa a pensar em mudar o comportamento, então é na fase que começa a pensar “como seria se eu parasse de usar droga? O que iria acontecer? Como eu posso fazer isso? Existe tratamento?” Começa a pensar sobre, então começa a articular aí como poderia mudar o comportamento, no caso da dependência como iria parar de usar. Nessa fase ele já consegue ver os benefícios e prejuízo do uso, o que faz bem e o que faz mal pra ele estar usando droga. No caso do namoro é quando a gente começa a pensar em como poderia terminar com a pessoa, então não está dando certo, ela tem um monte de coisa negativa “como seria se eu não estivesse com ela? O que eu ia ter que fazer? Como seria o futuro?” Vai preparando uma mudança.

**Entrevistadora:** A próxima fase é ação, que é quando realmente a gente coloca em prática a mudança, “parei! mudei!” mudou o comportamento, teve alguma coisa para que conseguisse mudar aquele comportamento, então no caso do dependente é quando ele põe em prática e para de usar; no caso do namoro é quando termina com a pessoa e põe em prática aquela mudança.

**Entrevistadora:** É... prestem bem atenção no que eu estou falando porque assim isso são estágios de mudança psicológica e comportamentais, pois muitas vezes eu vejo muitos pacientes que estão na ação, mas a cabeça deles está aqui, na contemplação, o emocional dele principalmente aqui no nosso caso que o dependente estão todos internados a não ser o teu filho?

Meu marido. Meu marido saiu

**Entrevistadora:** Teu marido saiu? Quando?

Semana passada...

**Entrevistadora:** E aí como é que está?

Está bem, tá trabalhando.

**Entrevistadora:** Ele ficou quanto tempo?

3 meses.

Que horas que ele saiu Valeria?

Foi de manhã.

**Entrevistadora:** Quando?

Na quarta-feira.

**Entrevistadora:** Ele que quis sair?

Ele conversou primeiro, ele estava trabalhando pra fora, fazendo serviços fora da clínica e tem o serviço dele, na prefeitura.

**Entrevistadora:** Você chegou a comentar uns dias atrás...

Ela tava com um monte de serviço, ele tinha que trabalhar, ele tava trabalhando muito, ele tava indo mais lá mais pra dormir

**Entrevistadora:** E ele está bem?

Sim.

**Entrevistadora:** E você?

Mais ou menos.

**Entrevistadora:** Por que mais ou menos?

Porque ele me perturba!

**Entrevistadora:** Ele trabalha aqui no Centro?

Eu fico insegura porque ele está aqui em Rio preto e eu fico lá na minha cidade, e quando ele começou a usar, eu nem sabia, pois ficávamos longe durante semana.

**Entrevistadora:** O que vocês acham gente?

Porque mesmo quando ele recai, ele acaba voltando a mesma XXX

**Entrevistadora:** Mas isso não está no controle da Valeria, está?

Não!!

Muita gente faz isso lá dentro, sai, trabalha o dia inteiro e volta para dormir.

XXX como ele tinha muito serviço XXX ele propôs ir trabalhar dois dias da semana pra ele e aí ele pagava esses dois dias, pagava o dia XXX trabalhar pra ele XXX

**Entrevistadora:** E você está se sentindo insegura... foi a primeira vez que ele saiu?

Ele está assim super tranquilo, eu estou mais assustada do que ele.

Ele fica aonde aqui em Rio preto?

Na mãe dele.

**Entrevistadora:** E como vocês acham que é possível a Valeria lidar com essa insegurança, esse medo?

Eu acho que ela tem de continuar aqui no grupo porque só aqui que ela vai conseguir se controlar.

**Entrevistadora:** E você Valeria, como você acha que você consegue dar conta de vencer esse medo, essa insegurança?

Eu esperava que ia conseguir aqui porque...

Isso que eu ia te perguntar!

Só pra entender um pouco, às vezes eles não deixam as pessoas fazerem muita coisa fora, igual foi o caso do seu marido, porque eles falam que Seu Domingos ou o Lucas, falam que ele tem que focar, ficar dentro daquilo... ele tem que focar naquilo que eles estão fazendo, até mesmo para quando eles saírem poder colocar tudo isso em prática, então, eles não deixam, até mesmo o médico... assim é um pouco restrito, só quando realmente precisa... igual toda semana ficar fazendo fisioterapia isso, aquilo e aquilo outro, aí eles pedem se você quiser realmente tratar de outra coisa, então você sai, trata e depois volta.

Por que eles fazem rodízio geralmente quando é para trabalhar fora.

Não deixam por que se deixar ele, outras pessoas vão querer sair...

E aí eles vão perder o controle.

Todo mundo vai trabalhar fora assim?

É assim, geralmente eles fazem um rodízio, vamos supor cada dez... cada semana dez vai pra tal lugar, mas assim às vezes tem servente de pedreiro lá dentro, aí eles vão estar precisando de um serviço na Fenix que é a outra casa, eles vão e fazem.

Eles ajudam os velhinhos numa chácara lá perto também XXX caixa de som XXX

Mas geralmente é ali por perto mesmo né, nada muito longe.

Às vezes o pessoal paga ali pra casa, pra ajudar...

Mas o Vitor está bem aplicado assim, o que tem que fazer ele faz, por que tem gente que não gosta muito, mas ele faz.

Igual domingo de noite e aí? “ah, está um pouco complicado esta semana estou levantando 4 e meia da manhã”.

Quatro e meia ele tava na rua, aí dormia o dia inteiro. Fiquei com dó né, mas...é bom, para ele dar valor.

**Entrevistadora:** Valeria mas aí você vai encontrá-lo hoje?

Vou, ele vem aqui.

**Entrevistadora:** Ah, ele que estava lá fora umas seis e meia?

É.

Você trabalha lá do que Valeria?

Minha mãe, eu cuido da minha mãe sabe, tudo é eu que faço, médico... Fico partida de deixar eles lá e vir morar aqui em Rio preto.

**Entrevistadora:** Mas o que é mais importante pra você hoje, a tua família de origem ou a tua família atual?

Tenho medo, sabe de fazer, tudo por ele e depois acontecer tudo de novo...

Tenha pensamento positivo.

Mas XXX era muito apegada ao pai XXX “vou ligar pro meu pai XXX”

**Entrevistadora:** Ela trabalha também, sua filha?

Ela estuda. Uma estuda a noite e a outra à tarde.

**Entrevistadora:** Bom gente, deixa eu voltar aqui depois a gente vai terminar. Alguém quer colocar alguma coisa para a Valeria ?

Por que passa pela cabeça da gente mesmo, será que quando ele sair ele vai ficar limpo, ninguém sabe aí XXX

**Entrevistadora:** E você tem religião Valeria?

Eu tenho.

**Entrevistadora:** E você freqüenta?

Sim.

**Entrevistadora:** Eu acho que é outra arma nessa hora.

Bom... gente, então, eu tava falando que quando o dependente está internado ele está em estado de ação por que ele está sem usar, mas assim como que vocês acham que está a cabeça dele? Então, tem de ter cuidado assim na hora que eu estou explicando esse estágio de mudança por causa disso, por que às vezes nós notamos uma mudança de comportamento, porém emocionalmente a pessoa está recaída. Está dando pra entender? Entendeu, Cristina? Entendeu? Aí, o próximo estágio é a recaída, por que ele coloca da recaída, por que como a gente já conversou tudo isso a recaída faz parte de qualquer processo de mudança, por exemplo, no caso do namoro, quem já não passou por isso de estar namorando e terminou, viu que não dá certo, que não quer na, na, na, mas tem um deslize vai lá tenta mais um vez, será que não dá certo mesmo?

Então, a recaída gente faz parte sempre de um processo de mudança, logo que eu não estou falando aqui que todo mundo tem de recair pra conseguir mudar, mas só lembrando que é assim... que ela existe, pode acontecer e aí o que acontece? Se o dependente está passando por uma recaída... vamos supor ele ficou dois meses sem usar, recaiu, você acham que ele vai voltar pra pré-contemplação? Vocês acham que se a gente está passando por uma mudança de qualquer tipo de

comportamento na nossa vida, vamos pensar no namoro tive uma recaída, fiquei com a pessoa eu vou voltar a ver só o lado positivo da pessoa?

Não.

**Entrevistadora:** Aí vai depender do processo de mudança de cada um, mas assim, normalmente é muito raro voltar aqui na pré-contemplação, então a pessoa vai voltar ou pra contemplação, ou uma preparação ou que é o que a gente fala que é uma recaída rápida, só foi um dia de uso, no dia seguinte já voltou e já volta pra ação. Por isso que ele coloca isso numa forma de espiral por que vai diminuindo com o tempo, a espiral não vem até aqui de novo, não vem até aqui de novo pra você conseguir, não! você já passou por isso então vai diminuído até você conseguir chegar a uma mudança de comportamento entendeu? Então, por isso que ele traz essa teoria na forma de espiral e ele coloca assim: que sempre pra gente mudar um comportamento, a gente tem de estar pelo menos seis meses no novo comportamento, né. Então, no caso terminar um namoro, pelo menos seis meses sem estar com a pessoa, dependência de drogas pelo menos seis meses sem estar usando, aí a gente começa a pensar numa manutenção desse novo comportamento. Então, deixa eu passar aqui pra vocês a folha.

Entrou no lugar de alguém aqui?

**Entrevistadora:** Não, é que ela acabou entrando depois mesmo que ela estava no mesmo grupo que a mãe, aí estava muita conversa, muito brigando as duas e ela... e também com a filha Renato que elas conversam muito.

Fase mais difícil pra minha família.

**Entrevistadora:** XXX por que?

XXX foi difícil.

**Entrevistadora:** Por que?

XXX você depois que passa por isso tudo XXX manutenção é o momento que você volta pra casa, aí você tem que... uma manutenção mesmo você tem um cuidado que você deve ter com a pessoa XXX

**Entrevistadora:** Bom, antes da gente falar...

XXX

**Entrevistadora:** Antes da gente falar um pouco aonde o Luis entrou, o que fazer em cada estágio, aqui em cima eu já expliquei pra vocês o estágio de mudança. Antes da gente falar o que fazer em cada estágio eu queria que vocês me

falassem cada um de vocês aonde que vocês estão nesse estágio de mudança e aonde o dependente está. Quem quer começar?

Eu sou mais contemplação mesmo às vezes eu acho que ele está bem, mas acho que está vindo o pensamento dele tudo de novo.

**Entrevistadora:** Você ou ele? Você está falando de você e dele tudo ao mesmo tempo.

Dos dois.

De certa maneira...

**Entrevistadora:** Você acha que ele está na contemplação?

Eu acho que ele está porque ele... eu acho que quando a pessoa fica muito na contemplação é porque aquilo incomoda ele.

**Entrevistadora:** Ele está falando muito disso, querendo se mostrar

Exatamente .

**Entrevistadora:** Você acha que ele está ambivalente?

Eu acho que ele está, assim... eu vejo que ele tem muita força de vontade em mudar, só que às vezes ele quer voltar pra mim, pra família, a gente XXX por que quando eu conheci ele, ele não usava, tinha parado ele voltou e ele parou de novo; então nesse período ele não usava, ele voltou a usar quando ele voltou a morar com a família dele. Eu sei da história XXX não aceitava quando ele foi pra lá eu te ajudo, mas você tem que... então ele cumpria XXX casamento, eu acho que ele quer mostrar pra mim que ele está mudando, que ele já mudou, eu não sei, o meu pensamento é um XXX eu não fico XXX eu falar não dar pra mim hoje.

**Entrevistadora:** Gente a Erika está falando.

XXX muito desconfiada XXX você perde a confiança XXX eu tenho medo até de fazer mal pra ele... XXX

**Entrevistadora:** E você acha que você está em qual estágio?

Eu estou na ação.

**Entrevistadora:** Você colocou em ação a sua mudança de comportamento tanto no seu comportamento, quanto no emocional?

Eu quero o bem dele demais, eu quero ficar com ele, eu quero refazer a minha família que eu perdi, então vai depender bastante dele e ele, eu tinha muito preconceito e hoje já não tem tenho mais tanto....

**Entrevistadora:** E o que você acham, que a Erika está na ação, porque dele não dá para a gente falar ele não está aqui com a gente, só dá pra a gente discutir o

estágio de cada um de vocês que estão aqui, eu também não frequento lá, então não dá pra eu dar uma ideia dele. Da Erika, o que vocês acham?

É difícil falar, eu, na minha opinião eu acho que ela está na fase da preparação.

**Entrevistadora:** Por que?

Ela está tentando se preparar para aceitar ele ou não. Quando Vitor vim a vida dele vai mudar, não vai ser mais fácil como ele queria... falou, tá na mão! Eu estou me preparando pra quando ele chegar “mãe...” a primeira coisa que ele vai pedir é o carro de novo, agora eu não posso... já te dei três, você vai trabalhar agora direitinho... E eu posso te ajudar, mas a responsabilidade é tua, vamos ver vai trabalhar, ver quanto custa, quanto fica, trabalhar, hoje não posso, então eu estou me preparando pra essa fase! Mas eu não sei como vai ser? Eu faço uma comparação com a minha situação. Precisa ter limites! A primeira coisa que ele vai pedir é um carro de novo, e ele não quer carro popular agora, o negócio dele é carro de luxo, ele quer carro... é diferente você vai ter, mas você vai trabalhar e você vai comprar com o seu dinheiro, posso te ajudar sim, então eu tenho que me preparar pra tomar essa atitude como essa, não vai ser fácil falar um não pra ele.

**Entrevistadora:** Você acha que faz sentido o que a Rose está falando?

Faz.

**Entrevistadora:** Vai se preparando...?

Mas a minha assim... Faz... mas o meu ponto de vista mesmo, que ele já sabe, se ele não mudar XXX é um outro motivo pra ele procurar tratamento, porque eu já havia largado ele.

**Entrevistadora:** É você foi bem firme na sua colocação, porque realmente já tinha abandonado ele, foi a família dele que te procurou.

E o pior é que a pessoa não muda XXX vai fazer pra ele, vai fazer pra mim, tá tudo bem XXX se você faz coisa errada XXX vai aparecer dentro da minha casa XXX, ele sabe disso e eu... assim eu pretendo manter isso...

Eu também, eu pretendo manter a minha firmeza, que eu estou falando, primeira coisa que ele vai pedir, um carro porque ele não anda a pé ... ele falou pra mim que vai sair de lá transformado pra ele dar valores a outras coisas... *eu acho...*, tomara que Deus, é isso que eu estou torcendo. Tanto é que a mãe da menina dele quer ter ele de volta, tudo vai ser diferente, então, eu acho que estou me preparando...

**Entrevistadora:** Você acha que você está na preparação?

Eu acho.

**Entrevistadora:** Você acha que o Vitor está igual?

Também. Ele quer mudar....

**Entrevistadora:** Eu acho gente que normalmente a gente se coloca, num estágio além do que a gente está.

É?

É. A nossa autocrítica, eu falaria, pelo que eu conheço de cada um de vocês que você está na preparação, e a Rose está na contemplação, porque você tem muitos momentos de ambivalência, de querer agarrar ele e colocá-lo no colo como você sempre fez.

Agora eu vou te contar, ele ia ligar num sábado à noite, aí ele não ligou, não sai de casa, eu fiquei esperando o telefone tocar e o telefone não tocou, eu queria ligar na clínica aí eu falei: *não vou ligar...*, aí no domingo eu chorei muito, aí eu falei com o meu pai, eu vou lá buscar o Vitor, “não faz isso você vai dar mais asa pra ele, agora ele esta se tratando”, eu vou lá tirar ele, trazer embora e seja o que Deus quiser, porque eu não aguento de saudade.

**Entrevistadora:** Olha, pega um pouco de papel higiênico pra mim no banheiro, por favor.

Mas solta...

No domingo sete horas da noite, aí eu falei com o meu pai, “pai, liga pra mim que eu estou com vergonha de ligar”. Meu pai falou: não, minha filha, vamos esperar, amanhã é segunda feira, se ele não ligar, você liga para ver o que aconteceu. Mas você não faz isso de ir lá buscar ele, porque aí que ele vai criar mais asa... agora que ele está querendo se tratar, ta no tratamento certo que ele está querendo. Aí eu fui embora pra minha casa e eram umas nove horas e senti um desespero daquilo que você falou: pegar no colo abraçar e falar: XXX...

XXX.

**Entrevistadora:** Obrigada!

XXX.

**Entrevistadora:** É que você, pelo que eu estou te conhecendo Rose, você sempre foi uma mulher muito permissiva no sentido de muito carinho, muito afeto e muito amor, mas sem conseguir segurar as rédeas.

E eu não sabia, a mãe é sempre a última... de um ano e meio pra cá que eu comecei a desconfiar, até então eu nunca imaginei que o Victor fosse adicto.

**Entrevistadora:** Mas eu acho, por isso que eu tenho esse ponto de vista, eu acho que você tem momentos de ambivalência, por quê? Tudo é muito novo pra você, faz só um mês que você está vindo pra cá! Pensa que... ele tem vinte e quanto? Vinte e seis, vinte e sete?

Tem vinte e seis anos.

**Entrevistadora:** Pensa que tem 26 anos que você tem esse comportamento com ele. De repente um mês de tratamento psicoterápico, então é difícil, já é difícil a gente mudar...

É difícil...

**Entrevistadora:** Quanto menos... quanto mais tão rápido.

Não é porque é o Vitor é o meu filho que é diferente dos filhos dos outros, não é isso, mas eu acho que o Vitor, XXX assim, o Vitor me surpreendeu, ele não precisava da droga, eu estou bem e de uma hora para outra vem uns pensamentos, *porque isso meu Deus*, não que eu seja diferente de ninguém... é tudo igual, mas eu não consigo trabalhar isso na minha mente, é muito difícil isso daí, eu quero me internar, eu quero ir, entendeu, eu não estou bem não, mas eu não estou aceitando, não estou aceitando, no fundo... no fundo, é isso... sabe quando você faz escarcéu XXX aquela pessoa...

**Entrevistadora:** Você não está aceitando o que?

Ele ter entrado nas drogas, é isso que eu não aceito... o porque disso?! Ele não tinha motivos pra isso! Você fala: companhia?

**Entrevistadora:** Você está muito... é muito sentimento, você está confusa...

Namorada... ele descobriu sozinho... pra ele conhecer alguém... alguém passou pra ele XXX, ninguém tem culpa, foi eu quem quis! A primeira coisa que ele falou... XXX não responde nada porque...

**Entrevistadora:** Eu vou colocar uma pergunta aqui pra vocês refletirem: “A gente precisa entender o porquê” ou “Como mudar isso a partir de agora?”

Como mudar a partir de agora, mas isso está difícil pra mim também.

**Entrevistadora:** Então.... a Valdomira estava contando?

Valdirene. Estava aqui na preparação né.

**Entrevistadora:** É fala aí, conta um pouquinho mais, seu filho saiu quando...? Sábado.

**Entrevistadora:** Sábado.

Mas ele saiu já queria... “hoje eu vou comer o quê, vou comer lanche?”  
Vamos chegar em casa primeiro, nada disso, comida normal, eu falei pra ele assim, então vamos almoçar fora. Vamos pegar o seu dinheiro né? Porque pegava o meu dinheiro... meu dinheiro não.

Muito barulho né? Por que fechar a janela também não dá né?

**Entrevistadora:** E aí ele ficou bem, está bem?

Está bem, está mais calmo um pouquinho...

Aham?

**Entrevistadora:** Você só tem o Maicon e uma menina?

Sim.

**Entrevistadora:** Ela é mais nova?

É , eu criei ele sozinho, ele não tem pai...

**Entrevistadora:** Que bom que você veio e que fase você acha que você está?

Estou na preparação.

**Entrevistadora:** Que estágio que você acha que ele está?

Eu acho que ele tem que ficar mais lá.

**Entrevistadora:** Não, que estágio de mudança que você acha que ele está?

Eu acho que ele tem que ficar mais lá.

**Entrevistadora:** Vocês acham que o grupo... vocês acham que ela tá na preparação? O que vocês acham?

Ela está na contemplação para mim! Porque ela está insegura ainda!!! Um pouco... Ao mesmo tempo em que ela confia, ela confia nele, só que ela não confia nas pessoas que vão se aproximar dele. Onde ele vai tem que levar XXX é não é bem por aí porque ele já é um homem. A insegurança é XXX... só negativo, não tem nada positivo... XXX.

Não é nada, não é nada, tem que mudar. Igual ontem de manhã, levantou, sentou na mesa, XXX – XXX

Só eu sou normal né...

Graças a Deus!

**Entrevistadora:** Gente, mas voltando aqui para os estágios de mudanças, mas eu concordo com a Érica...

Adriana.

**Entrevistadora:** Eu concordo com a Adriana. Eu concordo com a Adriana, eu acho o que você está na contemplação, você tem momentos que você está ambivalente ainda na sua mudança de comportamento de aprender a ser mais rígida com seu namorado.

É.

**Entrevistadora:** Você também acha?

**Entrevistadora:** Bom gente, o importante é assim a gente, vocês estarem ouvindo os que vocês pensam, o que nós pensamos – o grupo – justamente para conseguir entender o estágio, pra tentar conseguir avançar mais um, como conseguir realmente mudar o comportamento, então por isso que é importante essa dinâmica. Tem mais, gente...

XXX

**Entrevistadora:** Que parte que você acha que o Hélder está?

Eu acho que o Hélder está nessa fase de mudanças, que é a mais difícil, a manutenção! Ele não se encontrou ainda naquilo que ele quer.

E nós estamos nessa também que ele se encontra...

**Entrevistadora:** Você acha que você está na manutenção também?

Ai, eu acho que nós estamos na preparação também... fazendo tratamento, conversando, vindo pra cá... XXX.

**Entrevistadora:** Você concorda?

Sim.

Ainda tem muita coisa ainda...

**Entrevistadora:** Eu acho também que vocês estão na preparação!!!

Ah, eu acho assim, ele tava lá, nela, não é Valéria, ficava lendo, ficava o dia inteiro lendo, de repente aquela XXX vai voltando, vai esfriando XXX... eu não vejo mais nada... XXX

**Entrevistadora:** Porque pela experiência que eu tenho, a recuperação, esse último estágio da recuperação, ele tem que ficar sempre se olhando.

XXX

**Entrevistadora:** Você consegue passar isso pra eles de uma forma que não seja sem ser cobrando assim, numa forma de conversa?

Eu falo assim, oh filho XXX, a senhora vai XXX

**Entrevistadora:** E ele não namora né?

Namora.

**Entrevistadora:** Namora, faz tempo?

XXX

**Entrevistadora:** O quê?

XXX

**Entrevistadora:** Faz tempo que ele namora?

Assim que ele XXX deu os cano nele

**Entrevistadora:** A filha dela?

Não, a sobrinha dela, namorou três anos, XXX ele estava internado, ela arrumou um outro. Quando ele saiu ele começou a namorar com essa outra.

**Entrevistadora:** Ele já arrumou?

XXX

É isso que eu ia te perguntar, você está respondendo uma coisa que eu ia te perguntar, ele sai à noite com colega...

Vai com ela.

**Entrevistadora:** XXX dirigir?

XXX como que funciona?

**Entrevistadora:** Quantos anos ele tem?

21

**Entrevistadora:** E ele não trabalha?

E como chamar a atenção sem cobrar?

**Entrevistadora:** Calma aí gente, deixa a Gilda terminar de falar.

XXX

Comigo ele falou assim XXX

XXX *gravação muito ruim...*

Chave do carro pra ele XXX não fala nada.

XXX encerrar a conta dele, aí eu falei: na segunda feira você vai lá no banco XXX ele fez dois empréstimos. Paguei dois empréstimos dele!

XXX, XXX.

**Entrevistadora:** Mas por que você está falando isso de relacionamento?

Porque eu falei pra ele, agora mãe vai conversar contigo XXX

**Entrevistadora:** Não... sim...mas porque você colocou isso? Você ficou insegura pela fala deles?

Como assim...?

**Entrevistadora:** O que você achou disso que ele falou?

Não a XXX falou que ele tem uma namorada...

Eu acho que ele está certo, ele está pensando no bem estar dele...

**Entrevistadora:** XXX certo é isso, né?

Eu também tenho dívidas XXX ah... é bom mas o mais difícil é ficar sem mulher.

**Entrevistadora:** Mas é o que eu falo é o seguinte: se a gente for pensar no ideal, inclusive tem aquele filme *28 dias* com a Sandra Bullock, vocês assistiram, ela é internada por dependente de álcool, é legal se vocês puderem alugar, se chama *28 dias*, e aí ela fica internada e lá eles colocam isso na recuperação, é bem legal porque fala bastante de tratamento de recuperação, como agir, e eles falam como você sai da internação, você primeiro compra uma planta, se você conseguir fazer a planta sobreviver um ano, aí você compra um cachorro, se o cachorro sobreviver mais um ano, aí você está pronto para se relacionar.

XXX A namorada foi lá, buscou ele, *foi pra Inglaterra(?)* XXX depois que eu fiquei sabendo que a Karina me ligou e falou XXX

**Entrevistadora:** Então gente, mas assim faz sentido não faz, porque eles estão saindo de um tratamento, de uma recuperação e o ideal é que eles se cuidem, se fortaleçam antes de encontrar, antes de estar com um parceiro, pra quem não é casado, mas antes de encontrar um parceiro, pra estar forte né, porque senão qualquer deslize que tenha emocional, eles podem recair.

Volta tudo de novo.

**Entrevistadora:** Então aí vai da consciência de cada um... mas pra mim faz muito sentido isso aí que falou XXX.

A Adriana XXX porque eu mesmo já andei atrás dela, peço a Deus, mas dar a mão pra ele, XXX e ela? O que vai fazer? XXX

**Entrevistadora:** O que vocês acham? O que vocês acham gente?

Uma coisa difícil XXX

**Entrevistadora:** Você não vai poder controlar isso?

O que mais me preocupa é isso sabe? Sai de lá, vai querer arrumar namorada, vai querer sair, vai querer passear, vai querer arrumar namorada, e deixa o tratamento um pouco de lado...

**Entrevistadora:** XXX você tem de se preocupar com a sua vida, porque se ele quiser sair de lá e voltar com ela, ele vai sair e vai voltar.

XXX

**Entrevistadora:** Ele prefere sair com ela.

XXX

É gente...

É assim, na hora que acho que o Maicon está melhorzinho...

XXX nosso bebê.

Quando a gente já sofreu tanto a gente fica muito insegura, só o tempo. Só o tempo que vai dizer...

**Entrevistadora:** Cuidar mais de vocês, ter mais tempo pra vocês, mas vamos continuar senão não vai dar tempo, tem só quinze minutos.

Nossa já!

Dá tempo da gente falar XXX *rsrsrs*

Fica uma pergunta sua dar a chave do carro na mão dele? Ele pede o carro, eu empresto sem falar nada, cuidado XXX falar nada...

Você tem de dizer a verdade.

**Entrevistadora:** Eu conversei um pouco mais com ele hoje, com ele e com a Zilda e deu pra entender um pouco mais como funcionava e ele é uma pessoa que está mudando muito o papel dele de como ser pai do filho dele e colocar regras, então, eu até elogiei muito ele hoje por que assim, ele está mudando o papel dele dentro da família e isso é muito importante para o tratamento e para estrutura familiar. Então, ele é uma pessoa que você pode trocar bastante figurinha no tratamento, mesmo depois, de como lidar, de como ele consegue?

E uma outra coisa: acho assim XXX vai perder tudo. Por que tem o carro, tem tudo lá, XXX se ele fizer isso, vai perder tudo lá XXX.

Ele saiu, foi dar uma volta, 20 minutos XXX era amigo dele e disse assim pra ele: ó, to saindo disso aí, o que você acha XXX o seguinte, eu não vou deixar de conversar com você XXX, mas a hora que você partir pra outra não conta comigo não.

**Entrevistadora:** E você Larissa em que estágio você acha que está?

Eu? Sei lá!

**Entrevistadora:** Por quê? Você entendeu o estágio?

Entendi o estágio que você falou, mas assim... eu não me identifiquei... XXX né... tipo sei lá XXX. Às vezes acho que é preparação, XXX.

**Entrevistadora:** Por quê?

Por que eu estou me preparando pra quando ele sair de lá, como eu te falei, eu sou muito apegada a ele! Eu sou muito apegada a ele, que nem a Bárbara, a vida dela é o pai dela, como ela estava comentando, às vezes eu chego lá na avó dela... cadê meu pai e eu também ia passar o Natal dos parentes do meu namorado, não vou por causa do Adriano. Ele é meu XXX, sei lá, e eu estou procurando uma forma de me preparar para não ficar tão em cima dele assim XXX tudo é ele, tudo tem de ser ele, tudo é ele, tudo é ele, ele, ele...!

**Entrevistadora:** Ele tem um papel de pai pra você?

Meu pai, minha mãe ...

**Entrevistadora:** Ele fisicamente e emocionalmente é um pai para você?

E ele te trata bem?

Ele não sabe.

Ele não sabe que ele vai ser pai?

Eu acho que não?

XXX

Eu to falando!!!

**Entrevistadora:** Explica melhor.

O meu pai, não é meu pai. Minha mãe tinha um amante e engravidou e não contou para o marido dela, então ele acha que é meu pai, ele não sabe.

Nada.

Está deduzindo.

Ela pegou e contou isso pra mim eu cresci pensando que meu pai era o pai dos meus irmãos, entendeu? Até a idade de meus 10 anos de idade aí depois eu pirei, a minha vida virou de cabeça para baixo, meu pai não era o meu pai, aí eu coloquei na cabeça comecei a olhar no jeito dele, a ver que não tinha nada a ver com ele, ver que eu não tinha nada a ver com ele, vi que não tinha nada de parecida aí minha mãe saía com esse namorado dela sabe e levava eu junto pra sair com ela e tal, tudo e eu via ele, ela falava que era amigo... eu tinha o que? Eu tinha cinco anos de idade, eu pensava que era amigo dela, mas daí eu falava, eu pensava comigo: mas amigo não dá mãos dada, amigo não beija, sempre tive um pé atrás, aí quando fiquei sabendo... eu acho que é meu pai... todo mundo fala que ele sabe XXX ele me tratou como filha sabe tipo, ele não dá pensão, não dá tanto carinho assim igual ele dá pros meus irmãos, pro Adriano, então, mas sei lá eu acho que ele não sabe.

**Entrevistadora:** Você nunca falou isso pra sua mãe, nem pra ele, nem pro seus irmãos?

Não, minha mãe me levou pro psicólogo, o psicólogo falou que eu tenho problema de hiperativismo.

**Entrevistadora:** Hiperatividade.

É, que eu sou muito espontânea...

Eu falei.

É tem dia que eu fico mais avoada.

**Entrevistadora:** Dá pra perceber a sua mudança de comportamento.

É, eu sou assim mesmo, tem dia que eu falo demais, tem dia que eu fico quieta, tem dia que eu não gosto que ninguém conversa comigo...

**Entrevistadora:** Eu percebi isso...

Entendeu, é por isso problema do Adriano, problema de casa XXX

**Entrevistadora:** E aí a sua mãe te contou, te levou na psicóloga.

Cheguei na minha mãe e falei: mãe, é o seguinte: to sabendo disso e disso, é verdade? Ela começou a gritar, a desesperar, começou a chorar XXX oh mãe quero saber se é verdade, não quero que você faça isso comigo... XXX ela falou que era verdade, e eu não olhava pra cara dela, eu não comia a comida dela, eu não ficava em casa, XXX.

**Entrevistadora:** E aí depois disso?

Depois disso... aham..., porque foi assim, na gravidez dela, ela queria ter abortado, porque não era pra ter planejado um filho do amante?

**Entrevistadora:** Ela falou tudo isso pra você?

Falou

XXX ela tomou remédio pra se matar, para matar o bebê, tinha feito aborto, ela falou tudo isso pro psicólogo, porque ela não iria falar isso tudo pra mim na cara.

**Entrevistadora:** Isso você tinha quantos anos?

10 anos!

**Entrevistadora:** E seu pai não sabe nada disso que você fez esse tratamento?

Não.

E o seu pai mesmo?

Ele não quer saber de mim, não me aceita como filha.

**Entrevistadora:** Apesar XXX

Você conheceu o pai do meu filho do jeito que ele é, todo locão!

**Entrevistadora:** Deixa vim, põe pra fora, deixa vim... eu acho que todo mundo que está aqui tem dificuldades, passa por dificuldade são... maiores ou menores mas o sofrimento de cada um é tão intenso...

Papel, papel.

Meu pai é... que eu tinha descoberto que ele era meu pai XXX, mas pra mim XXX não sabia de nada XXX contou pra ele XXX que eu era apenas uma criança, que não sabia de nada, eu olhava pra ele XXX eu sofri muito XXX, não tratava como filha aí XXX...

Então foi uma fase da minha vida muito difícil XXX com isso eu aprendi a amadurecer mais rápido, eu aprendi a lidar com os problemas XXX pra ter melhor resultado, então, se eu falasse pra você que tem vezes que XXX internado assim XXX muito barulho de chuva!

**Entrevistadora:** XXX, XXX.

XXX

Meu pai é.

Muito estranho, XXX

Quantos anos você tem?

16!

**Entrevistadora:** Alguém tem algum retorno pra dar para Larissa?

Larissa, com fé em Deus você vai vencer!

Ele...

XXX

**Entrevistadora:** Ele precisa XXX

Oportunidade pra me procurar, mas ele era casado, entendeu ele era casado e a minha mãe era amante dele, então o filho dele não sabia que eu era irmã dele....

Coloquei todas as fichas no meu irmão, ele me dava carinho e me levava pra passear quando eu era pequena, mesmo sabendo que eu não era filha biológica, ele nunca jogou na minha cara que eu era filha bastarda, nunca, nunca, nunca.

**Entrevistadora:** XXX

Isso é.

**Entrevistadora:** Aí que bom que você está aqui, onde você pode contar com todo mundo, onde cada um conta sua história, XXX acabou sendo espontânea na hora que ela colocou isso, quando ela falou com ele, mas é que a dor dela, da Rose

é tão grande quanto a sua, quanto a da Zilda, quanto a da Valeria, quanto a da Adriana, quando a do Anderson. Então, cada um tem uma história de vida e a gente sofre pela nossa história, mas não deixa de ser maior ou menor do que a de ninguém, do que a dor de nenhum de vocês que estão aqui, mesmo do que a minha, não é porque eu sou psicóloga que eu não tenho dores, que eu não tenho problemas, que eu não tenho angústias.

XXX

**Entrevistadora:** Tranquila né, mas que bom que você está aqui, precisando pode contar comigo, viu? Você tem bastante pra aprender ainda pra lidar com o seu irmão, voltando a falar um pouquinho do teu papel enquanto facilitadora do comportamento dele, você realmente quer vê-lo bem em tratamento, você ser firme com ele, então, você tem bastante a aprender! Que bom que você está aqui, não deixa de vir não, tem que vir porque tem alguma coisa pegando ali naquele XXX pra não entrar em contato.

XXX chorar, sabe eu to assim eu choro ninguém vê que eu choro. Ninguém sabe que eu estou chorando, por fora eu sou alegre, normal XXX

**Entrevistadora:** Você tem de começar a demonstrar isso.

Eu não choro perto da minha mãe de jeito nenhum, minha mãe chora perto de mim, eu não choro perto dela de jeito nenhum, entro no meu quarto tranco a porta XXX

**Entrevistadora:** XXX tão forte assim.

Eu não choro perto dela.

**Entrevistadora:** Deixa eu te interromper um pouco pra gente finalizar porque já são dez e dois. Anderson em qual estágio você está?

Estou achando que na preparação, porque a minha busca, a minha ação que é ação XXX que eu quero, só que na verdade XXX eu sinto XXX eu vou passar ainda XXX de XXX ainda e hoje XXX preparação só que ainda eu sinto ainda XXX

**Entrevistadora:** E você Cristina, para finalizarmos?

Não, eu reformei, tem um tempão, pra ele não tem XXX tal lugar XXX junto por que ele XXX o meu marido tentou ajudar muito, ficou internado duas vezes, saiu e... vou fazer isso, vou fazer aquilo não dá um mês e já está devendo de novo. Então o meu marido também desistiu XXX, está interferindo no meu casamento XXX a partir do momento que eu ver que vai prejudicar a minha família aí... já falei pra

ele: este é a última tentativa que eu to tentando, ver conflito, porque meus pais XXX e...

XXX

O pior é que ele já...

XXX

XXX dinheiro a minha irmã XXX então XXX ele fala isso pra todo mundo XXX reuniões falou que não tem dinheiro.

**Entrevistadora:** XXX

Por que se ele ver XXX aí aparece então ele... XXX se eu virar as costas pra ele, ele vai pra rua ele vai ficar na rua mesmo por que todo mundo já desistiu.

Ele só tem você?

Só.

**Entrevistadora:** E você Valéria, desculpa Adriana?

Eu acho que estou na preparação.

**Entrevistadora:** E você sabe está tão insegura, tão insegura que XXX.

Que ele está na ação.

XXX

É XXX ele está querendo continuar igual ele estava lá XXX

Vou perguntar pro Domingos XXX está internado, se ele não pode vir na sessão na semana que vem, vamos ver.

**Quinta sessão: 31.10.11**

**Entrevistadora:** Desculpe Rose!

Imagina...

**Entrevistadora:** Mas isso vocês todos juntos ou saía com ele?

XXX fomos lá XXX os dois começaram a conversar e eu, o meu pai e minha mãe ficamos pra trás, em outra sala, nas mesas, nós fomos conversar com os colegas dele que estava tudo num canto e deixamos ele lá conversando com XXX porque a gente não sabia o que eles estavam conversando. O que você quer saber... o que você está querendo saber? É sobre a Priscila? Ela saiu do apartamento, como estão as suas coisas. XXX ela contou tudo isso pra ele, deixou todos os meus móveis, ela não tem empregada, ele contou tudo pra ela...

**Entrevistadora:** Ela saiu então?

Ela saiu graças a Deus, deixou um rombo pra mim pagar, eu vou pagar, o [único fiador é o meu primo] não posso sujar o nome do meu primo, eu não posso fazer isso com ele, ela levou todos os móveis. Filha, você quer os móveis? Claro que não, não quero nada, eu quero só pegar pra vender, pra pagar meu avô, minha avó e minha mãe, o que eu fiz com o meu pai, com o meu avô, com a minha avó e com a minha mãe, eu não podia ter feito com ele, eu estava ficando cego, eu perdi tudo, essa mulher acabou comigo, falta de ouvir o meu compadre, a minha mãe, todos falavam... eu não dei atenção, hoje estou no fundo do poço, mas estou me erguendo, que ele fala muito da presença de Deus, que antes ele não falava XXX, fala muito de Deus que ele está buscando Deus também, ele está se encontrando, semana que passou ele pensou muito na vida dele, o que ele vai fazer, aonde ele vai morar, se ele vai morar comigo ou com a minha mãe mesmo, que ele não quer mais mulher por enquanto... não me espera agora que eu não vou voltar pra você, eu vou ajudar você a criar Amanda, tudo que eu perdi XXX, eu vou criar a minha filha junto com você nós vamos ser bons amigos, como quando Amanda nasceu que a gente saía junto com Amanda, que a gente era amigos, assim. Você na tua casa com a Amanda e eu na minha, eu não quero mulher no momento, se ele falar tudo que ele falou, tudo que ele falou pra ela, XXX mãe, eu estava pensando ir embora hoje com a minha mãe, mas você falou pra mim, XXX minha mãe resolveu tudo lá fora é isso que eu queria saber, e meu processo que ela deu um processo na lei Maria da Penha também e meu processo XXX foi intimada XXX

**Entrevistadora:** Por que ele bateu nela?

É, porque no dia da briga, ela saiu com a bolsa para entrar no carro, e ele empurrou ela para tirar a chave, para ele entrar e pegar o carro, aí ele fala que ela se jogou no chão e ralou o joelho e o braço e ela foi pro corpo delito, e falei para ele: sua mãe está resolvendo isso também e é bom você está aqui também por causa desse processo. Por que? Você gosta dela? Eu não sinto mais nada por ela, eu tenho nojo dessa menina, acabou comigo, com tudo minha dignidade, minha moral e eu pensei em ir embora pra minha mãe mas eu não vou, eu vou terminar o meu tratamento. Não vai voltar a morar com ela, ele vai criar a Amanda... todo tempo que perdeu XXX que ele tem muito arrependimento disso, que ele está ali que não é fácil ficar ali dentro, a vida que ele tinha, que é um castigo que ele está tendo XXX aquele castigo. Que vai começar do zero porque perdeu os documentos, habilitação... tudo.

**Entrevistadora:** E aí depois disso que aconteceu, você conseguiu conversar com ele, como é que foi o seu contato com ele?

Aí ele ficava mais um tempo lá com a Amanda, ele ficou muito perto de mim, depois aí ele veio de novo, estava na hora do café já, peguei um pedaço de bolo, peguei pra Amanda XXX eu quero comer, ele sentou um pouco na mesa com a gente, nós conversamos um pouco, deitamos lá com a Amanda, Amanda estava pintando lá... levamos uns desenhos pra Amanda pintar, aí veio pai da Barbara XXX começamos a conversa que ele me conhecia, aí começamos a conversar todo mundo do grupo junto foi de novo pra lá XXX pegar o papel dele do INSS lá embaixo aí já estava na hora de ir embora, XXX não... fica com Deus, você vai conseguir XXX, aí na segunda feira foi difícil pra mim de novo, e hoje acordei com esse pensamento que eu não ia ser derrotada, que não vou ser derrotada XXX que a negativa dela não vai me atingir nem o Vitor, que eu não nunca vou ser derrotado, que Deus está comigo e eu vou vencer mais esta etapa da minha vida, que eu não vou chorar mais XXX eu não vou chorar, entrego na mão de Deus. Hoje à tarde liguei lá na clínica, o Rodrigo me atendeu, falou que estava bem, semana passada... aí ele contou que ele foi ajudante de pedreiro lá na clínica Fênix, aí contou que tem permissão, é só medicamento, pra ele foi tudo... tem terapia, XXX estava bem XXX eu vi que minha mãe também não está bem XXX minha mãe não tem estrutura, ela está sem estrutura, ela já estava ela já estava, ela está pior, ajuda a minha mãe a tomar conta da minha filha, por que minha mãe está sem cabeça. O Marcos também não tem paciência com a minha mãe, não deixa minha mãe largar do Marcos, eu

sonhei muito isso esses dias, sonho direto com a minha mãe. XXX não tira a Amanda de perto da minha mãe, deixa a minha mãe ver bastante a Amanda, porque a Amanda faz bem pra minha mãe, estou muito preocupada com a minha mãe também.

**Entrevistadora:** Algum retorno pra dar pra Rose, gente? Alguma pergunta?

Eu falei ela ter paciência que quando eu internei o Michael, na primeira visita pra mim XXX nunca XXX, entrego na mão de Deus por que Deus é maravilhoso, é não é fácil para agente toda esta situação.

XXX quanto mais XXX.

Eu acho que você, do jeito que você tem vindo, de tudo que você já falou hoje, você já está bem mais forte, né, você já está bem positiva, você vai conseguir, você não vai chorar, é assim mesmo que tem de ser, porque problemas todos nós passamos todos os dias, então...

**Entrevistadora:** E a força da nossa mente é muito poderosa.

Com certeza.

**Entrevistadora:** Se a gente acredita nas coisas positivas.

Sempre, eu já passei cada coisa na minha vida.

Uma coisa que você já mudou e eu notei em você, é que você no começo você não estava aceitando, que você não merecia...

Aquilo.

Aquilo né... mas...

Não aceitava XXX

Então você não aceitava, hoje você está vendo que você está aceitando mesmo do jeito que ele é hoje, quer dizer, XXX recuperação, né!? Então, isso é muito importante, porque isso aí ó... a gente tem que passar agora XXX a gente XXX

Outro detalhe que ele falou é... que minha mãe ajudou a criar o Vitor, naquela época XXX aí eu morava com a minha mãe, minha mãe e meu pai era pai e mãe do Vitor por que eu trabalhava, o Vitor ficava mais com a minha mãe, XXX mesmo caso dela ali, XXX que é psicóloga XXX, passe fome, come pão pedra filho tem que ser criado com a mãe, e o que a minha mãe fez não foi justo, minha mãe tirou eu dele, XXX recuperar todo esse tempo que ele não morou comigo, que eu acho XXX morar comigo.

**Entrevistadora:** E você só tem motivos pra estar feliz né Rose, porque você está vendo ele se fortalecendo, você está vendo ele aceitando tudo isso.

Mas no início eu não estava bem, XXX e ele percebeu também que eu não estava, ele falou pra mãe da filha dele: minha mãe não está bem, minha mãe está muito mal, porque a gente se conhece... qual a mãe que não conhece o filho? Conheço de longe, só que para minha ficha cair... como eu te falei, leva um tempo né.

**Entrevistadora:** É pra você aceitar, né?

Foi isso que ele falou XXX

Mas é difícil XXX aceitar né...

Eu tenho que ser muito firme com ele, enquanto ele termina o tratamento, eu vou aprendendo a ser firme com ele, termina seu tratamento; você não está preparado pra enfrentar a vida lá fora, porque não está preparado pra sair daí ainda, Vitor, faz o tratamento, se cuida tua mãe está lá cuidando das coisas, não se preocupa.

São 77 dias que ele esta internado.

**Entrevistadora:** Rose, e o seu marido?

Ele não foi porque também eu falei para ele não ir porque nós tinha ido no aniversário lá no Sítio da irmã dele, eu vou mas eu não vou voltar tarde porque no domingo é dia de eu ir ver o Vitor na clínica, aí o meu marido foi... nós fomos com dois carro, meu marido ficou lá, eu já tinha falado pra ele, se você quiser ficar lá dormindo porque tem os primos... fica que é bom para você também, porque o Marcos também estava estressado automaticamente também to, captando todas as energias tuas, o Vitor não é meu filho mas ele foi praticamente criado junto ali.

**Entrevistadora:** Desestabiliza muito o sistema, automaticamente o sistema familiar.

Exatamente.

**Entrevistadora:** Traz desequilíbrio, né?

É.

**Entrevistadora:** O sistema não está equilibrado.

Marcos, se você não quiser ir ver o Vitor, não tem problema, eu vou com o meu pai, com a minha mãe, com a Amanda, você fica, passa o dia com os parentes, tios... estava todo mundo e ele ficou e foi muito bom isso pra ele também, não posso ser egoísta também.

**Entrevistadora:** Mas como está você e ele?

Ele queria vir, ele queria vir hoje aqui aí você falou que ainda não era o momento de ele estar participando aqui comigo né.

**Entrevistadora:** Eu falei isso?

Lembra XXX se o marido dela viesse junto na terapia de casal.

**Entrevistadora:** Numa terapia só vocês dois.

Mas ele pode vir aqui no grupo?

Aqui sim.

Aqui no grupo XXX melhor do que no outro, né.

Separa que ele quer vir comigo XXX

**Entrevistadora:** Eu falo assim, se for no consultório eu acho que você tem que se fortalecer pra depois fazer uma terapia de casal.

Se ele quiser fazer uma outra separada ele pode fazer também né?

**Entrevistadora:** Aí não dar pra vocês dois fazerem comigo.

Aí faz com uma.

**Entrevistadora:** Comigo e teu marido pode fazer com a Roberta, por exemplo, porque não dá para eu atender os dois separados, mas isso a gente conversa depois. Mas eu só quero saber assim, vocês estão melhor por que semana passada você estava muito mal em relação a ele.

Melhoramos, conversamos, a minha mãe se mete muito também. A minha mãe dá cada uma nele ela está meio esclerosada, dá cada uma nele, porque já faz sete anos que eu estou com ele, não vale a pena a gente separar agora também.

**Entrevistadora:** Principalmente numa fase de crise, né?

XXX

Mas eu estou bem melhor XXX

**Entrevistadora:** Que bom Rose.

XXX sabe quando pega pesado? Não sei se acredita XXX

**Entrevistadora:** Muito bem! Quem mais gente?

Mais importante XXX estava na última visita ele ia pegar o rosário XXX e na hora de fazer oração XXX nada disso foi feito, já começou por aí, não gostou muito.

Gerou uma frustração.

Aí ele estava crente que eu ia vir embora voando que XXX nada, depois XXX aí eu abracei ele falei: calma meu filho você chegou até aqui, não perde a paciência né? Calma que até no final da noite tem uma resposta, né? XXX Eu não to legal, a senhora você não está aqui pra ver XXX. Você está aqui é por que alguma coisa

você fez e tem de ficar aqui, e se você ficasse numa cadeia como que ia ser? Aí tudo bem, XXX a gente vai ter uma resposta XXX vou embora né acaba o tratamento, aí acaba o tratamento XXX. Está lá em casa diz que ontem ele começou... ele limpou o meu escritório, né? Não adianta você vir aqui, eu não vou te dar XXX aí Michael não vim aqui XXX só vim te explicar a minha história, a minha situação XXX perdi uma moto, perdi outra moto e aqui está me ensinando a reconquistar até a dignidade que eu tinha perdido né, e eu agradeço muito por essa clínica por vocês, chorou uns 40 minutos os dois e ele está bem, graças a Deus.

**Entrevistadora:** Então ele saiu hoje?

Sim, só saiu com a roupa do corpo, que na hora que meu marido vir a gente busca as coisas dele.

A gente vai no casamento em Valinhos, já está a bem dizer chegando o casamento e na hora que acabar o casamento, a festa vou esperar XXX que eu sei que a noiva demora, aí a gente chega lá, pega os noivos, tira as fotos que tem de tirar com os padrinhos na festa, fica um pouco e volta pra sua casa e no outro dia vem embora e é assim que tem de ser. Meu filho está fazendo o tratamento e temos de perseverar ele, porque é uma luta muito grande e você sabe que ele não pode beber, só vocês sabem o que vocês passaram né? Não quero nem lembrar quantas noites... Teve um dia que XXX moto XXX meu marido, acabou com a minha noite inteira XXX que ia dormir pra poder dormir, mas a menina desgramada XXX

**Entrevistadora:** Quem é a menina?

Minha filha, ela ira atrás de mim “mãe pelo amor de Deus, XXX traficante” XXX e nada e meu marido XXX, aí no outro dia minha filha foi trabalhar, voltou pra casa, não aguentou trabalhar e nada, nada, meu marido pra casa e tinha que buscar remédio pro meu marido e não tinha XXX o meu telefone tocava XXX tudo desesperados atrás de Michael, minha família tudo ligando. Pra que fazer isso né? Fazia muito tempo que ele não fazia isso, fazia mais de dois anos que ele estava limpo. Aí falei pra minha filha: Louise, pelo amor de Deus, fica aqui que a mãe vai buscar alimento XXX remédio, Senhor, traz ele de volta, do jeito que ele estiver! Põe ele na minha frente agora! Acabei de falar: Michael do céu!!! XXX lá vem o Michael, eu falei Michael do céu XXX, montei na moto sem capacete, na hora que eu te liguei cheguei no hospital XXX eu liguei pra você Michael, onde você está XXX, meu filho, vem embora agora XXX guardei a moto lá na casa XXX. Me perdoa Michael XXX tudo bolado XXX, só a gente sabe mas tá bom XXX que ele está limpo XXX,

passado é passado, não volta mais; cada dia mais a gente só vai crescer mais e vamos dar XXX igual, eu falei XXX aqui nós somos uma família XXX, vou trazer carne XXX ficar com você XXX se eu for sorteada XXX a rifa XXX.

**Entrevistadora:** Então tá. Vamos para o intervalo gente? Já são nove horas.

Já?

**Entrevistadora:** Deixo para falar na hora da saída?

Não só queria falar do Lucas XXX

E de você Larissa?

Que tem eu?

**Entrevistadora:** Quer falar alguma coisa de você?

Não.

**Entrevistadora:** Mas conta como que foi é... encontrar teu irmão, ver como ele está?

Cheguei lá muito ansiosa, muito XXX, cheguei lá oito horas, oito e meia.

**Entrevistadora:** Porque? Que horas começa, as nove?

Dez e dez, dez e quinze.

A reunião.

Cheguei super cedo, uma vez cheguei oito e meia XXX cheguei nove horas, o povo começa a chegar 10, 10 e pouco.

**Entrevistadora:** E aí Larissa?

E aí eu cheguei lá XXX que eu vê lá XXX e já queria subir, não quero subir, eu quero ver ele “não, você não pode”, não, quero ver ele XXX aí eu cheguei lá, eu vi conversando XXX, aí eu cheguei perto... do jeito que ele foi pra fora XXX.

**Entrevistadora:** O que ele mudou?

O jeito de conversar, o jeito de falar.

**Entrevistadora:** Tá de cara limpa, né?

O jeito dele, da personalidade, do caráter dele. Eu cheguei lá aí ele me abraçou, eu dei um abraço nele e falei: “e aí com você está?” Ele falou: eu to bem... e você? “Estou bem”. Aí começou a falar XXX contra mim XXX pedir um monte de coisa, pedir mesmo muita coisa! Pediu violão XXX pediu bastante coisa, pediu cd XXX.

**Entrevistadora:** Nossa!!

XXX pra baixo.

Gente.

A minha mãe XXX meio magoada XXX foi lá, conversou com ele XXX aí eu peguei XXX vou melhorar o caráter, o jeito que ele reagia XXX como que eu te falei é muito grudado comigo e eu esses meses que fiquei longe dele XXX, fiquei quietinha.

**Entrevistadora:** Então quer dizer que você achou estranho estar perto dele por causa desse tempo que vocês ficaram separados?

É, eu achei estranho XXX depois ele veio falar pra mim assim que eu só fico olhando a vida dos outros, que eu não observo a minha família, eu me senti muito acuada XXX aí contei pra minha mãe pra não demonstrar...

**Entrevistadora:** Quer dizer que você queria, por que queria ir até lá ver ele, depois na hora que você está lá você não conseguiu curtir e queria ir embora?

Aí eu fiquei lá com ele queria ir embora, queria ir embora.

**Entrevistadora:** O que você esperava Larissa?

Esperava chegar lá e esperava que ele estivesse do jeito que ele tava não pedisse tanto, não XXX tantas coisas.

**Entrevistadora:** E porque você não fala pra ele na hora que você sente isso aí?

Não sou de falar, eu ponho as coisas pra fora entendeu depois passa muito tempo, mas lá no fundo eu não perdoei, lá pra frente, lá pra frente eu lembro do que ele fez pra mim.

**Entrevistadora:** Você é rancorosa.

É. XXX eu não falo XXX eu não falo pra você, converso com você normal, mas pra mim to remoendo, sabe?

**Entrevistadora:** Algum retorno do grupo?

XXX loucura XXX botar pra fora por que ficar guardado e até com cara virada pra pessoa, não falava o que era e eu aprendi a XXX também, XXX três anos eu cuido, acompanhando daqui e dali XXX fiquei quieta, fiquei magoada XXX está falando de você. Ai menina! XXX, seis e quinze da tarde, XXX, menina, eu cheguei nela e falei: eu preciso falar com você XXX, comigo? É, com você! XXX por favor, o que eu fiz pra você? XXX “não estou sabendo de nada”! Eu falei: olha, se você não está sabendo, XXX que está falando porque, sabe... porque se eu te fiz alguma coisa, eu não sou perfeita XXX eu sou mulher que nem você, então eu peço desculpa. Não, eu não estou sabendo de nada XXX pra ela eu ia ficar guardando isso pra mim.

**Entrevistadora:** XXX depois você se sentiu bem?

Nossa! XXX por pra fora, mas não é XXX

Eu não consigo falar com a pessoa XXX de falar com a pessoa XXX, mas XXX eu posso até a voltar a falar com ela, mais não tem mais afinidade total XXX

**Entrevistadora:** Ficou magoada XXX?

XXX

XXX Ciúme.

XXX E ele fala demais XXX-XXX.

XXX óculos de sol...

**Entrevistadora:** Que tem hora que escurece na que bate o sol...

Ele é todo... não pode usar o óculos de sol lá, não pode usar óculos de sol.

Eu ia até perguntar isso, quem quer botar óculos.

Não, os residentes não podem utilizar óculos escuro, só que o dele é dessa forma, ele está no claro assim...

Mas a lente ficou mais escura quando está no sol...

Na sombra XXX

XXX que às vezes não quer magoar a pessoa, né...

**Entrevistadora:** É isso que eu sinto, ela quer ser a boazinha, legal para todo mundo, se você se arriscou a falar dos seus sentimentos, a pessoa não pode querer ficar mais perto de você, você quer a pessoa perto...

Eu sou muito fechada, sou mesmo, por isso que eu procuro guardar as coisas, ficar quieta porque se eu falar eu sou capaz de magoar a pessoa.

Ela fala demais e eu nem consigo dormir quando ela fala desse jeito, XXX aí o meu irmão XXX fala assim XXX tampar os ouvidos e vai dormir.

**Entrevistadora:** Você trabalha fora?

XXX

E perturba?

XXX – XXX não conhece ninguém, vizinho nenhum XXX vixe agora eu venho aqui, bem ou mal estou falando com gente que está passando pelo problema que eu XXX resposta certa XXX

**Entrevistadora:** Aí que bom, a gente fica muito feliz de ouvir isso. E o resto das que estão quietinhas aí?

Então, o Celso está muito bem graças a Deus, agora esse dia dei entrada com ele no INSS porque XXX mesmo problema que o seu e ele tem um carro disponível lá pra ficar levando os internos pra fazer perícia.

**Entrevistadora:** XXX

XXX

XXX porque eu não tinha ouvido isso nunca dele: mãe, eu vou dar entrada no Ministério XXX vou ver se passou... se não passou, tinha que esperar aquela cartinha e XXX porque ele tem XXX à disposição da clínica pra ficar levando os meninos XXX e ao mesmo tempo segurando um pouquinho XXX, porque eu já tenho uma resposta da Sol, já tem alguma bagagem pra frente da casa... na Sol ele também chegou a ser monitor e tudo, mas agora eu acho, pelo que eu conheço, que vai dar certo, ele veio só um dia XXX aí domingo eu fui, e ele falou: “mãe, eu acho que vou ficar uns 15 dias sem vir por que os meninos está com muito trabalho e não tenho coragem de deixá-los sozinho. Porque ficar em casa pensando aqui, então acho que vou ficar umas duas semanas sem vir pra casa. Tudo bem?” Tudo ótimo, o importante é você estar bem aqui. Aí depois na hora de ir embora meu outro filho veio buscar, ele falou pra mim: olha a gente tá achando que o Celso realmente dessa vez a ficha dele caiu! E ele está muito bem, está sendo o nosso braço direito. Então, eu fiquei super feliz, mas uma coisa que me pegou, hoje, eu até estava comentando com as meninas antes de começar o grupo, foi internado um moço lá de Ribeirão, que o meu filho começou nas drogas com ele.

**Entrevistadora:** Como você sabe que foi com ele?

O Celso me contou.

Por que ele pode te ligar a qualquer momento?

Ele pode. Até de manhã umas nove hora da manhã ele ligou e falou: mãe, eu estou em Barreto. Quando foi umas seis horas ele me ligou novamente. Mãe, sabe quem tá internando aqui? Falei não, não sei. Fulano de tal... Ah, que bom! Mas coração já... pum... a cabeça já foi lá...mas espero que dê tudo certo.

**Entrevistadora:** O que você acha?

Não sei, não sei te responder. Não sei te responder, não sei, ultimamente Celso tem sido muito sincero, muito sincero! Eu acredito que essa noite, agora à noite, que ele vai se abrir, mesmo porque liguei para com o Robson e falei o que estava acontecendo, eu tenho impressão que o Robson vai dar uma puxada pra ver se o Celso se abre, conta... teve uma vez, na minha casa, que eu trabalhava com

uma oficina de costura perto de casa e tava sentada na maquina costurando e passou uma pessoa e falou assim pra mim “Deise vai na tua casa que o Celso acabou de entrar lá com fulano de tal” Ele tem apelido de Fubá. E o meu filho é parecido com ele então lá no bairro era Fubá e Fubazão. Os dois foram na minha casa bem pertinho, meio quarteirão eu fui, já tinha três dias que estava na rua, cheguei em casa com a chave, abri, que ele tinha furado, conseguiu entrar, arrombou a porta, já entrei detonando, xingando, pronunciando as piores coisas possíveis pra ele. Eu falei: cadê o Fubá? Ele falou: foi pra casa dele. Eu não quero esse menino, esse bandido, esse ordinário, aquele isso, aquele aquilo, se eu pegar ele eu mato! Eu ponho o revólver do teu pai na cara dele, eu quero que ele... tudo que você imagina, eu falei. Aonde estava esse Fubá?

**Entrevistadora:** Dentro da sua casa.

Dentro da minha casa debaixo da cama e eu falei tudo que tinha de falar e voltei pra trabalhar, larguei ele dentro de casa. No sábado que eu fazia faxina na minha casa, eu fazendo faxina tudo né, e fui limpar um canto no meu guarda-roupa onde meu marido tinha mesmo revólver de estimação, que aquele revólver tinha na época já tinha mais de 20 anos que ele trabalhou num lugar que ele precisava de porte de arma tudo, ele tinha levado o revólver. Foi esse menino pequeno hoje que levou, o meu marido odiava esse menino, o meu marido queria ver o capeta e não queria ver esse menino, só que XXX, hoje, depois que eu comecei XXX a gente veio embora pra Ribeirão, XXX foi preso duas vezes, agora já faz 15 dias que ele saiu da prisão, a mãe trouxe ele hoje pra cá. Porque ele já veio aqui pra tentar interna aqui e ele ia internar na Sol, só que ele XXX duas vezes XXX não sei bem como é que foi naquela semana que ele tinha que vir pra cá ele foi preso. Ele ficou preso 3 meses e saiu agora faz uns 15 dias. Hoje. Mas hoje eu vejo assim falando da droga e do companheirismo dos dois que fizeram assim se achava um, achava o outro, se um roubava o outro roubava também, se um usava, o outro usava também. Bom, mas hoje eu já vejo diferente, desde que comecei a freqüentar os grupos, eu já não tenho tanta raiva, eu não tenho mais raiva dele, não é tanta, eu não tenho eu já acho assim, o meu filho usava por que ele queria, ele fez de tudo porque ele quis por si próprio, não por que ele tinha companhia do outro. O outro não amarrava ele pra XXX, eu já não tenho mais essa raiva dele XXX

**Entrevistadora:** Você parou de colocar a culpa nele.

A culpa nele mesmo, porque o Celso fala: eu uso porque eu sempre usei, porque eu quero. Nunca ninguém me arrastou você não tem também de se culpar de nada, que às vezes você se pergunta o que eu fiz, quer dizer, XXX basicamente: o que eu não fiz também? Então eu não tenho mais raiva XXX.

**Entrevistadora:** E qual que é a tua pergunta?

Então a minha pergunta não, o meu receio, o meu receio, eu tenho medo, mesmo sabendo que o meu filho hoje está super bem, estou com uma luzinha negra lá atrás, medo que esse menino ter entrado, lá faça alguma influência para o meu filho. Entendeu?

**Entrevistadora:** O que você acham?

XXX

Se fosse outros tempos, eu já ia falar: pelo amor de Deus, eu vou falar pra XXX não aceitar, eu não quero ele perto de você. XXX vou estar orando pra ele pra que Deus te abençoe e que ele também saia dessa como você está conseguindo porque...

É o exemplo do Celso lá.

XXX

Eu acho que o exemplo do Celso XXX

Tomara Deus né.

Deve ter mexido com ele também, se mexeu com você.

Eu acho assim na chegada dele que ele viu o Celso bem como ele está hoje, deve ter mexido com ele e vai mexer, mas ainda agora na sequência na XXX.

Com certeza.

**Entrevistadora:** Agora você chegou aqui falando o Celso está bem, falaram lá que ele está bem que caiu a ficha aí você conta disso e fala será que esse menino vai levar o Celso pro mau caminho de novo? Olha como você mesmo se contradisse com o que você começou falando.

O meu pensamento entendeu?

**Entrevistadora:** Sim entendi.

Na hora que pegar os dois conversando sozinho sabe, aí por outro lado to errada não posso pensar assim meu filho hoje está com uma cabeça boa, impossível que ele vai deixar isso tudo de novo XXX não é possível, a não ser que ele seja muito burro. Desculpe a expressão.

XXX

Nada a ver... eu acho que não.

Quantos ele não vai encontrar que já fez essas coisas XXX

Teve..

Teve uma passagem também, XXX que chegou um rapaz lá XXX meu filho porque ele XXX dia XXX

XXX

Você não tem dó, você não tem XXX família acabando com as famílias, destruindo as famílias como a sua está destruída, a sua mãe seu pai, seu irmão, você mesmo ficar vendendo, XXX a vida dele e a vida do XXX, você não tem pena, você não tem dó, você não tem remorso? Não brigando, a gente só tava conversando. A gente XXX de conversar bastante, dialogar. Ele falou pra mim: não... ninguém tem pena de mim, nem de você. Há pouco tempo atrás XXX um domingo eu cheguei lá, ele falou assim: mãe, essa semana eu lembrei tanto de uma coisa que você me falou e chorei muito na XXX embora. E por quê? Por que chegou um rapaz aqui XXX. Aí fizeram a triagem, toda aquelas coisas XXX. Aí mais tarde quando subiu lá pra cima, na hora do jantar o rapaz chegou em mim XXX, “você está lembrado de mim?” Eu não. XXX pegar uma faca e dar uma facada no meu coração, eu senti na alma, eu lembrei na hora o que você me falou, eu chorei bastante.

**Entrevistadora:** Então olha o nível espiritual que ele já está, né?

XXX né?

**Entrevistadora:** Você acha que... isso é só mais uma provação pra você e pra ele?

**Entrevistadora:** Eu acho que ele não vai se balançar com isso, vai se balançar sim porque ele vai lembrar da história vai mexer.

O Rodrigo, o meu filho mais velho falou, “pô mãe eu acho que você está errada de ter esse pensamento também”. Eu acho assim de repente é uma provação que o meu irmão, mais uma que ele vai ter, ele vai conseguir, não só ele como XXX resgatar o amigo, chegou a hora do amigo XXX e justamente na companhia de uma pessoa que trouxe um sofrimento muito grande pra nós anos, né, XXX deu muito trabalho também, muito, o pai morreu, a mãe viveu sozinha, era uma batalhadora também. No bairro esse menino o só está vivo por Deus, porque já... apanhava assim, dos traficantes mandar bater XXX, completamente detonado, o meu nunca apanhou, dos traficantes, nunca apanhou deles, nunca. Ele já sofreu muito que

também roubava muito, e o lugar que eu morava lá em Ribeirão era assim XXX lá XXX tinha roubo no bairro, eles podiam roubar em outros bairros, mas ali não XXX.

**Entrevistadora:** XXX sem limite algum... Bem, deixa eu te cortar...

Eu fiquei meia balançada XXX acontece com o filho também XXX. E também não sei se eu estou certa ou errada de querer estar falando XXX eu tomando o partido de falar pros donos da clínica da situação, entendeu XXX assim que seria bom pra ele estar mais de olho, mais atento.

**Entrevistadora:** O que vocês acham grupo? Só pra gente finalizar pra dar espaço pra não...

Agora eu fiquei com um ponto de interrogação também, fiquei assim com medo dele passar droga...

Não passar droga...

Fizeram uma pergunta outro dia, que lá na XXX... se na Sol XXX, uma vez, um exemplo que me falaram de um menino que fez um tratamento numa clínica aí, que custa caro e o cozinheiro da clínica passava droga para os menores. Falaram isso pra mim!

Ninguém entre eles...

O Celso mesmo não via falar

Eu também acho...

Porque XXX

Pelo que você que você está me contando da...

XXX

XXX fica calado espera acontecer.

**Entrevistadora:** Na hora que ele estiver fora você vai ter como tomar a frente, XXX encontrou um amigo ali fora, tira esse amigo do caminho dele?

XXX

**Entrevistadora:** É uma forma de você querer controlar uma situação que não cabe a você?

XXX hoje.

**Entrevistadora:** XXX pensa em como o Celso tá e não em tentar controlar.

Ainda bem que eles se encontram lá.

**Entrevistadora:** XXX bom gente falta cinco minutos XXX a Valéria não falou nada, a Érica não falou nada...

E a Cristina e a Evarisca.

Eu não vou visitar ninguém!

É, mas a prioridade para vocês XXX

XXX

XXX passei o domingo em casa, eu, meu marido, meus filhos, meus pais, XXX meu marido falou para ele ficar mais um mês lá. Então ele está assim, mas ele quer sair, XXX só fala em dinheiro, XXX que eu estou sem dinheiro, mas aqui ninguém tem dinheiro! Não, vixe... todo mundo tem dinheiro, só eu que não tenho XXX desse jeito, ele quer dinheiro XXX... e tem um lugarzinho lá na esquina(?)

Eles estão sempre acompanhados, eles nunca saem sozinho, ainda no caso assim do Nivaldo, ele não tem condição de sair sozinho assim não.

É verdade que ele não sai porque não tem dinheiro, XXX.

Assim... eles não têm dinheiro no bolso, essas coisas; o dinheiro que tem o pessoal que me passa fica lá embaixo, porque realmente se você pega esse pessoal que não tá..., que não estão em recuperação ainda e o Nivaldo é um caso desses, facilmente ele sairia para fazer o uso XXX já tem alguns que não XXX.

XXX

Eu pensei em conversar com vocês depois até que tiver um tempo depois, mas pode continuar que eu atrapalhei.

XXX meu marido XXX meu marido foi né, não... precisa ficar mais um pouquinho aí XXX meu marido também sentiu que não estava preparado, aí XXX, só que ele não quer ficar lá XXX, eu não sei, porque eu tenho que receber o meu dinheiro daí eu vou ver o que eu vou fazer...

XXX

**Entrevistadora:** XXX de ser manter?

**Entrevistadora:** Ele não tem dinheiro algum, não tem nenhuma renda lá.

Você não XXX pra ele?

E ele?

XXX alugar uma casa eu vou... viajar...

XXX conversei com ele hoje ainda.

Ele viaja muito XXX está com a casa dele.

Exatamente...

XXX ele quer a casa dele, a casa não é dele, está no meu nome XXX então, a gente está pagando as contas, água, luz...

**Entrevistadora:** E como você se sente Cristina?

Ah, eu tento ajudar mais ele não dá retorno, desde que meu pai faleceu...

**Entrevistadora:** Não, como você se sente quando ele fala isso, quando você vê que ele não está bem?

Eu fico nervosa, porque eu falo: você não tem maturidade XXX, aí meu marido pensou em aposentar porque ele sempre foi registrado, quando meu pai estava vivo XXX...

**Entrevistadora:** Ele não tem uma ocupação para quando ele sair de lá, você nunca conversou isso...?

Será que ele não está bom da cabeça?

**Entrevistadora:** Não pra agora, mas assim... eu penso num futuro?

Mas ele... pelo que eu percebi, ele XXX por ele, eu acho que...

XXX

É ele está voando...

XXX

Cuidar de lavar louça, tem que lavar, essas coisas, mas também quando ele estava...

O seu Nivaldo não lava, se eu não me engano.

Não.

Não, não faz, é um pessoalzinho do Moacyr, seu Nivaldo é o pessoal que lava...

XXX

XXX

XXX

**Entrevistadora:** Como que fica nesse caso se tem, que percebe que tem... foi afetado neurologicamente, fisiologicamente?

Lá na clínica acho que tem uns três ou quatro casos nessa situação, tem o senhor Toninho, Senhor Toninho XXX até foi... na época o pessoal queria tirar XXX realmente o caso de Senhor Toninho não é caso de XXX porque ele não tem condições, XXX que foi uma pancada mesmo, ele bebeu de mais e caiu, ficou um tempo sem saber quem que ele era, no começo do ano ele estava com uma dificuldade assim tremenda só que ele XXX resultado XXX teve uma evolução gigante, eu acredito que terminar os seis meses ele vai possivelmente ele vai voltar ao trauma. O senhor Moacyr falaram que é esquizofrenia, mas só que pelo que eu

avaliar não é esquizofrenia, esquizofrenia não, é Alzheimer, Alzheimer, só pelo que eu avaliar não é Alzheimer, eu acho que um trauma também, foi uma pancada.

**Entrevistadora:** E o Nivaldo?

O Nivaldo eu também não soube avaliar embora é perspectivo um déficit no seu mental, né, só que eu não sei até que ponto foi um trauma ou se foi alguma coisa devido a bebida mesmo.

**Entrevistadora:** Eu estou aqui pensando nesses casos mais específicos, tem um controle de psiquiatra...?

Não, lá não tem um controle de um psiquiatra.

**Entrevistadora:** Quantos anos ele tem?

Cinquenta e seis.

XXX ele não teve na terapia XXX

XXX limites XXX

XXX

Fugiu XXX foi correndo atrás dele XXX.

**Entrevistadora:** Eu acho que é um caso específico que tem que ser conversado, XXX.

XXX não, se eu tiver dinheiro eu vou beber.

É o caso do Senhor Moacyr também, até hoje ele não bebeu porque ele está lá, no dia que ele sair ele vai beber.

XXX

Não, esse daí é o Djalma, né... ah... você fala do que veio pra cá?

Veio.

O Nivaldo.

XXX ele pegou dinheiro não sei de quem aí e XXX.

Ele veio pra cá ele estava morando aqui no fundo XXX

XXX Ele está aqui não ta?

Não ele saiu porque ele caiu.

Mas, eu estou falando de um baixinho.

Não esse daí é que veio pra cá agora, ele veio semana passada.

XXX ele caiu mãe.

Senhor Moura, ele veio sábado, sexta, por exemplo.

Cadê ele?

Está aí no fundo.

Está...

Não...

**Entrevistadora:** Bom, a Érica saiu de fininho hoje, semana que vem vou começar com ela.

**Sexta sessão - 14.11.11**

**Entrevistadora:** Boa noite gente...

Boa noite!

**Entrevistadora:** Então, pessoal... Eu coloquei aqui várias sensações, vários sentimentos de coisas que vocês podem sentir. Por que o que acontece, né, fica muito tudo voltado pro “Ah, o dependente de drogas dentro da família...” É o namorado, é o filho, é o marido, é o pai, o irmão... Ele passa por muitos problemas. E ele tem inúmeros sentimentos. Mas e vocês, né? E quantas vezes vocês também não sofrem e quantas vezes vocês também não se sentem sozinhos dentro de tudo isso que vocês vivem com o dependente? Então eu coloquei aqui vários sentimentos que eu gostaria que vocês lessem e fossem percebendo, em qual deles que vocês mais se enquadram. Vamos primeiro estar lendo e refletindo sobre eles. Quem quer ler?

O Anderson!

Lembrei de você! A mulher não ligou o ventilador, foi me dando um calor, um calor... Eu me abanava, e essa mulher não se tocou de ligar. E ficou sem ligar!

Tinha que ter falado!

E eu me abanando, me abanando e não ligou!

**Entrevistadora:** Então gente, o objetivo é a gente estar levantando experiências que vocês tiveram. Então eu queria que a gente lesse cada um, olhassem as experiências que eu coloquei aqui. Quem quer ler pra mim?

Pode ler?

**Entrevistadora:** Pode.

Solidão, sensação de muita tensão antes das brigas ou discussões, hábito de identificar a percepção do que está acontecendo para o membro dependente e não em relação a si próprio...

**Entrevistadora:** Identificar o que está acontecendo com o dependente e não em relação ao que está acontecendo com você!

Sensação de estar completamente envolvido com os problemas, sentindo ou reagindo como ele, necessidade de sempre estar cuidando de alguém, sentindo-se mal humorado ou se queixando das coisas de casa, sensação de desesperança (nada vai mudar), acreditando que será incapaz de ser feliz, sentindo-se impotente,

sensação de que não vale à pena construir uma família, raiva ou ódio do dependente, culpa ou vergonha pela dependência na família e outros...

**Entrevistadora:** Então, gente... Que é que vocês... Qual dessas sensações... Eu quero que cada um de vocês elege uma sensação dessas. Uma dessas frases que mais tem a ver com o que vocês estão vivendo hoje.

É só uma? Eu tenho duas.

É... Mais pra mim é a solidão. Tem hora que eu me sinto muito sozinha.

E hábito de identificar a percepção do que está acontecendo com o membro dependente e não em relação a mim mesma, própria.

Só uma que é pra escolher? Solidão.

**Entrevistadora:** Solidão? É o que mais pega? E por que solidão?

XXX. Então tem hora que eu fico muito sozinha, entendeu? Eu não tenho outro filho! Eu só tenho minha neta, mas minha neta tem a mãe dela também, ela tem só quatro anos, ela sente muito, ela é muito sabida...

**Entrevistadora:** Você gostaria de poder dividir mais os seus medos, os seus receios, a sua culpa, a sua vergonha com um membro da sua família que você não tem com quem dividir. É isso?

É!

**Entrevistadora:** O que vocês acham? Algum retorno pra dar pra Rose?

Se eu começo a falar com o meu marido, ele começa a me dar lição de moral. Só ele é perfeito, só ele sabe tudo. Minha mãe coitada...Aí meu pai começa a chorar comigo, meu pai também se sente como eu. Então, meu irmão eu tenho assim, pouco contato porque ele trabalha muito, a gente se vê sábado e domingo. E ele tem a vida dele, a família dele, a casa dele... Entendeu?

**Entrevistadora:** Seu irmão é mais velho?

Meu irmão é mais velho do que eu. Meu irmão tem 55 anos.

**Entrevistadora:** Algum retorno pra dar pra Rose, gente?

Essa sensação eu nunca tive. De vergonha.

**Entrevistadora:** Vergonha não, mas XXX...

XXX, agora ela tá falando desse jeito, tá falando sobre a culpa de si mesmo. Cheguei XXX. Na mesma hora que... É essa solidão que eu sinto mais. Por exemplo, lá naquele lado XXX olho pra aquele lado, dá uma saudade...

**Entrevistadora:** Dá saudade mesmo! Você nunca fica muito tempo longe dele, né, Rose? Porque ele nunca morou fora...

Falar um pouco da solidão dela, porque ela era muito apegada nele.

Assim, no máximo a gente ficava... No ano passado ele viajou muito, que essa namorada dele morava no Guarujá. O ano passado ele quase nem trabalhou. Ele ficava mais nesse Guarujá. Então, ele ficava 10 dias, 15 no máximo. Entendeu? Mas ele ligava, eu ligava... Entendeu? Hoje ele pediu pro... Que ele tá com gripe, que era pra mim mandar um remédio. Aí, eu falei pra ele: “Você podia levar...”. Ele falou: “Não, você não pode vim aqui não... Se tiver outra pessoa você manda, mas você não pode vir agora aqui não...” Então, saio na porta eu olho lá pra aquele lado...fica um vazio. Vai passando os dias...

**Entrevistadora:** E faz quanto tempo que ele tá internado?

Hoje faz 72 dias. Eu conto os dias...

Eu e meu pai! Meu pai fica: “Que dia é mesmo, filha que nós vai?”. Ele fala assim. “Que dia é mesmo que nós vai?”. “Dia 29, pai.” “Ai... Ainda tem tudo isso de dia!”. Ele começa a chorar... Aí, minha mãe fala assim: “Vocês não falaram nada pra mim que é esse dia? Vocês esconde tudo de mim? Você já sabia que seu filho tava fazendo isso e não me contou?”. “Mãe... Eu não sabia! Todo mundo ficou sabendo uma hora só, aqui dentro...”

Primeiro mês eu falava assim também, ficava contando... Eu procurei fazer as coisas que eu gosto, pra mim contar os dias. Que nem, até a ligação de sábado. Eu fico esperando. Aí, eu marquei com ele. Ele falou: “Mãe, das 5:30 até as 7:00 eu te ligo”. Aí, eu fico esperando. Era hora de eu ir fazer minha unha, eu mudei todos os horários pra mim falar com ele...

Eu tenho que trabalhar, eu não posso parar, ele queria que eu desse um tempo. Eu não posso parar de trabalhar! Se eu parar de trabalhar, eu vou ficar louca!

**Entrevistadora:** O Rose, você que começou a falar, qual de todas essas sensações que estão escritas aí, você não quer mais sentir?

Essa de solidão é muito triste! E esse sentimento de mal humor, se queixando das coisas, entendeu? de desesperança. Mas assim, eu sinto assim, uma coisa horrível na mente, uma loucura, um desespero... No primeiro dia eu tava pior. Eu melhorei muito. Eu melhorei. É claro que vem aquele pensamento na cabeça, é uma loucura, mas eu melhorei. Mas eu mudei muito...

**Entrevistadora:** Mas fala uma só, porque você falou umas três juntas.

Ai... A que eu não quero sentir?

**Entrevistadora:** Que você não quer mais sentir!

Solidão. É muito triste...

**Entrevistadora:** Você não quer mais passar por essa solidão?

Não. E hoje eu me arrependo de ter tido só o Vitor. Quem sabe, se eu tivesse outro filho, né...

**Entrevistadora:** XXX.

É! Eu admiro! Ela fala umas coisas que eu acho que ela tira de letra! Então, eu procuro sempre ouvir o que ela... Às vezes ali ela comenta...

XXX.

Ela falou outro dia uma coisa... XXX. E aquilo que o Anderson falou também, procurar, eu to procurando sair mais... Entendeu? Hoje me chamam pra ir, eu to indo...

**Entrevistadora:** Isso que eu queria perguntar: O que você pode fazer pra não sentir mais essa solidão?

Eu vou procurar... Se alguém me chama pra ir pra algum lugar eu to indo. Domingo, dia das mães, que nem, perguntou pra mim: "Como você se sentiu?". Alguém me perguntou ontem. E eu achei que eu me senti muito bem domingo. Eu pensei que eu ia ficar pior. Fui pra chácara lá dos parentes do meu irmão. Fui eu, meu pai, minha mãe... Fiquei o dia inteiro lá. Saí de lá eram sete horas da noite, entendeu? Teve duas vezes que perguntaram lá. Mas eu não chorei! Aí meu irmão tava falando comigo: "Rose, tua vida é ir daquele serviço pra tua casa. Então você tem que pensar um pouco mais em você. O Vitor tá bem lá. Dorme tranquila! Ele tá bem! Procura sair mais, pega o carro e vai passear." Agora esse fim de semana eu vou lá XXX. Vou ficar lá num hotel, passar o fim de semana. To procurando, desse jeito que ele falou: sair... Pra ver se eu melhora mais, né. Não sei, eu vou tentar!

**Entrevistadora:** Não, e eu acho que também, Rose, entrar mais em contato com você. Essa questão da solidão, quando a gente sente, né, a gente tem que tentar se perceber no sentido de conseguir, se bastar. Porque a gente nasce sozinha e a gente morre sozinha. Que é como a Neuza colocou, entendeu, essa dependência do outro deve ser muito difícil, porque...

XXX

**Entrevistadora:** É! Entendeu? Porque você põe uma expectativa, uma dependência de afeto tão grande na vida dele... Isso deve ser até um peso pra ele também. E pra você! Porque a gente não tem garantia que a gente vai viver com essas pessoas que a gente ama a vida inteira. E a gente tem que saber andar

sozinho. E isso é uma realidade! Então assim, tentar entrar em contato com essa solidão e fazer coisas que são boas pra você: Rose. Independente do Vitor, entendeu? Como que você pode cuidar dessa criança carente. Porque parece que é uma criança carente que não quer ficar sozinha, né? Aquela criança que não quer ficar sem a mãe, de dois aninhos que tá ali e fala: “Não, pelo amor deu Deus!”. Não parece, a solidão?

É uma coisa horrível!

**Entrevistadora:** Então como você que pode cuidar dessa criança carente dentro de você, né! Que você pode fazer de bom pra você, como entrar em contato com essa dor e acalmar essa dor dentro de você...

Eu vou tentar, né... Sair mais, vou começar a voltar a fazer uma caminhada, a fazer pilates, porque eu já tinha marcado várias vezes e nunca deu certo.

Ela adora ir no canecão!

**Entrevistadora:** XXX é a que mais gosta de falar sobre isso!

XXX.

Fazer uma atividade física que é bom pra...

O Zilda, deixa eu só tirar uma dúvida: você teve dois filhos que usaram ou um só?

Não, não, só um!

Só um?

É!

É que você falou: “tive três e eu fiquei só com um”.

É! Eu perdi minha menina com dois anos e meu filho num acidente de carro...

Ah, é verdade!

Faz quanto tempo?

A Zilda também ficou emocionada, Tati!

Tem gente que fala: ah, com o tempo esquece...

Não tem como!

Quero mudar, tudo novo... Profundamente. Que será que é isso? Quero trocar de móveis velhos, não aguento mais isso!

**Entrevistadora:** É o novo, né. Abrir espaço pro novo!

Novo... Quero tudo novo!

Eu Acho!

**Entrevistadora:** Organizar as coisas de fora, né, pra se organizar por dentro. Gente... Mas e vocês? Qual dessas frases que mais pega em vocês e qual que vocês não gostariam mais de passar por ela?

A primeira coisa que vem na tua mente é a culpa, né! A culpa. Mas hoje eu não penso mais nisso. E também...

**Entrevistadora:** Mas ainda pega no caso dele, né?

Não! Não pega mais. Não pega mais. Vergonha: no momento você sente. Sai na rua, você vê seu filho fumando, tá na droga! Mas depois passa.

**Entrevistadora:** E qual que você não quer mais sentir?

Eu?

**Entrevistadora:** É! Disso daqui, qual que você não quer ter mais na sua vida e...

Dúvida aí pra mim é terrível!

**Entrevistadora:** Como?

Dúvida! Sensação de muita tensão antes das brigas e das discussões.

**Entrevistadora:** Que tem? Essa é a que você...

Essa é o problema. Horrível!

**Entrevistadora:** Sentir a tensão... Sensação de muita tensão antes das brigas e das discussões.

É! Porque fica o dia inteiro, né. É discussão o dia inteiro!

**Entrevistadora:** E como, que você tem que fazer pra não passar mais por isso?

Ah, assim, eu tenho que me policiar. E quando ele estiver, eu converso muito com ele. A gente vai sentar, né. Depois que ele parou, não teve mais isso.

Antes era assim: "Eu quero, eu quero!". Antes era assim: "Eu quero, eu quero!".

**Entrevistadora:** Então a forma que você, Zilda, acha para não passar mais por isso é conversando mais, se comunicando bastante pra não deixar chegar na discussão.

Exatamente!

**Entrevistadora:** E você, Luis?

É a mesma! Porque aí, hoje não...

**Entrevistadora:** A sensação que você não quer mais passar é a mesma que a Zilda?

É!

O Eder não falava mais, ele gritava. Pra todo mundo ouvir! Eu ficava preocupada, né.

Principalmente quando você fala um “não!”.

**Entrevistadora:** Ele ouve mais um não, ele lida melhor com a frustração, né.

Acho que é isso. Disso daí, a pior coisa é essa.

**Entrevistadora:** Algum retorno pra ele, gente? Não?

Pra mim é o que ele falou mesmo, né: a comunicação. Porque os meus também...

**Entrevistadora:** É o mesmo?

É o mesmo! Eu tinha que falar um não, né. Então, ele tava agressivo. Às vezes até machucou o ombro. A gente brigava bastante. E essa é uma sensação que eu não quero sentir de novo...

**Entrevistadora:** E sempre as brigas e discussões eram porque você tinha que por limite nele, ou outras coisas?

Era que tinha que por limite! Não... Era os dois, né. Era os dois!

**Entrevistadora:** E a forma de você lidar com a situação pra não passar mais por isso, qual é?

A minha forma antes era errada. Hoje eu também penso no que o Luis falou: comunicação, conversar. Antes, eu agia errado também. Eu chegava, e como ele era XXX. E aí que a gente brigava e acontecia o que acontecia. Hoje eu já tenho a cabeça diferente. Eu já penso em comunicação, em conversar. Hoje eu já sei lidar mais com os momentos de caso houver alguma recaída ou evolução. Acho que eu sei lidar melhor com isso. Antes eu não sabia, eu achava que mesmo que ele queria e falava: “Eu quero!”, eu falava: “Não vai!” Antes meu irmão passava mal, a gente brigava, minha mãe, tudo...

**Entrevistadora:** Você ainda não tá conversando muito com ele. Você acha que quando ele voltar pra casa você vai tentar conversar mais pra...

Vou, vixi... Não, mas até as conversas que ele tem comigo quando a gente vai lá, eu já não tinha isso com ele há muito tempo. Eu chegava totalmente diferente. Ixi, ele nunca falou: “Eu te amo”. Ele nunca tinha falado isso pra mim. Agora ele me fala. Agora a primeira coisa quando ele me vê ele fala: “Eu te amo!”.

**Entrevistadora:** Nem quando era você criança ele te falava?

Sim, mas depois que ele começou com essas coisas de droga...

**Entrevistadora:** Ah, tá! Ah, tá!

Não, quando era criança... Mas quando ele começou com essas drogas, ixi...

**Entrevistadora:** Tinha se afastado totalmente...

Fazia muito tempo que eu não ouvia isso da boca dele.

**Entrevistadora:** E a tua mãe voltou a vir? Ela tinha parado de vim, não tinha?

**Entrevistadora:** E ela tá bem? Sua mãe?

Minha mãe é a que mais precisa da reunião, é ela a mais doente da casa. Ela não liga pra ela. Ela liga pra eu e meu irmão. Sabe? Eu e meu irmão. Tudo, tudo, tudo.

Que mais? Eu...

**Entrevistadora:** Calma aí... Algum retorno pro Anderson, gente?

Eu concordo com ele.

A Deise tá tão quietinha, Deise...

To pensando aqui também... Aí, o que mais me pega também é a solidão. A solidão que eu sinto hoje não é tanto mais pelo Celso. Porque hoje o Celso, graças a Deus, ele se encontra bem! Mas como isso não tá acontecendo mais, graças à recuperação dele, graças a Deus é a solidão de ele não estar em casa, eu não sinto! Eu sinto a solidão pelo meu marido. Pelo meu marido! Meu companheiro de 42 anos! Então, é o que eles falaram: o tempo apaga? A gente acostuma a viver sem a pessoa, principalmente assim, pra mim...

**Entrevistadora:** Convivência....

É! Na madrugada, dá um aperto. Sabe? Então, pelo Celso graças a Deus hoje, essa solidão eu já não sinto não. Mas, pelo meu marido eu continuo sentindo. Muito! Não tem jeito de lidar com a solidão... Sai, a gente sempre sai bastante XXX...

**Entrevistadora:** Você tem religião?

Tenho! Eu sou evangélica.

**Entrevistadora:** E você frequenta toda semana?

Sim.

**Entrevistadora:** E a religião te dá força?

Então, ultimamente eu tô meia, como eu te falei, tô meia pra baixo, né... Mas eu tô tentando.

Mas você conseguiu perceber o que é que tá te deixando tão pra baixo assim? A causa?

Então, aí, essa sensação de muita tensão antes das brigas e discussões em casa aconteceu muito também. Porque pensa, sete anos e meio. Tá vendo? E ele era uma pessoa extremamente também como o Éder: “Quero, quero, quero!”, e gritava e não ouvia, e eu gritava mais alto! Sempre com o meu marido. E essa culpa eu tive muito. Hoje eu não tenho mais. A vergonha também eu tive. Hoje eu não tenho mais. Né, então... o que ela perguntou mesmo?

**Entrevistadora:** Não, ela te perguntou o que é que tá te deixando assim XXX. É, se você consegue perceber o que é que tá te deixando tão pra baixo assim...

É, hoje...

**Entrevistadora:** É a falta do marido...

É!

**Entrevistadora:** A dificuldade de...

A dificuldade que eu estou encontrando de aceitar a morte do meu marido...

**Entrevistadora:** Ela ainda não conseguiu... Ela ainda não elaborou... Entendeu? É uma coisa muito presente que deixa ela muito...

Ele vive dentro de mim! Né...

Mesmo porque também teve outras coisas pra você pensar, né... Do seu filho, dessa internação dele...

É. Quando meu marido faleceu, ele sofreu muito, né. Então esse sofrimento dele me marcou demais! Eu acho que se ele tivesse morrido rápido, eu acho que eu não teria sofrido tanto, e já teria até me adaptado mais do que se tivesse tido todo aquele sofrimento que eu acho que ninguém merece. Aí eu procuro, to procurando também me questionar... Algumas divergências também que eu tenho com o meu filho mais velho... Me se relacionar melhor, mas o que mais me pega...

**Entrevistadora:** Hoje você tá mais segura em relação ao Celso, né? Mas como você passou por tudo isso com o Celso, logo em seguida que seu marido faleceu, você teve que dar conta... você teve que ser forte. Então agora que você tá vendo que o Celso tá bem, tá aparecendo essa dor. Quer dizer, você não conseguiu olhar pra essa dor...

O meu marido ficou doente. Então, a pessoa que mais lutou em casa, que mais batalhou, que mais me deu estrutura, quem era, né... era eu. O meu mais velho foi uma vez também e passou mal. E isso agora, eu não sei, sabe... Eu tive

depressão, tive depressão profunda, fiz tratamento, XXX... Hoje eu to mais forte, mas eu não sou aquela pessoa que eu gostaria de XXX.

Mas eu sinto a senhora uma pessoa bem forte. Não sei se todos concordam...

Eu também!

Pelo que eu passei já... Eu não sou melhor que ninguém, mas o que eu já passei 17 anos com a dependência química do Celso, dependência financeira, sabe, tua vida vira de cabeça... aí quando o Celso ficou doente XXX eu esqueci do Celso filho. Aí eu me importei só com o Celso pai.

**Entrevistadora:** Tem o mesmo nome...

É!

**Entrevistadora:** Impressionante!

Mas hoje...

XXX.

Mas pelo que eu ouço do Celso hoje, eu sinto um alívio tão grande... Eu quero acreditar que isso realmente, tudo o que ele fala, XXX, eu quero acreditar realmente que isso vai acontecer. XXX. Oro e peço a Deus pra que isso realmente aconteça na vida dele. Agora quanto ao meu marido eu preciso me trabalhar com essa situação XXX... revoltada com a vida...

**Entrevistadora:** Você tem alguém pra te dar XXX?

É, é o que eu falei hoje, a pessoa que eu mais aqui me identifico é XXX.

**Entrevistadora:** E ela te dá colo?

XXX.

**Entrevistadora:** Mas você já conseguiu falar isso pra ele?

Já.

**Entrevistadora:** Não numa hora que você esteja mal, numa hora que você esteja bem...

Não, eu já falei isso numa hora que eu estava mal...

**Entrevistadora:** É, porque na hora que você tá mal, aí ele deve achar que você tá se colocando numa posição de vítima...

Ele já chegou pra mim: "Você só sabe chorar, você só sabe chorar! Eu não aguento mais! Você vai desidratar de tanto chorar!" Não choro mais como eu chorava antes. XXX.

**Entrevistadora:** Mas tenta conversar com ele numa hora que você esteja bem, falar pra ele o quanto é importante que ele converse mais com você, que na hora que você não tá bem, que ele te dê mais apoio...

XXX.

**Entrevistadora:** Mas numa hora que você esteja forte, não numa hora que você esteja mais XXX.

XXX.

É que deve ser difícil pra ele também, né...

É difícil! A perda do pai fui eu, e ele e a minha nora que mais...

E também é difícil pra ele ver a senhora às vezes do jeito que ele vê.

Por isso que o meu filho, ele é fechado. Ele não é um menino aberto igual o Celso. O Celso se tiver que falar XXX...

XXX.

XXX o Celso sai e vai embora. Ele não escuta. Eu preciso falar: “Não, você vai ficar aqui, você vai sentar aqui e você vai escutar!”. E fechar a porta e chavear. Mas eu vou conseguir...

la ser bom. Porque o meu relacionamento com a minha mãe era meio que parecido. Ela chegava chorando e eu achava que se eu chegasse e fizesse carinho, ia piorar. XXX. Eu tratava ela bem assim. Só que se você conseguir passar pra ele, vai ser bom pra vocês dois. Minha mãe não conseguiu passar isso pra mim, só que eu acabei percebendo sozinho. XXX. E hoje, já faz o que, há um mês mais ou menos que eu já to diferente com a minha mãe. Agora eu chego, eu faço um carinho. XXX, tá melhorando bastante até pra mim o relacionamento. Se você conseguir passar pra ele, vai ser melhor. Eu era assim também. Eu chegava, eu via ela chorando, eu falava, é igual você falou: “Para de chorar! Você vai, daqui a pouco você vai ficar desidratada!”...

**Entrevistadora:** Por que você falava isso pra ela? Que você sentia?

Porque eu sentia... Eu tinha vontade de ir lá e fazer um carinho nela, de perguntar: “Ah, mãe, que tá acontecendo, tal...” Só que o outro lado já falava pra mim que se eu fosse, desse carinho, não ia ajudar ela. Eu tinha que passar uma expressão forte pra ela, pra ela ser forte também. Aí, eu não sabia o que era pra fazer não. Eu achava que eu tinha que passar uma expressão forte. Eu falava: “Não, você tem que ser mais forte!”. Mais forte do que ela já foi? Depois que eu parei, eu pensei: mais forte do que minha mãe foi? Ela praticamente criou a gente, meu pai

passava a noite fora. Ela criou a gente sozinha. Segurou a barra até eu fazer meus treze, catorze anos. Não separou do meu pai, XXX... Mais forte do que ela foi? Aí foi acho que eu me toquei. Meu tio também me ajudou. Ele falou isso pra mim: “Eu ouvi você falando pra sua mãe que ela não é forte. Como que ela não é forte?”, meu tio falou isso pra mim. Aí ele que me passou essa idéia que eu falei. Aí foi hoje que eu me toquei. E hoje eu já chego diferente no tratamento dela. E ela já tá melhorando bastante com esse carinho. XXX. Que minha irmã também é bem agressiva com ela, como ela não teve muita explicação... Minha irmã sente falta dela e ela sente falta da minha irmã. Aí, eu to tentando fortalecer ela, pra ela ficar mais forte e conseguir passar pra minha irmã pra ter essa relação que tá tendo comigo. XXX.

XXX.

Se você conseguir passar isso pra ele XXX.

*Inaudível, várias pessoas falando ao mesmo tempo.*

Se fosse o contrário... eu já falei isso pra ele XXX. Porque é a característica do Celso. Mas hoje também o Celso já aprendeu a lidar com o pai. XXX. Entendeu? Já passou isso. XXX. Mas então é isso... XXX. E o que mais é o que mais tá me pegando: essa solidão que eu queria tentar trabalhar com ela e essa sensação aí de muita briga, discussão... Mas com o Celso não mais, porque a gente aprendeu a dialogar mais também como “seu” Luis estava falando XXX.

**Entrevistadora:** E como colocar em prática todas essas coisas? A solidão?

A solidão eu vou tentar já lidar com a solidão, sair um pouco mais XXX, ir pra Igreja, XXX.

**Entrevistadora:** Uma crença maior, sabe? Uma fé! Acreditar que ele tá bem, que Deus tá por traz disso, sabe?

XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** Então, agora a Larissa porque ela acho que queria falar, mas XXX na frente dela. Mas antes de você começar a falar, posso só falar uma coisa? Você tem bastante dificuldade pra ouvir, né?

Tem mesmo! Eu percebi também.

**Entrevistadora:** Você tá super ansiosa. Eu até de propósito deixei a dona Neide falar na sua frente...

XXX.

**Entrevistadora:** Então, mas na hora que as pessoas estão falando, você também vai aprendendo com elas. Não é justo isso XXX.

Mas toda a reunião a tua dificuldade de escutar é muito difícil, é muito grande. Na verdade dispersa muito.

**Entrevistadora:** Você percebe isso? Mas fala... Qual desses sentimentos você não quer mais sentir na sua vida?

Que eu não quero mais... Acreditar que eu estou XXX a ser feliz.

**Entrevistadora:** E você acredita que você é incapaz de ser feliz? XXX.

**Entrevistadora:** Por ele? Não por você?

É! XXX.

**Entrevistadora:** Brigou com o seu namorado?

Traí ele!

**Entrevistadora:** Traiu?

Traí... XXX.

**Entrevistadora:** E ele XXX por que?

XXX.

**Entrevistadora:** E daí? Mas a justiça chamou ele?

XXX.

**Entrevistadora:** XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** Então, você não quer mais acreditar que você é incapaz de ser feliz?

Isso!

**Entrevistadora:** E como que você pode fazer isso? Que é que você vai fazer pra mudar essa crença dentro de você?

XXX.

**Entrevistadora:** Eu percebi! Por isso que a gente tava falando, a dificuldade de ouvir o que tá acontecendo aqui...

XXX.

**Entrevistadora:** Então, porque a dificuldade de você tava de ouvir tudo o que tava acontecendo aqui, porque você queria falar de você! Você não queria ouvir o dos outros, você queria falar do Adriano, que ele saiu, e de você! Mas assim você não vai mudar essa crença de que você é incapaz de ser feliz.

XXX.

**Entrevistadora:** Que vocês acham, gente?

Eu acho que ela é muito apegada ao irmão dela. Não é? Muita... Por que que você traiu o seu namorado? Eu posso perguntar?

Ah, porque...

XXX, era uma pessoa que te fazia feliz... Por quê?

XXX.

XXX. a pessoa analisar comigo e me dar um retorno

XXX.

Por quê?

Roubo, assalto, tráfico...

Aí tinha um processo XXX, ele foi preso por esse processo, XXX só que o juiz, ao invés de aceitar esse processo XXX, colocou outro processo XXX

Quando que foi que ele virou usuário?

XXX. então, a polícia está atrás dele por causa disso. XXX

**Entrevistadora:** Que isso tem a ver com isso aí da Sol?

Porque ele queria resolver os problemas...

Acho que piorou assim... Piorou!

XXX.

Eu que resolvo os do Vitor também!

XXX.

Mas piorou pra ele!

Mas agora que ele entrar de volta, daqui a dois meses, e olha lá se tiver vaga! A não ser que ele programe outra clínica, aí ele pode entrar logo em seguida.

**Entrevistadora:** É, isso você tem que falar com o Seu Domingos. Eu ouvi ele falando a hora que você falou que o Adriano queria comprar, eu ouvi ele falando: olha o que eu tenho aqui na frente e mostrou a quantidade de XXX...

XXX.

**Entrevistadora:** Ah, é o Adriano quis sair?

É!

Sabe por que eu te perguntei? Porque quando meu filho tava na rua XXX eles dão atestado que ele está fazendo tratamento, então não tem o por que o juiz não dar xxx...

**Entrevistadora:** Porque a partir do momento que ele tá internado porque ele tem uma dependência de drogas...

Tá tratando!

XXX.

E essa notícia chegou até ele como?

XXX.

Então, não pode ser assim! Entendeu? Porque geralmente quando tem algum problema assim, eles pedem pra pessoa de fora. Porque se falar pro residente, ele vai querer imediatamente sair! Entendeu?

XXX.

Aí a pessoa, no caso a tua mãe, teria que ir atrás e comunicar apenas os monitores, o coordenador de lá. Mas assim, a pedido da tua mãe, eles teriam que falar realmente.

XXX.

**Entrevistadora:** E você chegou aqui hoje falando: “O Adriano saiu, mas eu não vou parar de me tratar...”

Não vou! Porque eu acho que pra mim isso tá sendo muito bom, porque eu estou aprendendo a lidar. XXX. Eu já me mudei um pouco, hoje eu não to mais tanto assim. To ainda, mas não to tanto assim mais.

**Entrevistadora:** XXX. Melhorou um pouquinho, mas você tá melhorando...

XXX. eu to indo de degrau em degrau, da escada... to descendo de degrau em degrau XXX pra mim eu to fazendo o papel de mãe, eu acho... de um rapaz... porque ele é um homem de 22 anos de idade e ele tem que fazer a vida dele, e eu não tenho que ficar XXX

**Entrevistadora:** E quando você fala que você é incapaz de ser feliz... É... XXX? Ajuda!

Ah, eu já pensei!

**Entrevistadora:** Você perguntou do namorado. Eu achei interessante a sua pergunta, por quê? Porque você tá querendo mostrar pra ela que ela tem que cuidar da vida dela.

Porque eu acho que.... Ela tá muito focada no seu irmão... Eu acho que ela tem que pensar mais nela! E esse namorado poderia ajudar ela a sair dessa tristeza porque ela falou que ele não tava mais ouvindo ela...

Mas a responsabilidade também não é do namorado, né Tati?

Não, mas pra ouvir ela...

Não, mas às vezes fica muito assim com o namorado, e o namorado às vezes não tem suporte pra suprir tudo isso que ela tá querendo.

XXX.

Mas você prestou atenção no que eu te falei? Porque às vezes a responsabilidade que você jogava nele era muito alta, e ele não tinha o retorno... o suporte pra te dar o retorno.

XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** D<sup>a</sup> XXX, se a senhora puder troca uma ideia com a mãe dela!

**Entrevistadora:** O Larissa... Essa incapacidade... Pra mim ficou muito marcante essa frase que você falou, porque incapaz de ser feliz com catorze anos? Você tem uma vida pela frente! Você tem que acreditar mais em você! Você tem que ter fé, como a gente falou conversando com a Dona Neide, você tem que ter fé, acreditar em Deus e acreditar em você! Vê nas suas qualidades, trazer coisas pra você, trabalhar, estudar, pensar no seu futuro, pensar coisas positivas...

XXX.

**Entrevistadora:** Você tem, você é muita madura. Não é esse o ponto...

XXX.

**Entrevistadora:** Mas pensa sobre isso...

A mãe do Maicon...

**Entrevistadora:** Valdirene?

XXX. Igual o Daniel falou: é a necessidade de sempre estar cuidando de alguém. Eu sou aquela pessoa que sou acolhedora, sabe? Eu quero ajudar, eu quero fazer... XXX. E a que eu não quero mais passar é aquela sensação de muita tensão antes das brigas e das discussões.

**Entrevistadora:** É a que mais teve em comum, né, pelo que eu to vendo. E essa sensação que você tem de querer acolher, de querer cuidar, você percebe que tem um pouco de: cuidando do outro você tem que cuidar menos de você, você olha menos pra você?

Não! Cuidando do outro eu fico bem de estar ajudando, dando um conselho. Entendeu? Eu não sinto que essa parte eu to deixando ele pra trás. Mas agora eu to falando pra ela né, que eu não passo mais batom, eu não me maqueio mais, porque

eu pedi pra Deus tirar a minha vaidade. Então eu todo meu banho, eu cuido de mim normal. Mais eu não fico mais com aquela vontade que eu tinha de passar batom, de me maquiar e eu me sinto bem com isso. Sabe? Eu tirei isso de mim e não tá me fazendo falta. Isso aí eu me sinto bem, entendeu? Parece que eu to maquiada, sabe? Só to falando assim porque você sabe, né? Mas eu sinto bem de ajudar o próximo, de dar um conselho, sabe? XXX. Mas que eu percebo não, entendeu? Que nem o Maicon que teve alta, né? XXX dentro de casa. Aí, sábado à noite, não, sexta a noite ele tava jogando vídeo game era uma hora da manhã. Eu levantei e falei: “Filho, é uma hora da manhã, né! XXX. Não tá na hora de dormir? Você aprendeu, né? Você aprendeu lá dentro a ter regras”. Aí recolheu tudo: “Vamos dormir, vamos dormir... A mãe tá certa!”. Sem nada! Agora aquela sensação de muita tensão, nossa senhora!

**Entrevistadora:** O que é que o grupo acha dessa questão que colocou de cuidar do outro que a Valdirene colocou? Da necessidade de cuidar do outro.

XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** Não, não, essa é a questão que mais pega nela.

Ah, é a que mais pega nela? Achei que era XXX

**Entrevistadora:** Como que é XXX? Fala pra ela...

XXX você não pode pegar a responsabilidade pra você! Você vai ajudar, XXX. Mas eu não quero aquela responsabilidade pra mim. Você entendeu? Eu posso ajudar no que for preciso, mas eu também tem que viver! XXX.

Ganha na mesa sena pra você alugar um apartamento com quatro quartos, né? E que aí eu venho morar com você, né! Se eu chegar a ganhar na mega-sena e Deus me der isso e um dia eu ficar rica, eu quero ajudar as pessoas, abrir uma comunidade, sabe? XXX. Abre um lugar pra aprender um curso XXX.

**Entrevistadora:** Então, mas você pode fazer uma coisa voluntária. Tudo bem! Pegar uma instituição mais carente. Vê se você gosta mais de criança, de jovem, de adulto... Procurar uma instituição carente que precisa e tá fazendo isso... Eu tenho essa vontade XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** Então, Valdirene... E o que você nunca mais quer passar é aquele que já quatro pessoas colocaram: a sensação de muita tensão antes das brigas ou discussões. Como você pode fazer pra...

Eu ficava muito assim tensa, né! XXX. Aí chegava bem, eu falava: “Meu Deus, por que é que a gente fica...” A gente mesmo busca o problema pra gente mesmo, né? A gente antecipa as coisas, né! Tem que ter mais paciência! Agora já não. Tô aprendendo XXX. Ele sabe o que ele passou, o que nós passamos, o que é que ele aprendeu, qual é o caminho... Então vai depender dele, não é? Eu também não vou ficar XXX. Porque eu tinha medo de quando ele saísse eu... sabe, ficar desesperada. Mas eu tô aprendendo que não vai resolver eu ficar desesperada. Vou ficar mais doente, né. Então tá nas mãos dele. XXX. A minha filha, ela sempre falava pra mim: “Olha mãe, eu não vou sofrer! Não vou sofrer, porque eu sou nova, eu tenho minha vida, eu sei o que eu quero pra mim. Sabe? E a senhora também tem que seguir o meu caminho. Não fica sofrendo, mãe! O Marco, ele não é mais aquela criança de colo que a senhora tem que ficar preocupada”. XXX. A senhora tem que viver, né?!

**Entrevistadora:** Que é que você acha que você pode fazer pra não passar mais por essa situação?

Ah, que que eu tenho que fazer? Eu tenho que continuar vindo no curso, XXX porque não é fácil! Quem pensa que é fácil, não é fácil não! Mas a gente tem que tá fortalecida, porque se der o baque, a gente vai ter que ser forte e saber recuperar, né.

**Entrevistadora:** Por que que o Maicon não veio XXX?

XXX. porque ele saiu quinta... XXX

**Entrevistadora:** Porque você falou que ele ia vim aqui de quinta feira aqui...

XXX.

**Entrevistadora:** Mas fala pra ele que ele tá no grupo XXX.

Que horas que começa?

As oito.

Oito?

XXX.

XXX.

**Entrevistadora:** E você Cristina? Tá quietinha também, né! Se não puxar aí, não sai nada...

Olha, eu falei...

**Entrevistadora:** Qual dessas sensações você não quer mais sentir?

Ah, não quero sentir a “impotente”. Porque eu me sinto, porque eu to já XXX. Converso... XXX... Mas eu sinto toda vez que eu vou assim, que não vai. Nada vai XXX. Então, eu não quero me sentir impotente porque eu estou velha, cansada.... Quero ajudar ele a levar a vida dele, Não tem jeito de ir pra frente. Mas eu acho que ele... Não sei se o álcool já deixou ele meio... Não sei! Então, eu me sinto impotente. Eu to, vou, to vindo aqui, vou lá, converso... Ele só quer sair XXX.

**Entrevistadora:** Que é que vocês acham, gente? XXX. Fala...

“Eu não tenho vontade de vir aqui, eu quero sair, quero ir embora...”. Eu já falei pra ele que a aposentadoria dele tá negada. Então ele tá dependendo tudo assim...

De você!

É. Do meu marido que sempre, né... Eu não trabalho também, então tem que sair de algum lugar: tem que sair do meu marido. Mas ele acha que...

Trabalhar também ele não vai trabalhar, não!

É difícil! XXX. Tem que dar valor, tem que fazer...

XXX.

Mas lá ele tem que fazer, porque senão ele leva negativo.

Então, mas ele não quer fazer nada! Nada! Nada! Ele não quer fazer nada.

E você sempre ajudou ele, sempre.

XXX conversei com meu marido, a gente vai pagar um lugar pra ele, a gente vai cuidar dele, mas ele lá e eu e meu marido aqui. XXX. Então eu tenho muito ressentimento dele, XXX, se eu odiasse nem estaria aqui, já teria abandonado faz tempo, XXX. Mas eu to tentando ajudar, só que eu infelizmente não to tendo retorno... XXX

Ele é solteiro?

Ele é separado.

**Entrevistadora:** Não tem contato com a esposa nem XXX?

XXX.

**Entrevistadora:** E que é que você acha que você pode fazer pra lidar com essa impotência? Como se livrar dessa impotência?

XXX. Eu falo: “Poxa, eu não vou fazer isso com ele...”. só que eu acho que ele não vê isso. Ele acha que eu tenho obrigação de cuidar dele, porque eu sou XXX. E eu não tenho obrigação de cuidar dele! Isso daí eu não tenho! Mas eu gosto dele,

então eu tento. To tentando. XXX, como eu vou fazer pra não me sentir impotente, XXX.

**Entrevistadora:** Que vocês acham, gente? Como que ela...

Ah, eu não sinto ela impotente assim, porque ela... Tem a impotência dele. Porque eu acho que o jeito que ela tá... De querer ajudar, só que no limite dela. Até onde ela pode ajudar. E ela não tá tendo retorno, então acho que é impotência dele.

Ele que não tá te ajudando...

É!

XXX.

XXX. Ele não quer vir pra minha casa, ele quer que eu XXX, porque ele já conhece todos os lugarzinhos, XXX porque ele quer ter liberdade XXX

XXX.

**Entrevistadora:** O Cristina... Conversa como o seu Domingos a respeito de psiquiatra, neurologista, por ele já ter algum déficit... Porque eu sei que a comunidade terapêutica não olha pra esse lado, né. XXX. Por ele poder já ter déficit neurológico por conta da bebida, né, se não teria outra forma de tá olhando pra esse caso específico, pra tá ajudando ele a ter mais força pra ficar bem, né, consciente e ter mais vontade de viver e de...

XXX ficar caindo e é aonde ele vai aproveitando da situação. Então acho que ele é, até aonde...

**Entrevistadora:** Ele aproveita...

Aproveita! É!

**Entrevistadora:** Entendi! É que eu nem conheço ele, né, não sei... Pelo que você tá falando, de repente se tiver algum déficit, alguma coisa dessa outra parte, seria legal tá conversando com um psiquiatra, um outro clínico aí, né, XXX... Adriana, e você? Faltam cinco minutos, a Valéria chegou dez minutos pra terminar. Que é que a gente faz com ela, gente?

Põe ela aqui no meio e manda ela falar aonde ela foi! Aonde que ela foi? Ela ficou vermelha agora! O que ela foi fazer?

XXX. estava num aniversário...

**Entrevistadora:** Então, a Cida falou...

XXX. Só tinha eu e meu marido...

**Entrevistadora:** Bom, então tá... Vamos terminar com a Adriana, que já são cinco pras dez Valéria... Aí você fala semana que vem, né?

Ah, pra mim é a sensação de estar completamente envolvido com os problemas.

**Entrevistadora:** Sensação de estar completamente envolvido com os problemas, sentindo ou reagindo como ele...

Porque no momento que eu comecei a descobrir, eu comecei a agir igual ele, já chegava e já cobrava e já ia ligando. Entendeu? XXX. Eu achava que era bebida. Então, do jeito que ele chegava, eu já cobrava XXX. E a outra sensação lá que eu não citei, não seria raiva e nem ódio, mas é medo. Eu tenho muito medo... Tinha, né. Porque agora fazendo o tratamento, eu tinha muito medo de pessoas que mexiam com drogas. Por... sabe, medo de estar me envolvendo. Entendeu? Mas eu tinha muito medo de eu cair numa armadilha. Hoje nem tanto, porque XXX. Mas até antes eu tinha muito medo. Tive muito medo de me aproximar de pessoas dependentes ou com qualquer desvio...

**Entrevistadora:** E como você pode fazer pra não passar mais por essa sensação de estar completamente envolvida pelos problemas, sentindo ou reagindo como eles?

Eu tenho que acreditar um pouco mais nele, ser assim... Eu quero ter essa atitude, de ele chegar e falar e eu acreditar. Não ficar perguntando por onde ou até mesmo, porque eu não quero ficar pra brigar XXX a hora que eles chegarem XXX.

**Sétima SESSÃO – 28/11/11**

**Entrevistadora:** Boa noite gente!

Boa noite!

**Entrevistadora:** Tudo bem com vocês? Friozinho, né? Estou muito feliz que vocês estão aqui, a Dona Deise estava aí era sete e trinta e cinco, eu falei: ih, Dona Deise acho que hoje com esse frio ninguém sai de casa.

Eu tendo ser o mais pontual possível. Tudo bem?

**Entrevistadora:** A Érica faltou semana passada por quê?

Correria cheguei em casa muito tarde.

**Entrevistadora:** A Érica tem dois trabalhos, ela trabalha o dia inteiro, depois trabalha no restaurante à noite.

Meu Deus!

Passa essa energia pra mim... passa essa energia.

**Entrevistadora:** Coitada, né.

Agora mesmo quando sai ela estava ali no restaurante passei um pouquinho lá que hoje eu não fui, minha mãe chegou de viagem, eu não fui pra casa fazer janta, saio do serviço e já vou direto pro restaurante.

**Entrevistadora:** Trabalha lá de quarta e quinta?

Não, depende, tem três caixas e a gente reveza, tem semana que eu vou três dias que nem final de semana passada, eu fui sábado, domingo e fui na quinta-feira, semana passada fui três dias, agora eu vou quarta e acho que vou domingo também.

**Entrevistadora:** Entendi, não tem uma regra.

Não depende, cada semana é um dia.

**Entrevistadora:** E... vou fazer uma análise aqui, Valéria, como você está?... A Valéria chegou nos últimos cinco minutos na última sessão.

Mas eu vim né...

Olha o que é importante.

**Entrevistadora:** E como você está, como está o seu marido? Porque ele não veio no grupo quinta, de prevenção?

Teria de ser durante o dia Tatiana!

**Entrevistadora:** Mas por enquanto está bem difícil e ele está bem?

Hum! Hum!

**Entrevistadora:** E você?

Eu to bem.

**Entrevistadora:** E as meninas?

Bem.

**Entrevistadora:** Alguém quer fazer alguma pergunta? Pra Valéria?

Olha a cara dela, nem eu tenho coragem de fazer pergunta pra ela, depois dessa olhada.

**Entrevistadora:** Pode fazer.

Posso entrar?

Opa! pode, só precisa de uma cadeira. A gente vai separada, eles... é o pessoal que eu falei, então você aqui e ela na outra sala ali. Pode ser?

Ah é?

Um dos dois aqui só para... ficar diferente... desmamar isso aqui...

**Entrevistadora:** Gente, alguém tem alguma coisa para colocar, o que aconteceu nessa semana, alguma coisa pra pedir ajuda ou pra ser abrir...?

Boa Noite!

Boa Noite.

Eu não entendi?

**Entrevistadora:** Como você se chama?

Matheus.

**Entrevistadora:** Matheus?

Sim.

**Entrevistadora:** Matheus é sempre neste grupo?

Eu mesmo.

Porque vocês estão documentando isso?

**Entrevistadora:** É que esse grupo aqui faz parte da minha dissertação do mestrado, então é um grupo dirigido, estruturado com oito sessões e hoje é aberto.

Aberto?

**Entrevistadora:** É aberto para discussão hoje.

**Entrevistadora:** Só mais uma sessão, hoje e mais uma.

**Entrevistadora:** Então Matheus, quer se apresentar rapidinho por que eu não te conheço, não sei quem do grupo te conhece.

Acho que eu não conheço ninguém daqui. O meu nome é Matheus, o meu irmão é o Moises e ele está internado no Sol, é...

**Entrevistadora:** Quantos anos você tem?

Tenho trinta e dois anos, trabalho no negócio da minha tia.

**Entrevistadora:** Que tipo de negócio?

Imobiliária.

**Entrevistadora:** O que você faz lá?

Serviços gerais.

**Entrevistadora:** O seu irmão é mais novo ou mais velho?

Mas velho.

**Entrevistadora:** Você tem... você é próximo dele... você tem uma ligação?

Tenho, é meu irmão.

**Entrevistadora:** De repente, vocês podem não ter um relacionamento legal.

Não... a gente tem sim!

**Entrevistadora:** Alguém quer perguntar alguma coisa? Fala os nomes só então... rapidinho.

Eu sou a Tatiana.

**Entrevistadora:** Seja bem vindo, Matheus.

Obrigado.

Passou super rápido.

Então não vai continuar aqui conosco, no caso?

**Entrevistadora:** Érica, pra te falar a verdade eu ainda não sei, esse horário da noite eu pretendo continuar, eu pretendo conversar com o Domingos, ainda não está nada estruturado, mas esse horário da noite pra mim que tenho filho pequeno é muito ruim, que eu dependo de uma pessoa para cuidar dele, uma pessoa que já está dando problema, enfim. Então provavelmente nesse horário da noite eu não vou continuar, mas as portas vão ficar abertas, a gente pode combinar de se encontrar, enfim, a gente vai... o que ficou combinado aqui das outras sessões a gente vai fazer um fechamento até no dia, no último dia até eu quero combinar de a gente fazer um festinha, fazer uma comida mais gostosa, a gente pode pensar juntos aí o que a gente pode fazer pra gente fazer um fechamento desse grupo né, mas na Sol eu estou sempre vinculada e a gente vai estar se vendo, mas aí esse grupo de toda terça a noite provavelmente não vou estar mais aqui. Como que é isso pra você?

Eu acho que a gente criou um vínculo, né, a gente se aproximou mais apesar que é assim... eu tinha começado fazia poucas semanas, gostava bastante do

Daniel, do Roberto já fazia com a gente, mas eu acho que aqui deu mais assim, como se diz? Continuidade... a gente teve mais... sei lá... Eu tive mais liberdade de falar, de me conhecer melhor nesse grupo assim fechado, porque ali a cada dia eram pessoas diferentes.

É o que acontece até hoje quando o grupo ali não parou.

Então a gente não consegue assim... muda muito...

**Entrevistadora:** Ninguém fala nada XXX não coloca a situação e a partir do momento que tem um grupo, que vocês têm um compromisso, não é só comigo é com cada um de vocês também, tem uma relação entre vocês e isso ajuda.

A gente XXX eu conheço muito mais da Valéria, da Valdirene, o grupo se aproximou mais... a gente, a gente ficou sabendo muito mais uma da outra, tentando ajudar, mas...

**Entrevistadora:** Faz parte da vida né, tudo tem um começo, vida é cíclica, né? Existe um meio e um fim...

**Entrevistadora:** Isso é só um...

Mas assim é pra mim foi muito bom essas sessões, as sessões individuais que eu tive com você, então assim... pra mim foi ótimo, foi muito bom mesmo.

**Entrevistadora:** Eu fico muito feliz de ter esse retorno, de ver que vocês estão vindo, de ver que vocês estão tendo esse compromisso, tudo isso é muito importante, não só pra mim como psicóloga como pro meu estudo, porque está tendo uma utilidade, está tendo um retorno isso, muito legal.

Eu entrei aqui... to dependentíssima sabe, depois que vim pra cá, aprendi muito também, você me ensinou um monte de coisa sobre como eu devo agir, como eu devo fazer ou como eu devo lidar com isso, tanto na escola quanto aqui, porque XXX pra ouvir as pessoas que estão então XXX eu não prestava atenção na pessoa que estava do lado, a pessoa falava eu já achava XXX pensava só em mim XXX me ensinou muito.

**Entrevistadora:** Quer dizer que você teve um retorno na escola do que aconteceu aqui?

Do grupo?

Então , me perguntaram o que me deixava feliz, então o que me deixa feliz é eu vir pro grupo... é... perguntou onde eu fui, eu fui no shopping, porque tem dias que eu me arrumo mais...

**Entrevistadora:** Não da pra gente sair XXX...

Mas XXX é importante.

**Entrevistadora:** Que bom, Larissa. Alguém tem algum retorno pra ela?

Valeu a pena né?

É.

Valeu à pena, no começo eu não gostava.

Chorava muito né?!

**Entrevistadora:** Fiquei contente.

Ficou mais parecida, aprendeu mais... que às vezes a gente está numa situação que você não está entendendo aí você explicou, aí a gente fica mais por dentro né, como agir, como lidar.

**Entrevistadora:** Já tinha participado de um outro tipo de reunião em grupo?

Na verdade, na verdade não participei... via como uma crítica.

**Entrevistadora:** Uma crítica não... via como um estigma.

Isso, em que a pessoa assim XXX não acontecer comigo se acontecer um dia não sei, mas meu irmão veio, minha mãe veio, e minha mãe escondeu de mim, meu irmão começou a usar drogas com 13 anos, hoje tem 29, então era um mundo que eu não sabia a verdade de tudo! Ele usava droga e quando eu fui pegando a idade de dez a onze anos, eu fui aprendendo a lidar com isso, e foi muito difícil pra mim, porque você está vivendo num mundo surreal, você entra num mundo que é real, e o que é a verdade da sua vida, você começa a contar e quando a pessoa falava de drogas assim eu me sentia ofendida de ver de perto já, e também aquele negócio que eu te falei, que eu não consegui me abrir com ninguém. Então, hoje eu conversei com minha mãe, já não sou mais aquela filha, aquela pessoa que fica tão ligada a ele, eu fico mais ligada aos meus problemas Eu tenho os meus problemas pra definir, que depende dele também, depende dele sim, eu o bem dele, mas não depende só dele pra mim XXX comigo mesmo, chorei muito.

**Entrevistadora:** Você está com esperança de vida?

Estou, estou acreditando muito em mim, sabe? Acreditando muito que eu posso e que Deus está acima de tudo.

**Entrevistadora:** Adriana você está, alguma coisa está acontecendo hoje?

Tá não!

**Entrevistadora:** Tá sim, está mais longe.

É que ficou mais velha sábado.

Não trouxe bolo.

**Entrevistadora:** Parabéns, quantos anos?

Obrigado, 38.

Só.

Fiquei muito feliz, aqui a gente aprendeu muito, fizemos ótimas amizades, fiquei muito feliz que algumas pessoas do grupo me ligaram, sabe, isso eu fiquei tão surpresa.

**Entrevistadora:** Ah é, você estão se falando entre vocês?

É uma coisa assim muito legal ainda ontem foi o da Valéria, eu confundi que era hoje eu liguei pra ela XXX...

**Entrevistadora:** Como você sabe?

Porque ela falou na sexta passada.

Vamos trabalhar isso aí...

Ontem eu fiquei até chateada, num dia ela ligou para mim e eu confundi e liguei errado.

Mas valeu à pena.

**Entrevistadora:** Mas que bom que você pode falar que bom, é... O Adriana, mas não foge não da minha pergunta, o que está acontecendo, está com carinha de choro.

Não, não.

**Entrevistadora:** Você não tem nada?

Não, é... essa semana aconteceu um fato, mas assim... eu estou com um pé firme da minha decisão, eu conversei com uma amiga minha que ela não sabia que, eu conheci o Renato através dela, e eu comentando que ele está internado na Sol por drogas, ela veio assim, sabe, que não vale a pena lutar, que não vale a pena está com uma pessoa assim.

**Entrevistadora:** Ela que te apresentou ele?

É... foi ela, porque foi assim ele recaiu, porque ela já sabia que quando eu comecei a namorar, ele tava afastado assim, mas ele não mexe mais e tinha muito tempo que não falava com ela e eu vim falar com ela agora, voltamos a ter contato, e ela começou a me desanimar em relação ao meu relacionamento, só que eu falei pra ela que na vida tudo é oportunidade tanto eu tanto ele, que eu vou tentar mas um pouco, mas assim, mexeu um pouco comigo, você tem de pensar em você e coisa e tal, eu gosto, vou dar mais uma chance pra mim e pra ele, vamos ver no que vai dar.

**Entrevistadora:** Mas foi isso que mexeu com você está semana?

Mexeu um pouco porque eu fiquei assim pensando, vale à pena ou não vale, mas eu quero ficar com ele, uma coisa eu sei eu já ouvi, no começo eu ouvi muito, enfrentei todo mundo, que eu não vou largar dele vou ficar com ele até... onde eu acho que dá pra mim... no dia que não dar pra mim, eu decido o que fazer.

**Entrevistadora:** Mas quer dizer que quando você começou a namorar ele, ela te falou que ele já tinha um histórico?

Ela falou... não afirmou, achava que quem estava ajudando ele era a família que ela também conhecia, mas ela também não afirmou com todas as letras... ele é um usuário, porque quando a gente estava namorando nunca fiquei passando os problemas que eu vivia pra ela, então sempre estava bem, um dia estava conversando com ela eu comentei sabe, começou um trabalho que não vale a pena, é difícil de se tratar, se ele vai ter recaída, eu fiquei meio assim... eu nem vou comentar isso com ele, eu vou tentar e eu vou ver até aonde eu vou e ninguém tira a minha opinião, a minha família adora ele todo mundo tirando... a droga, a minha família é super leiga pra relação a droga, mas eles acho que é uma coisa normal, que vai passar, sabe mas não sabe a gravidade que tem, e quem conhece um pouco já começa a falar na cabeça da gente, as amigadas que convivia comigo e com ele, que soube da história e tudo, no começo criticou hoje, hoje eles apóiam, me ligam e tudo, disse que está esperando ele quando ele sair, então, só ela nessa semana conversei com ela, que me deu essa desanimada assim, mas eu vou tentar porque eu gosto dele. É isso.

**Entrevistadora:** Grupo?

Eu acho que ela tem de fazer isso mesmo porque quando Michael internou o médico falou, isso daqui não tem cura, não adianta porque não tem mais jeito, ele queria ir embora na mesma hora, pegamos uma estrada e saímos andando, né. Ao invés de me animar, me botou lá embaixo, aí comecei a vir nos grupos meu filho passou também por um tratamento num grupo de apoio, vi que não era nada disso falei, eu comentei com o grupo que era um usuário ele vai poder parar, ele não consegue encontrar um apoio, então você tá certinha né.

Foi bom assim se abrir, porque se a Tatiana percebeu que tinha acontecido alguma coisa com ela que mexeu um pouco com ela e foi bom ela se abrir para ela trabalhar em cima disso porque isso aqui é o que mais tem, é o que mais vai atingir.

**Entrevistadora:** Mais um monte de pessoas...

Pra te desanimar que nem ela falou, que todo mundo que eu converso que não participa de um grupo, que não sabe como que é o trabalho psicológico, fala que isso não nem cura, que uma hora vai ter recaída, isso eu escuto direto, agora estou sabendo lidar bem melhor com isso, que nem a Zilda falou, foi bom você se abrir pra trabalhar em cima disso, né.

Mas hoje é assim, tem 10 pra te derrubar e tem um pra te levantar.

**Entrevistadora:** Vocês passaram por situação assim semelhante?

Um monte de gente falava na minha cara que eu estava perdendo o meu tempo, teve um inclusive que falou que quem usa isso é vagabundo literalmente, é falta de ocupação.

Sabe que acontece Tatiana, derruba tanto a gente que você fica assim... aí meu Deus será que eu estou perdendo meu tempo? Hoje não, mas eu já passei por essa situação.

Nem falam a questão começou, começar quando eu chegar na pedra é o final, o fim do poço só que pode ser o fim do poço mas quem é a pessoa pra julgar que ele pode se levantar? Eu acho assim.

Teve uma pessoa amiga minha, que veio me falar que, não citou nome “uma amiga minha falou assim que Celso não tem recuperação nenhuma, que você está gastando o seu dinheiro à toa” que isso, que aquilo. Naquele dia eu fiquei tão nervosa, porque eu já estava frequentando os grupos, já estava com outra cabeça o que eu respondi pra essas pessoa eu não vou falar aqui porque eu tenho vergonha, pra ofender mesmo e eu sabia que era mentira, que ela era a própria que estava querendo me falar porque o Celso tava namorando a sobrinha dela entendeu, tinha um relacionamento de dois/três anos, então acho que ela ficou com vergonha dela, eu não acredito em recuperação, então ela falou que foi outra pessoa, então a resposta que eu dei para outra pessoa não foi pra ela, minha resposta não foi educada, eu não vou contar pra vocês mas vocês devem imaginar aí nunca mais ela me falou bom dia, é uma pessoa que eu não preciso perto de mim, pra quê? Pra me derrubar? Então fica lá quietinha.

Aí eu não sei, no meu caso é complicado, porque o meu irmão, por exemplo, já foi internado mais de dez vezes, e agora esqueci até de comentar com vocês que meu pai também está internado e meu irmão é dependente químico e assim, no seu caso você pode chegar no futuro decidir XXX, no meu eu não posso são as pessoa que eu sou vinculado pra sempre, e semana passada estava jantando com

familiares e surgiu a pergunta “você acha que dessa vez ele vai parar?” eu não sei se vai.

Mas eu acredito na recuperação, eu entrei aqui muito desacreditada...

Tem dia que eu acredito, tem dia que eu não acredito, tem dia que eu falo pra mim não vai mudar, tem dia que eu falo dessa vez eu acho que... e tem dia que eu penso em viver a minha vida e sabe, agir diferente caso aconteça, tentar manter o meu equilíbrio, mas comigo uma coisa que eu vivo há mais de trinta anos com o meu pai, desde que eu nasci que eu tenho memória do meu pai assim, essas crises alcoólicas pesadas, é uma coisa que a gente tende a fazer parte, eu sei que são pessoas muito próximas, queira ou não, que se eu deletar, vai continuar sendo meu pai e meu irmão. Então é complicado, independente de se vai parar ou não, cabe a você saber manter o equilíbrio e não deixar aquilo te fazer tanto mal, tem dia que vai te grilar, tem dia que não vai.

Eu era muito, eu era assim eu não gostava de pessoas que mexiam com drogas, eu tinha preconceito, até usei essa palavra, e frequentando o grupo isso saiu de mim, hoje eu entendo mais, eu não critico, não critico uma pessoa, porque existe pessoa que não são usuário de droga e tem os piores defeitos, é pior do que usuário de droga, porque quem usa droga ele está fazendo mal pra ele e pra família que está em volta dele, então hoje frequentando o grupo eu sei lidar super bem. O Renato, olha, estou aprendendo a ser ruim, se era ruim eu to ficando pior, falei para ele, então você vê bem o que você quer porque estou aprendendo a ser ruim, porque lá aprende a não tampar o sol com a peneira e no dia que você achar que não dá mais, eu não vou ter dó nem um pingão de você, mesmo gostando você, vai deixar de fazer parte da minha vida, um dia se recair.

**Entrevistadora:** Eu acho que é importante isso que o Matheus colocou, né, que é diferente quando é filho, quando é irmão e quando é pai, que é o dependente.

Eu acredito que não é da pessoa igual o meu filho quando ficou internado cada um tem o seus parentes, viesse aqui não acolhi saísse ia fica inútil né porque ontem mesmo o Michael chegou falou: mãe você mudou ,ele percebeu que eu mudei.

**Entrevistadora:** Ele também está querendo que você mude né? Se você mudando você vai ajudar a ele mudar, né, é isso que desde o começo eu converso aqui, a família nessa abordagem, nessa visão sistêmica né, um mudando mobiliza a mudança nos outros, e ele quer que você continue sendo assim.

Igual XXX Ficou internado mais de dez vezes, meu marido ficou internado mais de dez vezes XXX, cinco vezes numa situação meio complicada. Eu falo assim, é maridão pode deixar, não posso deixar ele, não posso deixar para de ouvir XXX quem é filho assim XXX não deixa ele XXX

**Entrevistadora:** Estão internados na mesma clínica?

Não.

**Entrevistadora:** Onde seu pai está internado?

XXX

**Entrevistadora:** XXX sua família que XXX quanto tempo que ele XXX?

Meu pai XXX

**Entrevistadora:** Como ele se chama?

José.

Meu filho esteve lá.

A senhora esteve lá?

XXX não tinha internado, o meu irmão mais novo ficou internado naquela clínica... como é que se chama? Que era XXX agora não lembro nome tem uma dinâmica diferente você pode... como é que é, você vai lá voluntária.

Ótimo assim.

Pois é ficou lá quatro meses e saiu para visitar e a clínica foi fechada, então ele ia estava até perdendo as esperanças, aí ocorreu de ele vir pra Sol um tempo fora aguardando a vaga, nesse momento o meu pai tava em crise, o meu irmão que estava bem estava tava há quatro meses limpo...

**Entrevistadora:** Limpo.

Limpo, ajudou a internar o meu pai e a encontrar esse local que era um local novo, depois logo em seguida o meu irmão voltou pra terminar o tratamento dele, faz cinco meses e meio, seis meses. Mas o meu pai é recente, mas também não é a primeira vez que é internado.

**Entrevistadora:** As histórias são muito parecidas dos usuários, né?

Muito.

Eu tenho um padrasto que ele é totalmente alcoólatra.

**Entrevistadora:** Então é isso que eu ia te perguntar?

Meu padrasto, a minha mãe morou com ele vinte anos, e eu falei para ele: “vou te internar lá onde está o Renato”, *eu não estou doente*, e ele é bêbado assim de cair na rua, de apanhar no bar, porque ele é muito chato quando ele bebe.

É tipo do alcoólatra mesmo né.

**Entrevistadora:** Adriana, eu ia te perguntar isso, que normalmente quando a pessoa se vê lutando por alguém que é dependente de drogas, é porque tem uma história familiar. Você foi criada por esse padrasto?

Não, eu tinha quinze anos quando minha mãe começou a namorar ele, meu pai era alcoólatra, só que o meu pai não bebia todas os dias, meu pai bebia uma vez por mês, a cada seis meses, uma vez por ano, só que ele não bebia um dia, ele bebia a semana inteira, aí ele quase morria na outra semana, mas chegava a parar no hospital e muitas dessas vezes que ele foi no hospital foi quando ele faleceu, tinha quinze anos, então ele bebia mas não era todos os dias, se ele tivesse com uma tristeza, o meu pai não era de falar, meu pai era calado igual ao meu irmão, se ele tivesse com uma tristeza que afligia ele bebia por aquela semana inteira, ele não comia, ele não bebia água, ele só bebia por uma semana, aí quando ele parava, ele parava por um ano...

**Entrevistadora:** Você está vendo como a história vai se repetindo, você foi criada com o pai, a Valéria também, não é Valéria?

Aí depois a minha mãe arrumou o meu padrasto, e o meu padrasto é extremamente alcoólatra bem mais que o meu pai, muito mais, ele bebe todos os dias e a minha mãe não consegue largar dele, só que o meu padrasto nunca morou dentro da minha casa porque éramos em muitos irmãos e meus irmãos mais velhos não aceitavam. Então minha mãe morava na casa dele e nós ficávamos com minha avó e até hoje ela dorme em casa num dia, no outro dia ela dorme lá, porque é perto mora na rua de cima e ele mora na rua de baixo, minha mãe sofre muito com isso, hoje a minha mãe é mais sofredora, porque ela acha que a gente... o amor de nós é pouco, ela cobra isso da gente. Eu brigava muito com ela batia de frente com ela e ela falava que eu ia pagar, que um dia eu ia pagar por aquilo, eu acho que ela jogou uma praga em mim, eu estou passando...

**Entrevistadora:** Mas sabe por que isso acontece Adriana? É assim a gente aprende a andar e falar quando é nenezinho, tem um aninho. Como que a gente aprende andar e falar?

Copiando os outros, olhando os outros.

**Entrevistadora:** Olhando os pais, olhando os outros e a gente vai pronunciando as primeiras palavras, e dando os primeiros passos, tudo que a gente aprende na nossa vida é copiando os outros, e quem são essas pessoas mais

próximas, a família, os pais, então todo aquele sofrimento que você viveu ali com o seu pai e com o seu padrasto é... Por mais que isso seja ruim é o que você aprendeu, é o que você sabe, se você for viver uma coisa que não esteja dentro de uma situação assim, você não sabe como é, pois é desconhecido, então a gente tem medo do desconhecido, então a gente vai aonde a gente conhece, então você Larissa, que tem um irmão, você Marcelo, você Anderson, que tem um pai, você que tem pai, prestem bem atenção nas pessoas que vocês vão escolher para estar do lado de vocês, porque a nossa tendência é repetir, que é assim que a gente aprende, a gente aprende a repetir, eu não falei isso pra você ter medo, eu falei isso pra você ter consciência então a partir do momento que a gente conseguir ter consciência aí a gente consegue mudar isso.

Mas mesmo assim às vezes a gente não vê.

Não ver porque tive um relacionamento, quando fui ver já estava.

Mas você está muito envolvida né?

Michael fala mesmo que o pai dele que bebia demais se deixar ele bebia mesmo de se jogar no chão.

**Entrevistadora:** Tem uma genética. Mas eu acredito que essa genética ainda não é totalmente comprovada cientificamente, eu acredito que é mais padrão de repetição do que está vendo, do que realmente que nos nossos genes vem uma herança.

Você ver o seu pai tomar todo dia. Você quer fazer o mesmo.

**Entrevistadora:** Lógico.

Meu pai era alcoólatra.

**Entrevistadora:** Teu pai?

Era alcoólatra e meu pai XXX viajava e passava meses fora de casa, quando chegava...

**Entrevistadora:** Você está falando do seu pai ou do seu padrasto?

Meu padrasto e o pai do Adriano, pelo que fala assim ele era caminhoneiro viaja passava meses fora de casa e quando vinha, vinha bêbado, meu pai de tanto beber, de tanto beber ele tinha que parar o caminhão XXX os dentes da boca assim ele não tem três dentes na boca assim, aqui dele a boca dele é cortada XXX no meio da rua e não tinha ninguém pra socorrer XXX então assim a minha mãe fala que é genético por eu ser a cara do meu pai, não sei o quê, mas eu aprendi, só por hoje eu estou aprendendo a lidar com isso. Como diz o Adriano hoje eu estou limpo.

**Entrevistadora:** Sr. Luiz, você está diferente hoje né?

Sempre.

**Entrevistadora:** Não é só isso.

Não, mas eu estou meio cansado, cheguei em casa três horas depois eu sai de novo...

**Entrevistadora:** Veio fazer o quer aqui?

Veio trazer um amigo.

Trazer um amigo no médico.

**Entrevistadora:** Eu estou falando de outra coisa, está com uma barbicha não está?

É charme...

Não deixa a barba crescer um pouquinho já tenho de tirar.

Não deixa, o louco.

Parece que fica mais velho.

**Entrevistadora:** Mas está tudo bem, o filho de vocês está tudo bem?

Está achando meio puxado o curso de mergulho.

Todo dia...

**Entrevistadora:** Ele telefona todo dia?

Sim.

**Entrevistadora:** E ele liga da onde?

XXX não pode XXX

**Entrevistadora:** Ele está com saudade?

Mãe você não vai vir pra cá? Aí eu falei, que era longe, não dava.

**Entrevistadora:** Ele está bem?

Está, achando o curso puxado, mas é o que ele quer fazer.

Tatiana, a dependência tem cura?

**Entrevistadora:** Um dependente ele não se cura, ele entra em recuperação, tem que estar sempre se olhando e se cuidando...

É que nem uma pessoa que tem diabete...

**Entrevistadora:** Isso, esse é o melhor exemplo.

Tem que ter a manutenção, não tem cura, mas tem que saber...

**Entrevistadora:** Esse é o melhor exemplo que tem que está se olhando sempre, tem que estar fazendo um tratamento, eu acho que é uma coisa que nunca pode deixar de olhar...

Necessariamente seus passos ou pode através de um psicólogo ou você acha que...

**Entrevistadora:** Eu acho que o ideal é os dois, eu acho que cada um tem uma abordagem e cada um ajuda num aspecto, entendeu, mas isso vai de pessoa para pessoa, mas eu acho que é uma coisa que nunca pode deixar de estar olhando.

São raros os casos da pessoa que usou, usou e de repente acordou um dia conseguiu trabalho, montou uma família e nunca mais usou?

**Entrevistadora:** Acabei de falar, tem algum caso desse?

É raro né mais acontece...

**Entrevistadora:** De uma pessoa que tenha uso crônico?

Pode ser que não tenha desenvolvido a dependência química né, só o comportamento inadequado.

**Entrevistadora:** Foi introduzido né, e aí ela resolveu não usar mais, mas aí não desenvolveu a dependência física... fisiológica.

Que geralmente nos casos assim que eu presenciei assim de clássico da família, então, aquela coisa de a pessoa usar se transformar e começar a fazer umas coisas que não tem nada a ver, né, meio que só vai ficar doidão, começar a entrar numa... cada um tem uma neurose de autodestrutivo, né, o meu pai começa a fazendo uns escândalos, o meu irmão já começa fazer essas loucuras, você vê que não é só XXX que nem gente que sai e bebe, que se diverte para celebrar é meio que um escapismo, eu acho quando é assim já seria a doença crônica. Não é isso ou não?

**Entrevistadora:** Sim...

Ou você acha que é mais séria XXX? Eu não sei.

**Entrevistadora:** Não, eu estou tentando entender. Você está entendendo o que eu estou falando?

XXX primeiro você perguntou pra ela se tem ou não te cura? Segundo eu to perguntando como que eu sei quem que é a pessoa que é o verdadeiro...

**Entrevistadora:** Dependente de drogas.

Dependente quem é e quem que não é? Ou o que simplesmente está embalado nisso, mas não é, entendeu... tenho esperança que não, que vai passar, como ela mesmo disse a família fala que isso vai passar.

**Entrevistadora:** Acho que depende da droga, da pessoa...

Não, meu pai nunca tocou numa droga, só álcool, mas...

Segura mais do que quem usa droga.

Se usou crack... fica difícil né...

Perde o controle...

**Entrevistadora:** Agora tem muita gente que chega...

Chegou uma nova...

**Entrevistadora:** XXX socialmente...

O quê?

Chegou uma outra droga...

Chegou uma nova...

Óxi.

Como que é?

**Entrevistadora:** Óxi, que foi aprendido em São Paulo.

É bom que pra essa não tem nem tratamento, dois meses usando acabou o candango.

Acabou...

Esse aí é pior que o crack.

O crack.

É mais barata.

**Entrevistadora:** As drogas estão aí, elas não param de ser fabricadas, inventadas...

Em São Paulo aprendeu...Apreendeu uma quantidade grande mesmo.

**Entrevistadora:** Eu achei que fosse como o crack, fumado?

Eu acho que o óxi é fumado também igual o crack.

Diz que é mais barato que o crack.

Mais barato.

De dois a cinco reais.

Dois?

Uma coisa impressionante.

**Entrevistadora:** Vamos para o intervalo gente.

Porque ele saiu, porque ele quis?

Não porque ele é monitor, ele já virou monitor já algum tempo...

Eu acho legal isso aí... um apóia o outro...

Acho que a chave da pessoa se manter é um apoiar o outro, mas eu acho que é questionado o fato dele ser monitor.

Teve os motivos de trabalho mesmo é... relacionamento é... o relacionamento no trabalho mesmo gerando isso. Não foi assim de uma hora pra outra, vinha assim uns desentendimentos onde ele ainda é residente XXX residente... é difícil pra explicar tudo isso tem que entrar na raiz do problema lá da forma como está sendo feita, devidos uns desentendimentos XXX igual como eu falei, já veio de uma semana ou duas e tal... tal... tal... e ontem acabou sendo XXX

Ele já tá com cinco meses ele já teve essa ressocialização então ele é o XXX do...

Ele pode voltar?

Pode, ele tá de XXX.

XXX

É. Foi assim foi um estresse, foi uma coisa assim um cansaço, ele falou não vou, XXX então você tem os seus dias de XXX então, falta 15 dias XXX tem quatro dias então para ele ficar aqui.

**Entrevistadora:** Calma gente, um de cada vez!!!

XXX a família dele não aceita...

XXX

Ansiedade.

Ah, eu nunca falo, eu estava falando você não deixou falar, agora também não vou falar...

Oh, Valéria anda logo...

E quando ele saiu a família apoio XXX né.

**Entrevistadora:** A questão da Valdirene é o que ela faz com isso que o filho dela está bem e que trouxe um amigo da clínica para dormir na casa dele. Eu acho que vocês agiriam...

Eu acho que por mim tudo bem, até mais que exagero que ele não XXX ele não teria perguntado para ele antes XXX, eu primeiro ficaria chateado...

**Entrevistadora:** Você acha que o filho dela errou...

Ele podia XXX qualquer um, ele podia XXX qual quer um, só que eu gostaria que ele tivesse primeiro perguntado mãe posso XXX amigo XXX saber por ele...

Por mim ...

Pode dormir aqui tem janta XXX...

Mais ele não te perguntou XXX...

Eu não sei XXX com o telefone com ele.

Mas deve ter falado XXX.

XXX lá mesmo o médico falou com a gente XXX você está muito bem, você continua XXX de parabéns XXX, você está muito bem mesmo, está de parabéns XXX meus pacientes a internar nessa XXX, porque você está muito bem mesmo. E aí vem perguntando pelo Michael, vem oferecendo ajuda XXX Michael XXX pro Michael passar, porque XXX Lucas XXX Lucas XXX.

Por que ele faz de quinta, agora descobriu mais um grupo pra mim e pra ele XXX todas as quintas XXX agora XXX

**Entrevistadora:** Mas quinta é o dia do grupo aqui, não tem um grupo NA outro dia?

**Entrevistadora:** Ele não veio na terapia.

Que dia?

Quinta-feira.

Mas é a noite esse grupo? É só para o internos?

**Entrevistadora:** Não, é para os dependentes.

Quem está lá? Quem tá aqui fora?

Só o pessoal que já saiu?

**Entrevistadora:** Quem já saiu. Se você souberem alguém que queira participar.

Adriano não saiu?

**Entrevistadora:** Adriano está aí.

Ele está indo na palestra, né, e aí depois ele desce pra sala e a gente vai pra outra sala, não posso obrigar ele, tenho de deixar ele à vontade. E também ele está indo sábado e domingo na igreja.

**Entrevistadora:** E você Anderson?

Tá quietinho hoje.

Tá tudo bem, tua mãe bem, tua mãe está melhor?

Só hoje que foi fazer sei lá no pé dela que inchou o dedinho dela, ela foi no médico.

**Entrevistadora:** E como que está o contato da tua mãe e do teu pai?

Ah é... contato com o meu pai XXX

Tá bom por que ela ainda está impressionada, tipo ela fala, que ele está educado, ela está impressionada, porque ela fala pra mim....Isso é bom porque... na minha opinião eu acho que ele teve um impacto muito grande de ela não ter ido, por que ela foi as duas primeira visita, na terceira visita ela não foi então que eu percebi nele que ele ficou meio balançado...

Bastante...

Ficou perguntando pelos meninos...

Preocupou...

E isso parece que não afetou ele, ele continua normal entendeu.

**Entrevistadora:** Como não afetou? Afetou que ela não foi, mas ele não recaiu por conta disso.

Isso, porque a minha preocupação foi muito grande ele sair da clínica, ele falar “ah... Não está adiantando.”

Não está adiantando porque assim porque ele sempre contou pra mim que eu sou a irmã dele que a vida dele tinha acabado, que ele já usava né o que eu fiquei sabendo que ele caiu muito foi depois da separação e o que colocava pra mim que a separação era o fim da vida dele, tipo assim, que ele não tinha um porque sair fora disso e hoje eu estou vendo que mesmo ela demonstrando que não vai voltar com ele, não sei o que vai acontecer com os dois, ele ainda vai estar graças a Deus está lá, querendo se cuidar e cada dia que passa, ele liga, a gente está tendo um contato muito bom. Porque ele liga, coisa que a gente nunca falou ele ligar e falar pra mim eu te amo, coisa assim a gente está muito mais próximo, mais unido ele sempre foi o meu irmão mais velho, sempre foi uma preocupação muito grande, mas ele tá é o que ele falou educado, carinhoso.

**Entrevistadora:** Dando valor?

Dando valor, acho que tudo está sendo muito válido.

**Entrevistadora:** O Érica mais eu quero aproveitar o gancho que você colocou aí. E se ele não ficar com a mãe do Anderson e optar por voltar a usar, o que você vai fazer?

Se ele não ficar com a mãe do Anderson e optar...

**Entrevistadora:** Se ele tiver essa frustração que você falou, eu tava ficando preocupada...

De recair.

**Entrevistadora:** É você falou, eu estava ficando preocupada por que se ela não tivesse esse retorno com ele, ele sempre falou que a vida dele era em função da dela, se eles não ficarem juntos a vida dele acabou e se ele continuar com o pensamento desta forma, você está vendo que ele mudou tudo mais, eu só estou colocando uma possibilidade, para pensar como você lidaria com a situação.

Vai ser muito difícil, mas eu vou procurar dar ajuda para ele, mostrar que não é assim, que não pode pensar desta maneira como eu sempre venho fazendo e nunca obtive resultado, mas não vou deixar de correr atrás procurar, vou XXX mais forte, XXX que eu recaia muito e fato também de deixar muito a minha vida em torno dele e mostrar pra ele que a vida não é assim. Você que tem de mostrar XXX, provar pra ele que ele pode ser feliz ser uma outra pessoa, ter outra vida.

**Entrevistadora:** Que vocês acham grupo? Alguém quer fazer alguma pergunta?

Mas é difícil ter de colocar na cabeça de uma pessoa que... tipo assim....

Eu acho que isso é uma coisa que eu tenho de trabalhar muito ainda porque eu acho que vai ser o mais difícil se ele sair, se acontecer de minha mãe não ficar com ele, eu não sei como isso vai ser

Você acha que ela não vai voltar pra ele?

Às vezes... eu acho que pro momento pra mim não, até preferia que não porque eu acho que ela não está preparada ainda.

**Entrevistadora:** Mas tem momentos que ela demonstra que ela quer ele de volta ou ela demonstra que ela não quer?

XXX

É ai eu percebo que quando ela demonstra que ela não quer, ele fica muito mal.

**Entrevistadora:** Só que dessa vez ele não recaiu, não foi porque ela não foi na internação que ele saiu da clínica, que ele voltou a usar, ele não gostou que ela não foi na visita, mas ele se manteve firme cuidando dele.

Nunca aconteceu, eu já cheguei a ver de ficar chateada com ela só que nunca demonstrei isso, mais muitas vezes eu percebi que as vezes assim, não querendo jogar a culpa nela, porque a culpa não é de ninguém mas teve coisas que aconteceram sabe, no decorrer do casamento deles que fica chateada achando que ela era a culpada os dois ali, então é complicado você tentar manter, eu sempre fui muito amiga dela gosto muito dela mas....

Pra mim, eu acho que se eles voltassem agora ia ser igual da outra vez, ele teve outro processo ele passou por tratamento, só que era alcoólico na época, só que minha mãe não fez tratamento nenhum, ela continua nessa situação entendeu, eu acho que isso atrapalhou bastante, porque meu pai se tratou e ela não.

É.

Ela não consegue, mesmo que ele está ali, ela não consegue ver o presente.

**Entrevistadora:** Ela fica indo nas dores do passado.

Deve ter machucado, quando os meus pais separam, eu fiquei feliz por minha mãe, ele tratava ela muito mal, ele só bebia e ficou dois anos desempregado e tal, mas eu nem pensava isso, eu pensava pelo menos minha mãe não estava sofrendo aquele abuso mais, eu fiquei mais do lado dela, às vezes também é complicado XXX dentro de casa que eu era pequeno, tinha uns seis anos, mas assim tenho consciência. Voltaram XXX uns anos depois, teve um momento que eles quase voltaram e acabaram não voltando, então eu tinha muito medo que eles voltassem porque a mulher fica assim, ela joga na cara quando foi a primeira briga, lembra aquilo que você fez pra mim, aí ele já... Difícil perdoar.

**Entrevistadora:** Até por que nem o tratamento ela está fazendo direito né?

Então.

**Entrevistadora:** Porque desde quando eu to aqui eu vi ela o quê? Duas vezes.

Eu acho assim...

É bem difícil eu também acho que eles também não deveriam voltar, só que não cabe a mim decidir sim a ele.

**Entrevistadora:** Mas vocês podem estar colocando a opinião de vocês.

Ele sabe.

Porque assim, eu queria que ele fosse feliz sabe, por que sempre questionou muito pra mim que... tipo assim... que não adiantava eles voltarem, ficaram seis meses, daí ele voltou, ele recaiu ai piorou. Ele voltou pra lá acho que ficaram seis meses, parecia que estava tudo a mil maravilhas... aí de repente.

Posso colocar uma coisa? Você já colocou pra sua mãe a importância de ela vir a fazer um tratamento?

Bastante.

E pra ela é indiferente assim...?

É pra ela tipo... Ela tá querendo vir, mas ela sempre tem outros compromissos, na igreja, hoje foi no médico não veio, e quando ela vem eu não sinto que ela se entrega muito, eu acho que ela fica em outro lugar XXX, mas eu passo isso pra ela, que ela tem de fazer e tanto que eu e minha irmã a gente fala pra ela que quem mais precisa de tratamento é ela.

Não é só meu pai...

Não para voltar com o casamento e sim...

Pra ela é melhorar.

Que eu acho que ela precisa muito de ajuda, e eu percebi que ela está se afastando assim de mim sabe a impressão que eu tenho que ela está fugindo meio de mim, não sei isso é real ou não...

**Entrevistadora:** Algum retorno pra Érica do grupo?

A primeira visita ela passou muito isso pra ele, a segunda ela já estava bem mais assim, distante, percebi que ela estava afastada, mas na primeira visita tipo ela tava muito empolgada por ele está lá na clínica por sabe... ela escreveu uma carta pra ele como XXX nós estamos aqui uma coisa assim sabe, eu no lugar dele entenderia como uma esperança.

A primeira visita ela foi com uma visão, ai ela ficou sabendo de gente que teve recaída lá dentro de quem saiu da clínica e ela escuta isso e ela teme pela vida dela pela recaída dela.

Ela tem medo dele voltar e fazer o que ele fazia.

**Entrevistadora:** Mas ele pode ver vocês.

Não, mas assim...

Ele se sentiu muito assim XXX a vida dele deu uma reviravolta muito grande ele se sentiu sem serviço, sem a família que ele construiu a casa dele e voltou a morar com a mãe, situação, mais precária tendo que aguentar o meu filho que mora lá, tipo assim, dai muitas vezes o meu filho quer assistir um canal na tv ele não tem liberdade nenhuma na casa da minha mãe... se sentiu muito assim... muito humilhante depois de velho, você ter de voltar para casa da mãe, depender da mãe, depender da irmã, esse tipo de coisa, sabe. Eu quero passar pra ele que não é assim que ele tem como se curar e arranjar de novo um serviço, apesar que infelizmente o Brasil está muito difícil uma pessoa conseguir um serviço bom depois de uma certa idade.

E ele teve um ótimo emprego, durante 17 anos foi bancário e ele hoje tá desempregado, então ele tem até vergonha, ele tinha até vergonha que ele tinha uma vida e passou a ter outra.

**Entrevistadora:** Fecha a janela, por favor, tá uma barulheira aí fora.

Qualquer coisa liga o ventilador.

É difícil... eu fico imaginando o dia que ele sair, se ele quiser vai morar comigo sabe, morar na minha casa, tipo dividir as despesas do apartamento, mas aí eu fico pensando ao mesmo tempo, mas também não posso tirar a minha privacidade, tipo assim ele é meu irmão, amo ele, tipo assim hoje que eu estou conseguindo ter as minhas coisas, meu filho tá morando comigo e não tá na casa da minha mãe, tipo, minha mãe tá difícil aguentar

Minha mãe está brigando muito com meu filho, tem dia que ele fala, vou pra casa da minha mãe, por que eu também não sei por mais que eu sei que ele tem de ficar morando comigo, o certo é ele está comigo, eu também tenho medo de tirar dela, é triste isso, muito difícil, eu não consigo tomar uma decisão, e falar não é assim, tem que ser assim, mas eu deixei essa semana, ele ficou comigo.

**Entrevistadora:** Você precisa ter uma decisão interna dentro de você o que tem de acontecer com meu filho é isso e agir objetivamente sem colocar sentimentos.

Você trabalha à noite também com quem ele vai ficar?

Ele está grandão...?

Quantos anos ele tem?

Ele tem 13 anos.

Ele já está com 13 anos...

**Entrevistadora:** Está na adolescência.

Aborrencência.

Com treze eu dava um trabalho.

Mas o que eu sinto mesmo que estou enganando XXX tipo assim eu tenho dó de deixar ela ficar sem ele.

**Entrevistadora:** E você também tem...

Sua mãe está bem?

Minha mãe está bem, eu vou lá durante a semana tipo três dias ou quatro da semana, tipo minha mãe chegou na sexta-feira de viagem, e eu falei pra ele ir para casa comigo, ele falou ah... não, vou ficar aqui mesmo, mas eu quero ter o meu

quarto lá, quero mora nos dois lugares, ele falou aí tipo ele ficou XXX e eu pergunto vamos filho pra lá? Não, não quero aí tipo assim pra mim levar ele pra lá, eu tenho que mudar tudo, minha mãe mora pertinho da escola, é os amigos ali desde pequenininho entendeu. Ele está acostumado lá.

É difícil....

**Entrevistadora:** Oh, Cristina e você?

Está tão quietinha.

**Entrevistadora:** Ela só faz caras e bocas, falar que é bom...

Tão bom ouvir ...

Meu marido vai na clínica pra conversar com o Nivaldo, tem que resolver pra onde que ele vai...

O pai do Nivaldo, que ele é meu primo, mas quem criou foi os meus pais ele.

**Entrevistadora:** Mas o pai dele era alcoólatra?

O pai dele era.

**Entrevistadora:** E ele tinha contato com o pai dele? Não. Quando o pai dele foi visitá-lo em São Paulo.... o pai dele entrou e ele saiu, que ele não quis conversa, por que tinha mágoa, por que o pai na cabeça dele tinha deixado ele, dado ele e o mais velho e o caçula e ficaram com o pai.

Meus pais são padrinhos dele e o pai e a mãe tavam passando por dificuldade financeira, ele tinha dois anos e meio e meus pais tinha dois anos que tinha casado e minha mãe não engravidava, então a minha tia pegou naquela hospital pegou e deu “você não tem filho mesmo você fica com o Nivaldo” o pai dele não queria entregar, a minha mãe o pai dele não queria, mas o meu pai falou “não... deixa que a gente cuida do Nivaldo pra você e naquela época meus pais mudaram foram pra São Paulo e o pai dele e os irmãos ficaram aqui, aí quando o pai dele foi visitá-lo ele só falou que ele não queria mais conversar com o pai, ele tinha sentido que o pai tinha abandonado...

Mas teus pais contou pra ele a história?

Contou, meus pai explicou tudo, depois que ele estava com oito anos foram falar, então ficou uma situação, depois de oito anos minha mãe foi pro hospital fez tratamento e me teve.

**Entrevistadora:** Tem oito anos de diferença dele?

Então, mas ele sempre foi criado como filho, só que o meu tio não deu assim de papel passado nem nada, então... ele não... aceitava o pai, o pai ia várias vezes, ele não queria saber da família dele.

**Entrevistadora:** O que vocês acham?

Mas não nem a família nessa parte não concordam XXX por que XXX bebia XXX

**Entrevistadora:** O pai dele já bebia?

Sim, é genético.

**Entrevistadora:** Você nunca pensou em procurar os irmãos dele?

Eu acho que ele também não ia aceitar, não sei, um mora em São Paulo e casou, eu não sei como procurar, porque a família da minha mãe, todos os irmãos, todos já faleceram. Eu também não sei onde moram, mas os poucos que têm vivem em São Paulo, Campinas.

**Entrevistadora:** Talvez ele sente uma falta de família de origem na vida dele. Ele sabe que tem pai, mãe, irmão, mas falta o convívio, da mesma forma que ele sabe que tem irmãos vivos, uma filha viva e não tem contato com ninguém.

Também quando tinha... porque quem criou a filha dele também foram os meus pais, meus pais que criaram a filha e ele não tinha compromisso nenhum com ela.

Ele não se aproximava da filha.

Meus pais voltaram de São Paulo por conta dele pra ver se ele parava de beber, ele se separou, e a filha dele tinha dois anos e meio, ficou com ele na época, a mulher dele não quis a filha e meu pai disse “a gente fica com a menina”.

Eu fui criada sabendo que ele é meu primo...

**Entrevistadora:** Pra você era seu irmão.

Pra mim era meu irmão e ele sempre teve...

**Entrevistadora:** E vocês tinham um bom relacionamento?

Sim. Era meu irmão, para mim.

**Entrevistadora:** E era de igual pra igual o tratamento dos seus pais?

Era, na verdade era até melhor, ele ganhou até carro na época e tinha estudo... escola sabe particular, mas ele não quis estudar, então ele num... os meus pais...

**Entrevistadora:** Proporcionaram, mas ele não pegou

Tentaram criar a filha dele, às vezes a filha aparece, ela se casou, teve seus filhos, se separou, foi presa, não tive mais notícia, soube que foi pra Taubaté e de lá dizem... não sei, se foi morar com a mãe em Minas.

**Entrevistadora:** Você ajuda por que seus pais ajudavam ou por que você quer?

Não, não de coração, eu gosto dele se não gostasse também....

**Entrevistadora:** Mas você tem mágoas?

Ah... eu fico chateada porque tudo você sabe, meus pais tentaram de tudo e ele infelizmente, mas agora estou tentando, só que não posso deixar agora a situação dele atrapalhar o meu casamento, a minha relação com o meu marido. Gosto e tento ajudar da melhor maneira possível...eu acho que... sei, na cabeça dele um dia a mulher dele vai voltar e ela não vai voltar, já se passaram 39 anos.

**Entrevistadora:** Ele está esperando a mulher dele voltar?

Está.

Não tá. É horrível... Ele sempre foi assim, alucinado por ela, eu acho que antes tivessem os dois juntos e ela..... não sei... enganando ele, traindo, mas acho que ele estaria com a pessoa que ele gosta que ele ama. Ele casou muito cedo...

**Entrevistadora:** Então a única pessoa que ele teve vínculo foi a esposa e ela foi embora?

XXX piorar se ele não se abria pra ninguém XXX

**Entrevistadora:** Aí ficou uma relação com álcool mesmo...

Seu pai XXX

Mas como foi ele ficou doente? Você falou que ele ficou doente que estava internado é isso?

É porque tava morando... na época que meu pai faleceu ele morava com o meu pai lá na casa o meu pai faleceu, o meu marido foi e perguntou para ele “você quer vir morar com a gente?” aí ele vai ter de deixar a bebida, ai ele olhou pra minha cara “não vou não, não vai deixar eu beber” ai ele não foi, pode ficar ai na casa você vai arranjar um emprego “ah, tá bom eu vou ficar aqui”, só que ele ficou mas não arranjou emprego. Não arranjou emprego e quem sustentava ele...o meu marido! Ai ele colocou uma mulher pra morar com ele, bem mais velha que ele, só que a mulher também bebia, aí fiquei sustentando...

O vício dos dois. Ai chegou um ponto que ela começou a dar álcool pra ele, álcool com gelo, ela devia pensar “se ele morrer a casa fica pra mim, pois eu moro aqui com ele”.

Maravilha.

Ela só ligou pra mim quando ele já estava quase morto, então se eu demoro dois dias, chega lá só pra o enterro...

No quarto do hospital ela entrava com uma garrafinha e dava álcool pra ele.

Ela tá esperando pra... o que ela queria era matá-lo pensando que a casa era dele.

O raça...

**Entrevistadora:** Bom, gente, passamos da nossa hora.....

**Oitava sessão: 13/12/11**

**Entrevistadora:** Eu falei pra ele que está tudo gravado, eu vou dar uma fita pra ele. Semana passada o Luciano falou, eu queria tanto entrar lá dentro, mas está tudo gravado aqui e depois eu vou ter que documentar tudo isso, vou ter de passar tudo isso por escrito, como foram todas as seções como que o grupo se comportou e aí vou deixar arquivado aqui, porque se depois algum profissional quiser usar isso, pode usar.

Você vai fazer uma apreciação final até pro seu relatório?

**Entrevistadora:** Apreciação final?

Dos resultados.

Vou, eu vou deixar também a dissertação, depois que eu terminar tudo, a parte teórica, a parte prática e a análise, eu vou deixar uma aqui com vocês isso eu também combinei, mas eu ainda tenho até o início do ano que vem pra escrever e pra defender a dissertação, então vou deixar aqui, já combinei tudo isso. Então, tem duas pessoas que nunca participaram do grupo aqui né? É tua sobrinha, como se chama?

Adriana.

**Entrevistadora:** Adriana, se apresenta rapidinho pro grupo te conhecer?

**Entrevistadora:** Por que você tá rindo dele?

Não, que eu vim com a Zilda e o Luis.

**Entrevistadora:** Mas você é amiga dele?

Amiga dele.

Você veio pra passear ou você veio aqui por que queria participar do grupo?

Eu vim passear.

**Entrevistadora:** Você mora lá em...?

Uchoa.

**Entrevistadora:** E você?

Meu nome é Cristiane eu sou prima da Érica e do Anderson, eu moro em Assis, mas estou aqui mesmo pra estudar, faço faculdade e aqui agora nesse lugar estou pra conhecer, pra participar, pra ver como é, eu achei, a Érica conta bastante sobre as reuniões e eu achei interessante, como eu não tive mais tempo porque estudo de manhã e à tarde e à noite geralmente eu faço as minhas tarefas, aí como eu não tenho nenhuma tarefa pra amanhã eu vim aqui pra conhecer...

**Entrevistadora:** Sei, você que mora com a mãe da Érica?

Eu moro com a mãe da Érica e com o Igor, filho da Érica.

**Entrevistadora:** Você faz faculdade do que Cristiane?

Eu faço tradução e *business*.

**Entrevistadora:** Legal, sejam bem vindas. Os demais querem falar o nome só para se situarem?

Sou Zilda.

Sou Valdirene e estou aqui por meu tratamento e pra poder ajudar meu filho.

Meu nome é Rose, também eu estou aqui por causa do tratamento, o meu filho também está internado.

**Entrevistadora:** Anderson, se apresenta porque ela não conhece você.

Estou aqui devido o meu pai ser um adicto e pra me tratar também.

Eu sou a Érica, também estou aqui pra levar esse conhecimento e tratar e devido, o meu irmão também que está internado.

Risos

Eu sou a Bia e eu também estou aqui pra me tratar e também tenho um afilhadinho que também está internado.

Tatiana, quem vai ficar no seu lugar?

**Entrevistadora:** Está todo mundo ansioso pra saber... Não sei como é que vai ficar ainda, porque tem o senhor Ferraz tem o Roberto, tem o Dany.

E esse ventilador também, será que não é melhor? Anderson tira o ventilador dali fazendo o favor, aquele ali ó né... aí dá pra chegar mais pra lá... tá chique né, estou falando que ele está chique....

**Entrevistadora:** Bom, gente então hoje é a última seção, né, e a gente vai fazer um fechamento, antes eu queria ouvir de vocês, se alguém tem alguma coisa para colocar da visita, se tem alguma coisa aí que quer dizer pro grupo, porque normalmente quando tinha a visita eu deixava a sessão seguinte aberta para vocês colocarem as questões com a visita, mas hoje coincidiu junto com a última sessão, que eu queria fazer uma avaliação do tratamento de vocês, mas antes eu queria dar um retorno. Eu adorei que a maioria de vocês, quase todos, na hora de se apresentar se colocou em primeiro lugar, “eu estou aqui para me tratar, ou por que o meu filho ou o meu marido, meu irmão está internado”, mas primeiramente colocaram vocês em primeiro lugar, né; que vocês estão aqui para o tratamento de vocês primeiramente, então eu fiquei muito feliz assim de ter ouvido isso de vocês.

Mudou mesmo que eu acho que a maioria quando chegou aqui não falava assim, né....

Quando eu contei a primeira vez ela ficou assim querendo saber como era a clínica, né?

Eu assim eu fiquei, meio me sufocando, queria saber como era lá como fazia, a insegurança era muito grande, dela não suportar, a gente realmente fica muito.

Todos estão produzidos, a Valdirene arrumou o cabelo.

Tá mais morena.

**Entrevistadora:** Mas alguém tem alguma coisa para colocar da visita alguma coisa que aconteceu, que quer estar dividindo?

Eu não tive esta semana ...meu filho... está em casa de folga e a gente fez uma visita dos dez anos da Sol, eu adorei ver o pessoal, porque eu gosto muito deles, foi lá que tudo começou... Então, eu acho que eu tenho eles assim como uma família o Lucas, o Roberto na época não, Carina, Kiko, Janaina... então, foi um momento super agradável, ficar vendo os amigos lá, os deficientes, fiquei muito feliz, foi um momento que para mim foi muito gostoso, o Celso foi bem recebido lá né, muito gostoso.

Que bom, né, eu fico muito feliz!

Cada mês que ele passa eu vejo que ele tá mais bonito fisicamente, a conversa dele, ele está bem totalmente te mudado, voltou a ser o meu irmão, acho que ele nasceu de novo, meu irmão que eu conheci, que eu cresci vendo, depois vi que ele se tornou uma outra pessoa, mas graças a Deus está voltando a ser como ele era e foi muito legal ver as pessoas que estão conseguindo completar os seis meses lá, o namorado da Adriana que vai completar os seis meses, o filho da Valdirene que já completou, já saiu entre outros lá que eu não sei o nome...

Ah, é, XXX também que já completou seis meses, então quer dizer que é possível, porque até às vezes a gente fala: será que meu irmão vai conseguir chegar? Será que meu irmão vai ficar até o sexto mês, foi muito bom, além da comemoração dos 10 anos foi bom encontrar várias pessoas, até fiquei uma parte realmente chateada porque a gente... ouve um comentário que o filho da Rose queria ir embora, até eu queria ir lá conversar com você, aí depois o filho dela já falou que não, que tinha ido lá conversar com ele, eu acho que ele se animou ao ver que as outras pessoas estavam ali fazia seis meses, conseguiram vencer essa batalha e que ele também ia conseguir.

É que o Vitor está no meio do tratamento, no meio do tratamento sempre tem aquela coisa, “eu estou cansado, é tudo muito igual”, ele está bem assim, mas ele ainda não tinha decidido que ele iria fazer, mas é o meio do tratamento mesmo que é assim.

Três meses... o meu também, aos três meses deu vontade de ir embora.

É isso mesmo, “ah, é tudo muito igual, todo dia é a mesma coisa”.

Porque não estava preparado, ele queria vim embora XXX domingo na hora que cheguei, aí não respondi nada para ele, fiquei na minha, estavam tendo os comentários lá, ele deu um grito comigo, que não vou dominar a vida dele, tive que gritar com ele como eu fazia: eu respondi pra ele, você não está totalmente bom. Não pode sair daqui agora, eu fiquei muito triste, eu acho que o meu filho estava bem mesmo, fisicamente ele está lindo, engordou sete quilos, estou muito feliz, ele está gostando de lá, se adaptou bem que eu achava que o Vitor não ia se adaptar, ele se adaptou bem, na primeira visita eu ouvi ele falando pro colega dele... eu vou falar o que é, e agora de novo repetiu o problema dele é falta de sexo, só isso só, pega nele é isso: ficar sem mulher... o resto ele se adaptou muito bem, o que pega é isso. Vai sair pra fazer loucura na rua? Tem o desejo, faz uma oração! Falou pra mim abertamente, pra mim, pro meu pai, pra minha mãe, o negócio dele que pega é isso daí.

Poso fazer uma observação?

Lógico.

*...inaudível...*

**Entrevistadora:** E é natural, eles sempre ficam em volta disso na internação, porque fica muito tempo sem relacionamento.

É muito homem também, né, eles se queixam “ah, não aguento ficar no meio de tanto homem”.

O que é difícil é isso aí, aqui eu gosto e todo mundo me quer bem. Quando eu cheguei aqui tava com uma cabeça boa, to com as minhas ferramentas pra sair fora, ela até me convenceu depois ...do grito..., aí o marido da Valeria, o filho da Valdirene o Maicon. Ai, ele pediu edredom, perfume, pediu desculpa pra mim na hora que dei tchau pra ele, aí chegou o pai dele também dizendo “não é o momento dele sair”, se ele tivesse que trabalhar, que ganhar dinheiro pra sustentar a família, o Vitor graças a Deus não tem esse tipo de problema, tem eu que mantenho a menina dele e os compromissos mais sérios eu assumi... que eu já tinha assumido desde um ano e

meio pra cá, então eu gostaria que ele ficasse lá fazendo o tratamento certinho, terminasse o tratamento.

Fala Dona Deise...?

O que eu ia falar é que o meu filho está lá é que eu acho que na minha vida hoje eu estava comentando com eles, até comentei aquela hora com o Sr. Ferraz... é a primeira vez depois do meu filho está ali que ele é convidado pra fazer uma temática em ...Mirasol... e justamente hoje, que é a nossa última sessão do grupo, então eu acho assim, se fosse em outros tempos, alguns meses atrás ou algumas vinte e quatro horas, né, eu estaria sofrendo. Aí hoje de manhã ele me ligou duas vezes hoje dizendo “você não vai mesmo mãe?” falei não, “mas mãe hoje eu vou contar a historia da minha vida”, mas hoje eu não posso e eu sempre quis muito, pedia muito a Deus que um dia eu ia ver o meu filho dando testemunho de vida dele seja aonde fosse né, hoje este horário deve estar já começando a falar, mas eu estou aqui bem e não sofrendo por isso, falei pra ele: hoje eu não vou, mas vai ter outras, se Deus quiser. Eu falei, arruma uma cadeira na sua frente e imagina que eu to sentada. Tudo bem, falou pra mim que gostaria muito, eu falei com ele: vai com Deus e parecia que tinha uma pedra de gelo no estômago. Eu falei: não, Deus vai colocando as palavras na sua boca. Vai dar tudo certo, em pensamento eu vou estar presente, só que é assim eu estou aqui, mas eu estou super bem, sabe?!

**Entrevistadora:** Você se priorizou?

Priorizou! Não vou deixar de ir, você também vai ter que entender, e ele... normal, sim, claro, você tem seus compromissos, eu tenho o meu. Então eu acho assim... sabe... que eu não estou nada preocupada que eu vá sair XXX

XXX?

Por mim!

Posso concluir o que ela está falando aí, eu senti mais segurança em relação a lidar com ele, achei que foi até bom ele ter gritado comigo, eu sai... eu fiquei chateada na hora, se fosse outro tempo eu chorava, há um mês atrás eu ia debulhar ali dentro, não chorei, fiquei brava, estava muito feliz e muito firme, amo o meu filho e eu não vou deixar de amar, só que vai ser diferente, eu não vou mandar mais na vida dele, não, vou ser firme com ele. Ele falou que ia pegar carro sem documento, não aconteceu nada disso ...como respondo a minha mãe... “você tem carro para dirigir agora?” Diferente e ele me deu forças, mais força depois desse grito, dormi muito bem, ontem eu fiquei muito feliz o dia todo mesmo sabendo que ele está

tentando sair de lá... eu estou... eu me sinto com a minha consciência tranquila, fazendo tudo pra ajudar o Vitor, pra me ajudar e eu vou fazer a minha parte. Eu estou certa? Estou pensando em mim, lógico.

Sem dúvida!

Foi o que ela falou, estou pensando em mim agora, ...já comentei... eu me amo e vai continuar, eu, eu, eu! Se eu não me amar como que eu vou ajudar ele? Eu fiquei na hora assim chateada, mas não sofri, me deu mais firmeza pra agir com ele agora.

**Entrevistadora:** Você percebeu que ele está querendo te dominar, você tem que ficar firme e não se sensibilizar com aquilo que na hora que você se sensibiliza ele vê que te dominou né? Você começa a chorar ele vê... ele conseguiu o que eu queria ...dominei...

Não chorei, não conversei muito mais com ele, ele percebeu a minha atitude, tanto é que ele veio pedi desculpa pra mim, ele nunca pediu desculpa pra mim.

**Entrevistadora:** Vamos gente e as demais?

Agora vou falar. Estou muito feliz porque ele está vendo que estou me tratando, né?! Hoje a moça da XXX ligou, conversou com ele e falou que o que pegou nele foi o pai dele ter ido em casa cheirando álcool, então ele está ciente que isso não pode mesmo, ele não respondeu a isso ele se abriu e disse que ele não quer passar o que já passou, e ele combinou com os meninos de ir amanhã no cinema, aí eu já falei com ele, “filho você está com problemas na firma, se você chegar a sair de lá você tem de conversar com o homem pra ele te dar emprego, para você trabalhar pra eles. Então as coisas tem que dar tempo ao tempo, não está na hora de você no meio de semana ir no cinema, o dinheiro que você tem, tem que dar graças a Deus que está guardado, é por necessidade, se você quiser chamar um amigo lá da clínica domingo pra vim aqui jogar um videogame com você, faça a sua escolha, aí ele chegou pra mim: olha mãe, a senhora está certa, eu vou começar, sabe... amanhã eu vou levantar cedo, não vou ficar na cama, porque senão a gente fica com comodismo né, e a senhora está certa”. E aí então, eu fiquei feliz por que ele está me entendendo, eu... não está me xingando, está me compreendendo e espero que permaneça assim, né, por que não é fácil quando sai da clínica, a batalha aqui fora é muito pior e então ele fala “mãe, bem que você fala, lá dentro é o início, lá fora é que o bicho pega”, pega mesmo não é fácil, é triste, a gente precisa estar preparado e saber falar não, saber conversar e eu espero que

ele continue contando conosco e que a gente possa também ter força de vontade pra vir se tratar, por que senão nada vai mudar mesmo...

**Entrevistadora:** Quem bom! Ele está mudando né Valdirene? Fico feliz...

**Entrevistadora:** Vamos começar com você então, eu queria que cada um de vocês começando pela Valdirene fizesse uma auto-avaliação, o que você acha que desde que a gente começou os grupos, há três, quase quatro meses atrás, o que você acha que mudou na sua vida pessoal, na sua família, e em relação ao seu tratamento?

Eu acho assim, sempre trabalhei muito, sempre peguei muita responsabilidade de cuidar dos meus filhos, então eu nunca faltava ao serviço, trabalhei muito de doméstica porque eu tinha medo de perder o meu emprego e agora eu aprendi...

Você está falando primeiro da sua vida pessoal?

É de mim, eu aprendi... é... se eu não me amar, não me tratar, cuidar da minha saúde, se eu morrer a manhã como é que vai ficar as coisas? Então mesmo eu indo no médico, de ter o meu direito que vai fazer eu perder o meu emprego, sabe, então esse medo que eu tinha graças a Deus eu não tenho, agora vou cuidar de mim, está todos criados, cada um sabe o seu caminho, né, e aqui é assim, estou no estudo ainda, eu estou aprendendo muito, só faz só sete meses, só que me ajudou bastante, está me ajudando muito, a gente aprende muitas coisas...

Mas o que você acha em relação ao tratamento que você conseguiu modificar?

Ah, eu modifiquei...

**Entrevistadora:** Qualque é a mudança que você teve em relação ao seu tratamento?

Aqui ou depois que eu comecei?

**Entrevistadora:** Desde quando começou aqui, no nosso grupo as sessões.

Sei lá é... eu era assim, muito assim, igual... eu sou muita ansiosa, né, tem que ser naquele horário, me preocupo muito com as pessoas, isso aí eu sei que tenho de tratar muito, cuidar muito de mim sobre isso, e não adianta ser assim por que nada vai resolver ficar sofrendo antes né, então eu entendo assim.

**Entrevistadora:** Você acha que está menos ansiosa?

Eu acho que melhorei bastante do que eu era.

**Entrevistadora:** Apesar de você ainda ser muito ansiosa você acha que você já melhorou?

Um pouco né, pelo menos um pouco deu uma melhorada.

**Entrevistadora:** Em relação ao teu pessoal você está colocando na frente a sua saúde, se cuidando mais, se cuidou fez mechas no cabelo...?

Tem coisas que me fazem mal, por exemplo, uma pessoa fala e eu ficava calada sem me defender, não eu aprendi a me defender, aprendi a me defender e agora que nem eu falo, de primeira, se acontecia alguma coisa ...saia nos..., vizinho agora se eu vejo vizinho é pelo portão, porque não adianta, as pessoas gostam de cuidar da vida da gente, ajudar ninguém ajuda, porque na hora que o problema sai, fala... olha o problema lá, então sempre é muito chato, aí meus filhos, a gente também não aceita isso, olha... meu filho fica falando da minha vida pessoal para as pessoas, isso é chato, só que quando você não conhece nada, você acha que você se abrindo com qualquer pessoa é um remédio pra você, realmente não é, mas graças a Deus tá tudo muito bom aqui e.

**Entrevistadora:** Em relação a tua família, o que você melhorou?

Bom, minha família é igual ao que o XXX "o mãe o meu pai XXX" por que a pessoa que vai pro culto tem outra mentalidade, XXX XXX vai pra faculdade então você tem que saber lidar com todos ali dentro, com filho, com marido, nossa é jogo de cintura, tem que ter muito equilíbrio, por exemplo, minha filha perdeu o emprego, hoje a menina foi lá e falou pra ela que ela perdeu o emprego porque o patrão não aceita ela está fazendo faculdade, que é uma pessoa que não tem que estudar, problema dele, cada um tem o direito de acreditar no que quer...

**Entrevistadora:** Isso é a campanha não é?

É.

Tem sinal agora pro recreio?

Hora do recreio.

**Entrevistadora:** Então, em relação a tua família, concluindo, qual foi a mudança. Que você tava falando, só você que está se tratando, além do Michael, mas o que mudou você e o Michael se tratando dentro da família?

Mudou mesmo, eu vivia em função do Michael por ter esse problema, eu... porque a XXX não é problema, mas só que se eu não cuidava da minha filha também, ela pode ser um dia, ela pode falar... minha mãe está dando atenção só pro Michael, então eu aprendi isso, tem que saber dividir né, e é muito bom isso.

Acabou?

A gente fica meio perdida também.

Fecha a porta aí...

*Várias pessoas falando ao mesmo tempo.*

Quase que ela não vinha...

**Entrevistadora:** Então Valdirene eu ainda não consegui concluir assim, você está falando é que você e o Michael se fortaleceram e agora que você está sentindo que a Monise está ficando excluída?

Não! Ela não está ficando, eu tenho medo dela chegar a ficar entendeu. Você entendeu? Por isso que eu já estou vendo o lado dela também. Entendeu?

**Entrevistadora:** Mas a mudança que teve na família foi o fortalecimento seu e do Michael automaticamente isso está interferindo na Monise também e no seu marido? Você se cuidando mais, estando mais forte, estando menos ansiosa de bem com você, o Michael estando limpo, lidando com as dificuldades dele pedindo ajuda, tudo isso vocês dois estão muito mais fortalecidos?

Estamos. Mas não é fácil não! Você tem que ter uma estrutura...para lidar com todos....

**Entrevistadora:** Mas mãe é assim.

Esses meninos ficam XXX uma coisica de nada já é motivo para eles saírem do alinhamento deles

**Entrevistadora:** Mas só pra te dar um retorno Valdirene, do que eu percebi desses encontros que você precisa continuar se cuidando é: tua ansiedade procurar sempre mecanismos para aliviar essa ansiedade, se acalmar, que seja fazendo caminhada, fazendo yoga enfim, indo na igreja, mas que você consiga acalmar essa ansiedade e essa questão de você estar sempre cuidando muito de todo mundo da tua família e esquecer de você.

É.

**Entrevistadora:** Tem dez irmãos e cinquenta sobrinhos e quer acolher todos. Uma de trinta anos que está lá em Araçatuba, que ninguém conhece, ela quer ir lá e resgatar a menina. Então é assim, presta atenção nisso, no cuidar tanto dos outros e você fica sem tempo de cuidar de você, não que você não possa cuidar dos outros mas sim se lembrar de você, ter tempo pra ter esse tempo para você, né?

Que acolher todos...

Então, uma coisa que eu aprendi, vou na feira de domingo, vou lá e compro três e quatro filme e assisto, ponho lá, deito no sofá, assisto com a minha filha, porque eu gosto da minha casa limpa, mas eu era doente demais por limpeza, demais, demais da conta, então... não é assim. Se não fizer hoje faz amanhã, não é verdade? Também não vai morrer...aprendi isso, a gente discutia, pois ela gostava da minha companhia do lado dela vendo filme... isso é uma coisa que eu estou aprendendo mesmo sabe.

**Entrevistadora:** Curtir o filme, ter os teus hobbies, ter tempo pra você.

Igual de primeiro acontecia alguma coisa na minha casa, eu falava com a minha irmã. O Luis perdeu o emprego, mas quer saber, dessa vez eu aprendi, sabe, da minha boca não vai sair nada. Não falo mais da minha vida.

**Entrevistadora:** E você D. Zilda, qual avaliação que você faz?

Acontece um problema eu penso: no que eu posso ajudar? Agora eu já penso nele, o que eu posso fazer por amor, eu estive na casa da minha família, via alguma coisa e chegava e falando o que eles tinham que fazer, agora não, eu estou lá, porque na cidade que nós moramos é só nos duas, então nós não temos família, então quando nós fomos pra lá que eu vi alguma coisa que eu achei XXX porque eu tenho uma irmã que usa e às vezes tem uns lá que faz comentários e eu não gosto disso, mas ela não quer morar comigo, porque a cidade lá ela fala que é quente, ela mora em Santos ela não quer morar comigo e eu fico com dó....dela ficar sozinha.

Tua irmã gêmea?

Não, essa aí é a mais velha, ela não fala e não ouve, mas ela faz um crochê faz uns trabalhos lindos, muito bem, e eles fazem pouco caso e eu não gosto disso, então, fiquei meia assim, mas não falei nada! Não vou mais me intrometer. Por que? Eu não estou lá, ela não quer viver comigo, então tem que deixar, se você vier falar, você vai brigar, vai entrar em atrito então aprendi ficar sem falar. Ela vive a vida dela e eu fiquei na minha. Eu aprendi com isso, e quanto a mim e o Luis, estamos bem, eu falo: briga? Todo casal tem, não tem tempo ruim. Agora, se a gente se vê o dia inteiro né, se ficar todo mundo dentro de casa, daí briga o dia todo, então é assim, a minha vida é uma luta, problemas de saúde, já é essa idade dos “enta”, sessenta, estou muito bem aprendi muita coisa, que eu precisava aprender...vou na igreja, só não estou bordando por causa do problema na mão, mas não vou ficar parada, eu sou uma pessoa que gosto de estar fazendo uma coisa ou outra, não sou de ficar parada...

**Entrevistadora:** Eu sinto assim D, Zilda que você, você chegou muito fortalecida já, desde que a gente começou o grupo você já estava bem forte, você já tinha provocado a grande parte das mudanças dentro de você, eu não sei como você era antes, mas que eu conheci de você assim eu já te conheci mais fortalecida, pé no chão, tem tempo pra você, priorizando você, o seu Luis eu percebo que ele tem que melhorar... e ele já melhorou desde quando eu conheci ele também, é a questão de colocar mais limites pros filho, saber falar não, entender que o não vai fazer bem pra ele e não ruim, né, a gente fica com um pouco de medo de falar não e perder o filho e desagradar o filho. Não é? Então, mas em relação a você assim, eu acho que não deu para sentir mudanças como na maior parte do grupo, porque você já estava mais forte mais segura. Quem mais gente, quem quer fazer uma avaliação aí de como está, do que mudou na família?

Valéria.

Explica esse caso do primeiro dia Valéria?

Ah, sei lá eu mudei, mas falta muito ainda para eu melhorar.

**Entrevistadora:** Mais não olhe o que falta, olhe o que você já conseguiu, porque assim fica mais fácil de conseguir mudar, né, a gente fica sempre olhando o quê falta, olha o quê você já conseguiu o que você acha que já mudou, em relação a você?

Pra mim, é assim, o caso da minha filha agora está bem melhor a convivência, não tinha muito diálogo sabe, eu era muito rígida sabe, só cobrava, agora não...

**Entrevistadora:** Sem conversa?

É, principalmente com a minha filha mais velha, sabe, agora não, ela chega vem me abraça, sabe, me beija, me conta as coisas, eu converso também, converso com ela bem mais, a gente ficou mais amiga assim, a família sabe...

**Entrevistadora:** Mas unida?

É.

Tendo mais diálogo?

Tem.

**Entrevistadora:** Tem mais conversa entre vocês?

Tem. O que me incomoda é a minha ansiedade.

**Entrevistadora:** É, o que eu falei pra Valdirene, né, que o exercício físico ajuda, meditação ajuda, eu acho que tem primeiro que tentar essas coisas alternativas né, você faz, você anda de bicicleta você falou?

Ando...

**Entrevistadora:** Por que senão depois tem a alternativa de tentar um antidepressivo que acalme, também tem essa alternativa.

Tem esse negócio da mudança sabe, eu estou muito ansiosa.

**Entrevistadora:** Vocês vão mudar pra cá?

É eu tenho quê... a gente tem uma casa lá, só que é no terreno da minha sogra, eu quero que mure, eu quero que separe porque senão, não vou, eu falei pra ele, porque não dá certo, só que ele está sem tempo sabe, trabalhando muito, está sem tempo de fazer o muro, quer que eu venho, eu quero vim também, mas sem muro eu não venho de jeito nenhum, porque, já morei lá, não deu certo a minha sogra ... não combino muito com ela...

**Entrevistadora:** Mas já estão se organizando pra vocês mudarem pra cá, você já resolveu que você vai mudar?

Vou, mas quero não, quero sabe, porque assim... minha mãe é muito dependente de mim, sabe?! Tudo é eu não sei assim, como vai ficar, ontem o meu irmão falou tem de sair de lá, tenho pra ver se eles tomam uma atitude também...

**Entrevistadora:** E você tem tantos irmãos também né?

Então mas, ninguém ajuda...

**Entrevistadora:** Então gente vamos continuar então? Era a Valeria que estava colocando né? Quem quer... quem é o próximo?

Pra mim, eu acho que o grupo veio me fortalecer mais ainda e... ser uma pessoa, quando eu comecei a participar, eu era uma pessoa muito dependente, muito, as pessoas costumavam me falar que minha droga de consumo chamava Celso, graças a esse relatório, o pessoal que me acolheu e principalmente depois que formou esse grupo, que eu aprendi a me fortalecer mais ainda, porque eu era uma pessoa extremamente sensível, principalmente depois que meu marido faleceu, mas muitas coisas ô Tati, eu mudei. Aprendi a me questionar e estar mudando, coisas que me pegavam muito como, por exemplo, assim um exemplinho bem simples: quando meu filho vinha do Vale das Almas e algumas vezes aqui que ele me trouxe e eu convidava ele pra entrar e ele falava que não, que não precisava disso, porque ele nunca me acompanha em lugar nenhum, nunca deu força

nenhuma para mim estar vindo e aprender, porque eu acho que ele ia aprender muita coisa aqui também. Ele não é um dependente químico de crack, cocaína, ele é da cerveja, faz uso abusivo, mas eu mudei. Então, eu sofria com isso sabe, por ele ir embora, não entrar, às vezes eu chegava no carro, ia comentar com ele, já começava a chorar e essas pequenas coisa assim que não tinha necessidade de estar chorando, estar me questionando muito, por um falar um não, até estar me ajudando e me prejudicando, então hoje eu já mudei essa parte, eu já... principalmente depois que o Celso faleceu eu na minha própria vida, tudo eu dava satisfação, sabe? To indo no mercado... do satisfação de estar indo mercado, to indo na cidade, to indo ao médico, to indo não sei aonde, parei com isso! Hoje eu saio, fecho a minha casa, não dou satisfação de onde eu vou, sabe?! Porque ninguém me dá satisfação, não que ele seja filho ruim não, não é, mas como eu falo às vezes, até já comentei isso com você na sessão, gostaria sim que ele fosse um filho mais presente na falta do pai, um irmão mais presente com a dependência química do irmão dele, mas como lá ele é assim, quem sou eu pra mudar? Eu tenho de mudar a mim. Então, isso que eu consegui, não 100%; hoje eu já não choro por muitas coisas, já não sofro por muitas coisas, se eu tiver que falar não... eu falo... não, não posso por isso por aquilo, enfim, aprendi muito e já sofro bem menos.

**Entrevistadora:** Dá um grito aí, se fechar a janela você vai morrer.

Oh por favor, estamos em reunião... abre a janela.

Pelo Celso também.. já aprendi muito conversando com eles, expondo o meu lado, não de mãe, mas o meu lado que eu acho certo, que às vezes ele questiona principalmente agora que ele está XXX da casa, então, ele já acha que ele sabe tudo, entendeu? Esses dias também ele respondeu pra mim à noite que eu vou voltar a tomar conta da vida dele, eu falei: não, não vou, só que tem certas coisas que você está fazendo que não é o momento, mas quem está fazendo é você, não sou eu, se vier algumas consequência quem vai sofrer é você não sou eu, né?! Já começou a namorar já acha que... a mãe até então era em primeiro lugar, agora eu sou a segunda, só que eu falo pra ele, falei pra ele não venha chorar depois, por que quem chorou muito, perdeu muitas e muitas noite de sono foi eu. Claro, eu vou sofrer se acontecer alguma coisa, acho que não eu quero isso fique comigo, então, eu quero aprender a ser gente, a ter resposta pros meus filhos, a não chorar por qualquer coisinha, a não pegar o problema do outro e queria não sei aonde cadê a minha mãe? Eu fui a minha fica numa clínica de repouso, então a gente divide entre

as filhas paga a clínica pra ela ficar, mas há algum tempo atrás teve um desentendimento entre nós, irmãs, então, o que faço agora? Pra não estar acontecendo mais isso, que ela não vem ficar comigo, ela não aceita, ela quer morar na clínica e não vai sair mais de lá, então eu não concordava, então o que eu faço agora? Pra não ter discórdia eu vou ficar dois, três dias, um final de semana, eu vou de manhã visito a minha mãe fico duas, 3 horas com ela, que acho que melhora a qualidade do tempo que eu fico com ela do que eu estar lá e cá e de repente ter um desentendimento com a minha irmã por causa que eu não aceito, então eu vou visito a minha mãe na clínica o meu filho pode me levar de carro, me leva quando não pode eu pego um ônibus vou e volto, faço o meu papel.

**Entrevistadora:** E como você avalia da tua família?

Então, a minha família aqui...

**Entrevistadora:** A tua família que eu falo é você, o Celso e seu outro filho.

A minha família aqui, a minha nora, por exemplo, minha nora que me entende muito bem, ela acha também que eu tive uma boa mudança sabe, principalmente em relação ao Celso, porque ela sempre fala “você não vai conseguir duvido, duvido que você vai fazer isso, duvido que você...” E hoje não, eu já consigo, então ela acha que eu vou sair muito bem pra mim e eu acho que o Rodrigo, meu filho... só que ele não fala, ele não quer dar o braço a torce, ele não fala se eu estou bem, se eu estou mal, se estou bem, se eu piorei ele nunca comentou e eu também na pergunto.

**Entrevistadora:** Não importa se ele está te vendo melhor ou não, importa sim quanto você acha que você melhorou o seu relacionamento com o Celso, com o Rodrigo, você está conseguindo colocar mais limite?

Estou conseguindo colocar limite. Colocar limite em relação a dinheiro, não fico perguntando mais: ah você pagou o carro? Ah... está atrasado

**Entrevistadora:** É problema dele, não pergunte.

Não pergunto. Esses dias mesmo eles fizeram umas coisas lá na casa dele e foi assim tudo junto sabe, reforma sofá, reforma casa, ele comentando que de repente se viu apertado. E comentando: meu... não sei como eu vou fazer esse mês, uma coisa de cada vez. Você entende. Não dou mais abertura estou procurando assim... de não dar mais abertura pra que ele esteja chegando ao ponto de ele falar não “estou apertado...” e preciso como fazia antes, eu não estou dando esta abertura e comentei com a minha nora, eu falei bem claro com ela, se ele chegar pra você

“ah este mês estou apertado... a minha mãe” você já pode dizer que aqui... XXX chega ficar sozinha a única coisa eu me pergunto, domingo à noite que eu questionei estava comentando com a Zilda foi o horário dele chegar na clínica porque foi o final de semana dele de folga. Eu acho que é assim responsabilidade não é chegar na clínica meia noite, eu tinha de no máximo estar 10 horas na clínica, sai de casa cinco horas da tarde, XXX sai de casa às quatro. Quando foi cinco e pouco o pai dela veio buscar, tinha que ir na igreja então veio buscar a menina mais em cedo em casa. Quanto à menina dela eu não tenho o que falar pra vocês... não tem nada que me desagradou, a gente conversou bastante, ela também, ela está ali há quatro meses só... não tenho o que falar pra vocês dela. Achei ela inteligente, conversa bem, ela é muito nova tem 30, deu onze horas ele não me ligou eu liguei falei: onde você está? Já está na clínica? “Não”. Então, vou deixar não quero mais saber das conseqüências. Aí era minha noite esse menino não tinha ido pra clínica ainda porque estava esperando o dono da clínica passar e pegar ele pra levar. Já achei errado, eu falei assim: isso não é horário de você estar mesmo que esteja dentro da casa da namorada, não sei se vocês vão concordar ou não, mas eu acho assim teve um final de semana agradável com a mamãe, com a namorada passeou, se divertiu, volta pra clínica seis, sete hora da noite tá ótimo! Vai levantar no outro dia cinco e meia da manhã... aí ontem eu tive oportunidade de estar com os donos da clínica e falei pra eles e falei pra ela, falei pra eles e ela ouviu que eu não concordo o Celso estar na rua até meia noite, na rua não, fora da clínica até meia noite. Se ele veio passar um final de semana em casa, o máximo que você deveriam estar dando horário pra ele cumprir dez horas da noite, pra mim ainda é muito sabe.

**Entrevistadora:** Mas você conseguiu perceber que isso não cabe a você né?

Sim, e eu fui bem clara, só que aí falei pra eles também só que isso não cabe a mim, cabe a vocês impor o horário por que se acontecer alguma coisa com ele, não venha depois querer cobrar de mim, eu vou cobrar de vocês, só que eu estou falando isso a única vez, não falo mais! Aí igual ele falou “ah, agora você vai querer controlar os meus horários?” Eu falei não. Não estar aqui, mas quem falou é o meu pensamento. Só que quem chorou e passou noites sem dormir.

Foi você.

Fui eu, não foi a sua namorada, que faz dois meses que você está namorando e já está ficando na casa dela até meia noite. Isso eu não falei na frente dela, só falei até o horário que eu queria que ele chegasse na clínica mais cedo para

os dono da clínica, ela já tinha ido embora, ai... Então, é isso e é a primeira e a última vez que eu cobro isso de você, porque o que acontecer lá na frente o problema seu, não meu, o doente é você e não eu. Eu estou indo pra casa deitar e dormir, tchau e boa noite. Fui embora.

**Entrevistadora:** Isso cabe a ele, o tratamento dele, se ele vai chegar tarde ou não. Ele que tem de se cuidar, não cabe a você, ele é adulto, você conseguiu perceber que você foi além.

Fui... ontem...

**Entrevistadora:** Por já é um homem de quantos anos?

32 anos

**Entrevistadora:** Trinta e dois anos, ele tem de aprender a cuidar da vida dele, você não tem mais de saber horário, de saber...

Sabe por que eu falei? Porque fiquei meio na reserva com ele e ele me conhece “você está na reserva comigo?” eu falei to. Mas não vou comentar agora o que ele falou, deixa pro melhor momento, vamos deixar pra melhor hora, mas eu vou conseguir me segurar, mas assim, eu não estou mais tão preocupada com certas coisas, eu acho que melhorei bastante.

**Entrevistadora:** Está se fortalecendo.

Cada dia mais....

**Entrevistadora:** Tem um longo caminho ainda principalmente em relação a este luto do teu marido.

Agora mesmo eu sou sozinha, não tenho o meu porto seguro, agora tem de ser eu mesmo então se eu não me questionar, não me ajudar nos grupos, procurar apoio de amigo, que me ajude aqui, aliás, eu nunca fui de ficar comentando coisas assim com vizinhos. Às vezes você se pega por motivos a comentar, mas eu não faço mais isso, o que eu tenho de falar se não é dia de grupo eu procuro alguém na comunidade ou da Sol, mas é dentro desse contexto. Então é isso gente, eu me fortaleci muito e vou continuar no grupo, frequentando.

**Entrevistadora:** Não pode parar.

Não pode parar nunca.

**Entrevistadora:** Tem um longo caminho ainda pela frente.

Tenho, por que eu tenho as minhas fraquezas.

**Entrevistadora:** E você, Luiz?

Eu? Necessidade de comentar, mas não vou perder essa oportunidade.

Eu tenho falado.

**Entrevistadora:** Ai meu Deus, que drama!

Nós conversamos. Nós temos vergonha. É difícil começar!

**Entrevistadora:** É assim gente, eu vou te ajudar, desde quando a gente fez a sessão individual, que ela abriu algumas coisas pessoais dela, eu falei pra Valeria que eu gostaria que ela abrisse pro grupo, por que? Pro bem dela, porque a gente assumindo as nossas fraquezas... que a gente consegue entrar em contato. Então, assim... desde o começo, eu pedi pra ela e ela está com muita dificuldade porque ela está morrendo de vergonha das críticas do grupo né e eu acho que ninguém está aqui pra criticar ninguém e já tem um vínculo muito legal com ela, eu fico muito feliz de você estar querendo falar, não tinha mas essa esperança.

Eu tenho de falar porque qualquer hora vocês vão ficar sabendo mesmo, pelo... o Vitor está lá, ele já deve saber, o Michael, já sabe, o Renato... Eu sou adicta também, vai fazer três meses que eu estou limpa, eu comecei a usar droga assim com 17 anos, eu cheirava muito sabe, comecei fumando maconha, aí depois comecei a cheirar, fiquei muitos anos isso porque eu logo conheci o William e ele já usava também. Não sei se era por que eu queria ficar igual ele ou pelos problemas que eu já tive em casa também, não foi muito fácil, o meu pai contra, a minha mãe também era dependente, os meus irmãos todos também bebem e assim eu vi muito a minha mãe apanhar do meu pai, meu pai colocar revólver na cabeça da minha mãe, dos meus irmãos, todos apanhavam muito e assim eu via minha mãe beber, pedia pra ela não beber, pedia pra ela ir na igreja comigo, ela ria da minha cara. Eu sempre fui uma pessoa de muita fé, muita fé, eu sempre o tempo todo que eu usei droga na vida, nunca deixei de ir na igreja, frequentar sabe, nunca também me prostitui, isso eu nunca fiz, então fiquei grávida da minha primeira filha continuei usando...

**Entrevistadora:** Cocaína ou maconha?

Cocaína, foi depois que ela nasceu, eu continuei usando ainda, mas foi quando... a Gabriela... eu não usava mais, cocaína eu parei, mas maconha... nossa... eu falava que ia ficar velha usando, eu gostava muito e tal. Aí teve uma época que eu parei, aí não usava mais nada, bebia por beber. Aí eu parei, fiquei uns cinco anos sem fumar maconha, cocaína eu parei já faz uns 15 anos. Aí o William começou no crack, só que eu não fumava mais, aí depois foi tanta coisa... eu não bebia, eu não saia, eu não usava mais nada, aí eu acabei voltando pra maconha de

novo, daí quando ele se internou eu parei só que assim eu nunca tive dificuldade nenhuma pra parar de usar droga, nunca frequentei nada.

Você usou crack também?

O crack foi assim há uns 13, 14 anos atrás eu acho que era o início assim do crack, não sei só que não vinha assim pronto, eles preparavam eu cheguei até a experimentar e não gostei. Aí logo nessa época o William também usou um pouco, mas parou, ele não usava, não cheirava, ele só fumava maconha também, ele ficou uns 13 anos, uns 11 anos só fumando maconha, aí depois começou bebendo, aí ele começou no crack, mas assim eu não sei se é porque eu tinha muita fé, sei lá o que é... eu nunca tive problema, eu fiquei muito doente, XXX tive me deu hepatite, só que minha mãe nunca conversou comigo, nunca chegou... todo mundo sabia que eu usava, chegava de madrugada em casa, meus irmãos sim ficavam atrás de mim, mas meus pais nunca chegaram a conversar comigo, há dar ajuda e tal, até hoje nunca foi conversado isso eu e ele nunca conversou e a minha filha não sabe, eu queria pedir pra vocês se algum dia ela vier aqui... eu tenho muito medo porque eu não sei qual vai ser a reação dela.

**Entrevistadora:** Tem todo um sigilo, tudo que é falado aqui fica aqui.

Às vezes você acha que alguém sabe lá na clínica e...

Eu tenho medo na verdade em relação “minha mãe já usou, a gente também pode experimentar sei lá”, não é o momento de eu falar.

Mas você conversa com ela?

A gente conversa mais eu falar de mim eu não tenho coragem, por enquanto não. Não sei assim um dia quando ela estiver mais velha, que eu ver que está mais bem mais encaminha não sei, talvez eu tenha coragem em falar. Agora não porque assim é ela sabia que eu fumava, mas eu não fumava perto dela, eu tenho muita vergonha de fumar, então sei lá, eu não tenho coragem de comentar com ela no momento, por enquanto não. Aqui foi muito bom pra mim eu já tinha de falar pra vocês porque vocês pra mim é mais até do que uma família, porque eu não converso com meus irmãos sobre nada, ninguém se preocupa, agora vocês, se precisar de alguma coisa eu tenho liberdade de chegar e falar: olha, preciso que me ajude. Então eu acho assim, eu devia isso pra vocês porque nossa eu tava doida pra falar, mas fica assim meio com vergonha, sei lá.

**Entrevistadora:** Valeria estou muito feliz, muito, muito feliz, eu não esperava mais, eu até fiquei preocupada porque depois da nossa sessão você se fechou

muito por conta de eu te pedir pra você abrir pro grupo, mas é óbvio que eu não estava te avaliando você sabe, mas você se fechou porque você não conseguia falar.

Eu devia isso pra você também eu não consigo, eu falei... não... eu vou tomar coragem.

Eu acho que além assim você acha que devia muito pra gente que você devia mais pra você até pra você se aliviar.

Eu nunca comentei isso com ela.

**Entrevistadora:** O maior medo dela era a Zilda e o Luis.

Que eu tenho muita amizade com ele, com o filho dela e ele sabe que eu já usei, eu nunca usei droga com ele porque faz tempo que eu parei, mas assim eu não sei já deve ter comentado com ela, mas eu não tinha coragem.

Ele não é de falar.

Não, eu tenho de falar porque uma hora vocês vão ficar sabendo mesmo porque quando eu vim pra cá, eu quero frequentar o NA, entendeu? Quando então vocês iam ficar sabendo, quero que vocês saibam por mim.

Eu acho que ninguém tem de julgar ninguém por que todo mundo está no mesmo barco, no mesmo propósito

Quem está de pé que tome cuidado para que não caia.

Não importa...

Está mais aliviada?

Eu to, nossa, bem mais sabe por quê? XXX Eu nunca senti falta, fumava maconha vou ficar velhinha e vou fumar. Era o que eu gostava, sabe!

**Entrevistadora:** Você parou por conta do problema do William.

Eu parei a primeira vez eu porque estava com uma tosse, engasguei não vou fumar mais e parei com o cigarro também. Ai depois eu fiquei uns cinco anos acabei voltando por causa dele, eu não comia, não dormia, não bebia, não saia, vou voltar a fumar de novo e continuei fumando, não é justo né ele estar internado e eu continuar fumando? É assim eu paro, eu sinto muita falta do cigarro, mas de droga nem lembro, acho que eu nunca nem usei...

**Entrevistadora:** Eu só sei que isso é bom pra você, pro seu tratamento, pra você assumir isso pra você, é por isso que o Roberto começou a te pedir pra você se abrir pro grupo porque achava que isso ia ser muito bom pra você...

**Entrevistadora:** É, mas deixa eu interromper Valeria, pra gente finalizar. Agora nos últimos cinco minutos ela resolve falar! Já tem três meses que eu falo pra ela falar: fala Valeria, fala Valeria.

Não falei nada...

Quieta, você fala alguma coisa

**Entrevistadora:** Não, eu não estava pressionando, ela só falei pra ela que eu gostaria que ela falasse, que faria bem pra ela, mas ela se fechou porque ela começou a se sentir...

... ficam me olhando com outros olhos... medo

**Entrevistadora:** Bom, Adriana faça uma auto-avaliação sua do tratamento. O que você acha que você melhorou? Como você melhorou, sua família?

Em relação assim a sua família aqui é eu e minha irmã, então assim quando o Renato teve problema meu irmão foi super contra, e na primeira dele tanto que se fosse por ela não estaria com ele porque minha irmã, teu sangue não quer ver sofrer e numa das primeiras reações que ele teve, ele tinha medo de chegar na minha casa e ver a reação dela. E foi o oposto do que ele imaginou. Ela tratou ele super bem, procurou saber como ele estava. Então assim... ele se surpreendeu com a atitude dela até eu, achei assim que ela aceitou. Porque eu tinha medo assim dela fazer cara feia pra ele, não vai destratar ele, minha irmã é mais fechada, eu tinha medo dela ignorar e eu não gosto que ignore. Aí ele foi... então me surpreendeu e surpreendeu a ele também. Em relação a minha família foi bom e eu estar aqui no grupo, foi melhor ainda porque eu consegui entender a minha irmã, o motivo dela não aceitar ele, porque ela não tem o sentimento que eu tenho por ele, só que ela compreendeu o que eu fiz, de eu estar buscando ajuda pra mim pode estar com ele, então pra mim serviu bastante, que eu faço isso ela nunca falou “vai lá..”

**Entrevistadora:** Uniu mais vocês?

Uniu.

**Entrevistadora:** Você viu que ela está do seu lado apesar dos pesares. Não importa o que aconteceu ela vai estar lá?

Não, ela quer o meu bem também. Eu sei e ele sabe também.

**Entrevistadora:** E como você acha que você melhorou?

Eu melhorei assim no meu jeito de conversar, eu era mais agressiva, eu falava as coisas com mais autoridade assim, as coisas tinham de ser mais como eu queria tanto com ele, como com ela, porque às vezes eu não queria que ela falasse,

pra mim não se sentir culpada, aí eu já chegava, já explodia pra ficar tudo certo e por dentro de mim aquilo fazia mal, aquilo, porque eu fazia aquilo para não ter problema, acabar ali, eu explodia tanto com ele quanto com ela, uma vez eu até ficava querendo me esconder assim evitando...

**Entrevistadora:** Você acha que está se comunicando melhor?

Bem mais, tanto com a minha irmã, tanto com a família dele, que assim eu não sou bem próxima da família dele, mas hoje eu sou um pouquinho mais. No entanto no começo do grupo eu falei que eu não tinha muita aproximação com a família dele, e justamente no momento em que ele precisou, não só ele quanto eu, eles nem fizeram uma ligação pra mim, porque no começo o intuito deles era ele se internar e ele voltar pra mãe da Bárbara. Isso era o que eu ouvi da mãe dele e por ele não. Ele falou: se eu for ficar com alguém era comigo e uma vez que teve uma missa lá na Sol, a Bárbara que é uma menina moça ele diz. Ela que ligou pra mim e disse: olha, meu pai quer que você vai. Ai eu fui e eu estava até terminada dele, aí eu fui e foi quando a gente voltou, eu voltei com ele e ele estava dentro da clínica... havia terminado e com isso assim, nunca tive problema com a mãe da Bárbara. Uma vez por ela até comentei no grupo... em relação eu e ele com a ex-mulher nunca, nunca teve atrito sabe, aquelas... Mas é assim melhorou bastante, me ajudou bastante, eu pude até aceitar certas coisas, que eu já converso até um pouco mais com a mãe da Bárbara, ele tem uma filha e se eu quiser ficar com ele eu vou ter de aceitar muitas coisas que ele vai ter de ceder pra ela e você sabe que relacionamento que envolve filhos às vezes é meio complicado não por você... tenha ciúme... é que as vezes eles pedem muito, eles querem muito e as vezes você vê que as condições não favorecem, mas não é meu filho, eu não posso fazer nada. Eu tenho que deixar a atitude dele. Eu acho que eu melhorei um pouco, um pouco não... muito ... agradeço a todos amizades legais. Assim eu sinto prazer, ah você vai? Vou porque eu gosto, muitas vezes vou porque gosto, quero continuar.

Que bom! Que bom!

E a Rose?

A Rose só está escutando hoje.

**Entrevistadora:** Cristina, e você? O que você acha que você mudou? Você acha que teve alguma mudança tua que repercutiu na tua família, no seu marido e nos seus filhos?

Eu acho que... teve.

**Entrevistadora:** Como? Por quê? Fala.

Ah, é acho que... eu já era muito assim grudada, vigiando tudo, mas agora eu to mais assim sabe.

**Entrevistadora:** Ta querendo dizer que era muito controladora e agora você está um pouco menos, é isso? Em relação aos teus filhos, ao teu marido?

Principalmente com meu filho que ficou, aquele negócio... ele tem habilitação mas ele não pega o carro, o carro pode estar lá, mas ele não pega!

Que bom.

Eu não quero um carro, quero uma moto, aí meu marido já falou pra ele moto é perigoso, você vai pegar o carro da mamãe demora, vai dirigindo, aí quando eu ver que você estar melhorzinho dentro de um trânsito aí a gente vai conversar sobre uma moto, por que nesse ponto ele é responsável, mas eu faço o que meu pai fazia comigo: pai, posso ir em tal lugar? Ele ia passava na casa das minhas amigas e me levava “ah, que horas eu venho buscar” meu pai era assim, a... tal hora então tal hora ele estava lá pegava eu e minhas amigas, deixava cada uma na sua casa, então eu faço isso com o Mateus. Ai meu marido falou “oh, lá vai ela, lá vai mamãe vai pegar o neném de porcelana”. Bebê de porcelana, agora já vai levar o neném, então, “ah... mãe vou não, pode deixar que eu vou, o meu amigo me leva”, mas na hora que você estiver saindo, você me liga. Porque eu tenho medo eu, meninada e tudo... então ele já liga, e fala: ó... vão me dar carona, mas eu ficava ligando pro Mateus, uma vez eu liguei no celular dele e ele não atendia, tinha ido numa festinha. Aí liguei na casa do pai do amigo dele, daí acordei o pai e falei: olha, dá o número do celular do Guilherme porque eu estou ligando pro Mateus e ele não atende, aí o senhor passou, eu liguei no celular do amigo dele. Ai tia, ele está aqui, fala com ele! Filho, eu estou ligando no celular, você não atende!!! Então agora estou deixando, mas eu fico...

**Entrevistadora:** Thais será que você consegue falar um pouquinho hoje?

Fala Thais!

Ela vai... Vai com amiguinho, vai no cinema... sai... a gente leva.

**Entrevistadora:** Mas você não é tão controladora como é com seu filho?

Não, a gente tenta.

Tem mais confiança...

Ela conversa mais também

A gente conversa bastante, então agora estou deixando o Mateus mais livre...

**Entrevistadora:** Então aí que você acha que mudou o seu comportamento na sua casa? Em relação a você?

Eu estou bem.

**Entrevistadora:** Percebeu alguma mudança nesse tempo de tratamento em relação a você?

Eu to tentando assim mudar em relação a ser muito protetora, querer ficar olhando onde está, com quem está. Até pro meu marido eu ligo: você já chegou? Ele viaja... Quando você chega você liga? Se ele não ligar, eu ligo pro celular dele tava até cochilando esperando dar a hora, só que tocou o telefone atendi “você ligou pra mim?” ah, liguei, acabei de chegar, to indo pra faculdade, então tá bom, mas eu quero saber onde que está, porque... As vezes ele demora pra chegar e eu fico brava... Está com ciúme? Não é ciúme é...

Preocupação.

Eu fico preocupada, porque ele viaja, quando ele vai pra Potirendaba mesmo, a rodovia então corre muito... já sai do serviço, ele vai direto do serviço dele. Ele é... meu marido é policial... ele foi promovido.

**Entrevistadora:** Ah é? Que bom. Então agora ele é o que?

Tenente coronel e...

**Entrevistadora:** Ninguém aqui sabe que a Cristina aqui também é policial.

Não... fui.

E... então

**Entrevistadora:** Você acha que se parar de controlar tanto, o tempo todo, você vai cuidar mais de você?

Agora estou mais focada, estou mais ligada, ele queria vir pra cá, eu entrei em desespero, já falei que não, XXX falei que não, vai ter que ficar na XXX do meio, não aceitou muito bem, mas saiu de lá estava com expectativa.

**Entrevistadora:** E você Erika? Você já colocou um pouco aí no começo?

Eu acho assim, eu já melhorei muito, eu acho que estou mais assim, principalmente nesses dias, pensando mais em mim, me preocupando um pouco mais comigo, coisa que eu estava me esquecendo, deixando um pouquinho também os problemas,

**Entrevistadora:** Muito bem.

No domingo também eu tive um problema com a minha mãe de manhã, aí fiquei chateada que eu conversei bastante com a Valeria lá, depois saiu de lá super

bem, fui pra igreja falei: não, chega, já passou, já acabou, passou... não vou ficar me martirizando! O meu problema é ficar me martirizando pelo problema que acontece, então eu estou procurando agir diferente sem discussão, sem debater muito, eu acho que eu tenho muito a agradecer o grupo, assim a gente ouve testemunho das pessoas, a gente vê, a gente aprende muito, é isso aí, eu estou bem.

**Entrevistadora:** Muito bem, da pra ver Érica.

Inaudível

**Entrevistadora:** Você se sentiu mais forte dentro do grupo. O vínculo do grupo é muito legal.

Eu vi pessoas que quando começou estava bem firme...

**Entrevistadora:** Eu tava pensando gente, ainda tem alguns que ainda estão internados já tem muitos que não estão, e não tem nenhum familiar de vocês aqui que tenha recaído (*ai, graças a Deus – em uníssono*) porque o meu primeiro objetivo, a minha primeira pergunta, o meu objetivo de tudo isso: é vocês se tratando se eles vão ficar melhor? Porque é a repercussão que eu falei desde do começo pra vocês. Então eu acho... Rose você só tem um minuto que você falou muito hoje.

Falou né?

**Entrevistadora:** Faz só uma avaliação, a gente já sabe que você melhorou, que você está linda que você está mais forte.

Eu acho que eu melhorei muito, 70% eu acho que eu melhorei. Quando eu cheguei aqui eu estava muito mal e tenho que agradecer ao grupo primeiramente a você, ao ambulatório que já estive domingo lá na Telma, cobrando que meus pais não vêm não vem, eu falei: gente meu testemunho é muito maravilhoso eu cheguei no fundo do poço aqui dentro, quem me encontrou a primeira vez foi a Zilda, eu tinha até medo de dirigir. Então, eu acho que eu melhorei 70%. Agora, em relação a minha família só eu que estou vindo aqui, meu marido continúa ciumento, eu não sei como eu vou lidar com esses ciúmes que ele tem, preciso de muita terapia, muita ajuda, eu chamo ele pra vim ele fala que vem e não vem, eu acho que eu melhorei muito.

**Entrevistadora:** Você vai continuar o tratamento?

Com certeza.

**Entrevistadora:** Anderson?

Eu acho que melhorei na parte de eu vim, eu achava os problemas dos outros não me interessava, eu pensava muito mais só em mim; já questão de família, meu

pai principalmente nessa última visita agora, eu já to conseguindo de novo resgatar aquele papel que ele é meu pai e já peço a opinião dele sobre XXX e minha irmã estou conseguindo ter contato de irmão de novo, ser irmão aos poucos porque é difícil meu pai não está presente, minha mãe também...

**Entrevistadora:** E ela te exige muito, na semana que você não veio, ela falou: ele não veio porque foi na minha reunião, mas eu falei: não é ele que tem que ir! Ela falou: é sim, eu falei: não, ele é teu irmão! Ela falou: não ele é meu pai. Ela enfatizou de uma forma assim...

Porque agora que por que a gente está tentando, não consigo me resolver é com a minha mãe eu... ela em casa hoje é a que mais precisa das reuniões.

**Entrevistadora:** Ela precisa muito inclusive pra relação deles, né?

A minha mãe estava em casa e minha irmã não queria que a minha mãe fosse na reunião, queria eu porque, realmente, ela vai na reunião, ela nem se preocupa! Ah, eu vou lá, eu quero saber como está, converso com os professores, pergunto pras professoras dela...Ela vem e me pede: eu preciso do uniforme. Você é meu pai, não, eu sou seu irmão e a gente está conseguindo mudar isso daí; agora mais difícil porque a minha família é a minha mãe, a gente está conseguindo entrar num diálogo eu e ela a gente não tem nenhum diálogo XXX eu e ela termos recaído sobre isso e a gente tem muito conflito ainda...

**Entrevistadora:** É a tua mãe ela está muito doente.

Ela é muito agressiva, ela não tem uma decisão própria dela, ela está sofrendo e é isso, acho que é isso. Hoje eu gosto de vim, uma semana que eu não posso vim, porque tenho jogo de bola eu fico...

Falta alguma coisa.

Falta coisa.

Tem que insistir. Liga pra sua mãe, quem sabe sua mãe.

XXX, XXX.

**Entrevistadora:** Bom a Larissa e Mateus chegaram, a Larissa participou o que? Acho que mais da metade da sessão? Larissa, o que você acha que você mudou?

Tive várias mudanças quando vim pra cá, eu tinha dificuldade de ouvir.

**Entrevistadora:** Olha o tanto que você ouviu hoje, ficou quietinha numa boa.

Eu tenho dificuldade de ouvi demais, eu gostava de falar, mas ninguém podia falar, igual a Tati falou: eu passava os meus problemas, a minha vida pessoal, eu,

porque eu sou toda diferente, tipo assim aquele negócio daquela família XXX já falo o que tem que falar e acabou, não fico guardando as coisas pra mim, e também a dificuldade do meu irmão que eu era mãe, segunda mãe para ele e acabou! Minha mãe está assumindo o papel dela, não querem também dividir problema, XXX eu acho que nenhuma família é perfeita, XXX problemas, dificuldades com o meu irmão e tal, ele fica mais ele lá e eu aqui. Não que eu não queira saber dele, mas eu não estou mais a fim de me entrosar com ele, porque eu acho que ele já tem trinta anos, já tem que fazer o pé de meia dele, já tem que fazer uma família, e eu não tenho que me intrometer nisso porque eu quero uma vida também, tenho a minha vida pra conseguir. Em relação à minha mãe também, nosso relacionamento está melhor porque tudo o que acontece eu sempre comento com a minha mãe. Eu comecei a contar minhas coisa pra ele dos meus dez anos para frente, porque antes eu não falava nada, eu tinha medo, não vou falar nada não... porque deixa pra lá, então eu já superei até dificuldade de ouvir, com dificuldade pra pegar XXX... O grupo me ajudou bastante, me ouviram bastante, adoro ouvir os exemplo da Rose e da Zilda.

**Entrevistadora:** Estou muito feliz também com você Larissa porque a menos de um mês atrás teve uma sessão aqui que você ficou incomodadíssima que eu não deixei você falar, e eu não deixei mesmo de propósito e hoje você está aqui a duas horas, já me pediu uma duas vezes pra falar e eu não deixei, estou esperando pro fim vou deixar você mesma pro fim, e você não está ansiosa como você estava naquele dia e você ouviu todo mundo, por que naquele dia você não conseguia nem ouvir as pessoas, você estava tão nervosa que na hora que você estava falando, que você não estava ouvindo ninguém, e hoje você ouviu todo mundo foi o que eu percebi, e isso muito é muito importante.

Eu sou uma pessoa muito tensa, muito ansiosa, tudo tem que ser no meu tempo, verdade... eu consegui superar isso tudo...

**Entrevistadora:** Encare a vida de frente, que você está vendo que você é capaz de superá-los. E o Matheus, que chegou aqui em há semanas, você percebe alguma mudança, Matheus?

Eu percebo um conforto muito grande, porque como já disseram antes, quando a gente está lá fora lidando com os problemas da nossa família é complicado a gente conversar com as pessoas, mesmo tios, primos, falam: nossa, teu irmão nunca vai melhorar, né? Tios, sabe, pessoas que cresceram juntas e que você quer falar, mas você sabe que se você falar, ao invés de ajudar, acabam

atrapalhando, é difícil lidar com o problema do meu pai e meu irmão internado no dia a dia, porque você não quer engolir isso, e você quer poder falar com pessoas do teu dia a dia, mas eu não gosto do jeito que eles falam, porque eles desrespeitam e com vocês é diferente, eu sei que vocês estão passando pelas mesmas coisas, estão sofrendo por pessoas que vocês não têm a opção de deletar e falar *não quero mais*, são pessoas que vocês amam, como são pessoas que da mesma maneira eu amo. Meu irmão, principalmente ... eu tenho muita expectativa nele. É diferente do que falar com um primo ou com um tio porque por mais que goste do meu irmão, de repente vão fazer um comentário negativo de uma maneira grosseira, e também assim acompanhando mais de perto a evolução de toda a... do fato do jeito que aconteceu com meu pai com o meu irmão, eu queria também dizer que eu também não sou nenhuma criança, sou uma pessoa que nunca lutou na vida, eu morei muito tempo fora, eu usei muito ecstasy, usei muita anfetamina, maconha... eu nunca fui usuário de todos os dias, mas eu saía, ia pra muito pra boate, pra balada... eu, muita coisa assim, nunca crack... não gosto de cocaína não gosto, mas assim, hoje em dia vendo meu pai nessa situação sofrendo tudo que eu sofri com o meu irmão, principalmente agora eu penso dez vezes antes de eu pegar numa lata de cerveja, e eu pego, e eu pego, e eu pego de novo no dia seguinte eu me sinto muito mal por saber que eles estão passando, então eu acho que foi muito importante pra mim acompanhar tudo que está acontecendo com meu pai, mesmo que meu pai é um debilitado, tem feito muito bem pra mim estar próximo do que está acontecendo com eles, e também... só isso é isso aí, eu queria falar que eles... estar próximo do tratamento deles me fez bem e ter esse lugar pra vim, tem me deixado mais tranquilo, porque eu posso falar aqui tudo que tá passando com mais tranquilidade, com mais segurança.

**Entrevistadora:** Bom gente, Matheus eu não tenho um retorno pra te dar porque você ficou muito pouco tempo aqui. Mas que bom que o grupo te ajudou também.

Passamos 30 minutos, então vamos.....

## **ANEXO 2 – ORIENTAÇÃO SOBRE DEPENDÊNCIA DE DROGAS:**

**Segunda sessão: 19/09/2011**

### **DROGAS:**

Substâncias que exercem ações no cérebro humano capazes de provocar alterações comportamentais e químicas no organismo.

### **ABUSO DE DROGAS:**

É o consumo de qualquer substância que provoque consequências adversas no organismo.

### **DEPENDÊNCIA:**

É o padrão de comportamento de abuso de drogas caracterizado pelo envolvimento irresistível do seu consumo; o adicto não consegue resistir ao impulso de utilizá-la repetidamente.

### **TOLERÂNCIA:**

Depois de repetidas utilizações das drogas, o usuário necessita de doses maiores para obter as sensações prazerosas que sentia inicialmente com uma dose inferior. Ex. Um copo de cerveja e depois passa a precisar de cinco copos para sentir o efeito do álcool.

### **DEPENDÊNCIA DE DROGAS:**

Alterações comportamentais e químicas no cérebro do usuário que causam desejo e o levam a busca incessante pela droga.

### **SÍNDROME DE ABSTINÊNCIA:**

Sintomas e sensações de desconforto físico e psicológico devido à ausência das drogas no organismo.

## **COMO A DROGA AGE NO CEREBRO?**

A droga é capaz de estimular o sistema de recompensa cerebral, aumentando a liberação da dopamina e provocando sensações de prazer. Diferente de quando a pessoa estimula a liberação de dopamina naturalmente, o uso de drogas provocará um vício no cérebro, fazendo com que esta precise cada vez mais de dopamina, forçando assim o jovem a buscar mais droga.

### **ÁLCOOL:**

É a droga que mais causa danos a saúde e leva a dependência e a morte! O álcool é absorvido após a ingestão rapidamente, reduz a ansiedade e provoca uma sensação de bem estar e euforia. Com certa quantidade ingerida ocorre uma depressão no Sistema Nervoso Central, causa sedação, sono, relaxamento muscular, falta de coordenação motora, diminui a crítica e a concentração.

### **NICOTINA:**

A síndrome de abstinência ocorre porque o organismo da pessoa está adaptado e modificado para receber todos os dias NICOTINA, então milhões de receptores do cérebro do fumante estão ativados e precisando, querendo a nicotina, como se não fosse mais capaz de viver sem ela.

### **MACONHA:**

O usuário em que tem uma predisposição genética para doenças mentais pode desenvolver um transtorno psicótico induzido pela maconha; o uso da maconha pode funcionar como um gatilho para desencadear surtos psicóticos.

### **COCAÍNA e CRACK:**

É a principal droga estimulante que existe. Da uma sensação de poder, perde o sono, tira a fome, fica excitado, causa uma sensação de bem-estar, felicidade. Quando acaba o efeito dá depressão e vontade de utilizar mais para resgatar todos aqueles sentimentos BONS, porém IRREAIS! É usada principalmente sob a forma de pó, podendo ser injetada quando diluída em água. O crack é a cocaína sob a forma de pedra, produzido a partir da sobra do refinamento da cocaína misturada a bicarbonato de sódio, e fumado através de cachimbos. É uma droga nova, que causa dependência MUITO RAPIDO.

**Outras drogas:** ANFETAMINAS, ECSTASY, LSD, OPIÓIDES, INALANTES, CALMANTES.

## ANEXO 3 - ESTÁGIOS DE MUDANÇA:

**Quarta-sessão: 17/10/2011**

**Pré- Contemplação** – O dependente não se considera com problemas decorrentes do consumo de álcool e/ou drogas. Não planeja mudar o seu comportamento. Acredita nos aspectos e efeitos positivos da droga. Esta é a fase mais difícil para a família.

**Contemplação** – O dependente começa a avaliar de forma indecisa os prejuízos e benefícios do seu consumo. Sensação de ambiguidade/ambivalência.

**Preparação** – O dependente começa a se preparar para agir/mudar seu comportamento ou pelo menos tentar mudar. Define concretamente os prejuízos e benefícios do seu consumo.

**Ação** – O dependente pode realizar mudanças concretas (fazer algo – ação). A mudança pode se acontecer por si próprio ou por meio de ajuda de alguém/ tratamento.

**Manutenção** – O dependente muda seu comportamento por um período prolongado e sente que precisa manter esta mudança.

**Recaída** – Pode ocorrer várias vezes antes da mudança de comportamento. Pode ou não ser seguida de melhora.

### ***O que fazer em cada estágio:***

- **Pré- Contemplação** – Cuidar-se. Ter limites.
- **Contemplação** – Dar informações. Oferecer ajuda e tratamento.
- **Preparação** – Auxiliar na modificação do comportamento.
- **Ação** – Embora a recaída pareça distante. Ficar atento.
- **Manutenção** – Fase mais difícil para a família.
- **Recaída** – Não recair junto. Reforçar a auto-estima. Levar para o tratamento.

## **ANEXO 4 – Entrevistas semiestruturadas**

### **FAMÍLIA 1:**

**L. (63 anos) e Z. (59 anos) possuem um filho que acabou de concluir a internação e está limpo.**

L. e Z. estão casados há 35 anos. Residem em Icém, SP. Tiveram três filhos, sendo que primeiro nasceu uma menina que faleceu aos dois anos, com câncer; o segundo filho, A., faleceu aos 21 anos de acidente de carro, em 2000, e o terceiro filho é E., que está com 29 anos.

Quando sua filha faleceu, A. estava com dois meses. Ficaram sabendo que a filha tinha câncer aos três meses de idade. Quando ela faleceu, depois de uma semana, a mãe de Z. faleceu também. Relata ter aceitado a situação, o luto.

L. diz que tem dificuldade de impor limites e regras ao filho. Estão em tratamento há um ano e quatro meses (participando dos grupos de famílias) e mudaram seu comportamento, deixaram de ser facilitadores. O papel do pai está mudando, estabelecendo mais limites.

Z. era firme; tinha desavenças com o marido, pois ele tirava a autoridade dela. Começaram a impor limites ao filho, e a partir daí ele pediu ajuda – foi internado em dezembro de 2010, teve alta em agosto e está limpo. Frequentou cursos profissionalizantes, fez educação física durante seis meses e agora está fazendo curso de mergulho para trabalhar como soldador debaixo d'água (tem um amigo do tio que trabalhava com isto). Quer ter uma profissão em que ganhe bem e estude pouco. Se os pais não determinassem limites, ele ficaria em função dos pais, esperando a herança.

E. sempre teve ciúmes do irmão que faleceu, que era mais velho e cobrava dele que estudasse. A. cuidava do irmão, pois ele sempre bebeu e começou a usar maconha ainda novo. Depois da morte do irmão ele passou a usar cocaína. Há pouco tempo começou a usar crack, antes de ser internado.

- A. era afetivo e muito ligado ao pai, principalmente; era companheiro dos pais.
- E. sempre foi impulsivo, inconsequente, não ficava em casa.

Frequentam a igreja presbiteriana.

Havia uma triangulação do filho que faleceu com os pais.

Z. é comunicativa e mais afetiva.

**FAMÍLIA 2 :****A. (19 anos, filho de W., que está internado).**

A. sempre teve um bom relacionamento com o pai. Começou a jogar futebol de salão aos cinco anos. O pai cobrava dele, impunha limites de horário para chegar em casa, cobrava notas. A. estudou até o segundo colegial; começou a trabalhar com 15 anos e trabalhava muito, então largou os estudos.

A mãe é costureira, trabalha na loja Hortelã. Ela não sai de casa; seu pai não a deixava sair porque era autoritário, machista. Ela é tímida, tem vergonha de tudo, só sai para trabalhar e ir à igreja.

Quando A. estava com 15 anos seus pais se separaram, e depois que seu pai saiu de casa, A. passou a ajudar financeiramente a mãe. Começou a juntar dinheiro para comprar um carro e iniciaram-se as brigas com a mãe por conta disto. Ela o chamava de vagabundo. “Agora passou, ela melhorou também. Aqui, por causa dos grupos de apoio às famílias dos dependentes, minha mãe assistiu a uma palestra de codependência e chorou, pediu desculpas para mim.”

W. conta que via seus pais brigando sempre e seu pai era alcoolista. W. usava cocaína socialmente, pois trabalhava, tinha um bom cargo como gerente no BCN, durante 16 anos. Quando foi mandado embora (ele gostava muito do serviço), começou a ter problemas com a esposa, pois saía muito sozinho. Brigaram e ele foi morar com a mãe e o irmão dele, que é dependente de drogas (crack).

A. não vê benefícios em relação ao uso de drogas, só perdas. Enxerga a dependência de drogas como uma coisa ruim, como uma fraqueza. “Meu pai sempre teve tudo e só porque teve um problema familiar, se afundou nisto.” Vê os amigos dele que cheiram para chegar às meninas e ele acha um absurdo. “Eu vou são, consciente, sem estar mordendo.”

A. não gosta de álcool, e quando sai à noite raramente bebe uma caipirinha. A. tinha uma namorada, porém como cuidava do pai quando estava “drogado”, deixava de ver a namorada para cuidar do pai, o que atrapalhou bastante esse relacionamento.

Começou a desconfiar que o pai estivesse usando droga quando tinha 11 anos. Um amigo seu que jogava bola com ele era traficante, e como gostava do pai dele e quis ajudar, contou ao A. o que acontecia.

O pai rangia os dentes quando estava dormindo; sua mãe percebia e achava estranho. Ele sabia mas não queria acreditar, até que um dia desconfiou e foi espiar o pai e viu-o cheirando. Chorou muito, mas não disse nada a ninguém.

Um dia ofereceram droga a seu pai e ele estava junto. Conversaram e acabaram brigando, pois o pai negou e “se pegaram na mão” (ele não respeitava mais o pai). Ele queria ajudar e falava isto, mas o pai dizia que não adiantava mais, tinha perdido a esposa e o respeito dos filhos. Um dia, W. disse que queria se matar e A. conversou com ele, e ouviu que ele queria ajuda. Conseguiram então uma vaga de internação em Jaci, mas ele sumiu. O pai fugia dele, desaparecia. Mais ou menos seis meses depois, A. estava viajando a trabalho e a tia conseguiu uma vaga na Sol. W. foi internado. Relata que seu pai lhe dizia, nas visitas: “Desculpa, moleque”, e começa a chorar. W. está internado há dois meses.

Ele acredita que se o pai ficar bem, sua mãe vai voltar. Com o pai em casa, ele pode ter mais a vida dele, e quer que ele o acompanhe no futebol. Quer ter a família de volta, tirar um pouco da sua responsabilidade. Pensam em mudar de bairro, pois tem muito tráfico e drogas no bairro onde moram.

#### **E. (34 anos, tia de A.; seu irmão W. está internado)**

Tem seis irmãos (o mais velho, W., está internado); ela é a filha caçula, única mulher e muito paparicada por conta disto. Os irmãos começaram a trabalhar desde cedo para ajudar em casa. Ela começou a trabalhar como babá e depois trabalhou em um mercado. Trabalha agora numa empresa que vende produtos odontológicos.

Ela perdeu o respeito pelo pai, pois ele bebia (dependente de álcool) e ela achava que não tinha que dar satisfação a ele. “Não me lembro de regras em casa, todo mundo foi criado solto.” Entretanto, ela tinha regra: não podia sair de casa à noite aos treze anos, porém ela começou a trabalhar e saía sem avisar. Havia muitas brigas na família, sempre o pai com um dos filhos.

Com dezoito anos teve um relacionamento, morou junto com o pai de seu filho de 11 anos. Separou-se, estava grávida de cinco meses e voltou à casa dos pais e ficou lá durante quatro anos. Sua mãe cuidava do nenê, pois ela trabalhava fora. Seu filho estava com três meses quando o pai dela faleceu e a avó se aproximou muito do neto (dormem na mesma cama). O pai dele não tem contato com o filho. Ela se casou de novo depois de cinco anos; sua mãe quis ficar com o filho e ela deixou.

Seu marido não aceitava seu filho. Começaram a brigar muito, ela era ciumenta. Há dois anos eles se separaram. Ela foi embora, alugou uma casa e foi morar sozinha. Ele pagou o aluguel dela durante dois anos e atualmente ele paga uma parte do valor do financiamento do apartamento dela. Hoje ele tem uma namorada, voltaram a ficar juntos no final do ano passado e agora ela pôs um fim nesse relacionamento.

E. organiza tudo para a mãe, administra as coisas para ela. A mãe sempre lhe pediu ajuda na parte financeira da casa. Sua mãe é depressiva e toma calmante, foi internada duas vezes.

Um dos irmãos é vendedor e ajudou a fazer a internação de outro irmão. Ele também faz uso abusivo de álcool. Os irmãos estão todos afastados uns dos outros, ela tenta uni-los e se preocupa com eles, faz o papel de mãe.

Ela sempre teve um bom relacionamento com o irmão que está internado. Também era muito próxima dos outros irmãos, é a cuidadora da família.

Tem outro irmão que desde novo começou a usar drogas, roubou e fugiu da polícia durante dois anos, foi preso, saiu, foi preso novamente e está há dois anos na prisão. Nesses dois anos ela só foi visitá-lo uma vez. Eles se comunicam bastante por cartas e parece que ele está bem.

**FAMÍLIA 3:****D. ( 60 anos, seu filho C. está internado)**

O pai dela não gostava de trabalhar, era mulherengo. Como ela era a primeira neta, gostava de ficar com a avó. Devido às dificuldades financeiras dos pais, morou com a avó, foi criada pela avó, que era “general”, muito rígida, não aceitava que a neta tivesse relacionamento sexual e ela obedecia às regras. Tinha medo dela.

O pai dela era dependente de álcool e muito agressivo com os filhos. A mãe começou a trabalhar fora e sustentava a casa, e seu pai foi sempre ausente, mas como ela não morava com ele, não viveu suas agressões. As irmãs têm muito ódio do pai porque ele batia nelas até que desmaiassem.

Ela não gostava de ficar na casa dos pais, que visitava a cada quinze dias. A mãe dela se mudou para Ribeirão dois anos depois que ela se mudou, então começaram a se relacionar mais. A mãe está viva e mora em uma casa de repouso em Ribeirão.

Sua avó faleceu aos quarenta e cinco anos; seu avô tinha falecido, então ela morava com a avó e um tio epilético. Sempre dormia abraçadinha com a avó.

Conheceu o marido, D., quando tinha quinze anos, em Osasco. Casaram-se, ela com 21 e ele com 24 anos. Engravidou depois de quatro anos. Ele foi transferido para Ribeirão Preto, moraram lá vinte anos e foi transferido para Rio Preto. Trabalhava na área de transporte, depois virou taxista. Ela parou de trabalhar (era telefonista) quando engravidou, e voltou a trabalhar aos quarenta e oito anos.

Moraram em Rio Preto três anos, voltaram para Ribeirão e retornaram a Rio Preto, pois C. estava usando drogas e se mudaram para tirar o filho do ambiente de amigos usuários.

“Tive um casamento muito feliz.” Foi casada trinta e sete anos, tiveram dois filhos, agora com 34 e 32 anos. O marido faleceu em 2008 e durante 11 meses ficou doente, estava com a veia carótida entupida, emagreceu oitenta quilos, sofreu muito. Pode-se perceber que ela não conseguiu elaborar este luto, estando sempre muito fragilizada e chorona.

O filho não cumpria regras, horários. O pai queria limites, às vezes batia nele, era rígido, porém conversava bastante com os filhos, era participativo. Ele foi atleta, tinha regras e horários em casa.

Ela relata ser traumatizada, pois o C. foi preso cinco vezes. A última vez que ele foi preso, por um ano e oito meses, foi por tráfico de drogas, em 2008. Ela era a única que visitava o filho. O R. nunca se envolveu, nunca apoiou o irmão. Certa vez, numa visita ocorreu uma rebelião e ela ficou traumatizada com a tropa de choque. Seu marido não a acompanhava, não tinha estrutura.

Brigava com o marido por causa do C. Ela era facilitadora. Frequenta o tratamento no ambulatório da Sol e no Amor Exigente há mais de um ano; foi quando começou a impor limites ao filho.

O filho mais velho se casou, tem dois filhos, um menino de nove anos e uma menina de cinco anos. Tem um ótimo relacionamento com os netos, moram no mesmo condomínio. Tem também um bom relacionamento com a nora, mas seu filho é descontrolado financeiramente. Ela não consegue estabelecer limites financeiros – ele está sempre com dívidas e ela cobre.

**FAMÍLIA 4:****R. (49 anos, mãe de V., que está internado)**

L. C., 54 anos, pai.

R. tinha 22 anos quando foi morar com o pai de V., de quem engravidou e depois se separaram, pois a mãe dela não aceitava o relacionamento por causa da profissão dele (jogava búzios, candomblé). Sua mãe precisou ajudá-la financeiramente e manipulou-a. O relacionamento deles durou dez anos. R. brigava muito com a mãe. Conheceu seu marido atual e está com ele até hoje.

L. C. foi procurar o filho com 17 anos e eles começaram a ter mais contato. O pai de V. sabia que ele estava usando drogas e contou a ela. De um ano e meio para cá ela começou a desconfiar, mas ele negava.

V. teve uma infância boa, tranquila. Kursou turismo na Faculdade Unilago. Com 19 anos começou a trabalhar na firma da mãe, que possui uma fábrica de mesas de bilhar; ele controlava os alugueis das mesas de bilhar. Quando ele se casou e sua filha (4 anos) nasceu, ele começou a ganhar bem, pois ficava com todo o dinheiro das locações. O dinheiro começou a acabar e sua mãe começou a lhe dar mais dinheiro. V. se separou da mulher e foi morar com uma namorada e ela usava muita droga.

V. ligava para o pai de madrugada, de manhã cedo, para eles se encontrarem; o pai ia ao encontro deles e ficava bebendo com ele e a namorada, e percebia que eles tinham usado droga; ela era agressiva com ele.

V. teve uma briga com a mãe; ele a agrediu e bateu na avó. Chamaram a polícia e ele confessou aos policiais que estava usando drogas e então arrumaram sua internação.

**FAMÍLIA 5:****V. ( 41 anos, seu filho M. estava internado)**

V. relata que o filho já saiu de alta da internação e no trabalho dele estão lhe oferecendo crack. Ele está inseguro, com medo de ter uma recaída e não foi trabalhar. Ela se mostra muito ansiosa.

V. é faxineira, trabalha em um hospital e está de licença. A mãe dela faleceu primeiro que o pai, ela de trombose e ele de derrame. Ela tem nove irmãos. Sua mãe era rica e conheceu o marido que era vizinho e fugiu com ele; o avô de V. ficou onze anos sem falar com ela e não lhe deixou herança, que ficou para o irmão. Seus pais tinham um bom relacionamento, porém ele era bravo e agressivo.

V. é muito ligada na família, quer ajudar todos, salvar os irmãos. Tem bom relacionamento com a irmã F. Estudou só até a quinta série, pois a família era muito pobre. Nasceu em José Bonifácio, SP, e se mudou para Rio Preto. Era tímida, e conheceu o pai de seus filhos, que era seu vizinho, aos 16 anos. Casou-se grávida e morou na casa de sua mãe. Teve dois filhos; um deles, M., é dependente e estava internado. E uma filha, que quando estava com cinco anos, V. quis a separação, pois o marido não se fazia presente, bebia, ficava fora de casa, tinha uma amante. Relata que seus pais ficaram mais doentes de tanto vê-la sofrer. Ela, trabalhando, conseguiu sustentar os filhos. O ex-marido pagava pensão aos filhos, porém somente quando queria. M. aprendeu a beber com o pai, dependente de álcool.

“Sempre tive medo de não ter comida para dar para os filhos.” Agora, não; vive bem, os filhos estão encaminhados e ela está de licença. V. casou-se há cinco anos e tem um bom relacionamento.

**FAMÍLIA 6:****V. (41 anos, o marido W. ficou 2 meses internado)**

Ela é filha de pai alcoolista e diz que sua mãe fazia uso abusivo de álcool nos finais de semana. Possui quatro irmãos, sendo a quinta da prole. O pai agredia a mãe fisicamente quando estava alcoolizado e também agrediu muito os filhos. “Eu escapei das agressões, pois era a filha caçula.” Sua irmã mais velha é dependente de álcool e os outros irmãos fazem uso abusivo.

Ele relata que trabalha para ajudar a mãe a colocar dinheiro dentro de casa desde os oito anos, porém há 13 anos ele trabalha como “construtor”. Seus pais separaram-se depois de cinco anos do nascimento dele; tem sete irmãos de sangue e dois gêmeos do relacionamento do pai com outra mulher. Seu pai foi dependente de álcool, porém afirma que ele não usa álcool há 20 anos.

V, e W. se conheceram na infância, em Icém. Ela se mudou com a família para Minas e ficaram 14 anos morando lá, depois voltou para Icém.

Em Minas V. morava com o irmão e estava usando muita droga, e quando voltava para sua cidade ficava com o W. (ele tinha namorada). Decidiram assumir o relacionamento, ela estava com 24 anos e foram morar juntos. Em seguida ela engravidou. Têm duas filhas de 16 e 13 anos. Relata ter parado de usar cocaína na sua primeira gravidez e maconha três meses atrás. Ela não se considera uma dependente. É doméstica.

Ele usa drogas há 20 anos. Usou crack até mais ou menos 1994, parou de consumir “drogas pesadas” e ficou fumando maconha até 2003. Voltou a beber, usar drogas, e de acordo com seu relato, foi morar em Rio Preto para trabalhar e ficava muito sozinho. V. continuou morando em Icém e eles se encontram nos finais de semana. Ele usou drogas muito tempo sem ela saber, pois morava em Rio Preto e escondia dela o seu uso.

V. é quem dita as regras em casa; não tinha muito diálogo com sua família de origem e atualmente não tem com as filhas. Parece se incomodar com isto, e diz não ter paciência com as filhas, principalmente com a mais velha.

Ele é mais afetivo e carinhoso que ela, e também é mais fechado. Ele fala que não vai mais usar drogas, cansou-se e quis ser internado. Ficou internado dois meses, saiu antes de ter alta alegando ter que trabalhar, não gostou do ambiente, acha que não precisa de internação, vai parar sozinho. Frequenta grupos de ajuda mútua, NA, duas vezes por semana.

**FAMÍLIA 7:****C. (48 anos – irmã de N., que está internado)**

O avô paterno faleceu quando sua mãe tinha 11 anos e ela tomou conta dos nove irmãos. Seu pai era peão de fazenda, onde conheceu a mãe de C.

Sua mãe era madrinha de N. (sobrinho) e a tia (irmã da mãe) deu o filho de dois anos para ela cuidar. Como sua mãe não conseguia engravidar, o marido e ela resolveram cuidar do sobrinho. Eles se mudaram para São Paulo para “ganhar a vida”, ele era pedreiro e ela, doméstica.

A avó materna foi para São Paulo cuidar do N., pois os pais trabalhavam fora. A mãe de C. engravidou, foi uma gravidez difícil. C. nasceu depois de dez anos que tinham adotado o N. O pai de C. abriu uma empresa, construía prédios. Com seis anos eles se mudaram para São Vicente para o pai trabalhar e a mãe parou de trabalhar.

N. foi criado como irmão de C., sempre teve tudo o que ela teve e eles tinham um bom relacionamento.

Ele não teve contato com seus pais, pois eles se mudaram para São Paulo. O pai de N. foi uma vez para São Paulo tentar levá-lo embora, ele era adolescente e não aceitou. O pai de C. foi ajudando os irmãos que foram para São Paulo trabalhar e moravam perto da casa dela.

N. não quis fazer faculdade, trabalhava com o “pai”. Casou-se com dezenove anos com L., foram morar ao lado da casa dos pais e logo tiveram uma filha. A esposa do N. não cuidava da filha e se separaram, pois ela o traiu e não queria mais ele. N. começou a beber muito, não aceitava a separação. C. e os pais cuidaram da filha dele.

O pai dela e o N. se mudaram para Rio Preto, por conta do uso do álcool, e abriram uma sociedade com o primo; este levou N. à falência. Então, em Rio Preto, ele virou funcionário de uma construtora.

Aos dezessete anos C. mudou-se para Rio Preto; ela se formou em prótese dentária, depois cursou um ano de História e fez o curso de polícia, era soldado.

Conheceu seu marido, que é tenente da polícia e se casaram. Ela saiu da polícia para cuidar dos dois filhos, atualmente com 19 e 17 anos.

A filha de N. aos quinze anos engravidou e foi morar em São Paulo com a mãe. Engravidou novamente e voltou para Rio Preto para morar com o avô. Casou-se novamente e se mudou para Bauru, onde teve mais dois filhos. Ela se separou e foi para Minas com a mãe e deixou os filhos. Há aproximadamente cinco anos começou a se envolver com drogas. Ela foi presa por tráfico de drogas e perderam contato.

**FAMÍLIA 8:****A. (38 anos – namorada de R., que está internado).**

Teve um irmão antes dela que faleceu assim que nasceu. Agora só ela e a irmã, B., moram em Rio Preto; as duas residem juntas e não se casaram.

A. nasceu no sítio onde o pai trabalhava; mudaram-se para Votuporanga e voltaram a morar no sítio. “Parecíamos ciganos, não parávamos.” Tem um bom relacionamento com todos os irmãos. A irmã é mais passiva, elas têm um relacionamento muito próximo, dividem o quarto de casal. “É ruim, pois somos muito dependentes.”

Seu pai era alcoolista e faleceu em 1988, e sua mãe namora um outro dependente de álcool, porém não moram juntos, ela fica na casa dela e às vezes na casa dele.

A. terminou o segundo grau completo. A família dela era muito pobre, então eles tinham que trabalhar para ajudar em casa. A família se reúne todo final de semana na casa da mãe. “Somos muito unidos.” Relata que seu pai bebia, mas conseguia ficar sem beber até por seis meses.

Sua mãe era muito brava e não deixava o marido beber dentro de casa, ela o agredia. O avô paterno morava com eles. A mãe trabalhava na roça e chegava em casa cansada, não tinha contato com ela. Quem fazia o papel materno era a avó.

A mãe era nervosa, estressada, reclamava muito, se coloca na posição de vítima. Com dezesseis anos veio morar em Rio Preto, trabalhava e morava em casa de família. Gostaria de ter feito uma faculdade, não fez, pois saía para a “balada” com a filha da patroa e não estudou por “relaxo”. Depois que saiu dessa família passou a morar com a irmã, e depois começaram a dividir com outras colegas.

Trabalha há nove anos em uma loja de carros como secretária.

Conheceu R. na balada em 2007 e começaram a namorar. Os pais dele são separados, o pai era dependente de álcool, foi criado pela avó materna, não sabia quem era a mãe. Eles são muito ligados na família dela. Como ele foi criado com a avó, considera os irmãos do pai como irmãos dele.

A família dele bebe muito; todos gostam. Seu pai sofreu um acidente e parou de beber. A maioria dos irmãos é dependente de álcool (de acordo com A.) e têm dois irmãos-“tios” que são dependentes de drogas.

Relata que não sabia que o namorado, R., usava drogas. Atualmente ele está internado há seis meses. R. trabalha em uma metalúrgica, monta cabines de caminhão.

**FAMÍLIA 9:**

**L. (14 anos, o irmão está internado)**

**Não compareceu à entrevista e nem foi feito seu genograma.**